



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/ESPAHOL

JOJA DA SILVA VAICËULIONIS

CORPO-CASA:

Narrativas para abrigar o sujeito.

São Leopoldo

2020

JOJA DA SILVA VAICËULIONIS

CORPO-CASA:

Narrativas para abrigar o sujeito.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras – Português/Espanhol da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
Orientadora: Profa. Dra. Betina Guedes.

São Leopoldo

2020

A todas que me permitiram sonhar.
À Casa do Estudante Universitário Leopoldense
(CEUL).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Betina Guedes, por me permitir sonhar de maneiras tão sensíveis dentro de hipotéticos agora concretos.

À minha mãe, Alice, que primeiro me abrigou em seu útero.

Ao meu pai, Ricardo, que me ensinou a sonhar com histórias para ninar.

Às minhas avós, por me acostumarem com uma casa cheia de pessoas e sonhos.

Ao meu padrinho, Edson, por toda assistência e cuidado de longe.

Ao Welerson Junio, por me guiar à distância, ler e participar dos estudos e elaboração desse trabalho.

À Deyse Vaiceulionis, nossas brincadeiras imaginárias criaram raízes literárias.

À Lilian da Silva, pela assistência, pela amorosidade e toda nossa trajetória.

Ao Helton Reis, por tecer sonhos com prédios redondos e se atirar em um comigo.

À Morgana Carvalho, por me ensinar que chuchus podem florir e que em Vênus é ano novo todo dia.

Ao Henrique dos Santos, pela parceria, carinho perante meus surtos e por ter conseguido restaurar a versão que perdi desse trabalho.

Ao Raique Ramos, por toda sua assistência, seu cuidado e sua disposição de alimentar meus processos.

Ao Fernando Roque, por me abrigar perto e longe nessa casa.

À Karoline Rocha, por me ensinar a criar intimidade.

À Letícia Kayser e à Ana Oliveira, por compartilharem comigo seus projetos artísticos e suas trajetórias.

À Jéssica Lambrecht, pela presença solar de carinho e de pulsão em todas as situações.

À Stéfani Bortolini, por aceitar o convite para molhar os pés e pelo suporte nos dias difíceis e recortes de tabela.

Ao Vinicius Schoenell, por compartilhar produções, inspirações, conhecimentos, intuições e surtos.

À Ellen Correia, por compartilhar comigo todos os momentos de sistematização desse trabalho.

À Mayra Redin, por toda oportunidade, auxílio e confiança.

À Eliana Inge Pritsch, por todo o suporte, espaço e presença.

Ao Gabriel Cardoso, ao Ivo Liçarasa, à Mariana Buss e ao Michael Greff pela trajetória e por aceitarem participar dos projetos fotográficos aqui presentes.

À Carolaine Kirch, por sua presença onisciente e todo cuidado comigo.

À Márcia Furtado Ecoten, pela atenção a disposição em todos os momentos.

À Berenice Corsetti, pelo incentivo a sonhar e parceria sempre.

À Jade Rocha, por todo incentivo, inspiração e coragem para fazer o sol nascer.

Ao Lucas da Silva, pelo carinho ao compartilhar devaneios e me ensinar sobre o corpo místico.

À Suzana Schuch Santos, pelo apoio, suporte e referências nos estudos do corpo.

Ao Luan Oliveira, pela atenção e materiais disponibilizados.

À Betina Schuler e à Silvia Matturro Foschiera, pela participação dessa banca e por terem revigorado esse sonho.

À Frida, por estar sempre presente em todos os lugares, em todos os momentos.

Ao Fernando Haddad, pelo Programa Universidade Para Todos.

“Lidando com o passado viro luz no espaço escuro
Projeto os caminhos que se abrem pro futuro”
(POTYGUARA BARDO, 2018)

RESUMO

Este trabalho se constitui da análise dos processos de criação desenvolvidos na interface entre literatura e artes visuais pela própria pesquisadora. Sendo assim, o processo de pesquisa delineado tem como objetivo analisar como ocorre o processo de criação de textos artístico-literários construídos como fragmentos de uma casa-corpo a ser habitada por diferentes modos de leitura e experimentações compartilhadas. Como material de análise, utiliza documentos de processo produzidos entre janeiro de 2018 e setembro de 2019 oriundos de diferentes meios e experimentações. Para subsidiar essa análise, apresenta dois campos semânticos: Onírico e Sol. Nesse percurso, analisa também a sequência de deslocamentos semânticos mapeadas nos documentos, a saber: corpo, casa, construção da casa onírica e caracol. Tal organização e processo de criação artístico-literário está intimamente ligado a vivência da pesquisadora na Casa do Estudante Universitário Leopoldense (CEUL). Para tanto, a pesquisa compõe uma analogia estrutural de uma planta baixa, performando uma casa-texto a ser habitada provisoriamente por cada leitora que a adentra, substituindo a organização por capítulos, por cômodos conceituais. Utiliza como base metodológica a crítica de processo, as redes de criação e a poética do ato criador, colocando foco não na obra acabada, mas sim, na obra em criação, inacabada e em permanente processo. No decorrer das análises mostra o delineamento de uma rede específica de documentos que englobam e desenvolvem o conceito de casa, em diferentes aspectos, como: desempenhando papel de antônimo em relação ao corpo-cárcere, firmando-se depois como casa coletiva e carregada de inscrições, transcendendo a concepção de abrigo até se tornar um signo onírico, sendo sonhada só e vivida em coletivo, até relacionar-se com os caracóis e caramujos, invertendo sua posição de ser construída para se viver e sim, sendo vivida para ser construída. Por fim, dá a ver as redes do processo que fazem dessa casa-texto um lugar a ser habitado que permite sonhar com experiências da construção de um corpo que extrapola a própria casa. Sonhar em encontrar algo perdido. Sonhar em/na casa nesses tempos difíceis. Sonhar diversas formas de habitar o espaço criado, onde quer que seja. E, sobretudo, sonhar com a proposição de que cada um adentre esse espaço a seu modo, pois a pesquisadora abre as portas dessa casa-texto para que cada leitora habite suas linhas a seu modo.

Palavras-chave: Processo de Criação. Crítica Genética. Artes Visuais. Literatura. Corpo-casa.

SUMÁRIO

Para se conhecer uma casa é necessário adentrá-la até o fim.¹

¹ Sumário na página 293.

CARTA DE BOAS VINDAS

Querida leitora¹ que adentra a casa,

Deixes, ao cruzar a porta do hall, as tuas lentes acadêmicas e todas as tuas preconceções estruturais e metodológicas que usualmente delineiam uma pesquisa, pois essa construção não as comporta. E ademais, ela própria logo te mostrará seu modo de funcionamento. Por isso te peço paciência, que te sintas confortável ao entrar nessa casa e que te acomodes na sala, ou na cozinha se preferires.

É importante que venhas aberta, com as mãos vazias e pronta para transitar pelos fluxos textuais que constituem seus cômodos e suas moradoras. Então não te espantes caso ouças outras moradoras socializando pelo pátio, ou debatendo sobre problemas de infraestrutura pela sala. Estejas ciente que, dentre essas moradoras, te guiarei sempre.

Portanto não tenhas receio. És nossa convidada. E não hesites em chamar essa casa de “minha casa”, porque tua visita certamente ecoará pelas paredes além do tempo e do espaço, e teu olhar se inscreverá nas paredes dela. Só permitas que ela faça o mesmo em ti.

Embora, ainda que questionada seja tua existência por aqui, a habite. Pois estaremos te esperando para que sejamos construtoras desse espaço. Aqui os sonhos dessas moradoras se relacionam e formulam uma conversa instigante.

Ao adentrares pela porta principal, verás o quão longo e comprido é o corredor que desagua para a sala; os quartos nele situados, quase sempre fechados, te conceberão curiosidade rarefeita. Eu os abrirei para ti. Mostrar-te-ei todas as peculiaridades de cada um deles: desde aquele que faltou sol, àquele em que se situou um filósofo do espaço.

O hall, ambiente em que estás agora, separa-te por uma grade azul vivo, de desaguar no sanguíneo mar efervescente do corpo do texto onde os sonhos de cada alguém que já passou por aqui vive. Os deguste. Mas deguste antes que te dê conta de que não sairás a mesma qu’entrou.

¹ “E já é hora dos leitores homens se identificarem com as protagonistas mulheres, da mesma maneira que durante séculos nós nos identificamos com os protagonistas masculinos, que eram nossos únicos modelos literários; porque essa permeabilidade, essa flexibilidade do olhar nos tornará a todos mais livres e sábios”. (ROSA, 2003, p.108).

No fundo do corredor, ainda verás o mural azul que abriga as burocracias, os avisos e as tarefas compartilhadas. As faça quando estiveres preparada para morar. Minha base crítica, envolvente e certa, te auxiliará nessas tarefas e te tomará pelas mãos para conceituar as metáforas que te escrevo. Porém não te intimides, a casa não te intimidará: te abrigará.

Permita-te sonhar, e a casa assim te fará sonhadora. Tal como ela o fez da escritora que te narra o entrar (e, caso te peches comigo, pergunta-me se tenho café passado; eu, em conjunto, te darei uma conversa aconchegante e poética como companhia).

Nessa estrutura de casa tão avessa e sem hierarquias, há regras que, ao não serem cumpridas, são capazes de unificar todas as moradoras em uma única voz. Elas defendem a casa porque a casa as defende. Não te estranhes com tamanha rigidez, é preciso ter paredes de concreto, mas ter encanamentos. E quando esses encanamentos não estiverem fluindo direito, cabe a todas envolvidas que os consertem. A estrutura dessa casa, embora velha, colonial e um pouco desgastada, tem seu charme único e acolhedor.

Quando te tornares assídua aqui, cara leitora, entenderemos que estás tão aqui, tão ali, tão em mim que me desconhecerei sem sentir tua presença. Por isso volte quando quiseres conversar ou debater sobre a mutualidade que essa casa enunciada a tantas vozes cria e alimenta.

Aqui todas vivemos para construir essa casa. E quanto mais construimos, mais dentro estamos, e mais nos perdemos nas paredes movediças desse labirinto social. E, quanto mais te perderes conosco, mais te encontrarás. A casa não é só tomada, ela também te toma.

Por fim, convido-te a entrar: abro a grade da frente esperando que aproveites a visita e que te permitas transitar e habitar provisoriamente essa casa-texto. Espero que no decorrer desse percurso, sejas também tomada por todas moradoras e pela própria casa que, a cada visitante/moradora, ganha novas camadas, interpretações e narrativas.

Ao passo que tudo aqui denota de alguma forma o fechamento de um ciclo, lembra-te que esses escritos são dedicados ao morador que primeiro se permitiu sonhar e que adentrou minuciosamente sonho por sonho – tal como um pesquisador

da própria vida – para torná-lo narrativa compartilhada. Agora que estás prestes a entrar, uma última ressalva: de alguma forma, já és parte da casa.

Seja bem-vinda,

A escritora.

CORPO FALANTE E INSCRITO

Encontrando-me aos poucos nessa busca incessante, permaneço assim de primazia: não entendendo ao todo como se constituem as coisas, mas encontrando as constituintes em cada observar único. Percebo-as. Não soube, desde criança qual outra coisa queria fazer que não fosse Letras. Embora nos primeiros dez anos de vida quisesse fazer veterinária por causa dos animais. “Mãe,” disse aos catorze “eu já sei o que quero ser: escritora”. Ela se preocupou em como eu me sustentaria, obviamente.

Filha de pais metalúrgicos tive o gosto pela fantasia sustentada desde o berço quando meu pai criava histórias e personagens diversos para me fazer dormir. Não esqueço-me dos seus braços que eram pássaros: o esquerdo era o Grandão, e o direito, o Pequeno. Daí talvez venha a importância do corpo na minha formação. As diversas histórias que inventávamos eram a invenção de um novo ser.

Lembro ainda da cultura de histórias orais que contavam minhas avós de cidade pequena do interior de São Paulo, Fernandópolis, e da primeira narrativa que concluí aos onze de idade sobre ter uma tia bruxa (de fato se baseava nas histórias de minha avó paterna). A professora não a aceitou porque a fiz em casa e não em sala de aula. Minha dúvida ainda é, até hoje, se foi por isso ou se achou que a copiei.

Desde quando comecei a escrever, aos 10 anos, gostava de elaborar trabalhos sobre mundos. Compunha fanfics² de Pokémon, destacava-me nas brincadeiras com minha prima em que éramos mutantes e estávamos perdidas em uma ilha. Logo após isso, encontrei-me em temáticas relacionadas com o místico, o mágico e o religioso. Dediquei-me, ainda na pré-adolescência, à leitura de saga de Harry Potter, de J. K. Rowling, e de Percy Jackson e Os Olimpianos, de Rick Riordan. Admito não tê-las terminado de ler, isso porque enquanto imergia em seus mundos lembrava a infância em que minha prima e eu criávamos mundos, personagens e seres. Essa magia voltaria à tona com o afinco de brincar com cada um dos personagens que seriam desenvolvidos, criar fichas sobre os deuses gregos, arquivar seus poderes, pensar em como se constituiria na minha realidade.

Uma vez dentro da composição literária e sendo incentivada pelas mais diversas figuras dentro da minha família e professoras, acreditei que talvez já

² Uma ficção criada por fãs utilizando textos ou narrativas existentes.

soubesse o caminho que queria seguir. Se de fato o sabia, ainda não sei. Mas que estou onde sonhava, isso é verdade.

Depois desse breve caminho na infância, a escrita começou transformando meus colegas de classe em protagonistas desse romance que nunca foi terminado, mas que foi suficiente para que eu entendesse que não era aquilo que queria escrever. Já se tratava dos meus 14 anos. Faltava algo. Não queria somente trabalhar com mitologia grega. Queria, na verdade, entender como formava uma religião e de quais elementos ela dispunha.

No ensino médio, minha professora de literatura cobrava mais de mim que dos outros por dizer logo de início que me interessava essa carreira. Embora escrevesse, na adolescência, a escrita tornou-se uma ferramenta de desabafos para o descobrimento da sexualidade, das paixões platônicas e da minha paixão por criar personagens a partir da junção de características de meus amigos e minha percepção delas. Junto com as descobertas, não pude descolar a visão religiosa que comecei a desenvolver, a culpa católica já não fazia sentido para mim. Tornei-me estudante do catolicismo e o romance se configurou nesse universo. Agora, as personagens se relacionavam com entidades católicas, intitulado *O Pentagrama*. Quis buscar uma mitologia aqui que atravessasse e fosse única para todas as religiões, aí surgiu esse romance que depois se chamaria *Pontua-se Amores Impressos*.

No romance, Rit (Ritchie) se descobre enquanto filho de Cendene, o ser que guarda o purgatório. Além disso, Mista (sua namorada) é ameaçada de morte pelo seu irmão Léss Detron que busca cumprir sua promessa de todas as formas possíveis. Aos poucos, ao passo que o texto se encorpa, ainda cresce o sentimento de que algo falta na trama. Rit descobre que seu padrasto, Sam, possuía um plano para ele, a reconstrução de uma religião que estivesse relacionada com o desejo de que as coisas fossem significadas. A partir disso, Rit busca construir e descobrir uma religião que fosse anterior a todas às existentes.

Quando o romance troca de nome para *Pontua-se Amores Impressos*, alguns fatores já haviam sido alterados. A relação dos personagens se configura de forma mais profunda e, Rit não é mais filho de Cendene. Como também não existe entidades de somente uma religião. Rit busca incessantemente descobrir essa força que impulsiona os seres humanos a acreditarem em divindades e não mais descobrir uma religião antecessora. A essa força intitula como Diecko.

É importante ressaltar aqui que o nome Diecko (Diecko San Romano) é encontrado em meus cadernos em outros textos, no período de 2012 a 2013, em esboços de uma novela que se intitularia *Como Vinho Doce*. É válido destacar que esse é um dos momentos em que *O Pentagrama* deixa de ser assinado como o meu nome e passa a ser assinado como Diecko San Romano, que se tornou o meu nome performativo nas redes sociais entre 2012 e 2013.

Ainda no período de 2012 a 2013 se configuram dois outros processos que são necessários para que compreendas, leitora, esse caminho traçado até as produções abordadas nessa obra. O romance *Coliseum*, que só existe a partir de notas, desenhos e falas de personagens, é construído entre os anos de 2012 e 2014, tendo como foco a vivência entre alunos de uma escola particular de ensino médio e com especialização em artes e letras. Esse processo tem como grande influência o contato com a telenovela mexicana *Rebelde*, dirigida por Pedro Damián em 2004 e tendo sua estreia no Brasil em 2005 pelo canal aberto SBT.

O desenvolvimento dele se dá pelo ingresso dos cinco filhos de Diecko (nesse universo, um ser humano, um escritor) Avril, Jimmy, Percy, Daphinne e Henry na escola *Coliseum* pertencente a uma rede de Escolas Únicas Mundiais, destinadas a elite internacional (a mesma rede de escolas que Rit estuda como bolsista em *Pontua-se Amores Impressos*). Ainda que esse romance não tenha existido literariamente, tornou-se um campo de experimento, no qual todos os personagens que viriam a existir em *Pontua-se Amores Impressos* passariam a habitar temporariamente essa escola e desenvolver ali suas personalidades a partir de suas relações com os demais personagens. Alguns exemplos desse movimento são Isa, Triph e o próprio Diecko que se configura como o Rit crescido que adotou esse nome.

E o Humano? é a terceira obra chave que compõe essa tríade. Nela ocorre o desenvolvimento do personagem Zeine (Zei) que também é um integrante do segundo romance da saga *Pontua-se Amores Impressos*, intitulado *Traumas Infantis e Necrofilia*. *E o Humano?* é um compilado de contos escritos das desilusões amorosas de um jovem bissexual que tenta suicídio por não pertencer à dimensão a qual está vivendo, porém não consegue morrer já que está magicamente ligado a seu eu dessa dimensão (Triph). A produção também é mencionada em *Pontua-se Amores Impressos*, sendo um dos livros que Rit está lendo.

Apresentei essa breve síntese das histórias que escrevi no decorrer dos últimos anos para mostrar o quanto a literatura constituía, desde então, não somente o desejo de desabafo, mas já era meus óculos, já era a poesia pela qual eu via o mundo. Esse grande processo de experimentação só deixava mais nítido que a literatura era a área que mais me interessava.

Ainda saliento a importância da série de livros juvenis, *Desventuras em Série*, na formação dessa concepção. A série literária que contém treze livros, essa sim terminada furiosamente, usa da falta de informação, de detalhes da história, para construir uma *in media res* de todo um universo. Lemony Snicket, o personagem que assina os livros de Daniel Handler, guia o leitor por entre as desventuras dos Baudelaires e de seu universo.

A construção da escrita de Lemony Snicket me marcou e me inspirou, à medida que meu universo literário se expandia, passei a diminuir informações, deixar que as leitoras dos meus textos as ligassem. Desse modo, passei a experimentar personagens cada vez mais consistentes para atuar nas histórias. Por andar por esse campo de experimentação e, ao estudar cada vez mais signos e personalidades Myers Briggs (MBTI, desenvolvidas a partir da pesquisa de Jung) para compor personagens, acabei no teatro, pelos amigos Welerson e Lilian – os menciono devido suas importantíssimas participações em minha vida.

Na época decidimos criar e dirigir um grupo de teatro que viria a se chamar A travessA'rte ligado a Escola Estadual Saturnino Leon Arroyo, o grupo ainda duraria até o ano de 2018 com o Welerson sendo único diretor. Possuíamos experiência de direção? Não. Nenhuma para ser sincera. Tínhamos apenas os domínios específicos de cada um. Welerson na formação de atores, Lilian no figurino e nas cenas, e eu na criação de personagens. Com ajuda do Luis Raó e com a Secretaria Municipal de Cultura conseguimos apresentar o espetáculo na 21ª Mostra Estudantil de Teatro de Fernandópolis.

Mudei-me para São Leopoldo, Rio Grande do Sul, quando ingressei no Ensino Superior em Licenciatura em Letras - Português/Espanhol no segundo semestre de 2016, pelo Programa Universidade para Todos – ProUni. Viemos, então o Helton e eu. Logo no primeiro mês, conhecemos a Casa do Estudante Universitário Leopoldense, CEUL, para onde nos mudaríamos, e eu me apaixonaria cada vez mais

pela relação que as moradoras estabelecem entre si e a casa que, existindo desde 1969 como uma ocupação de estudantes baixa-renda, resiste até os dias de hoje.

Aqui senti mais forte isso do sonho como prática de existência. Enquanto nos inscrevamos no ProUni, não olhávamos fotos das Universidades, apenas as notas dos cursos. Eu queria Letras e ele, quiropraxia ou enfermagem. Por quiropraxia chegamos a Novo Hamburgo, já que só duas Universidades tinham o curso, e eu, Letras em São Leopoldo.

No último dia das inscrições, em geral quem se inscreve tem que atualizar todo dia, eu espiei as fotos das Universidades. Até então, São Leopoldo era a segunda opção. Espiei as fotos da Unisinos e vi a o prédio redondo: igual ao que eu imaginava quando desenhei o prédio de *Coliseum*. Para cá viemos.

Devo admitir que a licenciatura não era minha primeira opção, embora quisesse dar aula futuramente. Logo no primeiro semestre senti muitas portas se abrindo, participando do grupo de PIBID Espanhol (Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), coordenado pela Silvia Matturro Foschiera, e tendo uma breve participação na Iniciação Científica como bolsista voluntária na pesquisa de Ana Maria Stahl Zilles em sociolinguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA). No semestre seguinte, participei como monitora do Programa Novo Mais Educação, em uma escola em Novo Hamburgo.

Em 2017, voltei a escrever com maior frequência de novo. Os textos voltavam a ter a tonalidade de desabafo, enfrentava agora o término de um relacionamento, o fechar de um ciclo e o abrir de outro. Sentia também que no curso não havia espaço para o desenvolvimento artístico que eu procurava.

Parecia-me que me faltava alguma coisa, mas essa coisa não era somente arte ou a graduação, essa busca era interna, era como eu me relacionava comigo que parecia não estar adequado. Eu olhava-me no espelho e não reconhecia a mim ali naquele corpo. Ou melhor, embora me reconhecesse, nunca havia tido uma relação com ele, seja afetiva ou mesmo amistosa. Ele sempre esteve ali, delimitando-me e proporcionando existir, e como eu nunca me interessei significativamente por ele?

Iniciei aqui um processo de autodescoberta que constituía em um ato até antropofágico, porque além de rever minhas certezas, desde crenças até minha identidade de gênero, sexualidade e tudo que me compunha ali de alguma forma.

Liberando-me desses conceitos, encontrei-me no *Manifesto Contrassexual*³, reconhecendo meu corpo e os demais corpos como falantes. Assim nasceu Joja, o resultado de uma experimentação constante de vestes, personalidades e sentimentos. O eu antropofágico que não cabia mais no masculino, ou no feminino. Era um novo híbrido luzindo graças ao autodescobrimento artístico.

Com o tema de reconhecimento corporal e artístico veio a oportunidade de estar junto com o Diretório Central de Estudantes (DCE) na gestão de 2017, ainda que por um curto período de tempo, e construir, juntamente com a gestão do Diretório Acadêmico de Letras - Mário Quintana (DAMAQ), o qual ainda integro a gestão, o sarau de visibilidade LGBTQIA+. Esse evento não apenas visava trazer escritores e escritoras LGBTQIAs+ para dentro da universidade, mas também compartilhar a produção desses alunos e dessas alunas dentro da universidade.

Burocraticamente, Joja nasceu em 2018. Mesmo ano em que, por sentir falta de desenvolvimento artístico, busquei uma Atividade Acadêmica (AA) do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Humanidades e Tecnologias, uma nova graduação para formar profissionais que transitam entre essas três grandes áreas. O nome da AA era Transdisciplinaridades e Contextos. Bom, a professora dela depois viria a se tornar minha orientadora de TCC. A Betina Guedes que foi responsável por me animar para a vida artística de novo e ainda me apresentou o LabQuase⁴ em que ela e a Mayra Martins Redin atuavam. A partir desses dois cenários minhas referências e ânimo para seguir o caminho da arte voltaram.

Nessa época, também ingressei na Iniciação Científica no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), dedicando-me às Políticas Educacionais e à História da Educação. Ainda atuo nesse mesmo projeto de pesquisa⁵, coordenado pela Berenice Corsetti, todavia, agora dou um novo rumo ao recorte dentro do projeto, buscando as influências dos Artistas Modernistas na história da educação.

³ Livro de Paul Beatriz Preciado (2014).

⁴ Laboratório Experimental de Criação para Quase Artistas. O Laboratório funcionava como um espaço de acompanhamento de processos de criação, utilizando-se de metodologias artísticas contemporâneas, bem como suas ferramentas e referências.

⁵ O projeto de pesquisa O Pensamento Educacional e os Indicadores de Qualidade da Educação no Brasil na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) (1972-2017) se origina do desdobramento de outro projeto de pesquisa, e se situa na escolha da RBEP por seu importantíssimo valor na história da educação brasileira, veiculando os mais diversos pensamentos sobre educação, políticas educacionais e história da educação.

Na CEUL, em conjunto com a Jéssica, Stéfani, Raique e outras moradoras, construímos o Fridário Cultural, espaço de música, de exposição de arte, de sarau e de grafite. Os Fridários têm um papel importante já que a CEUL tem pelo seu estatuto que promover cultura à comunidade em que se insere. Morar aqui também é viver.

De todo esse caminho, muitas vezes intuitivo e quase sempre espontâneo, as coisas se construíram de formas intensas e com pessoas que realmente se sentaram e construíram comigo não somente o caminho, como também esse eu inscrito que traz todas essas trajetórias inscritas. Tais características fazem esse trabalho ser resultado de inúmeras interlocuções, afetos e outras tantas portas em aberto, assim como Joja. Em suma, cá estou, finalizando a Licenciatura em Letras e produzindo incessantemente na interface entre arte e literatura – como modo de vida e resistência.

Essa breve apresentação de uma (suposta) realidade vivida, está aqui para ser lida como uma introdução aos processos e ficções que constituem essa pesquisa de conclusão de curso. No decorrer das páginas que seguem, delineio, ressignifico e analiso meu próprio percurso artístico-literário, enfocando principalmente meu projeto poético a partir dos processos de criação.

Isso porque o meu projeto poético, a grande modo, perpassou e perdura em mim, ecoando e reverberando minha atuação no mundo, minha construção enquanto pessoa, enquanto artista, enquanto professora. Refletir e sistematizar o meu próprio processo é um ato de me revisitar historicamente e tomar consciência de todos esses atos, até então, vagos.

A seleção de trabalhos que me dediquei a apresentar até aqui, constituem a minha criação, minha forma de ver o mundo. Por esse motivo, além de considerá-los essenciais para que tu me conheças, eles estabelecem diferentes relações com a construção dos meus projetos atuais. Nessa pesquisa, analiso o meu processo de criação, focando na construção de meus projetos poéticos, a partir dos documentos de processo que venho produzindo.

O uso de documentos de processo, iniciado pela crítica genética e depois presente na estética do processo, consiste na análise de arquivos de inúmeras esferas (fotografias, desenhos, textos, interação em redes sociais, vídeos e áudios) que compõem o constante processo de criação e experimentação do artista. Ao analisar esses documentos, construí campos semânticos de interação, isso é, documentos que se relacionam por um dado conceito. Essa forma de agrupamento baseou-se tanto

em uma interação interna ao campo (entre documentos), como externa (entre diversos campos semânticos).

Nesse sentido, explorei nesse trabalho o conceito de construção de corpo-casa, enquanto espaço de abrigo do sujeito. Para subsidiar essa construção, utilizei documentos de processo de janeiro de 2018 a setembro de 2019 oriundos de diferentes meios e experimentações.

Sendo assim, o processo de pesquisa aqui delineado, tem como busca central analisar como ocorre o processo de criação de textos artístico-literários construídos como fragmentos (ou partes) de uma casa-corpo a ser habitada por diferentes modos de leitura e experimentações compartilhadas. Para subsidiar essa análise, criei dois campos semânticos: o campo semântico Onírico, que contém 45 documentos de processo divididos em três momentos: Abrigo (19 documentos), Intimidade (12 documentos) e Sonhador (14 documentos). E o campo semântico Sol, que contém uma reflexão sobre a casa, desenvolvida a partir do conto *A Dança do Sol*. Nesse percurso, analiso também a sequência de deslocamentos semânticos desses documentos, tendo sua entrada a partir do corpo, depois casa, seguido pela construção da casa onírica e do caracol.

Dada a elaboração desse trabalho a partir de um corpo-casa, tal texto também se configura nos moldes de uma casa, dividindo-se em cômodos e não capítulos lineares. Nesse molde, encontrarás logo a seguir a planta da casa para te guiar por esse percurso: no corredor primeiro te encontrarás com a base metodológica; na sala, com a análise de documentos de processo do momento Abrigo, do campo Semântico Onírico, propiciando o movimento de encontro com o corpo-casa; no segundo corredor, com um grande filósofo do espaço; no banheiro esquerdo te reencontrarás com a intimidade da casa; no banheiro direito te encontrarás com o sonhador; na cozinha, com o espaço de existência; e no pátio, as considerações finais.

Após essa apresentação, volto a te convidar a adentrar essa casa e vivenciar seus cômodos, deixar que ela te tome como uma das suas moradoras.

PLANTA BAIXA

A planta baixa dessa casa pode ser habitada de diferentes modos durante sua execução, ressaltando a observação poética da organização desse trabalho em seus respectivos cômodos, estruturando-se de maneira singular e proporcionando a quem o habite ambientes de troca de significação. Esses ambientes, constituídos de trocas, se agrupam pelas suas especificidades. Dado esse aspecto, a planta baixa aqui presente é considerada uma narrativa integrante do ato de narrativizar a construção do corpo-casa a partir da Casa do Estudante Universitário Leopoldense (CEUL).

Ao entrar pelos corredores, espaço de convívio mais percorrido, longo e largo, tecem entre quartos e a sala a postura de se assumir verdades transitórias, considerando a mutabilidade dos processos artísticos por meio da poesia. Sobretudo porque a poesia, como doença que dá nos olhos, é o fator principal de identificação de um sonhador. Também porque, ao afetar os olhos, ocasiona certa alteração da percepção primeira desse espaço e, portanto, afetando o processo de significação cativado por esse sonhador.

O corredor primeiro é, portanto, o provisório permanente que estrutura a metodologia processual aqui aderida. O corredor segundo, que liga a sala a cozinha e aos banheiros, além de mais um quarto, guarda verdades perceptivas subsidiadas por um campo semântico de criação: adere-se uma dada percepção para caminhar com mais afinco. O corredor terceiro, que liga a cozinha ao pátio e ao meu quarto, percebe as verdades assumidas até o momento.

Distinto dos múltiplos corredores, a sala é onde há o estudo metodológico que está no centro de toda a discussão: o abrigo se instaura. Nesse espaço também, há uma mesa de trabalho crítica sempre pronta para uma árdua intervenção. Ir da sala para a cozinha é mais rápido. Todavia se faz necessária apresentar os banheiros.

O banheiro esquerdo recria a intimidade de corpo com a casa, com a finalidade de sonhar. Antigamente, as moradoras preferiam esse banheiro. É no banheiro, todavia que se cria toda intimidade de expor seu referencial nu. Só como essa intimidade se pode chegar ao banheiro direito, onde mora o sonhador. Lá as conepções serão sonhadas sozinhas e vividas em coletivo.

Mas a sala também divide seu protagonismo com a receptiva cozinha em que as principais conversas e articulações são enquadradas, sendo ela também o ponto

de encontro entre a sala rígida e o pátio lírico. Passando pelo mesmo corredor segundo, a cozinha se exhibe com moradoras tagarelas que vão contar um conto, talvez aumentando um ponto, sobre uma espera e um busca incessante. Ao abrir a janela, verão o mundo de fora.

Saindo da cozinha, transitando pelo corredor terceiro, elegi um quarto. De todos os quartos, nove ao todo e quase todos com mais de uma moradora, zonas de conversas íntimas entre personagens e escritoras, o eleito é o espaço do morador que primeiro se permitiu sonhar: o quarto é de fato onde as histórias acontecem entre uma ida ao banheiro e outra.

O pátio reserva sua finalidade estritamente artística e interacional, funcionando como laboratório da escritora que aqui se apresenta. Entretanto, ao se habitar tantos espaços inabitáveis distintamente, se faz necessário lembrar que o chão e as paredes estão a mercê da luz que alguém acende ao entrar, sendo totalmente flexíveis. Um círculo dentro do outro: não houve um centro enquanto eles dançavam.

COMO PERCEBER/DELIMITAR UMA CASA.

No vasto branco, antes de haver de correr o fluxo de pensamentos, fez-se necessário um entendimento daquilo. Não escolho luzes, as aqui postas têm mal contato, por isso escrevo no escuro do que vem a ser aquilo. «Como vês aqui?». É que nesse início, tampouco se sabe o que habita esse escuro. A porta azul de madeira, c'o vidro quebrado favorecendo a visão de fora para os mais curiosos, ilumina o cenário de luzes alaranjadas provindas dos postes da rua.

As paredes estreitas e brancas se ampliam na composição de um violão ali posto, sem cordas, carregando em si um brinco único, triangular e com brilhos prateados, contrastando, enfim, com uma tela em tons marrons e um quadro abstrato de moldura vermelha. É uma sinfonia de cores introvertida. Apenas ecoa o barulho do assoalho, fluxo perfeito de pensamentos andarilhos que desaguarão na sala.

«Não vejo». Omiti. «Percebo sim de outras maneiras». Queria te apresentar esse todo, enquanto miro o horizonte moldado por um mural azul, tenho intencionalmente a vontade de romper isso em pedaços. Que caminho é esse que percorro para entrar e sair? Ouço barulhos nos quartos, anoto mentalmente: «Rompe-lo em minúsculas partes. Fragmenta-lo pr'analisar com mais afinco». Tal percurso situa uma existência local, questiono-me ainda sua origem.

De fato, se possibilitou existir por uma história, assumo sua veracidade factícia. Desejei de profundo sentir cada mão percorrida por essas paredes. Cada laço de pé que transcorreu o chão: a existência desses marcos fazia o lugar tornar-se o que hoje o é.

«É preciso delimitar». Repito comigo mesma numa constância de tom, de estrutura, de voz. «Isso é vivo». Corredores no geral assumem a posição de passagem: eu passo, tu passas, ela passa. Passamos novamente para habitar o cerne que não há.

C'oas paredes que ganham inscitos a todo tempo, templo de uma narrativa de narradoras e personagens, o corredor aqui se torna um extremo. É aqui a ponte relacional entre o dentro e o fora, o ponto de encontro entre uma dualidade que delimita espaço composto, terceira margem. «A passagem o torna desconfortável e pouco coletivo». A implicação primeira disso é uma porta de ferro azul que permite o

passar de um por vez. Constrói-se uma relação de fila. Assemelha-se a um toco. «Criaturas habitam tocos».

O corredor que sustenta a transição também sustenta em si um conceito único, uma manifestação individual de “para onde estou sendo levada?”. Caso não saibas, acredito ser importante de apontar. «Já estás dentro, mas é preciso adentrar mais».

As casas em sua composição carregam a noção de abrigo. Sentir-se em casa é sentir-se abrigado. Não importa onde estejas. Quando estiveres abrigada num lugar, terás casa.

O corredor, nesse caso, é a entidade da entrada, o caminho longo entre o resto e a rua. Tudo que desagua nesse corredor é levado ao resto. Por isso é importante ressaltar que todo quarto situado no corredor leva o fluxo de pensamento e sonhos para um lugar mais amplo. A pouca largura aumenta a concentração para habitar um conceito provisório, propícia um encontro consigo próprio. É um ritual. «Habitar é ritualizar».

Por isso, nesse universo de ritos, entrar e sair não são antônimos. Quando entras, relacionas o que houve fora com o que haverá dentro. No sentido mais bruto, se descobre. Quando saís, relacionas o que houve dentro com o que haverá fora. Se carrega. O dentro quase sempre está mais quimicamente concentrado.

Essa estrutura distinta das demais, dá sustento à brevidade. Toda nota tomada no corredor é efêmera. Toda inclinação do corredor indica um argumento bruto: não é possível pensar longe das palavras, todavia também se pensa em riscos. Riscos delimitam a porta, marcam a margem. «O risco é o fim do espaço».

Não pises muito forte. O assoalho faz barulho. Range.

«Escute»

«Consegues ouvir?»

Toda a magia aqui posta é relacionada a percepção. Quero que percebas como se comporta uma casa. Já percebeste que ela é um dentro que é fora? No fluxo imaginário te expandes para todo esse espaço, te inscreves nessas paredes descritas: para acessar o que se quer: adentre.

É provável que queiras agora tocar as paredes. «Toque-as». A porosidade relativamente fria pela altura do teto. Essas paredes já estiveram cruas. Funcionam, todavia, como riscos, estruturando um caminho, ambientes mais íntimos e mais coletivos. Quando íntimo e coletivo vão dividir o mesmo espaço?

O ponto crucial tecido é o de que só se pode delimitar um espaço a partir de sua percepção. «Percebe-lo é fundamental». Perceber envolve corpo. O corpo delimita o espaço. O corpo delimita a casa ainda que a casa abranja vários corpos. O que nos interessa aqui é a casa que cresce entre.

| Crescendo entre ti e mim há uma casa de ninguém que poderíamos habitar|

| Ao habitarmo-la, habito-te, habitas-me, habitamo-nos|

Há uma relação entre essa casa e nós. A casa de ninguém não configura uma casa vazia ou quiçá uma casa sem dono. Morar é sobretudo, nessa casa, não a possuir, mas constitui-la. É essa casa que importa: uma casa confirmada em relações interpessoais não hierárquicas. Uma casa fundamentada em espaços colaborativos. Juntas nós a constituímos. Por tais motivo, a casa aqui posta não só é nossa, como nos é.

Como sendo ela tão às avessas é capaz de ainda ser casa? Te repito o já dito: casa é onde se tem abrigo. Casa é uma construção de condições específicas que apenas ela é capaz de expressar. Portanto, toda casa, inclusive essa, é um ser privilegiado, dobrando-se e adquirindo aspectos humanos para enunciar que ela nasce do sentimento de ausência que nos deu o útero.

NARRATIVIZANDO SOBRAS E SOMBRAS

A luz da rua perpassa meus óculos e projeta sua sombra, sem contorno das lentes na porta azul, não total, pois revela em partes as lascas de uma camada amarela por debaixo da tinta atual. O que me permite ver o amarelo desse modo é o objetivo de conhecer meu projeto artístico por meio desses processos encontrados anteriormente. É necessário desenvolver uma linha temporal da minha produção até chegar nos anos de 2018 e 2019. Saco a chave, aquela com chaveiro de lhama verde chilena e a rodo no miolo da porta e meu cigarro apagado na boca. Giro a chave e entro.

Da porta azul não se imagina que o amarelo se repetirá na escada por vir, de madeira, separada por um hall de entrada estreito de ladrilhos brancos, no topo se projetará uma grade azul, da cor da porta, sintonizando o rodapé da escada da mesma cor corroída por cupins. O amarelo prossegue nessa linha de chão de madeira, rabisca-se no corredor primeiro, na sala e para. Recolher os documentos de processo para concretizar o objetivo, mapear rastros e vestígios (a partir do recorte temporal estabelecido) também faz parte.

Dá lugar então a um piso de cerâmica marrom claro, meio esbranquiçado por excesso de água sanitária e detergente. Sabias que esses produtos arrancam a cera da cerâmica? Dobro a esquerda. A gata mia enlouquecida. Dou-lhe de comer. E perpassa, geladeira por geladeira, são três. Só existem almas adormecidas nesse horário: todas as moradoras presas em seus hipotéticos insolúveis de suas realidades absurdas.

A luz das janelas em cima da pia, projetadas pela noite clara e ainda assim nublada iluminam o local. As árvores sacolejam lá fora. Destranco a porta, passo. Tranco-a de novo. Esqueci de encher a garrafa de água. Volto. Agora sim!

O corredor externo tem um piso branco de cerâmica encardido. A chuva passa pelo buraco do teto, para sair amanhã do quarto, necessitarei um guarda-chuva. Que exagero, penso. Repenso. Ainda temos teto. Ainda que com morcegos no forro. Abro a porta. Ali alguém já está sereno, ou nem tanto, num sono leve interrompido por qualquer poema de passarinho. O quarto todo está uma zona. Desleixo meu, admito. Ainda que não estivesse, creio que assim me acho mais: as coisas fora do lugar criam relações novas. Uso mais combinações.

O caos não me incomoda, o cosmo me oprime. Por isso preciso de fazer a sistematização dos documentos de processo que encontrar: descrever e classificá-los; mapear as recorrências (as invisibilidades, a temporalidade das ideias e dos delineamentos dos pensamentos); estabelecer conexões e modos de descrever as metodologias desenvolvidas; observar e analisar a construção dos processos.

Agora são só vitórias: retirar o coturno, acender a lanterna, descalçar as meias, desvestir casaco, camisa, calça, cueca. Procurar o pijama. A luz da lanterna projeta minhas partes em paredes, forro, espelhos, meus pelos, meus dedos, minha barriga, ressonâncias sombrias de um corpo quase opaco pigmentadas por distintas cores-pigmentos refletidas.

No meio do ambiente de leito dos meus delírios jaz o pijama em alguma parte. O visto. O palheiro ainda na boca perdurou todo o processo sem ser aceso. Preciso acendê-lo agora. Procuro o objeto que com um esgar de desejo risca a pedra e com gás o acende. O encontro num bolso qualquer.

Saio do quarto, saio do corredor. Desço um degrau de concreto puro, o pátio tem chão de placas de concreto, pelo menos essa parte. Vou até a lavanderia para fumar, na escadinha do lado de fora: bem já sabes. O acendo. Encontro uma justificativa:

«Um projeto poético perpassa por mim em atos vagos com tendências»

«Preciso refletir e sistematizá-lo a partir do processo de criação»

Visitar um processo para entendê-lo. Entender o que se passou.

Entender ainda como a produção causa ecos na percepção.

O meu projeto poético cria um corpo de pessoa:

um corpo de artista,

um corpo de uma professora.

Cai chuva, engrossa. Na previsão do tempo: muita chuva, ventos fortes e raios. Tudo que queria na sexta-feira de 04 de outubro, dia do meu padroeiro. É sempre bom dar de beber aos mortos.

CORREDOR PRIMEIRO: PROVISÓRIO PERMANENTE DE ESTRUTURAÇÃO PROCESSUAL, OU PERÍODO DE CAOTICIDADE.

Ex nihilo nihil fit

O risco primeiro a ser definido é o do alicerce: as linhas das paredes, as espessuras, os ângulos, os cômodos. Relembrar a desconfiguração desses espaços em relação aos outros para escrevê-los e construir, nesse primeiro momento, uma espécie de experimentação fadada ao caos. É comum que aqui surjam dúvidas como: por que quero assim, por que quero lá, o que quero aqui? Ao te lembrares que tens a planta, explore. Por isso, te faço o convite a entrar, densamente, nesse corpo teórico.

O querer construir essa casa dando-lhe essas entradas foi sempre bem fácil, o difícil foi delimitá-la depois. O querer ainda impulsiona: objetifica o desejado. Faz parte aqui ressignificar experiências com o que já está dentro.



1



2

Arquivos da Instagram: apropriação conceitual

Esse é o estado de *Provisório permanente: o perfil de estruturação da metodologia processual, ou período de caoticidade*. A estrutura nova: embora se

¹ VAICÊULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Faz parte aqui ressignificar experiências com o que já está dentro.** #arte #processodecriação #inscrição #corpoinscrito #corpocolaborativo #corpocasa. [S.l.], 7 jan. 2020. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B7CRJd_pk2Q/. Acesso em: 25 jun. 2020.

² VAICÊULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Faz parte aqui ressignificar experiências com o que já está dentro.** #arte #processodecriação #inscrição #corpoinscrito #corpocolaborativo #corpocasa #bachelar d. [S.l.], 7 jan. 2020. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7CRQ6mpyY5/?hl=es>. Acesso em: 25 jun. 2020.

movimentando, está te abrigando. Atenta-te ao passar por esse corredor às paredes que o configuram, estás entre. Estás a observar as duas colunas que sustentam esse processo narrativo, colunas que possuem nome e vida quando são consultadas. Colunas que guiam não somente a ti, como também a mim. Os nomes delas são Edith e Cecilia.

A coluna-parede Edith³ compõe uma dinâmica narrativa em seu livro *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. Nesse livro a autora aborda o seu próprio processo artístico de criação ao qual eu faço referência, desencadeando a narrativa da composição de um processo que se insere em uma prosa poética. Já, a coluna-parede Cecilia⁴ compõe a perspectiva teórica que me subjaz ao se utilizar da crítica genética para construir em *Gesto Inacabado: Processo de criação artística* a própria estética do processo, sendo que todos os passos metodológicos desenvolvidos nessa obra (que serão tratados a seguir) subsidiam os passos metodológicos escolhidos para a elaboração desse trabalho.

Nesse espaço entre, é possível ver, além dessas grandes colaborações de cada uma das paredes-colunas, que elas oferecem perspectivas distintas. Pois, se pela Edith eu tenho a perspectiva de uma artista narrando sobre seu próprio processo, pela Cecilia eu tenho a perspectiva de uma teórica que pesquisa os processos de outros artistas. E é nessa terceira margem, nesse entre as colunas, que o meu trabalho se insere: tanto em escrita como em metodologia, uma artista narrativizando seu próprio processo a partir de seus documentos de processo.

Assim, já ressalto aqui algumas dificuldades desse processo. A primeira é a de que se dispor a analisar seu próprio trabalho é lidar constantemente com evidências que são suas e que, muitas vezes, não estarão dispostas de forma física para que leitores possam acompanhar de perto os percursos analíticos realizados, postos que são pensamentos. Essa dificuldade me fez criar arquivos de áudio sobre os documentos de processo encontrados, conversar horas e horas comigo mesma sobre eles, perdendo-me nos seus emaranhados.

A segunda dificuldade é a de ter acesso a tudo ao estar analisando seu próprio material, isso é muito positivo (na maior parte das vezes. Se tens dúvidas, opa, está tudo ali), porém quando se trata de delimitar e fazer escolhas é sempre difícil, isso

³ Edith Derdyk.

⁴ Cecília Almeida Salles.

porque tudo é lembrado com tanta ligação total que parece quase um crime separá-los. Essa justificativa é essencial para entender o porquê desse trabalho não se configurar como capítulos, e sim, como cômodos, aproximando-se de estruturas que se relacionam, porém não “se submetem a quaisquer hierarquizações ou encadeamentos evolutivos como os que ocorrem segundo a organização tradicional por capítulos” (DANIELA, 2013, p.9).

É por isso que me proponho a estar entre e reescrever a linha primeira que abrigou a ideia inicial. Tal ato é sobre dar-se conta do movimento obrigatório da maré, do ir e do vir. Onde habitam as ideias senão nas próprias notas sobre o que as antecede? Suponhamos, então, que toda ideia nasce. Em um dos meus textos antigos (*In Natura: uma reflexão sobre a neutralidade biológica*, 2018), encontrei:

«E nascer só pode ser uma convicção: a convicção de que ela começou ali, atribuindo a ideia nascente todo protagonismo e ignorando a fase em que ela esteve encubada e dependente mútua do acaso e da busca incessante a que sua criadora estava submetida.»

Excerto de O5

A metodologia aqui proposta analisa essa gestação, bem como o que a antecede – o flerte teórico, a paixão e o ato. A ideia desenvolvida aqui, ademais do movimento próprio de recriar-se, traz sobre o objeto o olhar processual ao que ele foi exposto. Não houve nem um princípio e tampouco há um fim determinado do objeto observado. O movimento é seu principal constituinte.

É que eu enxerguei sempre por movimentos. O pôr-do-sol, o nascer do sol sempre me cativaram pelo mesmo motivo: a relação dialética entre dia e noite, uma transição que mobiliza recursos de duração de ambos os fenômenos. Sinto-me lisonjeada por poder dividir essas telas com outras pessoas, pois, quando as transições acontecem, sinto-me exposta, percebendo em mim todo movimento bradando por sair. Não é à toa que são nessas minhas melhores inspirações: ideias fluem quando me encontro com e na transição.

Todavia, é preciso criar na transição o princípio do princípio, como se o ato criador dependesse unicamente dessa entidade em movimento que só pode ser evocada a partir da união de fatores em direção a um projeto poético, ainda que vago (CECILIA, 2011). O projeto poético me interessa. Compreender a partir dos

documentos de processo essas tendências. Sistematizar o olhar sobre o já feito construindo uma estrutura mínima.

Uma essencial escolha feita para a confecção desse corpo-casa em sua estrutura coletiva é a de trazer as referências para falar comigo. Por esse motivo, todo o referencial teórico será tomado como próximo, pelo nome ao invés do sobrenome. Assim como tu, leitora, o referencial ecoa aqui.

As vozes dadas por eles configuram aspectos de análises da metodologia e intervenções artísticas que condizem com o percurso adotado, não me utilizando de fotos e imagens como ilustrações desse trabalho, mas sim como composição da obra em si. Isso porque entendo, como Daniela (2013, p.181) que esse espaço também se configura como “um espaço de experimentação e criação”, bem como uma obra de arte.

Cabe aqui, então, que entendas que te guio por esse complexo processo em movimento que é o meu ato de criação, constituído de maneira não linear e sim, de redes de conexões. Como já dito anteriormente, não configurei esse trabalho por capítulos e sim por cômodos, criando uma rede que dá conta do processo e da significação dele.

Cecilia (2006) apresenta tal configuração. Segundo ela (2006), a configuração de um percurso em rede não somente dá conta da oposição ao linear, em que se apoia a visão romântica da criação artística: sustentado pela ideia de haver um instante em que a artista tem uma inspiração e produz a obra, como também dá conta da dinamicidade desse processo, caracterizado por sua flexibilidade, mobilidade, plasticidade e em uma natureza relacional. Além desses, tal configuração consegue abranger aspectos marcantes dos processos de criação, sendo um deles a simultaneidade de ações desenvolvidas, a ausência de hierarquia das ações, a já citada não linearidade, bem como a ativa formação de nexos.

Nesse sentido, dedico-me a interpretar o processo gerador da obra e não o produto considerado final de uma artista, em uma *arqueologia da criação* (CECILIA, 2011), buscando, através do percurso dessa criação e ao reconstitui-lo e observá-lo, as tendências de seu projeto poético a partir do gesto e do trabalho. Todavia, essa base metodológica utilizada vai além por se configurar atribuindo ao processo de criação a característica de inacabamento explorada no livro *Gesto Inacabado*:

Processo de criação artística, já citado anteriormente, de modo processual e em *Redes da criação: construção da obra de arte*, de modo processual-relacional.

Assim, o inacabado não se refere às obras interrompidas por restrições externas, ou à estética do esboço (CECILIA, 2006). O inacabado aqui é utilizado como inevitável e ao mesmo tempo impulsionador.

Isso porque ele é a manifestação da busca do artista em satisfazer completamente seu projeto poético – que na verdade, será sempre infinito. É entender que o objeto/produto dito final/acabado é resultante de um percurso inacabado. Cecilia (2006, p. 21) ainda pondera que esse movimento não é uma desvalorização da obra dita final, e sim “da dessacralização dessa como final e única forma possível”.

Essa característica parece-me um ponto chave dessa análise, já que tomo aqui como processo de criação “um movimento falível e com tendências, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para a introdução de novas ideias” (CECILIA, 2006, p. 15). Esses aspectos ainda se sobressaem ao identificar que um processo não possui nem ponto de início e nem de término, constituindo-se da constante busca da artista em satisfazer o seu projeto poético permeado de questões comunicativas (CECILIA, 2011).

É ao passo que as concretizações possíveis são encontradas, que a obra se constrói. A artista, então, acaba por operar em um universo da incerteza na busca permanente. E, ao imergir nesse universo, enfrenta os documentos/rastros deixados anteriormente por mim, reconstruindo-os, remontando-os e percebendo suas alterações diárias em um processo tendencioso, vago e com muitos rumos possíveis.

Para essa imersão e reconstrução, utilizo os ditos documentos de processo consagrados pela crítica genética, antigamente, como manuscritos. Como Cecilia (2011), aponto o histórico da crítica genética. Isso pelo fato de o surgimento da crítica genética estar atrelado, de princípio (1985 no Brasil), somente ao campo da literatura, dedicando-se a compreender os processos de escritores a partir de seus vestígios verbais. Ao compreender que esses vestígios verbais eram, em verdade, uma limitação, já que muitos escritores se utilizavam de outras linguagens, como desenhos, plantas-baixa, croquis, mapas-astrais, o crítico se destinou a dialogar com essas diferentes formas de linguagens ativadas em processos distintos. E, portanto, esse aspecto foi suficiente para transbordar essas limitações e, assim, proporcionar à

crítica genética outras áreas de atuação, sejam elas outros campos da arte ou até mesmo textos científicos.

Faço essa breve contextualização do nascimento desses estudos para apresentar o termo *documentos de processo* que utilizo nessa obra. Ao transbordar suas limitações, o uso do termo *manuscritos* pelos críticos passou a significar também vestígios em outras linguagens e não somente nas verbais, como croquis, esboços, rascunhos e etc. Esse termo deu conta de um grande período desses estudos que foram permeados pela crescente digitalização, o uso de computadores por esses artistas, o desenvolvimento de softwares para desenhos digitais, e com isso os *manuscritos* não eram mais físicos e, sim, muitas vezes digitais, encontrados em correios eletrônicos, em disquetes, em pen drives, em HDs externos, e atualmente em armazenamento na nuvem, em redes sociais e em anotações feitas no smartphone. Por esse motivo, para melhor compreender a abrangência desse termo e dar conta da diversidade de documentos encontrados do meu processo analisado, nesse estudo, o substituo por documentos de processo, como sugerido por Cecilia (2011).

O primeiro passo em direção a construção dessa metodologia foi, portanto, o de revisitar tudo que já havia sido produzido, recriando cartografias do sensível de cada um desses trabalhos, para que eu pudesse para, além de enxergá-los, estabelecer conexões entre essas produções. Os trabalhos já foram introduzidos em *Corpo Falante e Inscrito* [ver p. 11]. Aqui, apresento as cartografias desenvolvidas a partir da análise inicial de cada um dele: *Pontua-se Amores Impressos* (2011-2017), *Coliseum* (2012-2014), *Coisas que coisam quando tudo está coisado ou a infinidade de significado das coisas* (2014-2017), *E o humano?* (2014-2017) e *Corpus, -oris (n):* (2018), pois assim como me ajudaram a interpretar o projeto poético, também te ajudarão:

A construção das Personagens.

① Busca pelo processo de construção dos Heterônimos do Fernão do Pessoa e das personagens de Clarice Lispector.

→ Mapa astral: Passei a estudar astrologia para compor o mapa de cada personagem.

→ MBTI: Passei a estudar a construção dos indicadores Myer-Briggs para aplicá-los aos personagens.

② (interno)
A viagem do colégio Coliseum, para qual todos passaram e foram deplorados (LABORATÓRIOS) "humanificados"

→ Pertencente aos colégios da E.U.M. (Elite Única Mundial) é um ensino médio de cinco anos que transcende os aspectos linguísticos, artísticos e ~~tra~~ sociais.

→ Aquisição de gestos, costumes, maneiras, atitudes, ideologias, infratinos.
ex.: Luka (Pontua-se Amores Impressos) sempre suja as costas da mão direita ao comer brigadeiro, mas ele é canhoto.

③ Desdobramento de personalidades. No processo de deploração, personalidades acabam se rependendo e originando outras.

→ ex.: Luka (Pontua-se Amores Impressos) é extremamente seguro, porém desaguiça em Dimitri (Coliseum), na da seguro e mais astuto. ③

Histórico

A escrita pelo tema religião me cativou quando li Percy Jackson e Os Olimpianos, em 2010-2011. Em 2011 comecei um conto sobre minha turma do fundamental com deuses gregos, mas em 2012 trouxe de escola.

Surgem os primeiros rascunhos de

comandante do purgatório

O pentagrama: No qual ~~Rit~~ Rit é filho de Cendene.

↳ Interesso-me aqui por romances que envolvem divindades da cultura judaico cristã:

- FALLEN (anjos caídos)
- HUSH HUSH (anjos caídos)

Na busca de literatura e investigação sobre o judaísmo, percebo que gosto das divindades no geral

Começa a surgir, então, em 2013, Pontua-se Amores Impressos: A busca pelo Novíssimo testamento.

Alterações

Aqui o foco passa a ser outro e muda

Emprego de in medias res - a ~~minha~~ ^{história} como narrativa constante -

Conceito de criação do mundo por

A Hera é da

④ Estrela - Cláudia Lispector.

Rit não é mais filho de Cendene

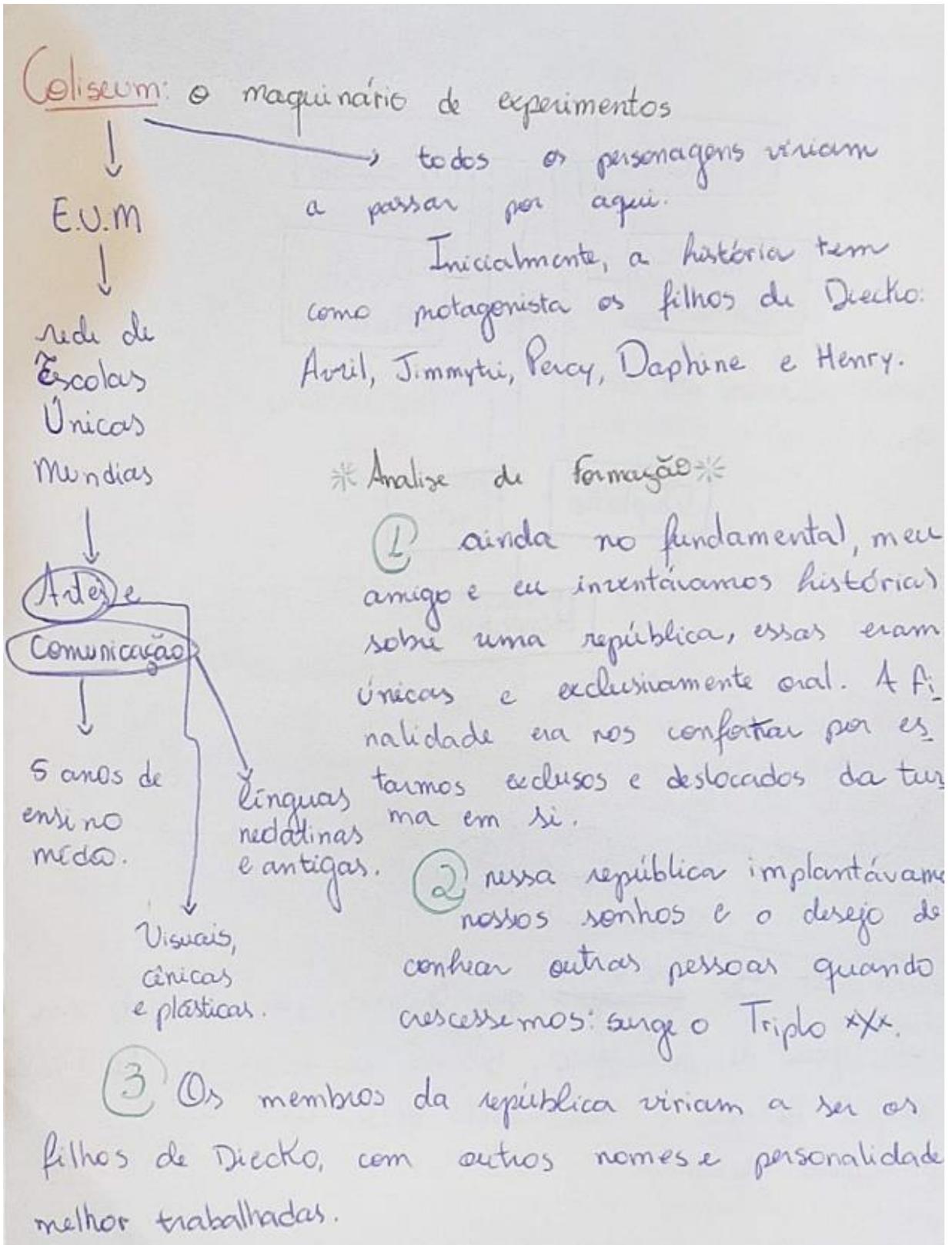
Oficinas de criação de personagens.

↳ buscar mais realidade.

também as personagens.

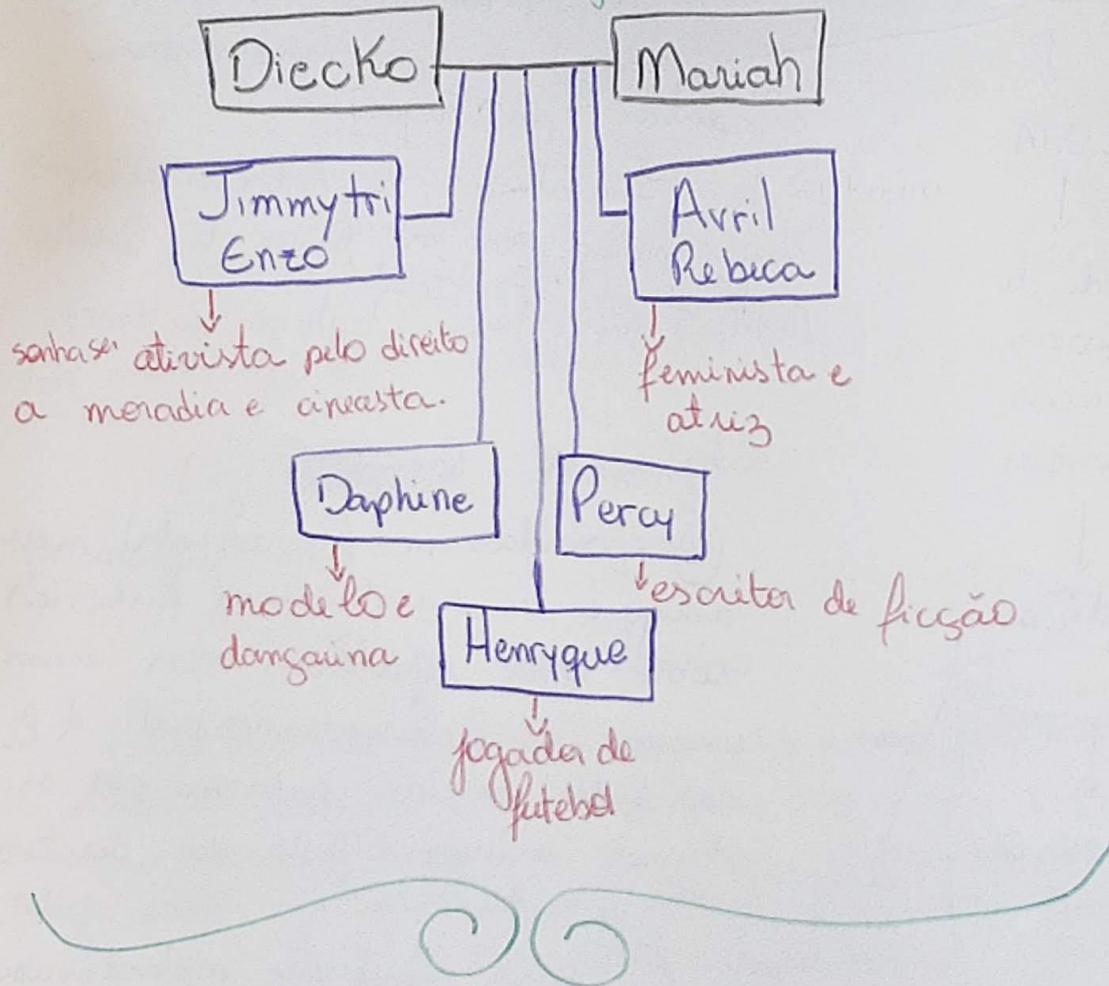
↳ A trama ganha tom mais metafísico.

Cartografia do Sensível: Pontua-se Amores Impressos (2011-2017)



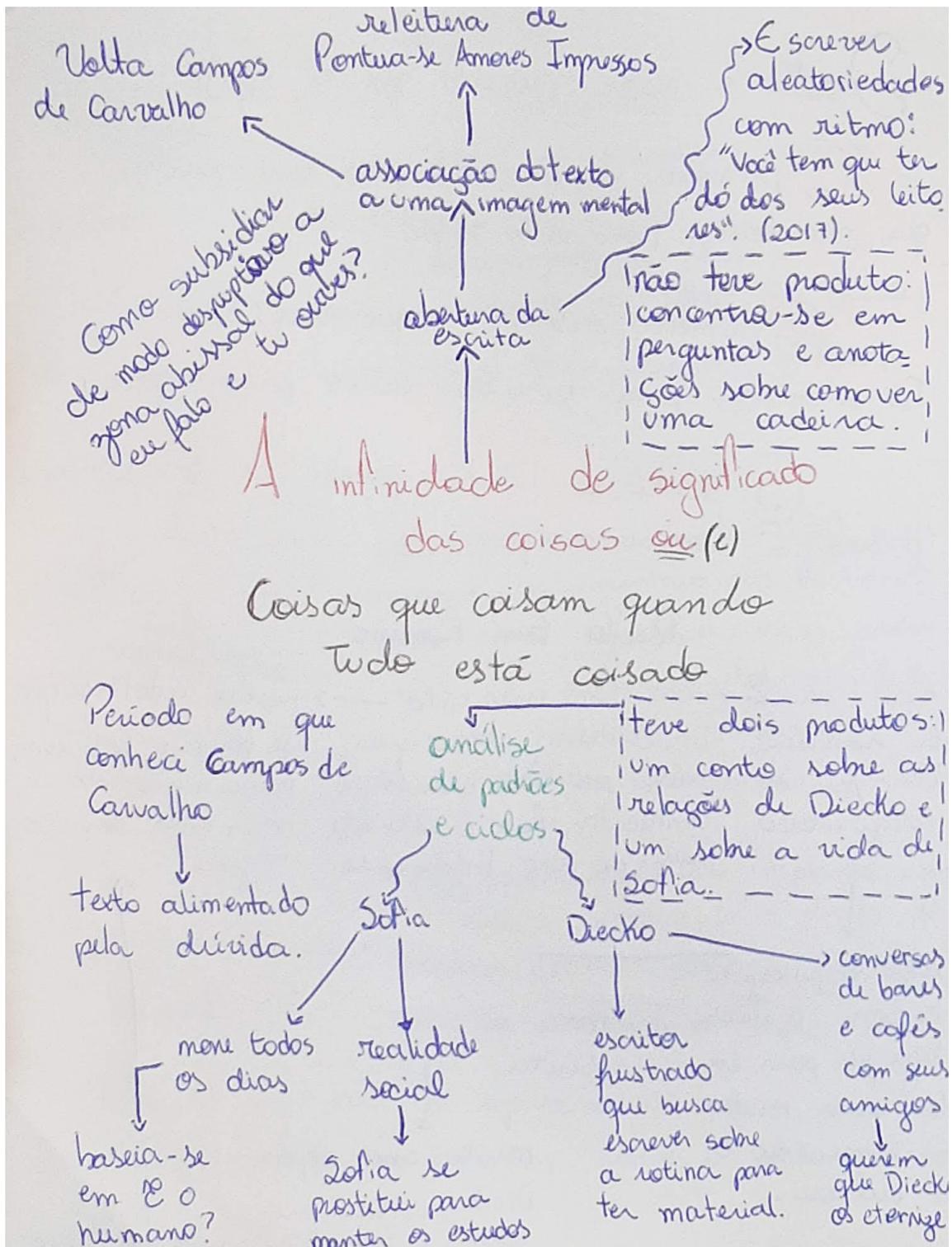
Cartografia do Sensível: Coliseum (2012-2014)

Árvore Genealógica e sonhos



anotações

1- Se ~~presume~~ ^{presume} que Sam, pai de Pit, tem um grau de parentesco, bisavô ou tataravô, de Dieck ou é bisneto e tataraneto desse. Qual viria a inspirar qual?



Cartografia do Sensível: Coisas que coisam quando tudo está coisado ou a infinidade de significado das coisas (2014-2017)

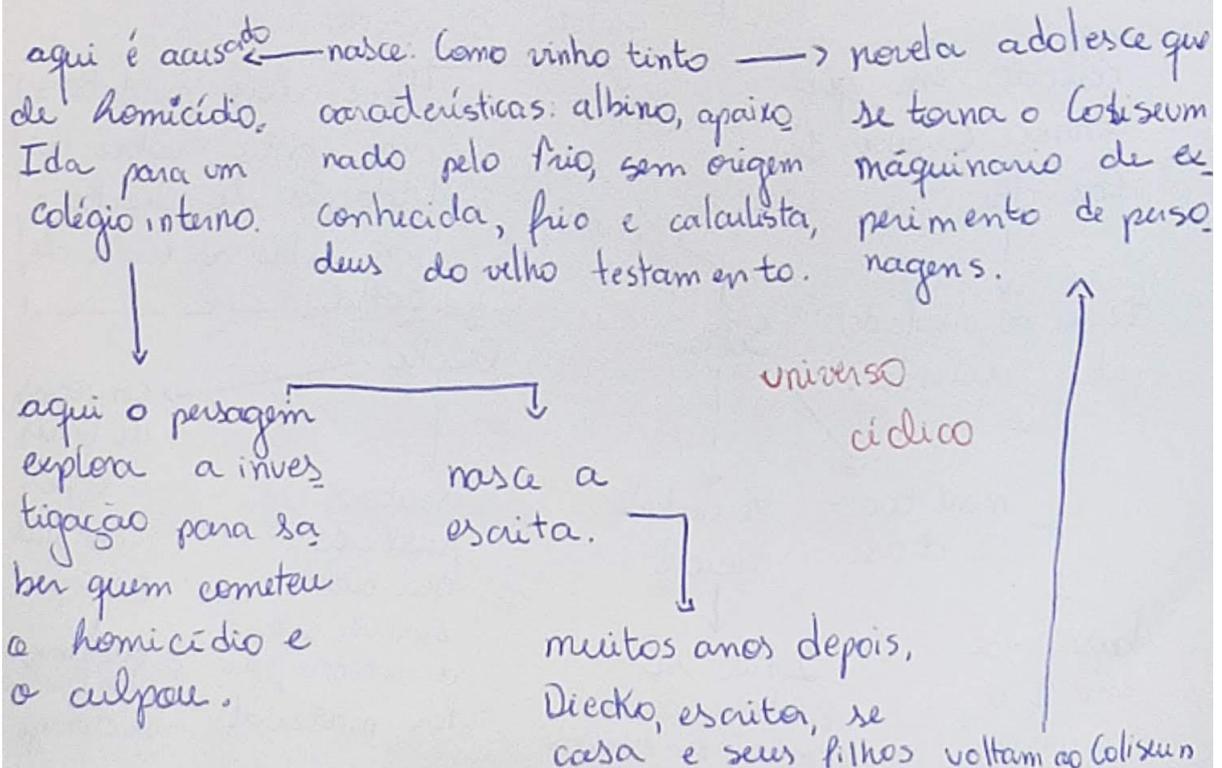
Diecko é nome primeiro que se repete:

① primeiro nome criado para uma novela que não existia (como vinho tinto);

② primeiro personagem que vive: buscar em Di alimentos para subsidiar outros personagens.

③ queda de Diecko: passa a ser uma personagem avessa ao planejado.

Diecko San Romano



Cartografia do Sensível: Coisas que coisam quando tudo está coisado ou a infinidade de significado das coisas (2014-2017)

"ao garoto do sorriso torto, a minha
princesinha e ao garoto com
os lábios de vodka".

E o humano?

"eu fumei pela primeira vez sem botar um cigano na boca".

↓
extrair a melancolia do corpo

↓
(des)alimentar a melancolia.

I've got a
war in my
mind
- Lana del Rey

* conta a história de Zei Gardon: o mento que Triph
Gardon dá vida.

conjunto do
centos: 35 no
desabafos total.

culpa Triph
por fazê-lo
sofredor de
novo, mas
quem o fez
foi eu.

ele era de
escapiação

como surge Zeine?
(referências)

→ Lady Gaga: alergica a

O universo
só que
buscava
abrigo em
outras pessoas.

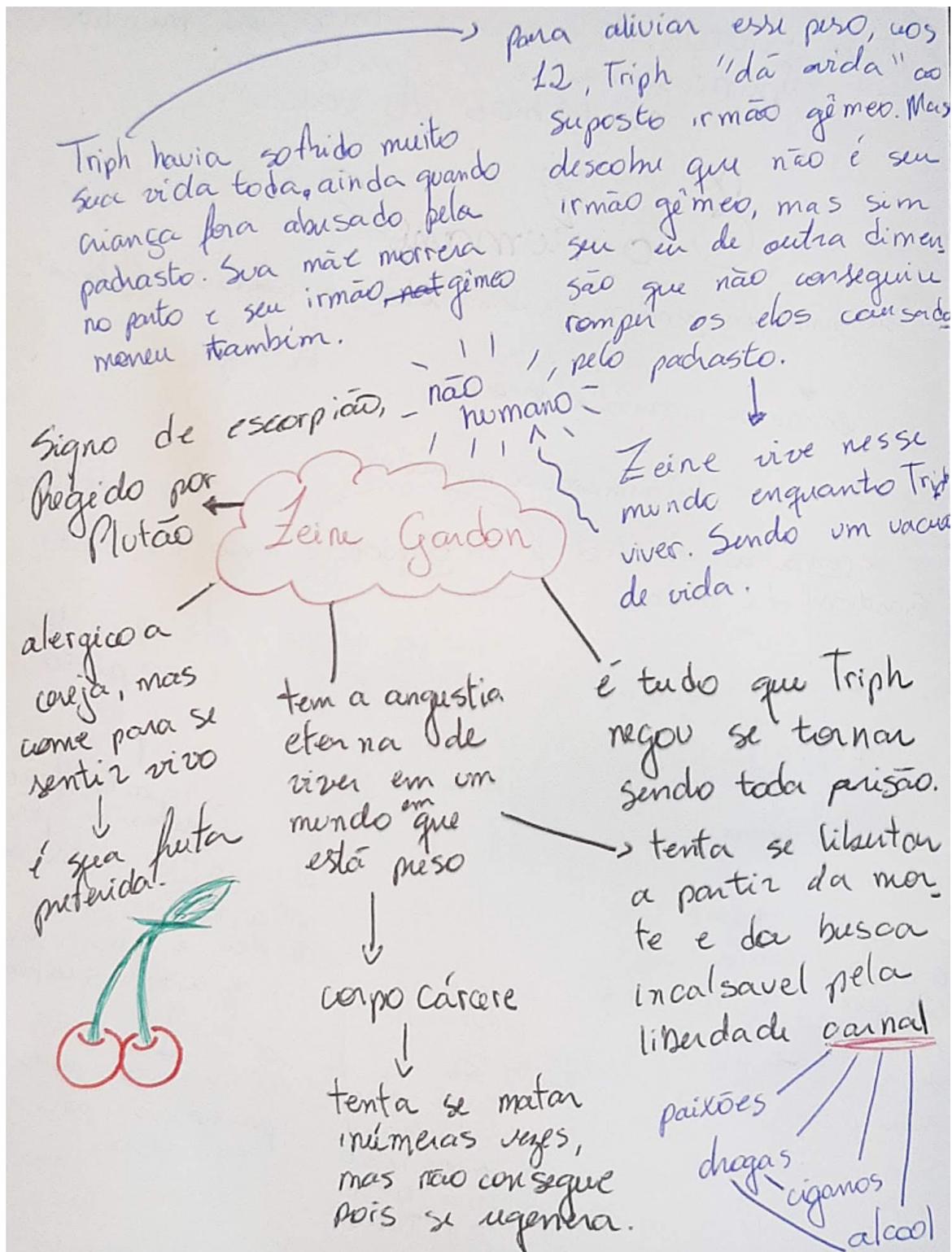
→ Lana del Rey: Bentô die
(album)

→ Alvaro de Azevedo

tinha olhos
castanhos in-
tensos como
uma noite
sem luar.

↑
apaixonei-me
pela primeira vez por
alguém. Ele era melá-
cólico, ouvia Lana
del Rey e queria sen-
tir a alma queimar

↓
eu amava me
apaixionar por
músicos.



Cartografia do Sensível: E o Humano? (2014-2017)

Excertos:

Quando floris as crejiras
A tristeza reina na rua
Sai a caminhon
O macambeiro que aganta no lit.

Quando floris a crejira
Fizbe camincho pio poren
Uma vodka na mão uirta pra
embubidar.

Noutra mão carrega umas tags,
Quant
marion fumagea com cigarros,
triste olhar de quem protege.

Quando andas machucado,
é pra ele que proteção se pede.
Zei Gordon macambeiro
cigarros de pai não

"É o humano? - disse -
tocando seus fios dedos
inerteis e mórbedos em
meu ombro - ele ainda
está vivo?"

- Sim, - murmurei - Foi-se
a morrer aos poucos se
metendo com pessoas in-
fláveis e plástico bolha,
com mentizes e master
bagão, com...

- Calma, queri, - soni - eu
sei que cada qual se ma-
ta a sua maneira, age
deixe essa merda de
caderno e vamos voltar...

- É o fim?

- Finalizar-se é limitar-se
como anjos e demônios
não devemos fazê-lo.

- Então vamos. - olhei para
o humano. - Macária
esteja contigo e com seus
lábios de vodka".

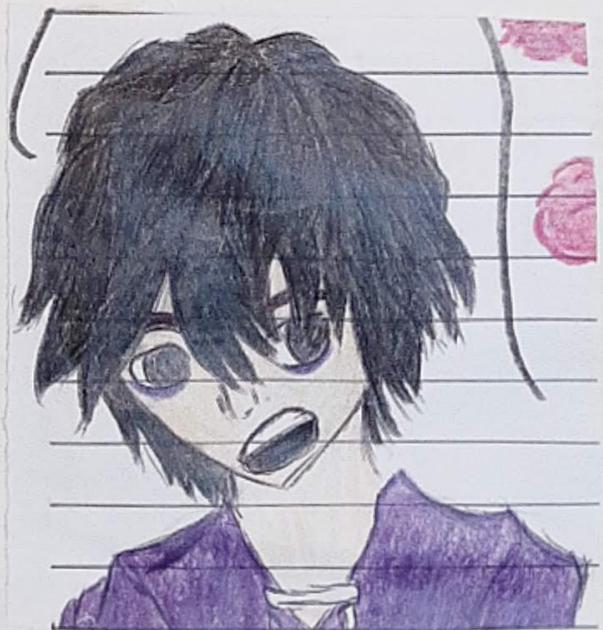
(2014 - 2017)

Leí escrevia seu relatos em um caderno de capa vermelha que é encontrado por Rit em Pontua-se Amores Impulsos.



O desiluminado;
desprovido de vida;
oco;
profundo por ser vazio;
afundado em notícias;
a representação do tempo
congelado;
hemofílico;
a violência acumulada;
o universo só e
caótico que busca
abrigo no universo
dos outros;
domina objetos
inanimados;

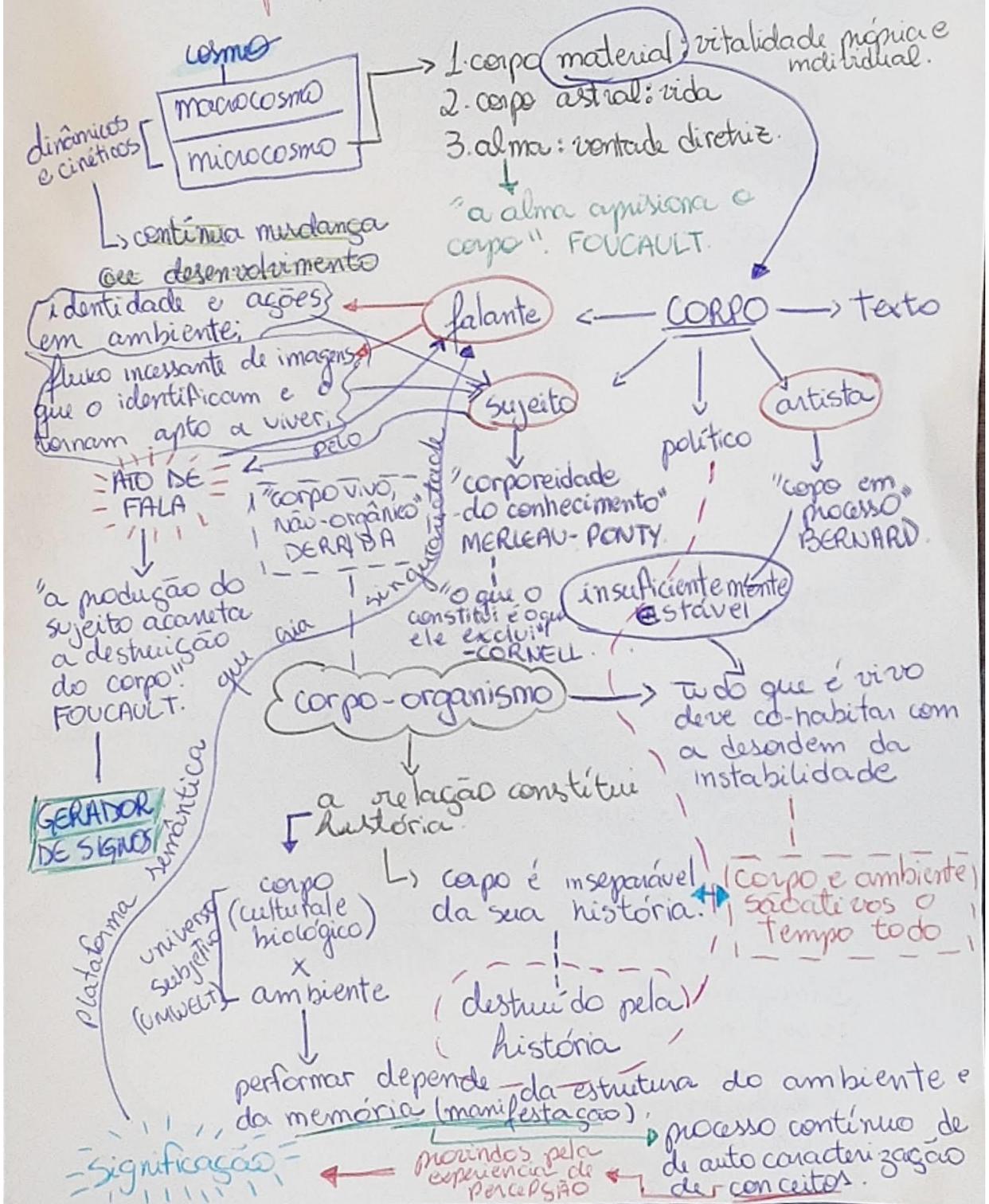
- Uma fruta?
- Hmm... cereja.
- Por quê?
- Porque você tem gosto de cereja, por isso... a amo... mas...
- "Mas" o que?
- Sou alérgico.



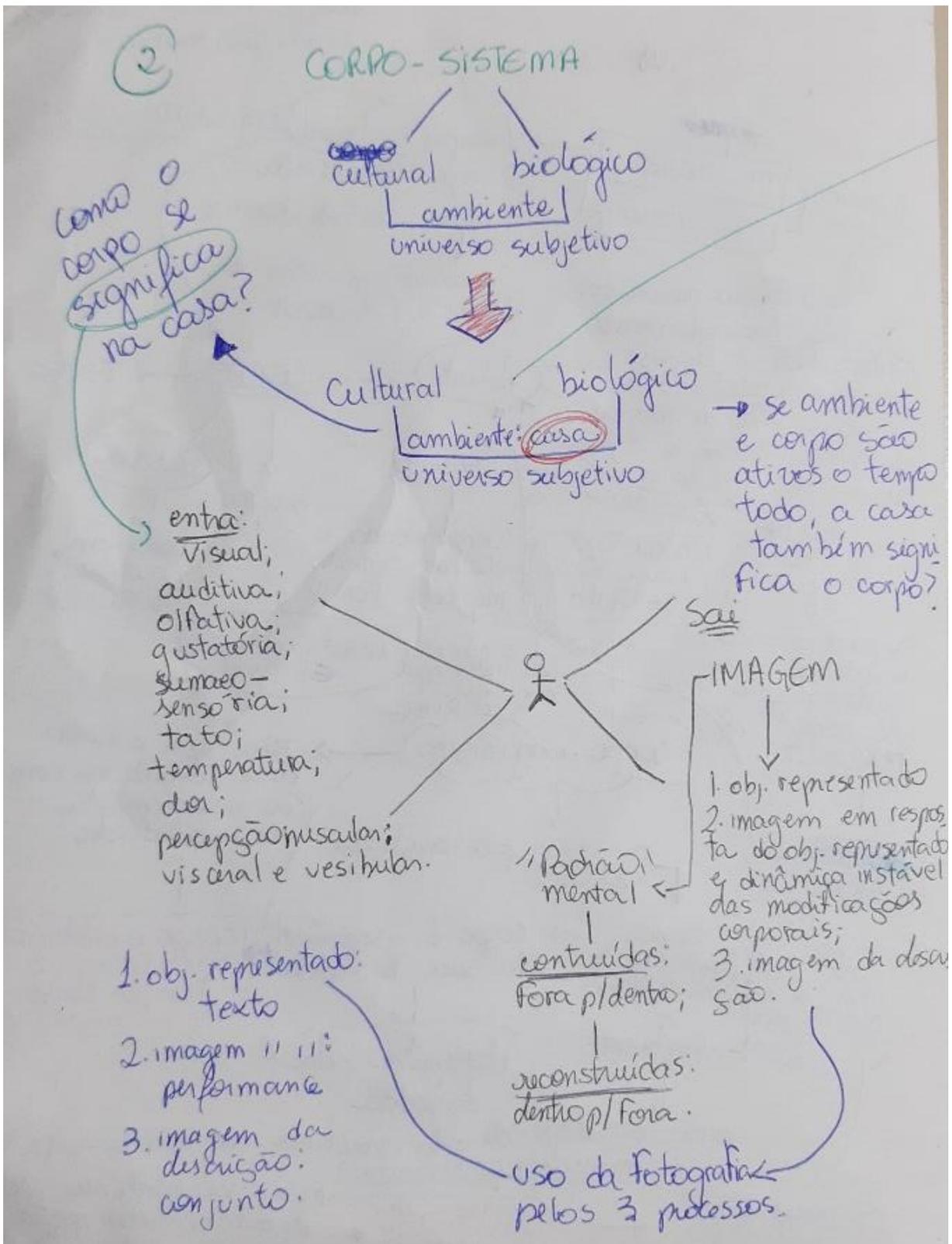
Cartografia do Sensível: E o Humano? (2014-2017)

Corpus, -oris (n):

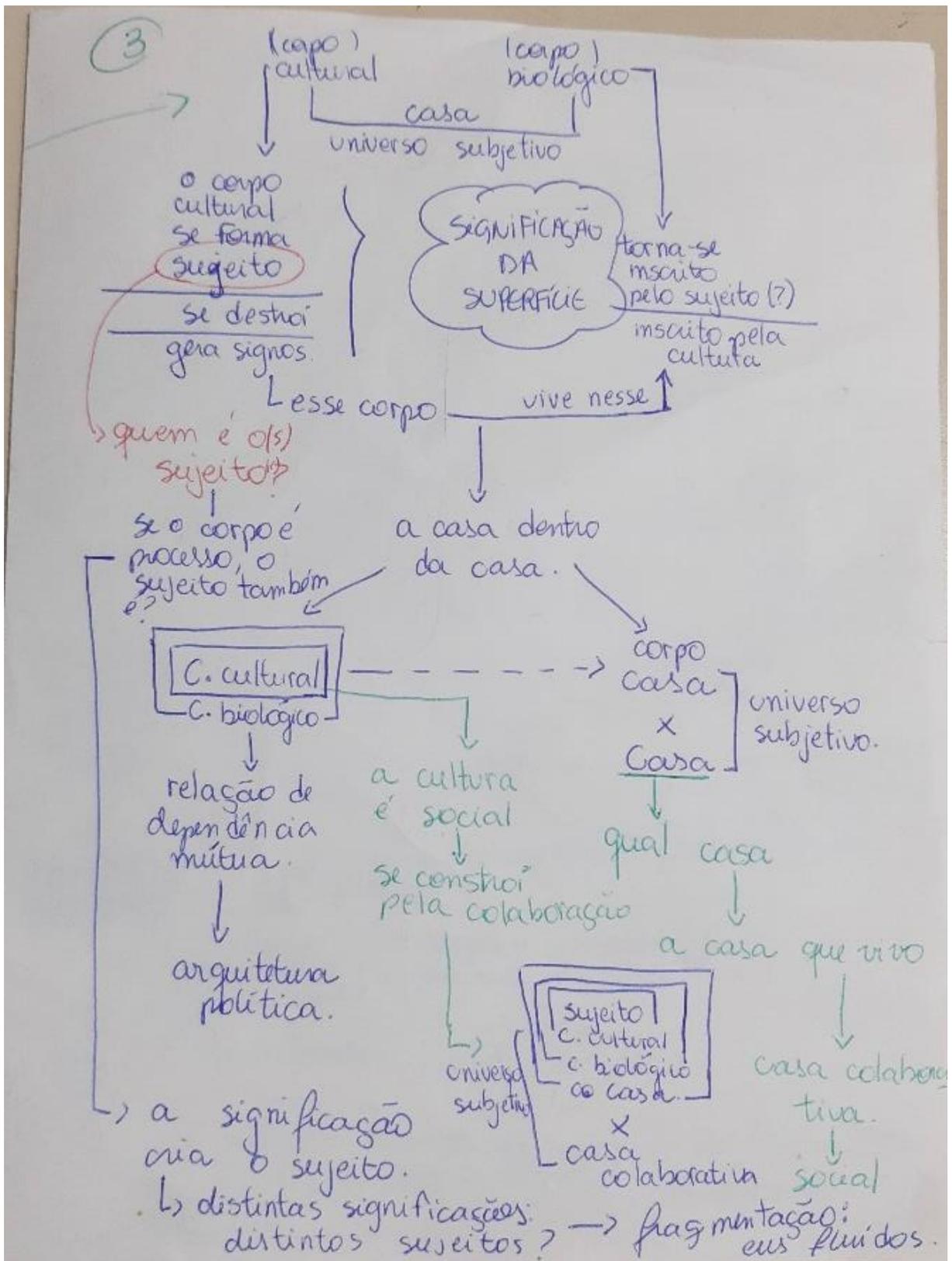
- corpo, matéria, cadáver, sepultura, tronco.



Cartografia do Sensível: Corpus, -oris (n): (2018)



Cartografia do Sensível: Corpus, -oris (n).: (2018)



Cartografia do Sensível: Corpus, -oris (n).: (2018)

Durante esse passo de reler e sistematizar os trabalhos anteriores, concluídos ou não, também recolhi o maior número possível de documentos de processo situados desde quando comecei a escrever e catalogá-los em uma tabela⁵ com suas descrições e naturezas, bem como seu respectivo período de composição. Isso é, organizei os documentos por quatro classificadores:

1. **Documento** – qual a materialidade e qual o título desse documento (se é um caderno, uma pasta, um objeto, uma rede social, um .docx, um .pdf, um .ppt, um ensaio, uma foto ou uma captura de tela, etc.);
2. **Tipo de documento** – nesse ponto da pesquisa, foram estabelecidas as naturezas de cada documento: arquivo de texto na nuvem, fotos digitais na nuvem, esboço, objeto de montagem, rede social, pasta de fotos na nuvem e arquivo de slide na nuvem. Alguns precisam ser especificados por terem nomes parecidos, mas características específicas, sendo eles: disparadores (conjunto de atividades executadas na Atividade Acadêmica de Pensamentos e Processos da Arte), caderno de artista que designa cadernos ou pastas que fossem exclusivos de um único estudo-processo, caderno de lugar comum que são cadernos ou pastas que mesclassem processos distintos, rascunho utilizado para textos à mão e manuscrito para textos experimentais impressos;
3. **Situação temporal** – separando por ano e mês correspondente ao documento;
4. **Descrição** – contendo desde as características físicas dos objetos até os conteúdos de cada um. Foram catalogados 227 documentos de processo entre o período de 2014 a setembro de 2019.

E, por consequência dessa primeira etapa, primeiro busquei entender como os diversos documentos de processo se relacionam e se desdobram. Esse movimento é necessário já que entendo a criação artística como processual. Isso é dizer que “a obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso” (CECILIA, 2006, p. 36). Ademais, compreender essa natureza relacional e esses desdobramentos de cada um dos documentos é

⁵ Essa tabela se encontra anexada no final desse trabalho [ver p. 247].

essencial para poder, em um segundo momento, estabelecer e reativar o movimento da rede em que ele se insere (CECILIA, 2006).

Houve ainda, nessa fase do estudo, um esforço para estabelecer um recorte conceitual para o trabalho. Essa é a etapa em que Cecilia (2006) se refere como essencial, pois é nela que

[...] precisamos nos entregar à dedicada e à aguçada observação dos documentos com os quais lidamos e tirar os procedimentos de criação que buscamos de dentro deles. Para que isso aconteça, devemos nos apropriar de um olhar interpretativo relacional, que seja capaz de superar nossas tendências para a segmentação das análises e que habilite a estabelecer nexos e nomeá-los. (CECILIA, 2006, p. 36).

Por mais essencial que seja, como já me referi nas dificuldades de realizar essa metodologia, foi um grande desafio ter que selecionar alguns aspectos desse levantamento para analisar. Para realizar essa etapa, foi preciso que eu imprimisse a tabela com todos os documentos e a ordenasse de formas distinta até chegar ao grupo que aqui permaneceu.

Essa etapa do recorte literário foi importante para conseguir visualizar o todo e suas especificações. Isso porque, como autora, uma das dificuldades é a de estabelecer essas fronteiras movediças entre cada um dos conceitos, uma vivência um pouco distinta do que salienta Cecilia (2006) ao falar que precisamos superar as tendências de segmentação.

Nesse sentido, a seleção⁶ desse trabalho se caracteriza com os documentos de processo de janeiro de 2018 até setembro de 2019, contando com 111 documentos. Nessa seleção também é onde se desenvolve o conceito de construção desse já dito corpo-casa, além de que, nesse período, o trabalho passou a se construir em inúmeras esferas como fotografia, desenhos, textos, interação em redes sociais, vídeos e áudios. Enquanto no período de 2013 a 2017 se tinha o processo construído majoritariamente de desenhos e textos. Um ponto importante para se entender esse fenômeno é o de que, nesse período, eu já estava em contato com as Atividades Acadêmicas mencionadas no texto *Corpo Falante e Inscrito*, bem como no LabQuase.

Como o trabalho, nessa seleção, se constrói em diversas esferas, não fiz uma separação de plataformas artísticas, não diferenciando literatura de artes visuais e plásticas. Isso porque entendo, a partir desse processo, que “a literatura move-se para

⁶ Essa seleção também se encontra anexada no final do trabalho: Apêndice B [p. 275].

uma prática conceitual, abre-se para o mundo, para aquilo que não era antes parte dos materiais, do meio literário” (NATALIA, 2014, p. 18).

Nesse sentido, a escrita, um aspecto literário desse processo, ademais da experiência vivida, assume, para Mario (2006, apud NATALIA, 2014, p. 48), “a categoria de prática artística”. Isso é, passa a construir-se com elementos de outros campos das artes para recriar o sensível já que “há modos sensíveis específicos dos produtos artísticos que nada têm a ver com profissões, hierarquias, gêneros” (NATALIA, 2014, p. 55).

Repensando o objeto livro e a própria literatura, Mario (2006, p. 9) diz que “desvanece-se aquilo que conhecemos como literatura e forma-se um corpo no qual o exercício da escrita assume a categoria de prática artística”. Essa prática, que Natalia (2014) nomeia de literatura conceitual, tem influências de diversos artistas experimentais que compreendem esses elementos de distintas tradições artísticas em uso em um mesmo espaço sem a finalidade de que um se sobressaia ao outro, mas que interajam para construir um objeto entre.

Destaquei essa visão aqui porque me relaciono com a performance, com a fotografia, com a literatura e em familiarização com a pintura. Segundo Edith (2012, p. 21), “nomear as especificidades de uma produção reconhecida em uma categoria profissional geram representações fechadas do que só é pelo que se faz para a comunidade em que se vive” e por isso signifiquei essas construções como práticas artísticas.

Outro ponto importante a ressaltar, como no próprio excerto da Cecilia (2006), é o de como construí essa relação entre os universos da produção, já que, como dito, eles estabelecem uma relação de vai e vem entre si, criando conexões e interação. Isso quer dizer, a partir de *Pontua-se Amores Impressos*⁷, os temas vêm se desdobrando e se abrindo conforme a pesquisa de Rit se adentra, tendo como ponto final provisório o conto *A Dança do Sol*. Porque, nesse conto, Diecko, a energia geradora em que Rit crê, configura-se como no ponto de criação do universo, ou de observação.

Assim como o mencionado, a fase desse trabalho realizado a partir da seleção dos documentos vem de estabelecer ligações entre os documentos selecionados e nomeá-los. Nessa fase, os documentos foram organizados em redes de criação, com

⁷ Conferir no texto *Corpo Falante e Inscrito* [p.11] e *Cartografia do sensível* [p.32].

seus conceitos singulares e seus signos. Ainda que seja importante aqui lembrar que essa separação não existe no processo, sendo pontos de redes distintas que se tangem em diversos momentos. Por isso, opto por denominar cada uma dessas estruturas que se derivaram dessa seleção como redes de criação.

As redes de criação se constituem de pontos de interação, mantendo-se em contínua expansão pela interação tanto interna quanto externa (CECILIA, 2006). Essa interação que não se dá somente entre os processos de criação, avança se comunicando com o que aqui denominamos solo, o conjunto das relações de momento histórico vivido pela artista, de contexto social em que está inserido, de contexto cultural atuante e de contexto científico integrante. O solo é essencial para que possamos compreender mais adiante os meus projetos poéticos analisados, mas já adiantando que entendo como projeto poético um projeto ético, isso é “seu plano de valores e sua forma de representar o mundo”, “caminhando lado a lado com o grande propósito estético do artista” (CECILIA, 2011 p. 45).

Desse modo, pude perceber, a partir das tentativas de reagrupamento dos documentos de processo selecionados, cinco conceitos que se comunicavam entre si – conformando os primeiros campos semânticos da pesquisa:

1. **Abrigo** – composto por documentos que exploravam a relação do corpo e da casa colaborativa, ligados ao estudo de Jakob (1942);
2. **Sol** – composto por documentos constituídos pela composição do conto *A Dança do Sol*, por fotos de sóis em lugares distintos e por ensaios fotográficos dos personagens do conto;
3. **Onírico** – composto por documentos que abordavam a construção de uma casa a partir da relação casa e caracol, ligado profundamente aos estudos de Gaston (1988);
4. **Inscrição** – composto por documentos que trabalhavam a relação de um corpo se inscrevendo socialmente, ao passo que se inscrevia no espaço;
5. **Percepção** – grupo de documentos que adentravam o universo da percepção do espaço pelo corpo, ligado profundamente aos estudos de Maurice (2014).

Num segundo momento, os campos semânticos Percepção e Inscrição foram agrupados em um único campo semântico intitulado Inscrição, por se constituírem

fortemente em Maurice (2014), assim como por terem mais pontos de interação quando em conjunto, do que isolados. O mesmo acontece entre os campos semânticos Abrigo e Onírico, havendo a unificação como Onírico, já que prevalece aqui o estudo do corpo-casa. Desse modo, permaneceram, dos cinco agrupamentos feitos inicialmente, apenas três:

1. **Onírico** – composto por documentos que exploravam a relação do corpo e da casa colaborativa, ligados ao estudo de Jakob (1942), e por documentos que abordavam a construção de uma casa a partir da relação casa e caracol, ligados profundamente aos estudos de Gaston (1988);
2. **Sol** – composto por documentos constituídos pela composição do conto *A Dança do Sol*, por fotos de sóis em lugares distintos e por ensaios fotográficos dos personagens do conto;
3. **Inscrição** – composto por documentos que trabalhavam a relação de um corpo se inscrevendo socialmente, ao passo que se inscrevia no espaço, e por documentos que adentravam o universo da percepção do espaço pelo corpo, ligados profundamente aos estudos de Maurice (1984).

A partir dessa seleção, permaneci com 114 documentos de processo organizados em três campos semânticos. Desse modo, os documentos estão divididos da seguinte forma: 45 documentos de processo em Onírico, 53 documentos de processo em Sol e 14 documentos de processo em Inscrição.

Após o movimento de organizar em campos semânticos, busquei relação entre os documentos dentro do mesmo campo semântico, os organizando por momentos, movimentos de maior concentração de uma dada tendência encontrada. Essa sistematização proporcionou encontrar as relações de cada documento dentro de seu campo semântico.

A disposição dos campos semânticos permaneceu do seguinte modo:

1. **Onírico** – 45 documentos divididos nos momentos:
 - a. **Abrigo**: 19 documentos unidos pela conexão de experimentação do corpo e delimitação de um corpo-casa;
 - b. **Intimidade**: 12 documentos unidos pela conexão da criação de intimidade entre o corpo-casa e a casa coletiva;

- c. **Sonhador:** 14 documentos unidos pela conexão e estabelecimento de um corpo-casa sonhador.
2. **Sol** – 53 documentos divididos nos momentos:
- a. **Procurando Sol:** 29 documentos unidos pela busca do sol e formulação da busca transformada em conto;
 - b. **Moradia:** 8 documentos unidos por situarem o pensamento da casa que se desdobra a partir do conto do momento anterior;
 - c. **Incorporação:** 14 documentos unidos pela criação performativa dos personagens a partir do conto *A Dança do Sol*.
3. **Inscrição** – 14 documentos divididos nos momentos:
- a. **Percepção:** 12 documentos unidos por explorar distintas formas de como um corpo percebe;
 - b. **Vir a ser:** 2 documentos que acentuam uma forma de perceber o corpo em estado de transformação.

Nesse trabalho, analisei o campo semântico Onírico com o intuito de sistematizar e compreender o corpo-casa enquanto espaço de abrigo do sujeito. Todavia, como os campos semânticos se ligam, remeti a documentos de outros campos semânticos, recriando relações de significado as quais o próprio processo conduzia.

Depois de estruturar os campos semânticos e seus momentos internos⁸, mobilizei ainda os conceitos alocados em cada um deles para elaborar esse trabalho nos moldes de uma casa, isso é, utilizando-os para construir cômodos.

Apresentei, anteriormente em Planta baixa [p. 19], um modo de leitura. Todavia, te sintas livre para escolher o teu próprio modo de imersão nessa casa-texto carregada de experimentações. Ah, antes de apresentar a estrutura, convido-te a caminhar pelos cômodos ao lê-los! Sim, escrevi desse modo. Tu podes ler cada cômodo nos cômodos de tua casa. Fazendo esse exercício percebi que “em momento algum deixei de produzir esta pesquisa enquanto uma produção realizada como uma prática performativa que se manifesta textualmente, sendo uma proposição poética” (DANIELA, 2013, p. 87).

Agora sim, vamos aos cômodos: no corredor primeiro, em que te situas agora, concentrei a base metodológica que leva a todos os outros cômodos; na sala, a seguir,

⁸ Essa estruturação se apresenta em formato de tabela no Apêndice C [p. 289].

recomendo um café, te depararás com um aconchegante e acalentador meio de abrigar-te já que dedico esse espaço à análise do momento Abrigo, parte do campo semântico onírico. No corredor segundo, não te esqueças de conversar com o morador que te aguarda lá!

Para os banheiros, são dois, sugiro que experimentes sentir o vapor do chuveiro antes de lê-los, e esse, insisto mais ainda que leias no banheiro de tua casa: te surpreenderás ao recuperar a intimidade com tua casa e te sentirás à vontade para sonhar. O banheiro esquerdo se constitui com a análise do momento de Onírico intitulado Intimidade, já o banheiro direito se constitui com a análise do momento Sonhador, de mesmo campo semântico.

Na cozinha, principalmente dessa casa, as moradoras adoram papear e contar histórias. Geralmente, sempre se aumenta um ponto. Espero te permitas ecoar as histórias ali postas. Ali, ainda, é capaz de encontrar alguém passando mais um cafezinho, ou um chá. Ah, às vezes tem lanchinho também.

Em seguida, o corredor terceiro se apresentará oferecendo mais um pensamento: um encontro entre nós. Recomendo que, ao chegar aqui, dê uma espiadinha no pátio, pois, toda vez que se passa por esse corredor se vislumbra essa vista.

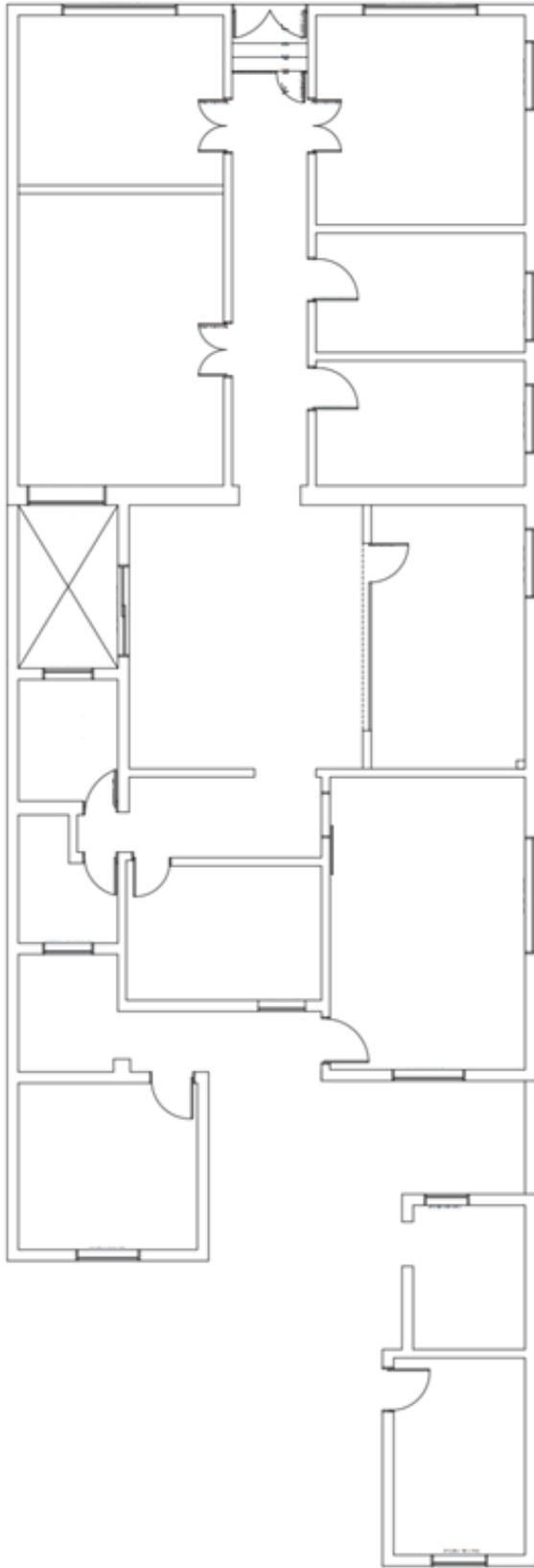
O pátio é o último cômodo com as considerações finais. Sugiro que leias ele ao pôr-do-sol porque o pátio fica maravilhosamente lindo durante o pôr-do-sol, com o sol se esgueirando pela amoreira.

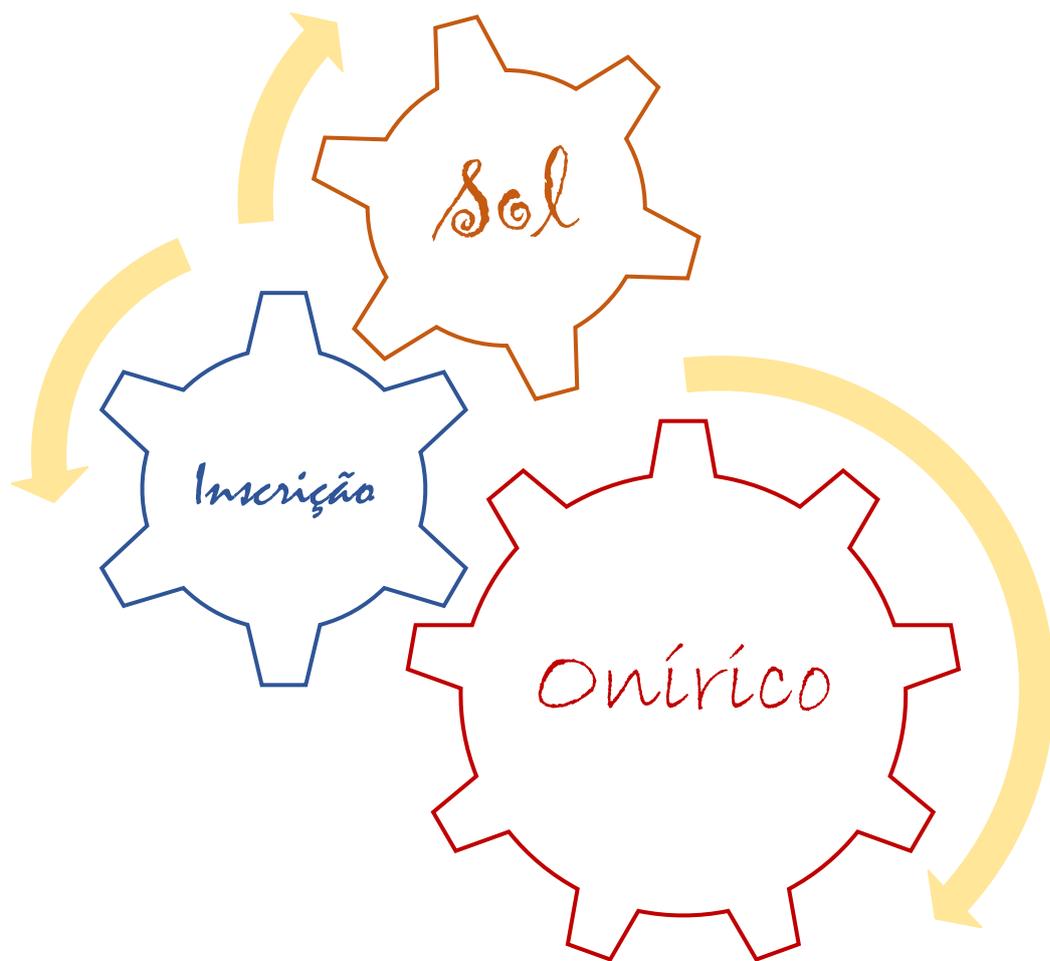
A construção desses cômodos, a partir da minha experiência como moradora, também propõe a diversidade de imersões nessa casa-texto. Instauo essa relação de imersão pelo contato que possui com a proposta de Daniela. Em sua tese, Daniela (2013, p. 87) propõe ao seu leitor

parece que chego enfim a outro ponto, este no qual preciso de você, sim, você a quem me refiro desde a primeira linha desta tese, e que está lendo agora a sexta linha do presente parágrafo, configure novos sentidos a partir do que proponho aqui, ou mesmo, os questione. Se sua escolha não incidir em nenhuma das alternativas acima, ao menos deixe que a ressonância destas linhas ecoe em seu pensamento.

Desse mesmo modo, proponho que essa casa-texto te proporcione sonhar, sonhar com experiências da construção de um corpo. Sonhar em encontrar algo perdido. Sonhar em casa nesses tempos difíceis. Sonhar em significar o algo aqui

proposto. Sonhar diversas formas de habitar o espaço em que te situas, por onde te situes. E, sobretudo, que sintas, pois te empresto meu corpo. Não esqueças: Sonhar. Sentir. Criar.





SALA: ANÁLISE DO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DA CASA:

(PERCURSO DE EXPERIMENTAÇÃO DO CORPO)

Um corpo é sua matéria e em cada traço de sua arquitetura há sopros e experimentações de tantos outros, não porque vista bem, mas para que possa se dizer, desprender-se do que podemos dizer e assumir como sua uma voz que, por ser dita por tantos, não pode ser propriedade de ninguém.

Cristiano Bedin da Costa,
Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas. 2012, p.7.



1



2



3

Sempre gostei de inventar coisas.
Inventar é uma tarefa manual do corpo.
Meu corpo tem muita sede de inventar. Necessita de surpresas.
Mais do que qualquer outra coisa.

Mário Porciúncula Ferreira,
Oblações ao corpo: escrituras do desejo (2013, p. 31).

¹ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Abismo em descanso**. [S.l.], 5 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjoXyroFeSg/?hl=es>. Acesso em: 22 maio de 2020.

² VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Abismo em descanso**. [S.l.], 5 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjoXyroFeSg/?hl=es>. Acesso em: 22 maio de 2020.

³ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Todo corpo muda de estado toda vez que percebe o mundo**. [S.l.], 5 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjqh1wklfjd/>. Acesso em: 22 maio de 2020.



4

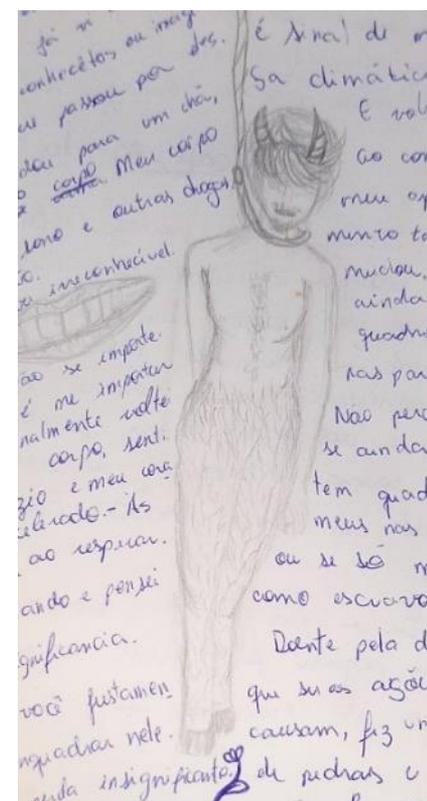
As relações transversais de resistências, no entanto, não param de se estratificar e o corpo, em sua instabilidade é onde poderíamos pensar a experimentação como resistência, mas ele constantemente significa as experiências.

Diane Sbardelotto,
Fotodobragens, moldes e repetições para um corpo continuar. (2018, p. 140).

⁴ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **A busca do mérito e o corpo escasso.** [S.l.], 3 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjkYI8CIKyF/?hl=es>. Acesso em: 22 maio de 2020.

(PÓS-CORPO)

Pensei, no primeiro momento, em me encontrar. Encontrar-me com meu corpo para ser capaz de amá-lo. Onde estive? Não sabia. Revisitei minhas crenças, encontrei-me com Beatriz (2014). Joguei tudo em uma página assim: experimentei. Joguei tudo em um corpo assim: saí para rua. Deixei de lado aquilo que fui para vir a ser. Pensei em inúmeros prefácios de começo para dizer: um corpo que era outro. Era outro em conceito e formação. Digo, o processo de conhecimento artístico é também um processo de autoconhecimento Cecilia (2011). Nesse caso, um corpo que deixou de ser corpo fixo. Corpo falante. Pós-corpo (BEATRIZ, 2014). Um corpo para performar: recriar as ideias sistemáticas de gênero, sexualidade e identidade. Transpor reterritorializações possíveis pela enunciação corporal. Um corpo trans. O nascimento de Joja⁵.



Excerto de S1

Eu escrevia coisas, tipo, na testa, coisa nos braços e, tipo, saía andando porque **eu queria que as pessoas olhassem** e ao mesmo tempo vissem o quanto de valor, **o quanto que a gente atribui valor ao nosso corpo**, sabe? Como eu seria visto com aquelas coisas? E eu queria entender como as pessoas reagiriam **à minha proposta de ser**.

E eu comecei a entrar numa descoberta que **eu ainda não cheguei numa conclusão**, sabe? Eu **só me aventuro por elas** e fico por assim.

A arte, tipo, ela tá totalmente ligada **à nossa composição**, sabe, à nossa composição de personalidade. Então eu comecei a entender mais ou menos esses três fios né, da escrita, das fotos e do corpo, e **comecei a misturar tudo e deu nisso. Tá dando ainda** (SATURNO, 2018, f. 15).

⁵ Visitar Corpo Falante e Inscrito (p. 11).

(CASARIFICAÇÃO OU APROPRIAÇÃO CORPÓREA SUBVERSIVA E INDISCIPLINAR EM CASA:
MOMENTO ABRIGO)

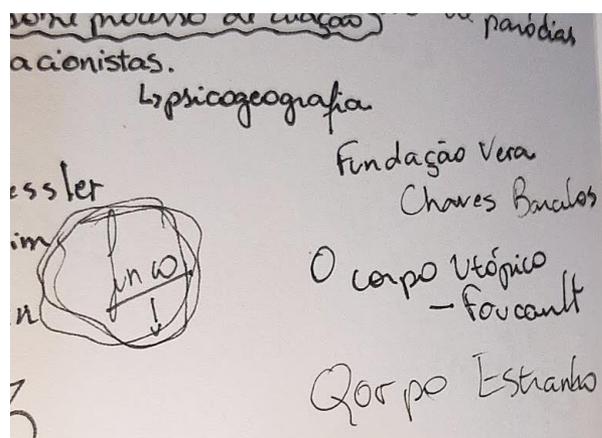
A poesia existe nos fatos.

Oswald de Andrade,
Manifesto da Poesia Pau-Brasil. (1924, p. 1).

Para seguir a sequência de análises proposta, começo, em um primeiro momento, expondo que os documentos de processo encontrados fazem parte de um contínuo de produção, como já dito anteriormente. Isso quer dizer que, em várias ocasiões eu retomei, nessas análises, os processos anteriores, sempre os referenciando e apontando as características necessárias que os ligam. Assim também justifico a primeira etapa colocada na metodologia de apresentar mapas conceituais de produções anteriores que são referenciadas nas análises [Corredor Primeiro: provisório permanente de estruturação processual, ou período de caoticidade, p. 26].

Desse modo, também relembro que os documentos encontrados foram organizados por campos semânticos. A opção por organizá-los desse modo se justifica porque se rompe, em primeiro lugar, a ideia de grupos que não se relacionam ou se relacionam de maneira limitada, e, em segundo lugar, porque as conexões podem parecer incongruentes no princípio, mas, na verdade, levam a um grande sistema complexo. Tomar essa perspectiva também me permitiu perceber a natureza associativa desses documentos. Levando em consideração que, para Cecilia (2006, p. 119), a maneira de se conseguir encontrar os vínculos da rede de criação é lidando com o “pleno campo das associações”.

Assim, a análise aqui desenvolvida incorpora a perspectiva de livre interação dos documentos de distintos campos semânticos, constituindo nós como pontos de interação que configuram a complexa rede da criação (CECILIA, 2006). E, dado que os primeiros registros do recorte estabelecido se encontram no campo semântico Onírico, comecei por eles minha análise. Esse campo semântico possui as seguintes características, já ressaltadas anteriormente⁶: é composto por 45 documentos de processo, sendo divididos em três momentos principais de associação interna, sendo elas: o Momento Abrigo (com 19 documentos de processo), o Momento Intimidade (12 com documentos de processo), e o Momento Sonhador (14 documentos de processo).



Excerto de O1

A construção desse campo semântico foi possível pela relação que os documentos estabelecem de experimentação e exploração do corpo e da casa a partir de um conjunto de movimentos do processo de pesquisa. Esses dados aparecem no primeiro documento de processo: um caderno de artista⁷. Além disso, esse caderno de artista tem a peculiaridade de ter sido utilizado nos encontros do LabQuase, sendo tomado por diversas referências que permeiam esse primeiro campo semântico.

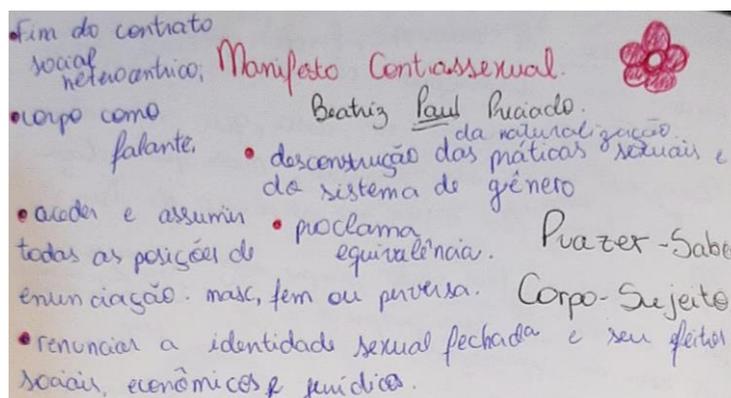
⁶ Visitar Corredor Primeiro: provisório permanente de estruturação processual, ou período de caoticidade (p. 26).

⁷ Visitar Corredor Primeiro: provisório permanente de estruturação processual, ou período de caoticidade (p. 26).

Segundo Cecilia (2011), esse documento, O1, configura uma importante parte da criação: o *processo de conhecimento* pelo meio da pesquisa. Isso é, nesse caso, o de encontrar formas de ler o mundo que caminhem junto ao projeto poético da artista, além de registrar referências que possam auxiliar no processo da tomada de decisão de ações.

É nesse processo que o mundo exterior passa a interagir com o mundo interior, isso é, criou-se um diálogo entre o exterior e o interior: rua e casa (Roberto, 1991). Outro aspecto da natureza desse documento é que, pelo contexto em que se insere, isso é, relacionando-se com uma prática de laboratório com outros artistas, ele ganha propriedades dialógicas entre sujeitos, guardando em si a própria interação criada entre esses artistas.

E, para além dessas peculiaridades de O1, há a interação que ele estabelece diretamente com S1, caderno de lugar comum inserido no campo semântico Sol. Mesmo que S1 abrigue mais informações relacionadas à composição de *Pontua-se Amores Impressos* e de *A Dança do Sol*, foi possível, a partir dele, encontrar um momento que a artista se dedicava ao pensamento do corpo e do gênero como subsídio de autoconhecimento.



Excerto de S1

É nessa relação entre esses documentos que pude compreender que o primeiro estudo do corpo não é referente ao pensamento de Maurice (2014) que sustenta o próprio campo semântico, e sim ao pensamento de Beatriz (2014), como um ato de autoconhecimento. Autoconhecimento no sentido de compreender as manifestações corporais e sociais de gênero na contemporaneidade.

É nesse sentido que o livro estudado em S1 se apresenta: *Manifesto Contrassexual* de Beatriz Preciado. Nele (2014), a autora fundamenta seu manifesto sob a ideia de uma contrassexualidade, não como uma oposição à natureza sexual, mas como o fim da sujeição de algumas arquiteturas de corpo à outras, para isso:

[...] os corpos reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. (BEATRIZ, 2014, p.21).

Mais além disso, o corpo é entendido como um texto socialmente e historicamente escrito. Em outras palavras, um arquivo orgânico produzido por esses e que guarda em si a história da produção-reprodução sexual. Tal história é a que naturaliza sistematicamente certos corpos a partir de sua sexualização (BEATRIZ, 2014).

Nesse sentido, o corpo recebe, ainda antes do nascer, a invocação de “masculino” ou “feminino”, como um contrato assinado, postulado em rituais como o “sim” no casamento, pelo ato de fala (JOHN, 1990). Além disso, a construção desses corpos é intrinsecamente ligada à restrição de corpos que não se encaixam nessas invocações corpóreas.

E, justamente por esse argumento, Beatriz (2014) se distancia da concepção adotada por Judith (2003) de gênero como performatividade, aproximando-se dele como prostético, que cumpre a função de marcar os corpos já que não existe uma marca no corpo por si próprio: “É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico” (BEATRIZ, 2014, p. 29). Uma espécie de arquitetura política do corpo.

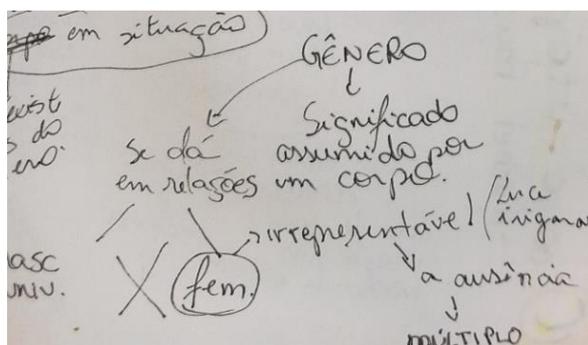
Essa efervescência não permeia somente o processo artístico como também o próprio processo de construção de um corpo e sua enunciação nos contextos cotidianos, a interpretação corpo-mundo. Também, de encontro com esses pensamentos, a composição dos personagens em *A Dança do Sol* foi permeada por tais concepções: Júpiter, por exemplo, atua no mundo, ou estabelece contratos sociais com os outros moradores da casa a partir da frase:

« O objeto direto é a certeza e tudo que ele carrega... »

Excerto de S14 [p. 1 e 12]

Ao enunciar a frase citada acima a outros moradores, ou a reunião é iniciada ou se vai ao núcleo da discussão durante as reuniões, nesses momentos os personagens acordam em silenciar os demais assuntos paralelos.

Outra ligação ainda é apresentada com a continuação dos estudos do corpo em O1. Nele, os estudos sobre corpo continuam e direcionam-se para corpo e gênero, dessa vez, sustentada por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2003). Nesse conceito, o corpo é o natural inscrito pelo cultural gênero e não existe por si, já que é significado pelo gênero.



Excerto de O1

A performance de gênero se dá pela cultura, sendo estabelecida pelo sexo, como explica Judith. E se dá unicamente pelas relações. Além disso, o gênero não é acessado por completo: “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (JUDITH, 2003, p. 37). Sendo a subversão dessas performances, pela multiplicidade, capaz de libertar o corpo de sua prisão.

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria inferioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (JUDITH, 2003, p. 194-5).

Como Judith se destina a estudar o feminino e as manifestações subversivas desse, ela apoia-se na construção de Simone (2016) do sujeito universal como masculino. Dessa perspectiva, o universo cultural em que o corpo se insere é a cultura masculina, resultando no feminino como o “outro”, a ausência do

masculino. Essa multiplicidade do outro é o porvir dessa subversão performativa que sustenta a própria ruptura dessa construção.

Ao estudar essas duas análises de corpo e gênero, propostas de subversão dessas identidades que me aproximavam cada vez mais do processo de autoconhecimento e de uma estruturação conceitual que desenvolvia no LabQuase, dissocie-me de gênero como primeiro objeto de estudo. E buscando, nessas identidades subversivas, a construção de um corpo que se significasse a partir de si. Foi assim que começaram as primeiras experimentações com autorretratos.

89



Juntamente com a construção de ensaios de foto-performance, os estudos para a significação do corpo em si ganhavam espaço no entre: minha literatura se encaminhava para uma discussão entre o significado do corpo intitulado in natura, ainda tomada desses dois pensamentos, e a sua relação performativa com o mundo. Todavia, ainda a discussão de gênero aparece fortemente ligada a dois poemas de O4, quando me utilizei da língua e da voz para construir o debate entre corpo e gênero:

⁸ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **FEMINA BENIGNA**, 2018. [S.l.], 6 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjrp8nOlz8c/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

⁹ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Árvores Silicificadas**. [S.l.], 29 abril. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bil69LLIW7/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

LA SANGRE.

Y no puedo olvidarlo,
[mas posso esquece-lo
Y no lo puedo preguntar
[mas posso indagar

E quantas mais há em mim?
[Cuántas?]
Tell me, please!

É que não sou isso
e sou aquilo.
[Pero también soy eso]
e não aquilo.

Pero si no soy hombre
ni mujer
no puedo decir lo que soy
pero les voy a decir:

*Que não sou nada mais que línguas
E me modifico como as línguas
Por sangria, pela sociedade*

E sempre pela demasia.

Excerto de O5

A VOZ

Como chamo isso que me é demais?

Pele? Não.

Boca? Não.

Etnia? Não.

Gênero? Não.

Minha pele abriga um corpo.

delimita espaço.

Eu corpo?

Às vezes

quando me deito quando me toco quando não existo.

Mas pra existir eu sou boca,

expilo

vomito

engulo

trago

degluto

falo

grito

Em etnia eu não me reconheço

Nem sei o que algo sou

Ou se soul

Gênero? Ele não me tem,

Não lhe pertencço/

Se pertencesse estaria presa,

e eu fluo demais.

Mas, ora, como chamo isso?

como?

modo? Não pode ser.

o que?

algo? Não poder ser.

onde?

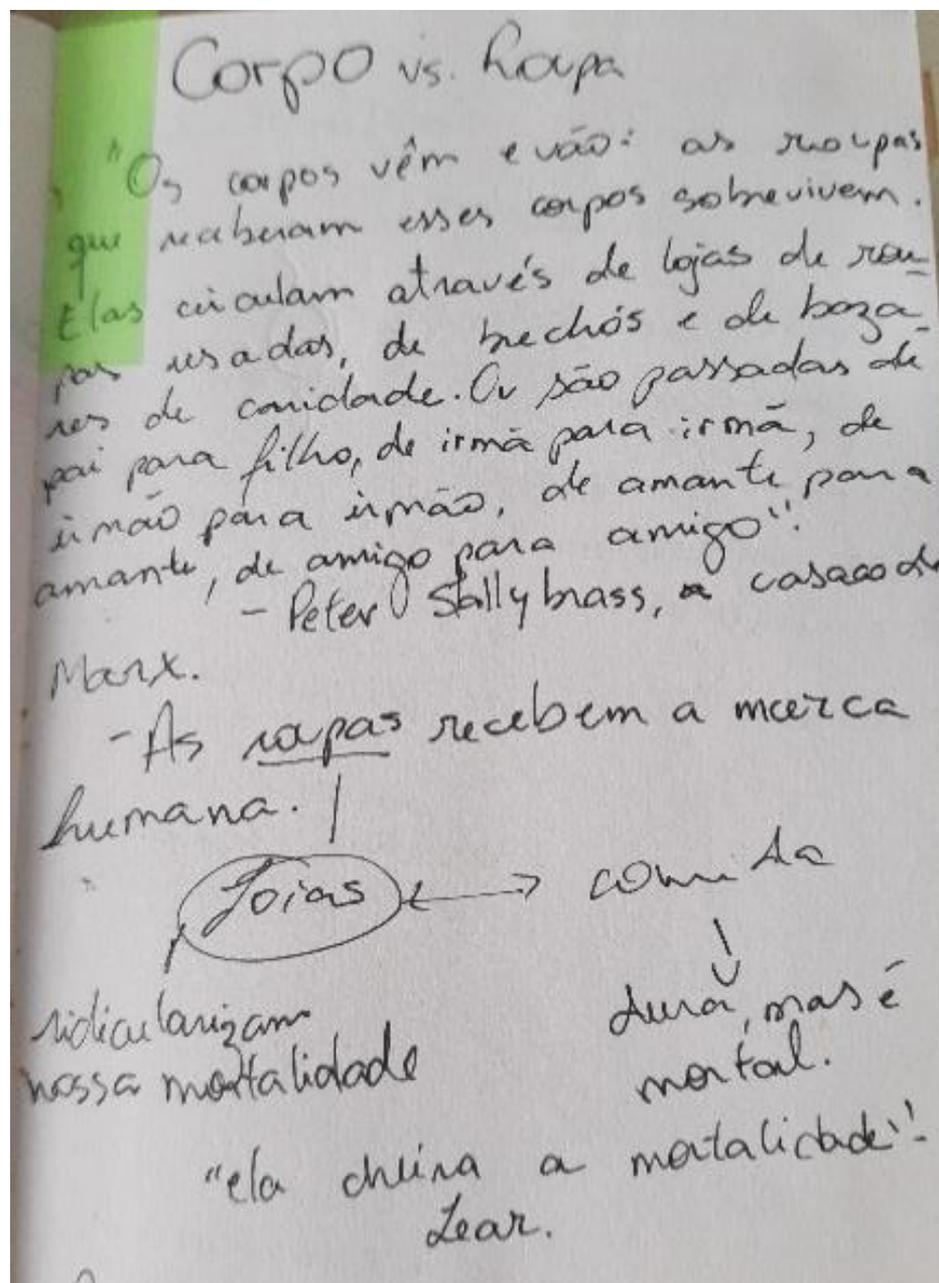
lugar? Até pode ser.

onde já é um lugar.

Onde chamo isso que me é?

Excerto de O5

Essa busca pela significação do corpo por si encaminhou-me para as manifestações que o corpo usa no dia a dia, procurando em primeiro lugar, associá-lo às roupas bem como as possíveis performances a partir dela. Uma possível primeira forma de abrigar um corpo:



Excertos de O1

roupas 2) alternos do
hojas de pensamentos.

TER DINHEIRO,

↓
TORNAR A VESTIR
O CORPO

complexidade:
— Vestir;
— desvestir;

CORPO, Identidade e Erotismo
Katia Canton

corpo → SUJEITO
PAPEL
OBJETO

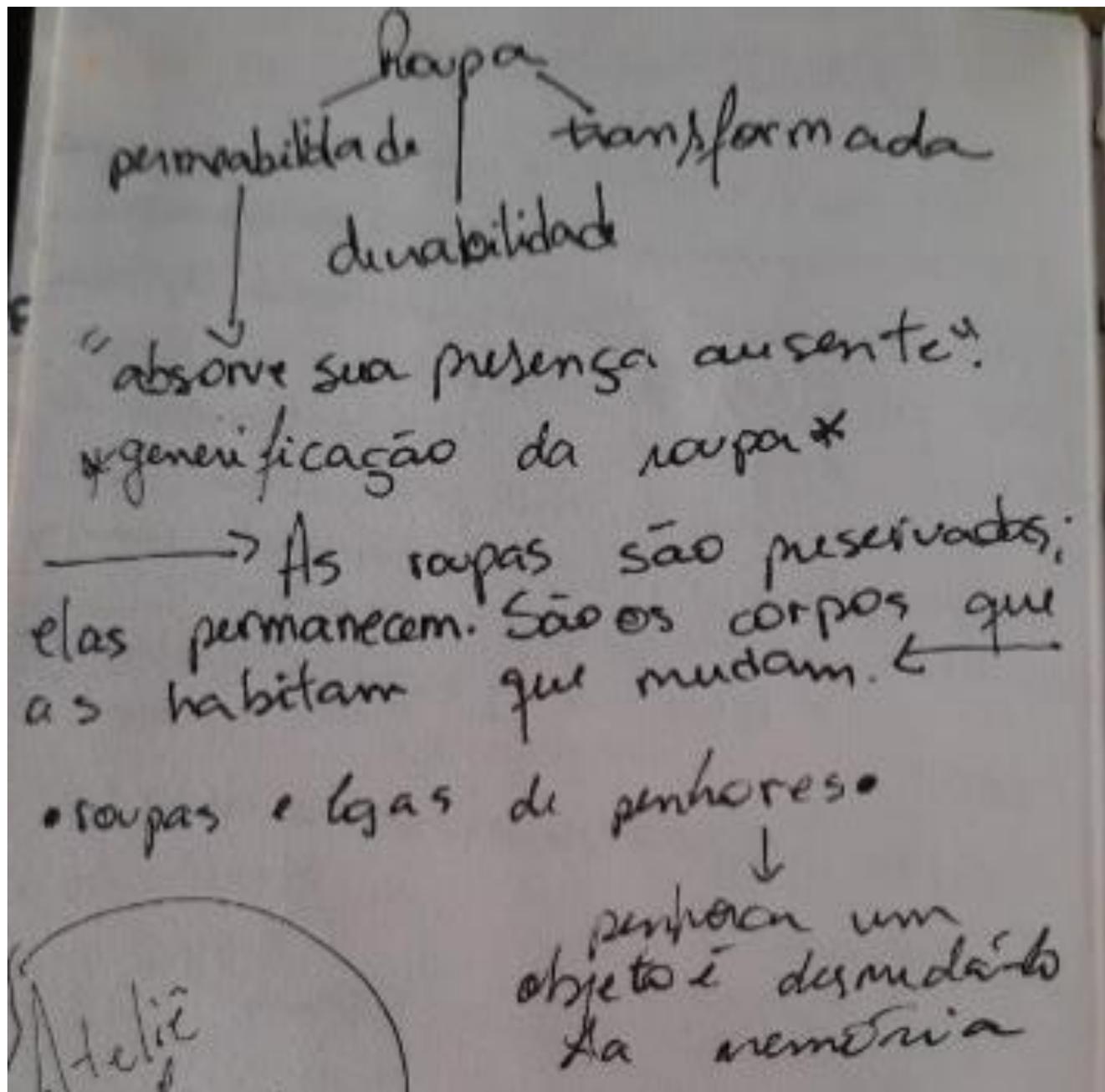
↑
tudo corpo muda
de estado cada vez
que nasce o mundo.

↓
deslocamento de pensamento
transbatações operadoras

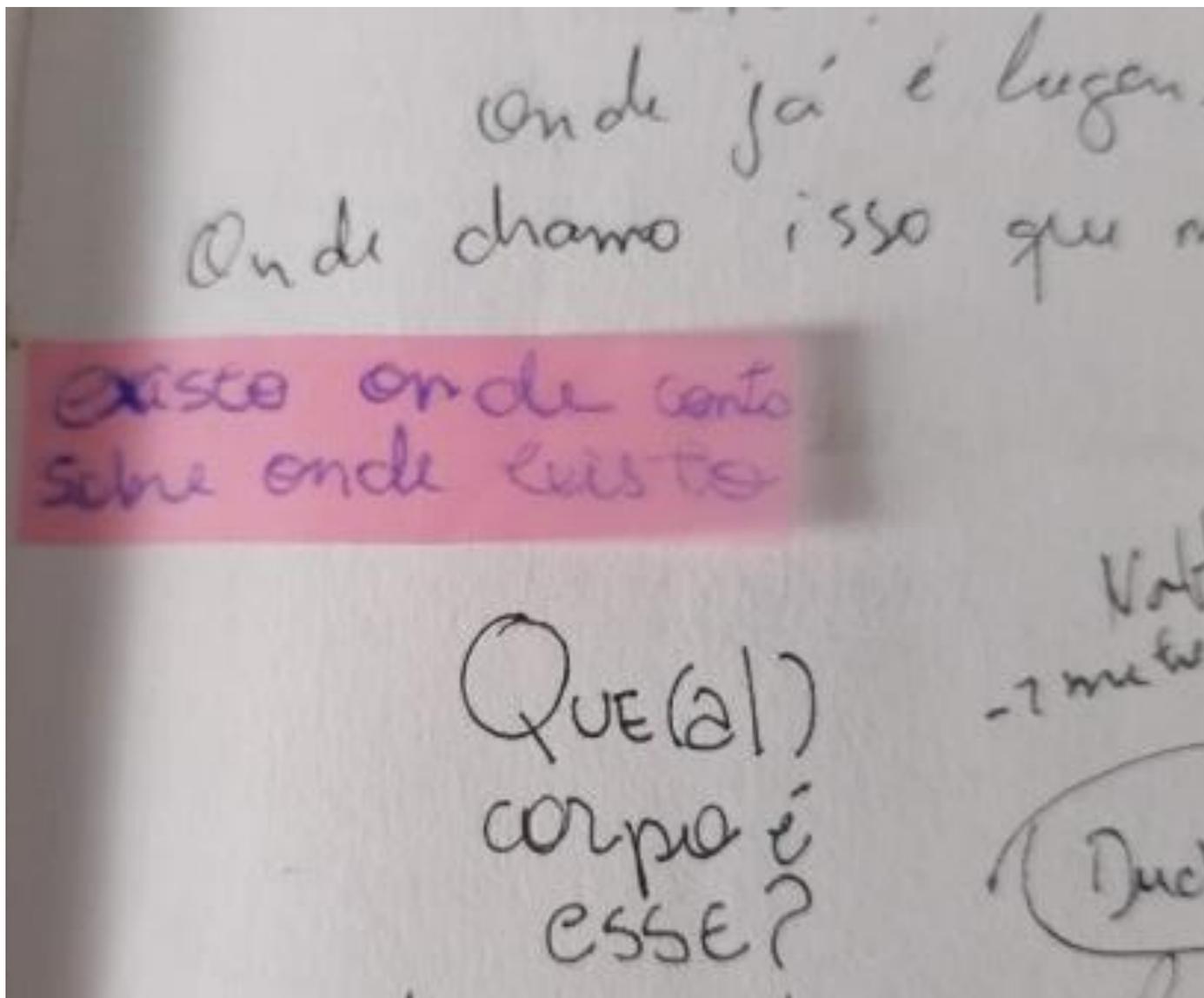
↑
desestabilizador de
categorias que nos faz sen-
tir "vivos!"

↑
Christine Greiner → O corpo artista.
Mania Rita Kehl → O eu é o corpo/feminin

Excertos de O1



Excertos de O1



Excertos de O1

Que(al) corpo é esse? Era a pergunta mobilizadora. Ou ainda, esse corpo em obras, inscrito socialmente, seria ele impossível de ser tangenciado? Mas não é o corpo nosso, segundo Michel (1966, p.

14), o “marco zero no mundo?”. O corpo é sua materialidade, ocupa um lugar e assume seu lugar de criador de suas próprias fantasias. Foi esse o corpo sob o qual eu me inclinei, ou melhor, me dobrei.

É preciso estar presente em si para criar outros espaços. A partir das performances o corpo se põe em outro espaço. Nesse sentido, regressar à pergunta *que(al) corpo é esse?* é sobretudo entendê-lo como um espaço de existência. Um espaço que dá conta “de fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis” (MICHEL, 1966, p. 10) a partir de suas performances, vestimentas, maquiagem. Retrocedendo ao *A voz*:

« Onde chamo isso que me é demais? »

Excerto de O5

Onde é possível evocar esse corpo sem figura, mas em sua materialidade? Um corpo que é sujeito porque experiência, mas também objeto porque é inscrito pelo ambiente em que situa. O corpo que mesmo sendo essa condição de existência, pode ser movido por mim.

É o corpo esse que é do mesmo estofado do mundo (MAURICE, 2014), esse corpo que experiencia, que cria utopias (MICHEL, 1966). Esse é o corpo que se cria artista: se faz artista porque se cria, porque se enuncia longe das performances pré-estabelecidas.

Esse corpo é subversivo, indisciplinado e, portanto, matéria de narrativa de existência, matéria capaz de criar e se recriar a cada novo criar. É por isso que:

Corpo é algo que deveria se escrever com o corpo. Não escrever o que é corpo. Escreve o corpo. Inscrever-se corpo, junto, em escrita-ato, escrita que perfure a superfície das impressões digitais. Escrever percebendo que entre esta e esta palavra, um pouco de células das tampas dos dedos se perde nas teclas que agora pressionou. (DIANE, 2018, p. 203).

Para que o corpo se subverta em corpo e enuncie corpo é preciso que ele abrigue-se em si, descubra em si seu espaço, reconheça suas marcas, suas inscrições, sua necessidade contundente de significado. Abrigar o que pressupõe abrigo, em seu coletivo e sua unicidade: o corpo se encaminha para sua estrutura, a sua própria estrutura que se configura casa ou cárcere de acordo com seu contexto de atuação ou de deslocamento por uma ação.

Os alienígenas encontram-se
na terra no corpo visitante
com o outro. O corpo visitante
propicia o seu descobri-
mento: uma interpretação.
Descobrimos a interpretação
são que faz o corpo ativo entendendo
somentes o que o corpo outro é, por
que interpretam segundo o conhecimento di-
cundo.

Não sabendo as referências
que o corpo desconhecido em re-
conhecimento possui, o corpo outro que
nas o vê como chueva rápida da
no verão.

O corpo desconhecido em processo
de reconhecimento é o visitante in-
timo que abrigamos no nosso quar-
to de hóspedes. E esse corpo
em estado de explorar os outros

Excerto de O1: Texto Descobrimento

Tanto a entidade deslocada
para uma ação

Descobrimiento.

Desconhecido, o reconhecimento por detalhes: o toque da digital, o som da risada, o jeito que segura o celular: infinitos. Mas é só visita, passagem: barco em porto na viagem.

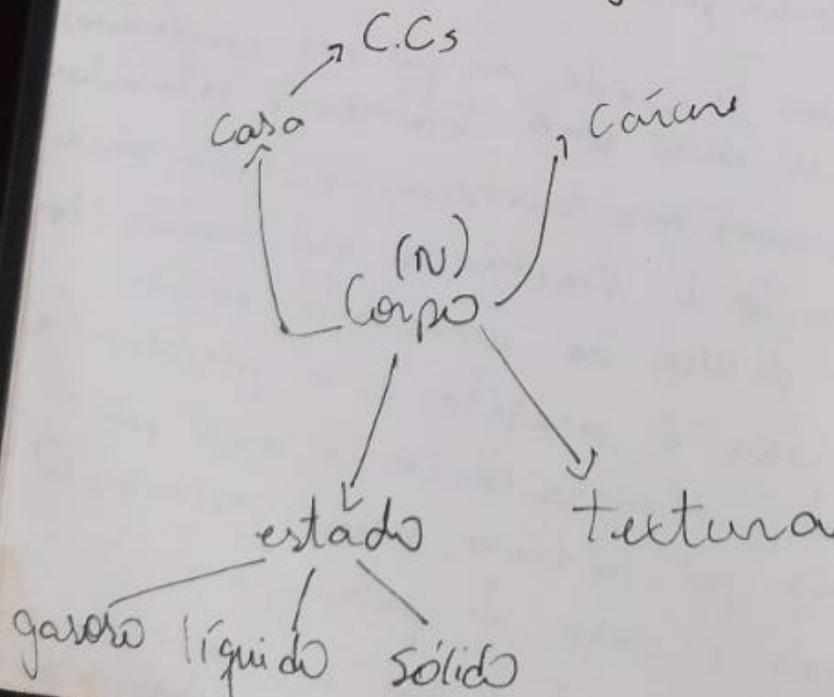
Em um segundo em que nos conhecemos e no outro somos totalmente estranhos. Buscamos nos reconhecer, estabelecer uma ligação de simetria em que ambos têm o direito de conhecer o outro.

A ideia é parasita e a personalidade é arenosa. Porém o corpo não é mais pra cá e não, nem sustento. O corpo é casa de passagem.

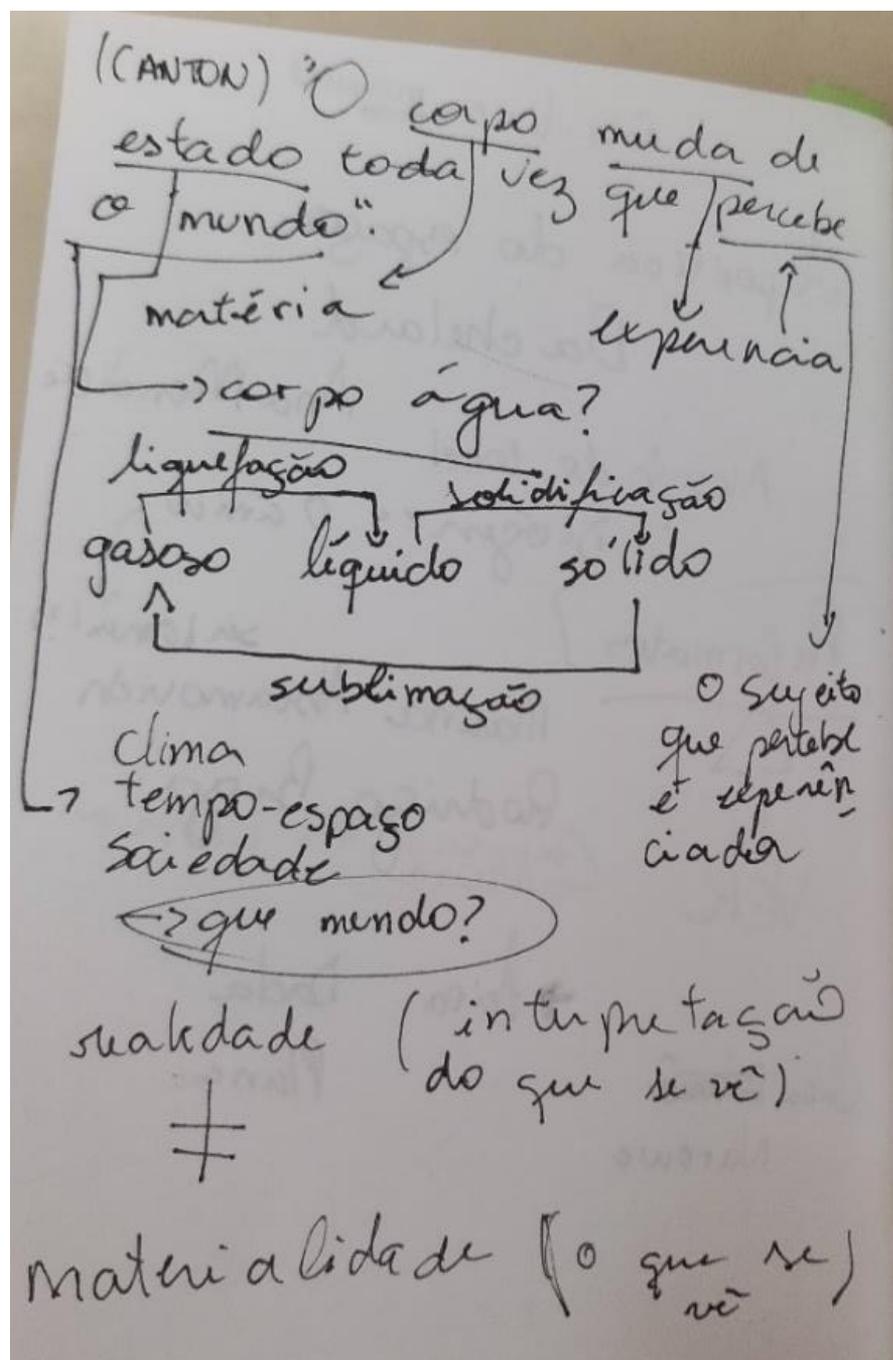
O corpo é o que acolhe e esquece. A visita é visita. Dá a chance de

corpos. Não exploram como estava
exploram como des cobri / mapam. e
Por mais que o corpo outro pensa que
ele é quem descobre o corpo visitante,
é o oposto; o corpo visitante não é desco-
berto, ele é quem descobre o outro e des-
cobri-se. Ai, altera suas concepções dos
outros, porque altera a de si.

Em um segundo depois, já é descober-
do.



Excerto de O1: Texto Descobrimento



Excerto de O1: Texto Descobrimento

Branco

uma parede branca

um papel higiênico branco

um filtro de café branco

cabelo branco

toalha branca

cueca branca



é possível um corpo
em branco?

Excertos de O1

Corpo in natura →
Notas de arte

¿que' disso?

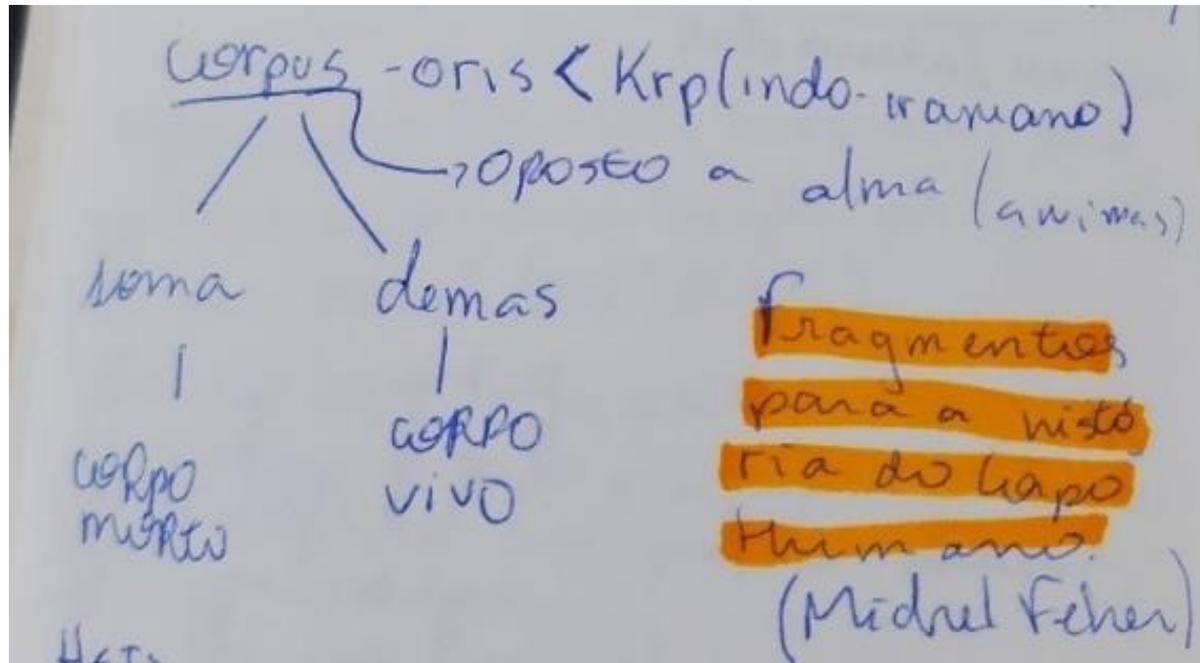
Love is
Queer  dedos

Elementos
periféricos do corpo →

Corpus, -oris (n) cabelos

- o corpo é semântico
- o corpo é sintático.

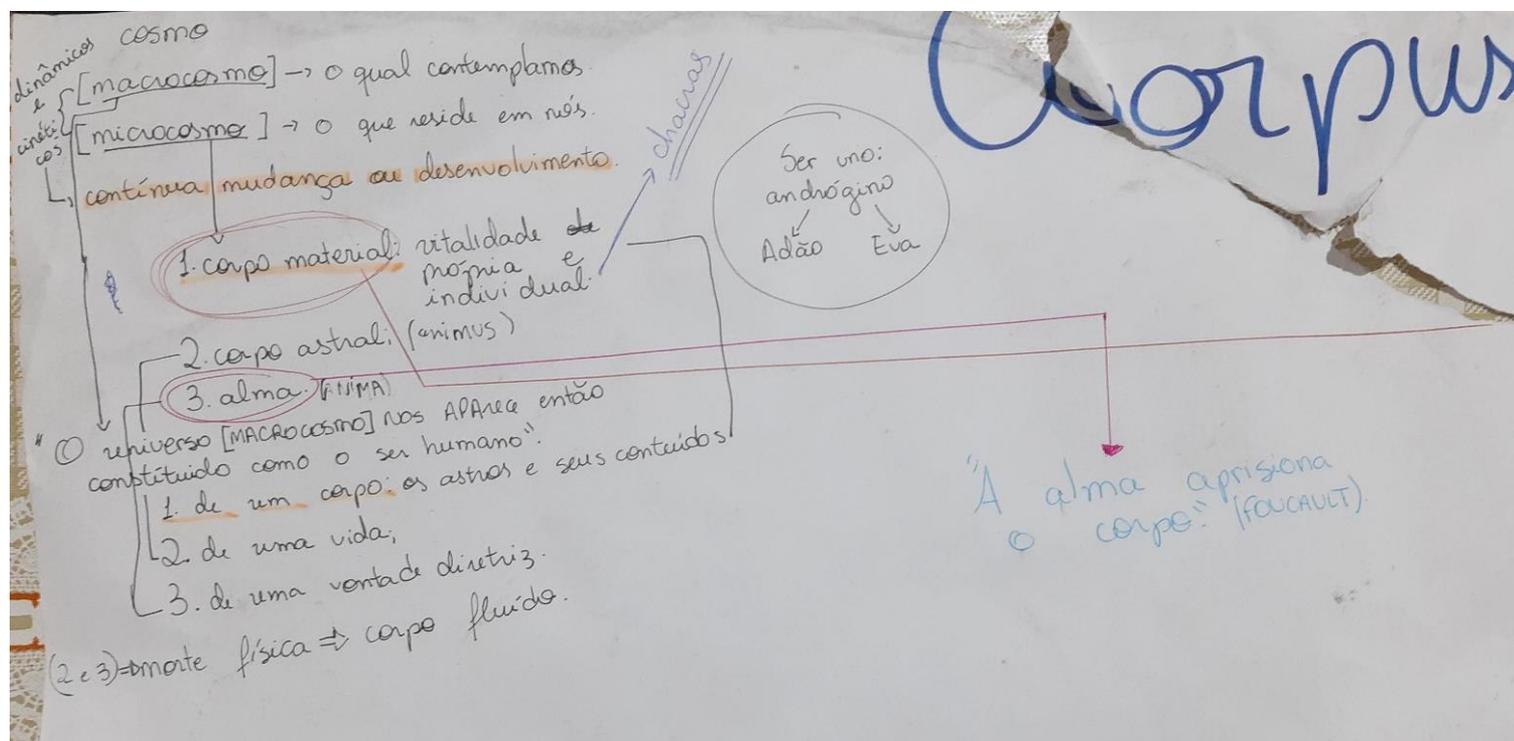
Excertos de O1



Habitat mim?

Excertos de O1

Os impactos do contato com esses textos apontam para o reconhecimento do corpo como falante, participante ativo da cultura, espaço de existência, e capaz de criar. Essas associações desencadearam diretamente no processo que é encorpado em (O2 e O5). Quando O2 se torna visível, após o longo processo de apropriação de concepções de corpo desenvolvidos em O1 e S1, o mapa conceitual se mostra da seguinte maneira:



O2

Corpus (N)

(opõe-se a animas)

SOMA
(corpo morto)

DEMÁS
(corpo vivo)

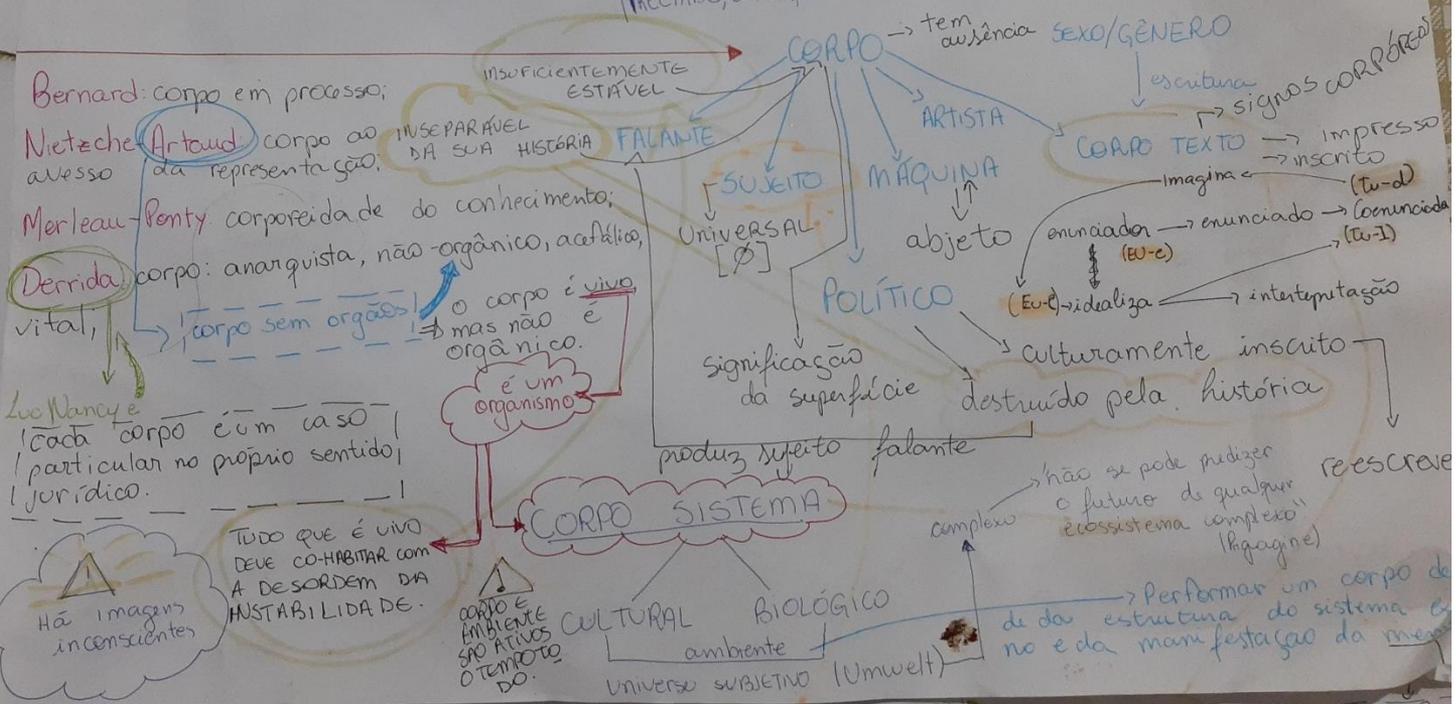
Corpo, cadáver, matéria,
comparações, tronco

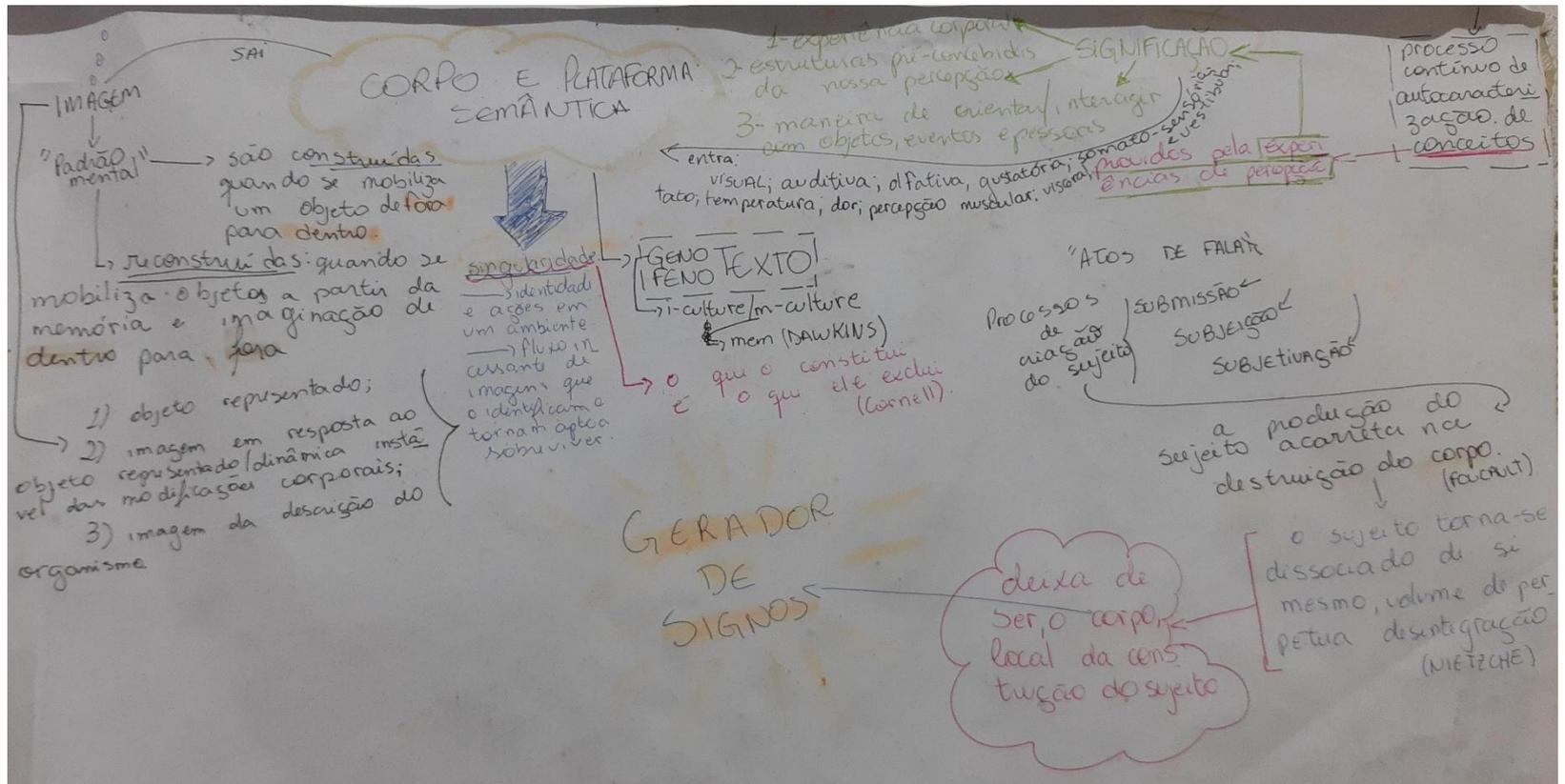
(MAISSIAT, O pequeno dicionário de latim)

"A arquitetura do
corpo é política"

(PRECIADO, O manifesto contrasssexual)

SISTEMA:





Considerarei, naquele momento, com base nas referências apresentadas, que o corpo se significa como

«insuficientemente estável»

Excerto O2

Desembocando em uma série de descrições entre as quais destaco:

«tem ausência»

«é texto»

«é artista»

«é político»

«é sujeito»

«é falante»

Excerto O2

Para dar conta, ainda desse documento, é necessário que O1 seja retomado porque ele guarda em si o último estudo para situar as referências conceituais sobre o corpo.

O documento aqui posto é uma cartografia do sensível, abriga em si os primeiros estudos dos conceitos de corpo e de sua apropriação como criação. Aos olhos, o primeiro conteúdo nele encontrado é a descrição em latim do dicionário:

«corpus, -oris (n): corpo, cadáver, matéria, corporação e tronco»

Excerto O2

Na descrição, a inferência, sublinhados com marca-texto, desenrola aqui o destino do processo:

«matéria e tronco»

Excerto O2

Abaixo dessa descrição, o documento se relaciona com o processo de criação anterior, *Pontua-se Amores Impressos* – indício das redes que sustentam o processo criador como algo que permanentemente

reverbera no processo da artista, produzindo desdobramentos conceituais e experimentais. Para Cecilia (2011) é impossível de se determinar nitidamente qual é o ponto inicial e final de processo, porque ele é um percurso contínuo tendo sua regressão e progressão infinitas. Também é caracterizado pelo sua não-linearidade (CECILIA, 2006) conceitualizando assim a ideia de rede, em que os processos interagem configurando nós nos pontos que se relacionam.

À esquerda dele, isolada, mostra-se a concepção de corpo místico. Nela, o corpo material é o microcosmo, opõe-se a alma (parte pertencente ao Diecko na mitologia daquele romance). O corpo material se transmuta de parte do microcosmo indo ao encontro de Christine Greiner, em seu livro *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*.

Nesse livro, Christine (2008) apresenta uma série de estudos do corpo, abordando estudos sobre a história e sobre a teoria do corpo, estudos sobre a cultura e o processo de cognição, estudos sobre o corpo artista (dramaturgia e performance) e um artigo seu com Helena sobre a teoria do corpomídia. A construção do livro permeia esses níveis do corpo para uma introdução do estudo dele, ao mesmo tempo que mostra que

Para tratar do corpo, não basta o esforço de colar conhecimentos buscados nas disciplinas aqui e ali. Nem trans nem interdisciplinaridade se mostram estratégias de abolição da moldura da disciplina em favor da indisciplinada que caracteriza o corpo. [HELENA (2004), apud CHRISTINE & HELENA (2008, p. 126)].

Desse modo, o livro apresenta teorias da filosofia, antropologia, biologia para a construção de uma teoria do corpomídia. Esse artigo tornou-se essencial para o conceito que desenvolvi sobre o corpo, buscando entender como se dá a experiência do corpo, considerando o contexto de atuação. O corpo não é um recipiente onde as informações do ambiente são abrigadas, o processo de cognição e interação com o externo se dá, sobretudo, pelo movimento.

Isso é, um corpomídia se situa em um contexto. Tomei, assim como Christine & Helena (2008), o conceito de Thomas [(1991) apud CHRISTINE & HELENA (2008, p. 130)]: contexto é o “reconhecimento que um organismo faz das condições e maneiras de usar efetivamente uma mensagem”. Desse modo o contexto inclui tanto o sistema cognitivo, as mensagens que atuam paralelas, a memória de outras

mensagens que já foram experienciadas e processadas, além de futuras mensagens que serão postas em ação e que já existem como possibilidade (CHRISTINE & HELENA, 2008).

A partir desse conceito de contexto, é possível adentrar no corpo-sistema de Jakob (1942), também abordado pelas autoras, que não entende mais o corpo como recipiente de informação, ele é, sobretudo, uma interação entre corpo e ambiente, sendo ambos ativos a todo tempo. Com base nos documentos de processos analisados e nos autores que me balizam, é possível construir o conceito de que trabalhar com o corpo-sistema é dizer que corpo e ambiente estão em constante interação, exercendo pressões e modificações sobre si o tempo todo. Sendo assim, não existiria aqui a relação entre sujeito e objeto, posto que ambos são ativos, e se influenciam o tempo todo.

Esse fluxo contínuo de informações entre corpo e ambiente é capaz de conceber que as informações trocadas entre eles são incorporadas no corpo de maneira a tornar-se o próprio corpo. Christine & Helena (2008) ainda apontam que esse fluxo de trocas é contínuo, tornando o corpo sempre-presente.

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. (CHRISTINE & HELENA, 2008, p. 131).

As informações, ao serem processadas e conceitualizadas pelo corpo, tornam-se corpo porque estruturam nossa percepção, nossa maneira de se relacionar com o mundo e com outras pessoas, nossa forma de nos comunicarmos. Para Maurice (2014, p. 12) o corpo é “ao mesmo tempo vidente e visível”. Isso é, ao mesmo tempo que olha o mundo, reconhece-se no que vê.

É o corpo-sistema que ainda se torna o conceito chave de O1 e O2 para a continuação da análise do processo. Isso porque ele se insere em um ambiente cultural, biológico e tem seu universo subjetivo. É a luz dessas abordagens que, ao compreender corpo como um onde: um lugar que percebe o mundo e que o incorpora, tornando o mundo seu corpo, delimito o ambiente de interação desse corpo: a casa. Logo nos próximos documentos de processo, O3, O4, O5, que apresento.

Essa ligação aparece nos próprios mapas mentais que formulei para o primeiro passo do desenvolvimento metodológico da pesquisa¹⁰. Desse modo, considero o corpo e a casa estão em constante ponto de interação e se significam mutuamente. O corpo cultural, vive no e do corpo biológico, por meio dele, dentro do ambiente casa. Algo como uma casa dentro da casa (já que o corpo o incorpora ao interagir com ela).

A partir dessa estrutura simbólica que se forma, o corpo biológico é inscrito pelo corpo cultural com o qual está interagindo. Entre a interação desses dois corpos em inscrição (cultural e biológico), um outro caminho se apresentou como possibilidade de criação. Um encontro que significou não só a construção desse corpo como abrigo, mas também como aprisionamento da subjetivação, marcado por uma dependência da estrutura.

A construção desses dois corpos também deriva de conceitos dos estudos do texto *Utopia do Corpo* de Michel (1966). Pois, nesse texto a alma pode tanto ser encarada como a utopia de um corpo que a aprisiona, como a utopia de um corpo que a abriga.



O3

Nesse contexto, corpo-casa e corpo-cárcere estabeleceram relação antônima. Se com base em um deles, corpo-casa, o sujeito compreende a estrutura (corpo biológico) da qual é intrínseco e relaciona-se com ela intimamente, no outro, corpo-cárcere, o sujeito aprisiona-se nela por não ter em suma o contato essencial com o mundo. Em meio a esses conceitos, meus processos mostraram que o conflito das

¹⁰ Ver Corredor Primeiro: provisório permanente de estruturação processual, ou período de caoticidade. (p. 26).

estruturas de inscrição só poderia ser mediado pelo sujeito que assume para si a postura acolhedora do abrigo.

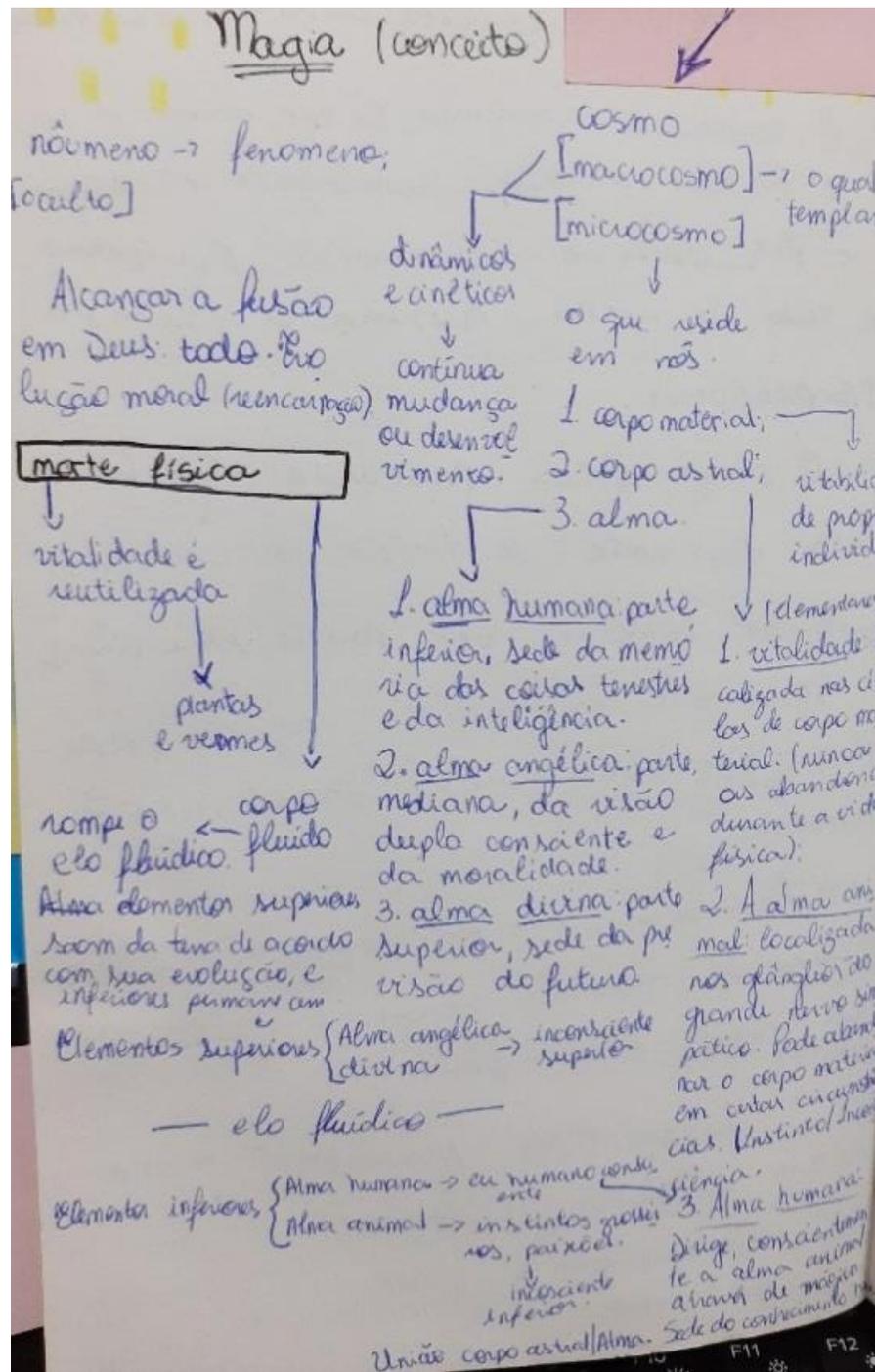
Tal postura seria capaz de trazer ao corpo o seu recanto para devanear e sonhar, criar sobre si a própria imagem de afeto e abrigo permitindo, ao inverso do corpo-cárcere, que a estrutura do eu pudesse se desdobrar sobre si. Esse conflito de conceitos, presente nos documentos O3, O4 e O5, remete ao corpo-cárcere à visão que também aparece em O2 sobre o corpo místico.

Em outras palavras, assumir o corpo-cárcere é assumir a estrutura de corpo esotérico (corpo físico, corpo astral e alma), valendo-se dele como “um corpo que será belo, puro, transparente, luminoso, célere, colossal em seu poder, infinito em sua duração, ágil, invisível, protegido, transfigurado” (MICHEL, 1966, p. 4). E ao encará-lo de tal modo, o corpo material é tomado como sua oposição: “corpo lamacento – ou pelo menos não muito limpo” (MICHEL, 1966, p. 4).

É nesse sentido que, para se lidar com esse corpo-cárcere, só se poderia liberar o corpo místico que vive aprisionado à estrutura biológica, porque só desse modo teríamos contato com a real essência do mundo. E atingir a nossa totalidade perfeita no mundo.

Essa utopia de um corpo incorpóreo destrói o corpo físico ao mesmo tempo que é sustentado por ele. Essa relação entre ambos encaminhou para, por um lado, o possível o corpo seja esse espaço de abrigo do incorpóreo, pois ele sonha, devaneia, fantasia. E por outro, o possível corpo que só se concretiza quando o corpo corpóreo se reduz.

O corpo místico que aparece em O2, como já dito anteriormente, é relacionado ao processo de *Pontua-se Amores Impressos*. Os estudos sobre esse corpo estão alocados em S1, mesmo documento de processo que está inserido o estudo sobre Beatriz (2014). Além disso, ressalto ainda a ligação do processo de *Pontua-se Amores Impressos* com *A Dança do Sol*, explicado em *Corpo Falante e Inscrito* [p. 11]. Rit, o narrador de *Pontua-se Amores Impressos*, tem como objeto compreender a essência por trás das religiões, a partir disso, denomina a essência do mundo como Diecko (mesmo personagem que adentra a casa em *A Dança do Sol*). Retornando ao corpo místico, tal conceito é estudado em S1, em um estudo sobre os conceitos de magia.



Excerto de S1

"O universo nos aparece então constituído do cosmo e homem:

1. De um corpo: os astros e o que estes contêm;
2. De uma vida: as conentes de luz que Banham os astros e que contêm as forças ativas da natureza, os anjos.
3. De uma vontade diretiva transmitida por toda parte através do fluido invisível ao sentido material: Imagetismo universal para o ocultismo, Aour para a cabala, ouro para a alquimia, atração universal ou amor dos astros.

Excerto de S1

Na concepção mística de universo, o mundo visível se resume ao cosmo: a totalidade do universo. A unidade do cosmo se subdivide em macrocosmo e microcosmo, sendo de natureza holística. Isso é, tudo que existe no macro (o que contemplamos), existe no micro (o que reside em nós). Interagindo entre si, ambos estabelecem o dinamismo do universo.

O macro e microcosmo se organizam em três partes (como apresentado em O2 e S1). O microcosmo tem o corpo material (o sustento nesse plano), o corpo astral (composto pela vitabilidade intrínseca às células, pela alma animal responsável pelo nosso instinto e inconsciência e pela alma humana que controla

a animal e guarda o conhecimento humano) e a alma (composto pela alma humana – ligada diretamente ao corpo astral –, pela alma angélica – consciente e moral – e pela alma divina – alma superior que reside a previsão do futuro). Já o macrocosmo tem o corpo físico (os astros), a vida (as correntes de luz e as entidades que guardam as energias da natureza) e a vontade (diretriz transmitida através do plano invisível, elemento essencial para o ocultismo, cabala e alquimia).

O corpo astral é essencial para esse processo, principalmente por sua relação com o campo semântico Sol. Esse corpo existe no mundo espiritual, sendo utilizado em técnicas como a projeção astral. Nesse outro excerto do documento há diversas anotações sobre o a organização do mundo espiritual.

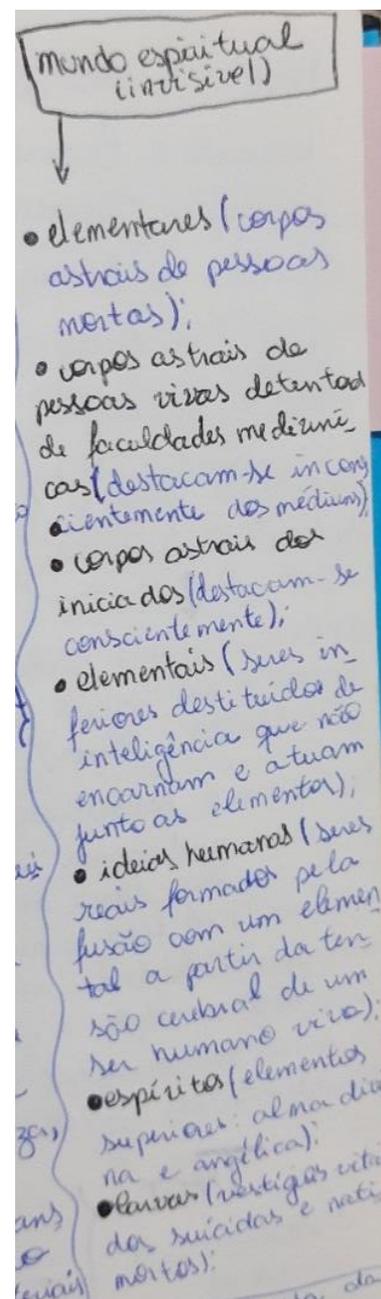
Dessas anotações, a que mais se destaca durante o processo é a descrição de *elementais*. A descrição desses no documento S1 é:

« seres inferiores, destituídos de inteligência que não encarnam e atuam juntos aos elementos »

Excerto S1

Esse termo foi utilizado para a descrição de Diecko em *A Dança do Sol*.

Compreender essas estruturas de abrigo e cárcere, permitir-se sonhar ou não é o conflito desse corpo que se relaciona com o ambiente, que se relaciona com casa, que se relaciona consigo porque é impossível que não o faça. Esses pensamentos que permearam a construção de um corpo em diversas perspectivas, construíram sujeitos que entendem um mesmo corpo de formas distintas (documento O5).



Entretanto, considero que o sujeito que se abriga no corpo-casa passa a ver a sua estrutura como única via de interagir com o mundo. Apela ao corpo não mais como abrigo do eu ou sustento dele no ambiente, mas como uma camada porosa de carne que é a própria carne do mundo: sujeito, corpo e mundo compostos pelo mesmo estofó (MAURICE, 2014).



O4

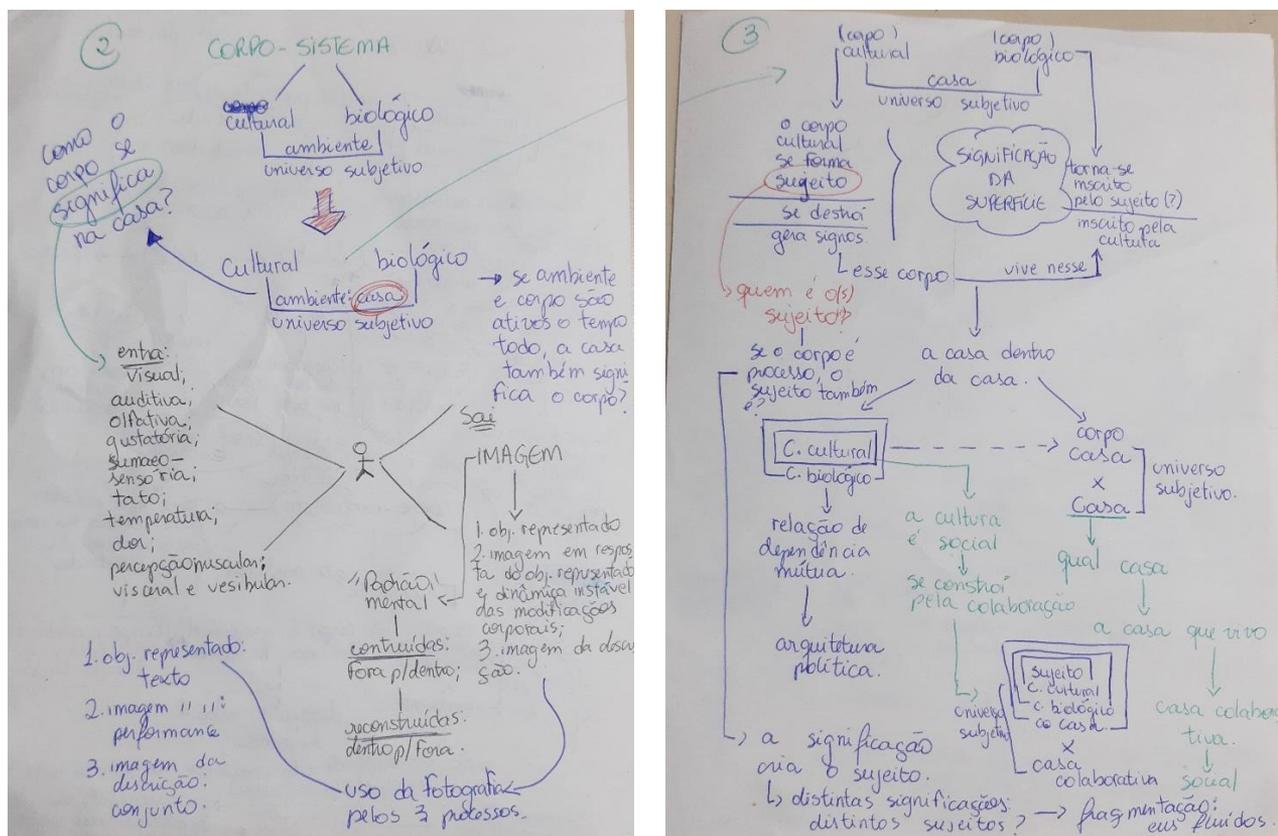
Ainda se tem aqui a construção de uma casa, de modo individual, ela é estruturada pelo sujeito com a finalidade de se abrigar, proteger-se do mundo. Nesse sentido também, os ensaios até O4 foram autorretratos realizados na Casa do Estudante Universitário (CEUL):



O3

Esse signo explorado ganha, através do corpo, a flexibilidade da locomoção (leva valores, história, camadas de tintas que falam com o morador a cada reforma). É com essa concepção que o caminho até O3 é traçado: a casa individual capaz de abrigar seu sujeito, sua história e ser também seu lugar no mundo.

Esse caminho também abre portas para o processo de subjetivação desse corpo que aparece mais forte nos documentos (O5, O6 e O7), em que o ambiente casa se desdobra na própria casa vivida, na própria experiência de uma casa que não é a padronizada pelas relações familiares, mas sim, uma casa colaborativa, avessa à hierarquias, a Casa do Estudante Universitário Leopoldense (CEUL).



Cartografia do Sensível Corpus, -oris (n).: (2018) [ampliado na p. 33]

O sujeito significa por si, em seu corpo, a estrutura avessa a qual se insere. A interpretação de ambos a partir dessa perspectiva traz ao processo a nova porta de entrada ao mundo sensorial da experiência.

A interação corpo-casa, assim como corpo-mundo, faz-se a partir da entrada de informação seja por meio da visão, da audição, do olfato, do paladar, do sistema somatossensorial: do tato, da temperatura, da pressão, da dor, da percepção muscular, visceral ou vestibular. É ela ainda que institui no corpo uma imagem do objeto representado, uma imagem em resposta a do objeto representado e uma imagem da descrição do organismo (esquema que será adotado para a criação de fotolivros - zines). Desse modo, a percepção e sua experiência resultam a própria construção do processo artístico.

Justamente, aqui a criação se ramifica, a foto-performance não dá mais conta sozinha de explorar a entrada de informação e construir do próprio corpo uma casa coletiva, colaborativa. Ao se olhar para o corpo cultural e entendê-lo como suficiente dependente do corpo biológico, portador de valores sociais, comunicativo, o corpo não se suporta como casa do indivíduo e se manifesta em relação enunciativa.

Com quem o corpo fala é intrínseco a ele. A adoção desses sujeitos dentro de uma casa coletiva se manifesta, primeiro, a partir da narrativa individual da existência desse corpo, já que “o corpo expressa uma crise constante absorvendo e extraindo experiências sensíveis oriundas do mundo e simultaneamente, povoando e devolvendo ao mundo experiências formalmente reconstruídas” (EDITH, 2012, p. 81).

E o processo ganhou aqui o aspecto literário manifestado por O5. É nesse ponto dos documentos também que os estudos ganharam o nome de *Corpus, -oris (n)*.¹¹ Esse projeto foi um trabalho artístico-literário realizado no primeiro semestre de 2018 para a atividade acadêmica Transdisciplinaridades e Contextos¹². As referências citadas anteriormente em O1, são relacionadas às práticas de estudo dessa atividade e da participação de encontros no LabQuase.

O5 se trata de um arquivo de oito páginas com textos. Os textos nele possuem reflexões sobre o corpo como casa ou como cárcere, a mutação desses estados, ou como espaço de criação de sujeito. Os títulos dos escritos encontrados nele são: *Imóvel, Vagar demais, Isento, In natura: uma reflexão sobre a neutralidade biológica, La sangre, A necessidade de abrigar-se, A voz, Marcado, Descobrimento, Nota e Não jogue sal em mim.*

¹¹ Ver p. 42.

¹² Atividade Acadêmica do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades, Artes e Tecnologia que cursei complementarmente ao meu currículo na UNISINOS.

Quatro desses textos (*Imóvel*, *Isento*, *A necessidade de abrigar-se* e *Marcado*) deram à luz a outros documentos de processo (O6, O7, O8, O9, O12, O13, O14, O15, O16 e O17) dentro desse campo semântico de documentos. Além disso, esses documentos serviram de base para o projeto *Corpus*, *-oris (n)*.: Enquanto *Vagar demais* estabelece relação com campo semântico do Sol e *Não jogue sal em mim* estabelecem relação com outro momento desse mesmo grupo (Onírico).

Optei por analisar primeiro o texto *Imóvel* que apresenta, nessa primeira entrada, elementos essenciais para se entender a coletivização do processo de abrigo ligado ao corpo. Esse fato se dá por dividir o sujeito em três: há “*o da direita*”, “*a da esquerda*” e o narrador onisciente:

IMÓVEL.

O da direita disse que são só problemas, mas nem ele acredita no que diz. Não sabe que esses problemas vão lhe causar tantas coisas. Que pena! Que lástima, diria. Nada demais, nem de menos: esse é o problema dos mornos. Eles, sendo a maioria que são, impedem o desabrochar dos intensos, os podam como um jardineiro inexperiente.

A noite cairá e ele não conseguirá dormir. Rolará entre as cobertas tentando achar a espada do seu príncipe. Que príncipe? Desconhece tal. Aí o corpo torna-lhe denso, pesado, imóvel.

Afunda-se e pede socorro. Soterrado demais, preocupa-se demais. Morre demais. Seu corpo pesa. Existir se torna exaustivo e ele se diverte entre pensamentos e falta de atitudes.

A coragem nunca foi sua. Às vezes a toma, às vezes a vomita.

Acaba, por fim, em chamas. O colchão é perda total. O edredom, nem se fala! E, aos poucos, o quarto cede às chamas, mesa de cabeceira, roupeiro, penteadeira, espelho, lustre. Tudo em chamas. Não há escapatória do monstro que saiu.

A da esquerda tenta apagar com extintores e ligando para bombeiros. É tarde demais, já não há outra saída. É preciso um médico. Toda a inconstância se tornou imobilidade.

Indeciso! Grita a da esquerda. **Faça uma escolha.** Porém nada é suficiente para suprir o descobrir de um eterno poeta. Com suas mil teorias sobre plástico bolha e pessoas infláveis, a febre jamais cederia.

Um som ecoa na casa. Uma voz. **Ser imóvel também é coragem**, ela diz. E o fogo cessa. A febre cessa.

Acho que sou casa. Ambxs xs moradores respondem juntxs.

Excerto de O5

Foi necessário, nele, observar algumas palavras e experimentações de expressões que aqui utilizei. Isso porque elas desencadeiam nós com outros documentos de grupos diferentes, construindo uma rede de criação e não o desenvolvimento linear do processo apenas dentro desse grupo.

O primeiro aspecto que percebi nesse texto é o que “*imóvel*” é um termo completamente ambíguo. Se, em alguns contextos, ele significa “o que não se move”, por exemplo no terceiro parágrafo:

«*Aí o corpo torna-lhe denso, pesado, imóvel* »

Em outros, ele deixa implícito que significa “ser uma edificação”:

«*Ser imóvel também é coragem*»

À primeira leitura, é evidente que se consolida no texto a discussão sobre o conflito das estruturas: corpo-casa e corpo-cárcere, sendo o cárcere “*o da direita*” e a casa, “*a da esquerda*”. O corpo-cárcere reflete sobre si dizendo que tudo é um problema, evoca-se aí a falta da liberdade: não há o contato com o substancial, tudo é morno. Outra característica desse primeiro parágrafo do texto é que não há a distinção de fala entre a personagem e o narrador. Quem é sujeito de “*diria*”, por exemplo? Pode tanto ser o narrador, quanto “*o da direita*”.



13



14



15

Arquivos do Instagram de mudança de estado do corpo¹⁶.

¹³ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Em ebulição: mornar**. [S.l.], 2 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BkvFZiilE_F/. Acesso em: 25 maio de 2020.

¹⁴ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Em ebulição: ferver**. [S.l.], 2 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkwDtLElr9h/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

¹⁵ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Você não gostava de garotos imprevisíveis?**. [S.l.], 4 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bk1FEIolcLY/>. Acesso em: 25 maio de 2020.

¹⁶ Ver anotação de Canton: “O corpo muda de estado toda vez que percebe o mundo” (p. 56).

Para além disso, o conceito de imobilidade também se cria no texto a partir de duas forças igualmente intensas que puxam o mesmo objeto (corpo) para lados diferentes. O conjunto de forças executando essa ação equivalem a inércia do objeto: ou ele pende para um lado por vontade própria, ou uma das forças deve sobressair sobre ele.

Ao ouvir a voz do corpo-cárcere, o próprio ato de existir é cansativo. É o que torna, ao sujeito, o corpo pesado. Estar preso em si é tomar como única possibilidade de experiência o que se pensa:

«Existir se torna exaustivo e ele se diverte entre pensamentos e falta de atitudes»

A frase:

«A coragem nunca foi sua. Às vezes a toma, às vezes a vomita»

merece uma atenção especial. Ela se descola desse texto para criar um nó com o S7 (*A Dança do Sol*), do grupo Sol. Nesse documento, o personagem Marte diz:

«- Coragem... – sibilou Marte – às vezes a tomo, às vezes a vomito»

Excerto de S7 (p. 14)

Conferindo a Marte sua construção intensa de comungar de sentimentos que não são seus, mas oferecidos de fora para dentro.

Voltando às relações internas, o corpo-casa tenta apagar o incêndio causado pelo pensamento intenso do corpo-cárcere. Mas é tarde demais quando já se deu ouvido a ele. A inconstância de se dar ouvido aos dois, transforma a inconstância do sujeito em imobilidade. O corpo-casa grita para que o sujeito faça uma escolha.

Só que o sujeito, preocupado demais em suprir seu universo de descobertas, não quer escolher. Como poeta que é, precisa ampliar ainda mais seu universo. Então, o incêndio é metaforizado como uma “febre”, efeito biológico que aquece o corpo para matar corpos intrusos.

Nesse parágrafo também aparecem, antes, dois termos importantes que remetem a processos anteriores de criação:

« plástico bolha »

« pessoas infláveis »

Esses termos estão associados ao universo de *Pontua-se Amores Impressos*, especificamente, de *E o Humano?*, sendo uma interpretação de mundo do personagem Zei. Em *E o Humano?*, Zei apresenta várias interpretações do mundo, das relações sociais e das relações humano-mundo. Uma delas é a que o texto *Imóvel* recupera: *pessoas infláveis* e *plástico bolha*, sendo o primeiro um tipo humano e o segundo, o mundo.

Plástico bolha é um material derivado do petróleo, inflado por outro objeto do mundo (o ar), e usado para embalar objetos frágeis, evitando que se quebrem durante um transporte. Os objetos frágeis, assim como o plástico bolha são produtos construídos pela humanidade. Dessa maneira, o plástico bolha apresenta para Zei não o mundo em si, substancial, mas a interpretação do mundo pelos humanos: utiliza-se da extração de um produto de decomposição de seres vivos para construí-lo. Isso é dizer que nossa concepção de mundo está intrinsecamente ligada ao que não morre de outras formas de vida.

Então, insere-se o humano: que, ao receber seu produto de natureza frágil, diverte-se com o plástico bolha para aliviar o estresse, ou simplesmente o deixa de lado. As pessoas que se divertem com o plástico bolha estabelecem com o mundo uma relação completa por tornarem-se o próprio mundo (agora subjetivo) que abrigará o objeto frágil.

Nessa interpretação, Zei propõe que nossa interpretação de mundo, assim como nós, é constituída de um elemento externo presente que nos infla e da extração de um produto de decomposição do mundo. E aponta, ainda, para uma ligação substancial entre pessoas infláveis e plástico bolha, isso porque ambos são feitos a partir do mesmo material. É aí preciso lembrar ambos de suas estruturas formais.

Há, a partir desse desfecho, a entrada de um eco na casa ambiente em que o texto se passa. Esse eco e voz que adentra o espaço é um direcionamento à saída e abandono do corpo-cárcere, afinal, ele anuncia um caminho a partir da ambiguidade de ser imóvel:

« Ser imóvel também é coragem »

Os personagens interpretam imóvel como uma edificação e se acordam abandonando o conceito de corpo-cárcere e pondo à frente o conceito de corpo-casa:

« Acho que sou casa »

A inconstância ainda se mostra importante no processo em outros dois textos desse documento que se sucedem: *Vagar demais* e *Isento*. No primeiro, para além da inconstância, o corpo-casa, construído anteriormente, ganha atributos arquitetônicos, estilísticos, e deixa de ser apenas uma construção a ser contemplada. Contemplar é o ato que precede o entender. E entender não é convencional.

Esses textos, agrupados em O5, carregados de reflexões, de diferentes tipos de corpos em relação com a casa mostram que “o ato de criação não vem de uma nada homogêneo e absoluto, mesmo firmando-se sob um véu de névoas”, mas que “o ato criador são recortes, são incisões, são reuniões do heterogêneo, pinceladas de singularidades, são afirmação, são negações. O ato criador são” (EDITH, 2012, p. 34). Retomar conceitos anteriores e refletir sobre eles é uma constante reunião de atos.

VAGAR DEMAIS.

Instabilidade, impertinência, não-pertencer. Como é estar sintaticamente desconectado, sensível demais, frio demais, quente demais, imóvel demais? Ossos pilares, veias canos, células paredes. Tudo parece estar organizado, não está. É só proximidade, convenção, a necessidade de organizar é não aceitar a bagunça da convenção.

Quando que não se é convencional, aceita-se a bagunça do conveniente que nos foi ensinado. A convenção é atender às expectativas dos outros. O corpo prédio é visto e contemplado, ignorado seus conceitos. A vista convencional só dá conta da contemplação.

Dentro deste mundo [convencional], o ventre sintático pare corpos que não são prédios simples, os corpos arquitetônicos vagam demais: exprimem desejos, inscrevem-se, mutilam-se, transbordam-se. São os prédios arquitetônicos que me interessam, são inspiradores, inspirados, pensadores ou céticos. Porém sempre são arquitetônicos.

Repensam suas células, abrem veias, pintam a pele, desmatam floras nativas e as esperam crescer. A beleza dos corpos é a da sua infinitude e complexidade.

Contemplar-se é só o movimento promissor ao se entender, e se entender foge do convencional. Entender-se é saber que o corpo nunca é omissivo, que ele sempre está ali: se apropriando, se tapando, se mostrando. Porém ali sempre.

O que se vê, nunca é o que o corpo é, e o que o corpo é nunca se vê, nem se verá. O corpo selvagem e original é neutro, profundo e vago demais.

Assim, os corpos vagam demais porque o convencionalismo dos outros se inscreve neles e a escolha dos outros antecede a minha. Mas quem são os outros? Os outros também habitam o mesmo corpo que eu.

Excerto de O5

Vagar demais

Instabilidade, imputirância, não-pertença.
Como é estar sintaticamente desconectado, sensível demais, frio demais, calor demais, imóvel demais?
Ter ossos concavos, veias-aranhas, células paredes.
Tudo parece estar organizado, ~~mas~~ não está.
É só proximidade, convergência, a necessidade de organizar e não aceitar a bagunça da convergência.

Quando não se é convencional? O ^{conveniente} ~~conveniente~~ ^{convergência} ~~convergência~~ ^{expectativa} ~~expectativa~~
que nos foi ensinado. ~~Não há estados~~ ^{abundância} ~~abundância~~ ^{an} ~~an ^{expectativas} ~~expectativas~~ ^{se} ~~se ^{dos} ~~dos ^{outros} ~~outros~~. O corpo
médio é visto e contemplado, ignorando seus
conceitos.~~~~~~

Dentro do mundo convencional, a ^{ventre} ~~ventre~~ ^{sintático} ~~sintático~~
parece corpos que não são pedras simples, Os
corpos arquitetônicos vagam demais: exprimem
desejos, inscrevem-se, mutilam-se, ~~transbordam-se~~
São os médios arquitetônicos que me interessam,
são inspiradores, inspirados, pensadores ou ^{atios} ~~atios~~.
Porém sem, ~~ne~~ ^{são} ~~são~~ ^{arquitetônicos} ~~arquitetônicos~~.

Pensam suas células, abrem veias, pintam a
pele, desmatam as florestas nativas e as esperam
crescer. A beleza dos corpos é a da sua in

Excerto de S2

Finitude e complexidade

Contempler-se é o movimento por não se
entender-se. O corpo nunca é omissivo. Ele
sempre está ali: se apropriando, se tapando,
se mostrando. Porém ali sempre.

O que se vê nunca é o que o corpo é,
e o que o corpo é nunca se vê, nem se verá.

O corpo selvagem é ^{original.} neutro, profundo,
vago demais.

Assim, os corpos vagam demais porque
a escolha dos outros antecede a minha.

Mas quem são os outros? Os outros
também ~~são~~ habitam o ^{mesmo} corpo que
eu.

Retomei esse termo no processo de criação. Convencional é a estrutura pensada por Rit em *Pontua-se Amores Impressos* para explicar que só é possível ver o que se convém. O que foge da conveniência é algo exótico a ser contemplado ou criticado, mas não entendido. Por isso, entender-se é um passo que exige duplamente inconveniência: primeiro ver-se como não convencional e, em seguida, nem se contemplar, nem se criticar, mas entender-se.

A evocação dessa estrutura aparece no texto:

« Dentro desse mundo [convencional] »

Além disso, o vocabulário do texto toma proporções linguísticas:

« sintaticamente desconectado »

« o ventre sintático pare corpos »

evidenciando a natureza comunicativa do corpo agora. Ele abandona sua inércia para construir um caminho traçado pelo vazio: o vagar. E é nesse caminho que o corpo se atribui conteúdos:

« os corpos arquitetônicos vagam demais: exprimem desejos, inscrevem-se, mutilam-se, transbordam-se »

A partir dessa tendência, a estrutura de entender o próprio corpo a partir de uma imersão é assegurar ao corpo seu direito de se fazer comunicar como bem queira e de conceituar o corpo não mais como a estrutura que se vê, mas como os significados que ele carrega em si. E os seus próprios significados são gerados socialmente, isso porque

« o convencionalismo dos outros se inscreve neles e a escolha dos outros antecede a minha »

Porém, o corpo, ao mesmo tempo que é interpretado, também é interpretante: o vidente que se vê, (MAURICE, 2014). Então se pergunta:

« Mas quem são os outros? ».

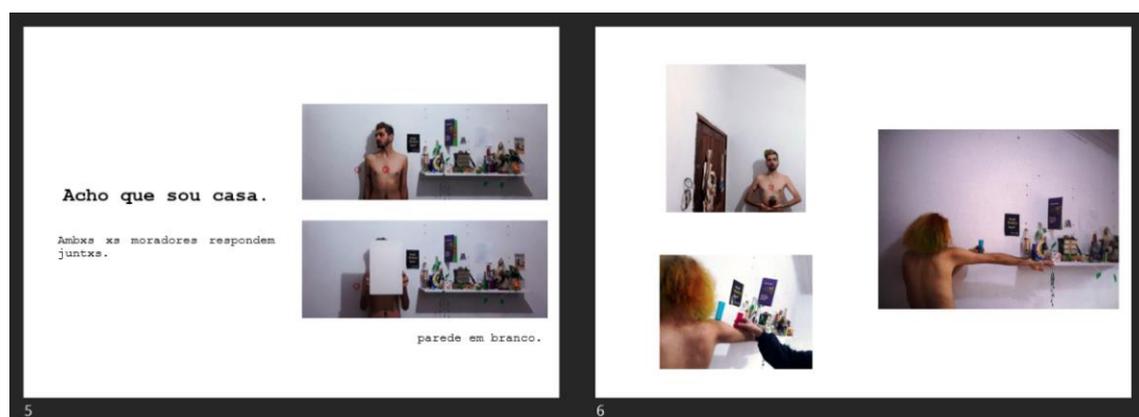
E a resposta obtida é a incorporação do outro a si:

« Os outros também habitam o mesmo corpo que eu »

Nesse sentido, destaco a concepção de Edith (2012, p. 81) sobre o corpo criador: “com este corpo, grávido de *eus*, delineador de subjetividades eternamente emergentes, o ato criador – massa mesclada do pensamento com impulsos, emoções, sensações, afetos, memórias, imagens, vontades, desejos – se

arremessa ao mundo de forma incisiva e decisiva”. Esse corpo criador sempre está no início e no final das ações e da experiência, ele sempre se postula no meio. “*Estamos sempre no meio*” (EDITH, 2012, p. 81).

Outro texto que merece especial atenção em O5 é o texto *Isento*, isso porque é a partir dele que é feito o ensaio fotográfico do documento O11 e O13 e, com algumas fotos suas. Logo a seguir apresento ambos. O texto se contrapõe aos outros dois aqui apresentados por não abordar a temática do corpo, na verdade, o texto parece fundamentar a ideia imobilidade que é abordada nos outros dois.



Excerto de O11



Excerto de O13

Levei em consideração, desse modo, que a “imobilidade” de *Imóvel* e de *Vagar demais*, e a indecisão de *Imóvel* justificam-se aqui como o sentimento de isenção. Isentar-se do mundo material para estar no reinado “indescansável” do seu próprio eu, tornando a corpo a inexistente nessa primeira ligação com os outros:

ISENTO.

Por aflição ou inquietude, permaneço onde estou. Sentado, abraçado entre estrelas e moedas de chocolate. Sou rei. De que? De onde? Não sei. Só sei de que não: rei dos outros, rei de alguém.

Posso fechar meus olhos e trancar minha entrada de luz, mas isso não me resolve. Sou insolucionável, já que do meu reinado interior, ninguém pode me proteger. Assim, repouso no meu indescanso interminável.

Indescanso de criança quando aprende a falar e, espalhafatosa e tarela que é, jamais compreende o silêncio dos mais velhos. Indescanso que animais têm quando pega fogo na floresta e correm para se proteger. Pata por pata, filhote atrás de filhote, a manada toda.

Meus pensamentos se organizam com patas, filhotes, manadas. Nunca estou só e jamais estarei, pois meu reinado, mesmo que frustrante, não cessa.

Não cessa, não cessa, não cessa! Nunca cessa! Mas de toda dor minha, torno-me isento da agonia que é a materialidade mental alheia.

Excerto de O5

Outro aspecto é o uso do prefixo *in* para criar palavras novas. Essa criação é recuperada pelos personagens Vênus, Júpiter e Marte em *A Dança do Sol* (S12). Eles explicam o mundo a partir da relação “sim” e “não” como antônimos dependentes entre si e o “in” se opõe a essa relação, sendo algo completamente intangível:

- Vênus, entende que há o conceito de “in”. É como se sempre estivesse havido o “sim” e o “in”. – Júpiter arregalou os olhos. – O “sim” abrange o “não”, pois cria uma relação de oposição: chove – não chove, come – não come. São paradigmas que não podem dividir o mesmo tempo-espaco... antônimos... mas ainda dependentes. Porém, o “in” é algo que não podemos concretar na nossa existência. Quero dizer, os sentimentos de Vênus e o que Vênus é por completa é inexistente para mim, pois não posso atingi-lo, diferente de dizer que não existe, já que posso chegar ao que não existe, excluindo o que existe.

Excerto de S12

Enquanto isso, o texto intitulado *In natura: uma reflexão sobre a neutralidade biológica* é uma conversa entre duas pessoas que tomam chá e falam sobre como uma estrutura social atrapalha a organização de uma viagem por pessoas baixa-renda. O texto é escrito em primeira pessoa e o excerto que trago aqui são alguns parágrafos que apontam o espaço como criação do sujeito, “emerge a figura do criador” (EDITH, 2012, p. 37).

A vida não é nada que não um ponto donde se pode observar a neutralidade biológica que tanto me incentiva e me inspira a escrever este texto sem nenhum fundamento, estrutura, ou bagagem sequer. O tempo e espaço estão a favor do estado de natura.

Entretanto, qual estado de natura? Se fecho os olhos por alguns instantes, percebo que sou apenas silêncio, vácuo, um espaço entre o que você é e onde a terceira pessoa começa. E por isso não existo e contemplo a minha não-existência quando estou sozinho no meu quarto e não vejo ninguém deitado na cama.

E, se preciso me neutralizar não sendo nada, admito a incrível possibilidade de ser tudo e me torno infinito com minhas ramificações inacreditáveis e pele furta-cor.

- Quanta aleatoriedade. – digo a outra face de mim que me olha com olhar superior. Minha inconstância me amedronta e me cativa. Crio-me assim, nunca sozinho, e sim no espaço de condição que os outros eus me dão e isso me faz odiar tanto estas duas palavras postas juntas: **mérito próprio**.

Excerto de O5

O narrador personagem aqui se compreende como um espaço vazio entre a existência de com quem se fala e de quem se fala. Além disso, o texto também remete ao excerto citado de S12, utilizando a não-existência. Isso é aquilo que se pode alcançar a partir da subtração do que existe.

O sujeito criado nas interpretações desses textos até agora se constrói no meio social inserido, seja ele aparecendo no espaço entre outros sujeitos, ou recebendo valores que antecedem sua escolha corporal. Essas duas aparições do sujeito vão encorpar ainda mais a construção de um corpo coletivo, encaminhando-se para os textos que mais se destacam desse documento: *A necessidade de abrigar-se e Marcado*.

A NECESSIDADE DE ABRIGAR-SE.

Naturalize agora o conforto do corpo, ela grita. Mas não tinha entendido direito. Naturalizar o conforto? Que conforto? **Referia-se ao abrigo**, disse-me o outro. Ainda estou avulsa no jogo.

É que toda essa busca, todo esse sentido, todo esse desejo são imanes. Ele me foi jogado e eu escolhi... o meu desejo vem das opções dos outros. A partir disso, locomovo minhas engrenagens, pernas, músculos e ossos para alguma coisa.

Quando aprendeu a gostar do conforto? No útero, respondo. No aconchego aonde não se sentia a fome, não se sentia a sede, não se sentia o frio, não se sentia nada. Nada disso existia, porque o universo nos constituía e só éramos curiosos ao ouvir as vozes que vinham de fora.

Se existe algum deus, é deusa e mãe. Porque o céu é um útero onde primeiro desenvolvemos nossa formação e somos jogados de lá em um cárcere que nos possibilita sentir. Primeiro eu aprendo com meu corpo, desconjuntado, sinto texturas, experencio.

Como, expilo, vomito, sinto falta do conforto. Que conforto? Terei de novo esse conforto? Dizem que o obtenho por uma casa, agasalhada no frio, sem sentir fome. Entretanto sei que jamais isso ocorrerá, porque o universo só se expande e porque meu cárcere cresce, envelhece e apodrece.

Meu cárcere orgânico sente outros prazeres e eu o uso para viajar por lugares que somente o hipotético me levava. Esse cárcere, porém, me limita e cria necessidades bizarras como a de dormir, a de comer, a de doer.

De novo, sinto ausências. E a isso reduzo o meu pensamento frenético: ausências! A necessidade do abrigar-se vem do útero.

Excerto de O5

Assim como em *Imóvel*, o texto apresenta três personagens: “*ela*”, “*o outro*” e a narradora-personagem. Há novamente uma relação estabelecida por um tríptico que forma os sujeitos do texto interessados ainda em disputar os conceitos conflitantes e em alimentar as prioridades de um corpo, alimentar o desejo que ele tem de estar confortável.

A voz do corpo-casa volta a se manifestar através da personagem *ela*:

«Naturalize agora o conforto do corpo».

Enquanto a voz do corpo-cárcere de novo aparece através da voz do “*outro*”. Nenhum dos conceitos agora exercem força ou movimento sobre a narradora, eles apenas estão enraizados em seus pensamentos e agem como mentores da narradora que se pergunta: qual é o conforto do corpo?

Um corpo vivo sente desejos, tem necessidades biológicas, sente a partir de sua estrutura e isso é convertido em ausências. Se sente frio, é preciso se esquentar; se sente fome, é preciso comer; se sente sono, é preciso dormir. Essas

«necessidades bizarras»

são o que limitam o corpo e por isso o aprisionam.

O desejo de suprir essas ausências é o motriz desse corpo para se encontrar misticamente e materialmente. Se, pela sua antecedência, o conforto nasce do útero, ele também é projetado para uma vida pós-morte em que o espírito não sente mais desejos. Entre os dois extremos só é possível tê-lo quando se está em casa, abrigado. Mas esse conceito é negado.

Embora o corpo reproduza a estrutura de casa, a necessidade de abrigo e conforto não é sanada. Isso porque o corpo aqui não só se liga a ideia de cárcere, mas sofre em si a internalização dessa estrutura. Renega a filiação à estrutura da casa porque não naturaliza em si o conforto primeiro, o conforto natural provindo do útero.

Naturalizar o conforto do corpo é, nesse sentido, recriar o próprio abrigo em si, costurar no sujeito e no corpo o desejo e o objeto da necessidade. Não pode ser feita de maneira não-subjetiva. É apenas a partir da estrutura ergativa de corpo que pode chegar ao conforto e à libertação do corpo-cárcere.

É com essa narrativa que é possível chegar ao *A voz*, poema já abordado anteriormente. O poema se inicia com a pergunta:

«Como chamo isso que me é demais?»

E eu te pergunto, leitora: como chamas isso que te é demais?

A VOZ

Como chamo isso que me é demais?

Pele? Não.

Boca? Não.

Etnia? Não.

Gênero? Não.

Minha pele abriga um corpo.

delimita espaço.

Eu corpo?

Às vezes

quando me deito quando me toco quando não existo.

Mas pra existir eu sou boca,

expilo

vomito

engulo

trago

degluto
falo
grito

Em etnia eu não me reconheço
Nem sei o que algo sou
Ou se soul
Gênero? Ele não me tem,
Não lhe pertencço/
Se pertencesse estaria presa,
e eu fluo demais.

Mas, ora, como chamo isso?
como?
modo? Não pode ser.
o que?
algo? Não poder ser.
onde?
lugar? Até pode ser.
onde já é um lugar.

Onde chamo isso que me é?

Excerto de O5

«Onde chamo isso que me é?»

É ainda a pergunta mais atordoante desse processo. Reconhecer-se como um lugar capaz de por si abrigar-se e estruturar-se de modo a nutrir o conforto, porém que corresponde a uma série de inserções sociais que são dúbias e necessárias. Construir um sujeito que se abrigue em si é ainda mais complexo que construir sua voz, é ainda mais complexo que dar espaço a essas vozes.

“Como encontrar a própria voz?”, disse Edith (2012, p. 41). “O reconhecimento de que na exterioridade afirmativa deste corpo existe um *eu público* ou de que na interioridade deste corpo existe um *eu anônimo* permeabiliza trocas entre *o eu que sou eu, o eu que é o outro, o outro que sou eu e o outro que é outro*”.

Edith (2012, p. 41) continua “distintos ingredientes no corpo se mesclam, constituindo uma subjetividade pessoal e coletiva: a presença concomitante de eus e outros, de uns e muitos”. As pequenas escolhas, únicas e pessoais, que fazemos compõem um pensamento: “a e-moção de um gesto”.

Faz-se necessário, então, reconhecer que, embora todos esses adjetivos permeiem o sujeito e o insiram socialmente, não podem ser outra coisa que marcas internalizadas desse corpo. Como explicar-se sem utilizar adjetivos? Como definir-se sem adjetivar-se?

Uma possível resposta descritiva seria: sou um conjunto relacional de corpo-mundo que percebe o mundo através de informação pelo sistema somatossensorial, criando imagens mentais a partir da experiência. Mas isso é descrever-se ou descrever todas as estruturas semelhantes?

É preciso aqui assumir que, para além dessa estrutura utilizada como start do processo de criação em O2 para definir o corpo-casa, o corpo agora atinge proporções enunciativas capazes de carregar signos sociais que o adjetivam. O corpo-casa é um não-eu que protege o eu” (GASTON, 1988, p. 24). O corpo-casa, portanto, suscetível a existir, embora costurado aos seus adjetivos, somente quando enuncia a si:

MARCADO

Não existe, pois, nem no esse, nem no essa. Nem no ato, nem na palavra. É substância, recipiente cheio demais, que transborda. Se cria no terreno do isso e do aquilo, aquele ou aquela não lhe é fértil.

É espesso demais e sutil demais. Demasiado deslocado por uma ação: não é sujeito, é tema. Tema inscrito de gêneros adjetivos. Sujeito-objeto, agente da passiva.

Não é sobre vestir o eu. Despir-se do eu talvez seja. É que isso não conta sobre o eu-sujeito eu, mas sim do eu-sujeito que não é o eu, é o seu sustento no aqui que define o agora. É micro milimétrico, impossível se de tocar.

Torna-se intangível pela sua mutabilidade, desestabiliza certezas ao reperceber o mundo. O corpo falante é papel, tesoura e pedra. E não existe! Só existe onde narra sobre onde existe.

Só deixa marcas do confuso ser.

Excerto de O5

A extrapolação do corpo através de seus adjetivos revela o adentrar mais profundo do sujeito na relação corpo-casa colaborativa. Abrigar-se é, para além do conforto da estrutura, valer-se dela para criar o espaço semântico de tema: aquilo que é deslocado, movido, na sentença.

A sentença é a certeza inicial que o corpo era um sujeito. Agora ele se torna-se tema do próprio ambiente: ele é um eu que não é o eu-sujeito capaz de experienciar o mundo. Ele vale-se da sua materialidade para ser movido indiscriminadamente para todas as suas possíveis significações atribuídas pelo corpo outro que o interpreta. Eis, então o *Descobrimento*:

DESCOBRIMENTO

Desconhecido, o reconheço por detalhes: a espessura da digital, o som da risada, o jeito que segura cigarro: infrafino. Mas é só visita, passagem, barco em porto na viagem.

É no segundo que nos conhecemos e no outro somos totalmente estranhos. Buscamos nos conhecer, estabelecer uma ligação de simetria que ambos têm o direito a conhecer o outro.

A ideia é parasita e a personalidade é arenosa. Porém o corpo não é mais cárcere, nem sustento. O corpo é casa de passagem.

O corpo acolhe, esquenta e é visita. Ele dá a chance para encontrar-se com o outro. O corpo visitante propicia o seu descobrimento (uma interpretação). Descobrimento e interpretação estes que fazem o corpo outro entender somente pelo e o que o corpo outro é, interpretar requer conhecimento enciclopédico. Não sabendo as referências que corpo desconhecido em reconhecimento possui, o corpo outro apenas vê o corpo desconhecido como chuva rápida de verão.

O corpo desconhecido em processo de reconhecimento é o visitante íntimo que abrigamos no nosso quarto de hóspedes. E é esse corpo incumbido de explorar outros corpos. Explorar em sinônimo de descobrir/mapear. Por mais que o corpo outro pense que ele é quem descobre o corpo visitante, é o oposto; o corpo visitante não é descoberto, esse é quem descobre o corpo outro e descobre-se. Altera, por si só suas concepções dos outros e a de si próprio.

Em instantes depois, já é desconhecido. O corpo visitante é estado e mantê-lo consciente é o que o diferencia do corpo outro.

Excerto de O5

No movimento em que o corpo ganha seus atributos a partir do seu interpretante, distancia-se da função semântica de tema e reencontra-se como sujeito. É o movimento de ser levado para depois referir-se ao caminho pelo qual fora carregado.

Com esse ato de passagem o corpo se reconhece como intrinsecamente dependente do acaso ao qual é submetido no mundo. O corpo narrado até aqui passou por inúmeros processos de construção, demolição, abandono de si, para encontrar-se e descobrir-se entregue ao externo, dependente dele para valer-se de sua subjetividade para estar vazio de si, ou cheio de si: representar-se como um estado.

Ao tomar essa representação como performativa, entendi, como Daniela (2013, p. 95) que performativo “diferente de uma simples ‘vontade do sujeito’ ou um ‘interesse do próprio autor’, manifesta-se como resultante do atravessamento das forças do mundo no corpo de cada um, de modos singulares”. Essa dimensão que está além do sujeito “o leva constantemente para outro lugar, movimento este que pode ser potencializado se o ‘saber do corpo’ é ‘auscultado’ com mais cuidado” (DANIELA, 2013, p. 95).

Esse movimento se conecta ao documento S12 (*A Dança do Sol*) ao passo que nele Diecko é um elemental que adentra a casa compartilhada de vários corpos celestiais que buscam por uma estrela perdida: o Sol. Todos os astros, como diz Saturno, possuem histórias, e outros nomes pelos quais eram chamados, ou melhor outros “títulos”:

Meu título é Saturno. – disse enfim - Não é exatamente esse, mas é como meus amigos me conhecem e me chamam. Modifico-me de tal forma que sou Saturno e sustento tal título. Meus amigos são muitos, eles sempre estão, cada vez com mais intensidade, aparecendo entorno do Sol. Sol foi o que nos uniu e quem nos mantém juntos. Carrego, a mim atados, óculos poéticos capazes de enxergar valores, eles protegem todo o mundo do castanho amargo e pungente que são minhas janelas melancólicas. A sutileza na qual vivo, faz com que eu seja muito cheio e profundo, embora tão cheio que seja vazio. Sou vazio ou cheio dependendo da chuva. Meu corpo pesa e olho para todos os meus anéis. Essa é a razão pela qual eu recebi tal título: meus destroços. O corpo do qual usufruo é pesado com um campo gravitacional demasiado denso, assim atraio muitos outros corpos, corpos que ao circularem ao meu redor, chocam-se entre si. Quebram-se. Ficam aos cacos. Mas circulam ao meu redor. E circulam. E nunca param. Eu apenas admiro os destroços que amei e continuo os amando, nunca os perco.

Excerto de S12

O título, desse modo, é uma característica social pela qual os agentes das relações se atribuem de maneira fixa e constante, pedindo ao indivíduo intitulado que o sustente para que essa relação seja mantida. Essa característica é muito importante para se compreender o papel de Diecko e consecutivamente Gaia, ou melhor, a metamorfose do primeiro no segundo.

Nesse sentido, trouxe para falar comigo Valdemar (2013, p. 15), “se o texto não é nomeado, parece que algo lhe falta ou que a propriedade de um autor é obliterada”. Além disso, ele continua “o título surge como incessante condição do estopo de uma escrita”. Nesse sentido, no lugar de nomeações, títulos são experimentações incansáveis para expressar “o que se pensa e o que se sabe sobre um plano de composição de conexão e estabelecer zonas de intensidade sem que se tenha a pretensão de designar algo” (Valdemar, 2013, p. 16-7).

Diecko é um intruso. Na astrologia, a Terra é o observatório dos outros astros, seria o ponto que é influenciado por se tratar de qual vemos o mundo. Diecko é a tentativa falha de tentar sair de si para buscar

algo que não sabe o que é, mas que sabe quando encontrar. E quando o encontra só pode saber por ter se metamorfoseado, ou morrido e ressuscitado, no próprio ponto em que quer sustentar o que busca, sendo intitulado Gaia.

É nesse âmbito também que o esse excerto faz uma outra alusão direta à O5, pois nele, o texto *Nota*¹⁷ comporta em si a característica do corpo que Saturno toma para si: ser vazio ou cheio só depende da chuva.

NOTA

No hay nada que puedo hacer. Si soy vacío o lleno no voy nunca saber, porque no soy, solo estoy. A veces lleno, a veces vacío, pero siempre necesito de la lluvia.

Excerto de O5

Cabe ainda, dentro de O5, o último poema: Não jogue sal em mim que se relaciona diretamente com outros documentos de Onírico, que apresento em Banheiro Esquerdo [p. 150], e também com S2. Esse documento estabelece aqui um fenômeno importante ao aparecer: é somente com a narrativa de subjetivação que o corpo se transforma em morada, ganhando as características de um sonhador por idealizar o processo ao qual fora submetido.

NÃO JOGUE SAL EM MIM

I

Ao morador que primeiro se permitiu sonhar
Vivente no constante absurdo
Num hipotético alheio

Apenas mais um corpo no mundo
Apenas levado pelas ondas

Molusco de água doce
Em rochas sem sal

¹⁷ Tradução: Nota: Não há nada que posso fazer. Se sou vazio ou cheio nunca vou saber, porque não sou, só estou. Às vezes cheio, às vezes vazio, mas sempre necessito da chuva.

Todo O5, para além da narrativa de um sujeito vivenciando uma casa colaborativa e metamorfoseando seu próprio corpo em um corpo-casa com essas características, passa a ser o objeto representado da experiência do sujeito narrada em textos que serão entregues a quem se disponibilizar a participar do processo artístico. Em outras palavras, é partir da internalização e narrativização desse sujeito que o processo de criação artístico-literário continua.

Ao retomar o conceito da relação de corpo-casa descrito em O2, analisei que ele é a apropriação do conceito de corpo-sistema. Nesse sentido, corpo-casa é uma interação em que o corpo recebe informação, institui uma imagem desse objeto, depois uma imagem em resposta ao objeto representado, para só então ter uma imagem de descrição do organismo, sistema, (JAKOB, 1942).

É assim que o processo ganhou a sua construção colaborativa a partir desse documento. A informação recebida foi o contato do corpo com a casa, o corpo instituiu uma imagem da casa, depois respondeu a essa imagem com os textos, e representa a descrição do sistema total a partir da criação.

Mas o processo não acaba aqui. Ele se repete por tratar-se de uma casa colaborativa. Os fotolivros, zines, são confeccionados a partir do contato de outra pessoa com o texto.

Nesse ponto o esquema se cria da seguinte maneira: a informação que a outra pessoa recebe é o texto (resposta do corpo a imagem da casa) da experiência subjetiva da autora¹⁸. Aí a pessoa institui uma outra imagem do corpo-casa, depois ela responde a essa imagem com a performance executada no momento dos ensaios fotográficos, e a junção de texto e foto-performances representa a descrição do sistema de significação total, materializado em zines.

¹⁸ Nesse momento, seis pessoas foram convidadas por mim para lerem meus textos e comporem, junto comigo, uma outra imagem desses textos, de natureza fotográfica. A convidada podia performar o texto, isso é, ser modelo, ou me fotografar.

A metodologia dessa construção de corpo-casa em uma casa colaborativa, a partir do conceito apropriado de Jakob (1942), foi aplicada em cinco ensaios, representando a construção do corpo colaborativo: *A necessidade de abrigar-se, Imóvel, Marcado, Descobrimento e Isento* [apresentados anteriormente na p. 82]. Essa construção ainda coincide com Daniela (2013, p. 78) “a arte que se efetiva nessa direção não deseja simplesmente espelhar as questões com as quais lida, mas sim se fazer por meio do que pode emergir dos atravessamentos de determinada questão”.

Esses ensaios estão publicados no Instagram:

Na ordem das imagens abaixo apresentadas, os ensaios são: a) *A necessidade de abrigar-se*, com Ivo Liçarasa; b) *Imóvel e Marcado*, com Mariana Buss e Helton Reis; c) *Descobrimento*, com Gabriel Cardoso e Michael G. Grade; e d) *Isento*, com Jade Rocha.

Desses cinco, três se materializaram em zines (*A necessidade de abrigar-se, Imóvel e Marcado*). *Marcado* ainda se encaminhou para a montagem de uma exposição. Por isso, apresento eles nessa ordem citada acima. *Descobrimento* e *Isento*, apresento após.

No caso de O6, o texto foi *A necessidade de abrigar-se* (logo após as imagens dos ensaios):



19



20

¹⁹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Corpo semântico**. [S.l.], 22 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BkV_JbT1kAB/?hl=es. Acesso em: 29 maio de 2020

²⁰ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **O corpo é mancha dos outros, parede semântica, agente da passiva, preenchível de significado**. [S.l.], 24 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkacsflF4AA/?hl=es>. Acesso em: 29 maio de 2020.



21



22

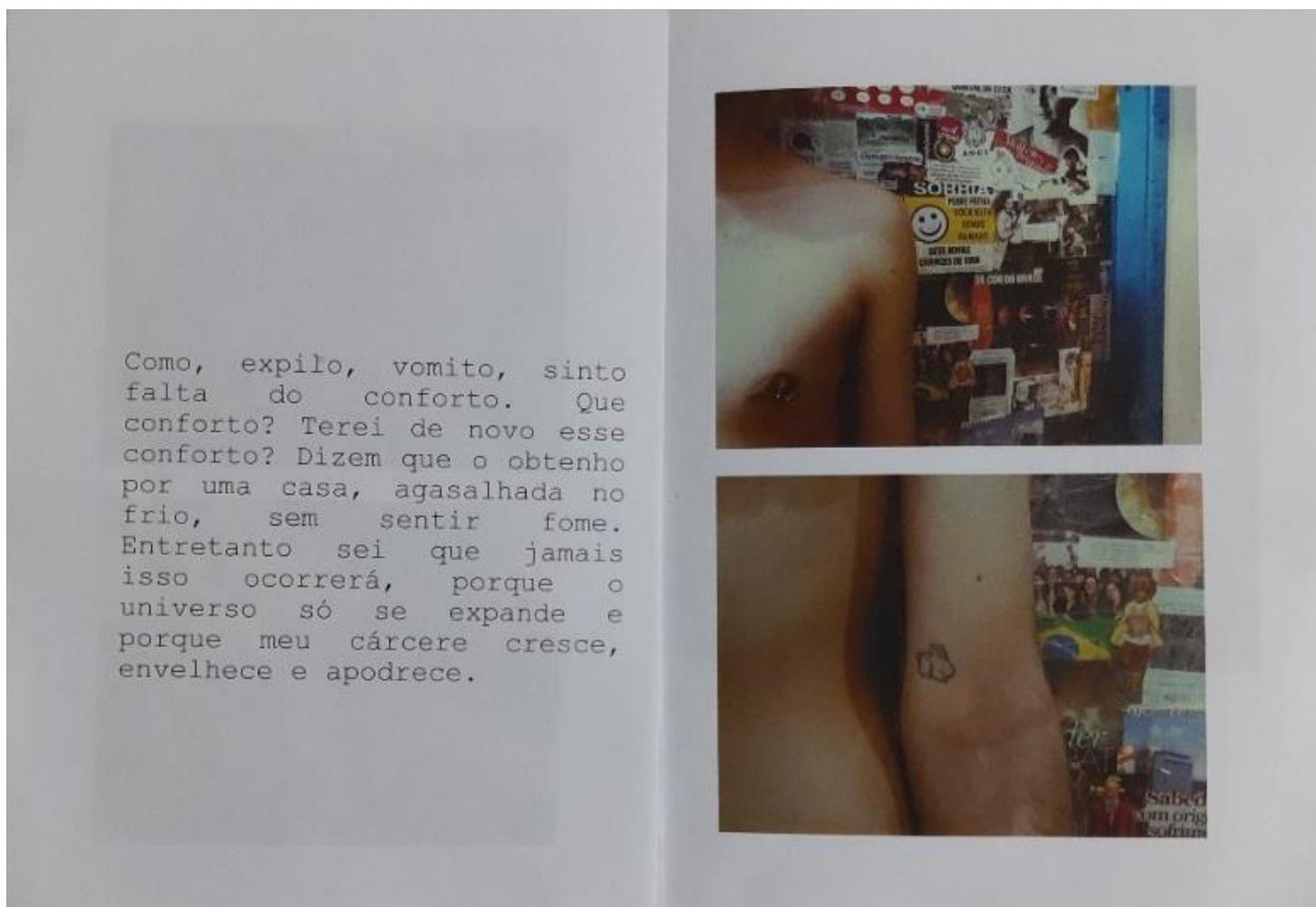


O6

²¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Joyalândia). **O corpo é passageiro | 2018 . . . #corpoemcasa #corpocolaborativo**. [S.l.], 15 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bo97ePShZPe/>. Acesso em: 29 maio de 2020.

²² VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Joyalândia). **Não caibo em mim | 2018 . . . #corpoemcasa #corpocolaborativo**. [S.l.], 19 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpIFrHhhRJm/>. Acesso em: 29 maio de 2020.

Partindo desse ensaio, os documentos O7 e O8, a seguir, apresentam a confecção do zine. O7 impresso e O8 a montagem de um arquivo no PowerPoint, de modo que cada página do arquivo representa duas folhas do zine. Além disso, ainda é possível ver as alterações de versões salvas no arquivo do PowerPoint, desse modo, encontrei duas que são essenciais para esse processo: a primeira, feita somente a partir do ensaio, e a última, na qual o zine ganhou imagens de outros processos e ensaios.



O7

A necessidade
de abrigar-se
Joja S. Vaicéulionis

1



Joja S. Vaicéulionis, 2018.

@joja_oovelhamanca
site:



2

Barraca. Oca.Casa.
Casebre. Choupana.
Casarão. Castelo. Cabana.
Prédio. Apartamento.
Cobertura. Residencial.
Bairro. Rua.Papelão.
Casco. Caverna.Casco.
Toco. Caracol.Carapaça.
Em baixo da cama.
Fontilhão. Sítio.
Chácara. Fazenda.
Buraco.Tronco. Árvore.
Barco. Corpo.

Este volume de fotolivro pertence ao projeto **corpus, -oris (n)**.: iniciado em maio de 2018.

O corpo, objeto do estudo, é observado como casa de passagem de eus desconhecidos. Cada veia forma ruas, passagens, paredes, são corredores dos eus fluídos.

Dessa maneira, podemos nos permitir encontrarmos com a infinidade de eus habitantes desse nosso corpo-casa e do nosso corpo-cárcere.

3

Naturalize agora
o conforto do
corpo,

ela grita. Mas não tinha
entendido direito.



4

Meu cárcere orgânico sente outros prazeres e eu o uso para viajar por lugares que somente o hipotético me levava. Esse cárcere, porém, me limita e cria necessidades bizarras como a de dormir, a de comer, a de doer.

De novo, sinto ausências. E a isso reduzo o meu pensamento frenético: ausências! A necessidade do abrigar-se vem do útero.



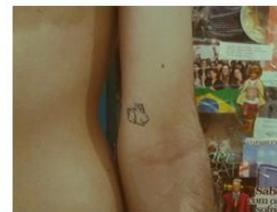
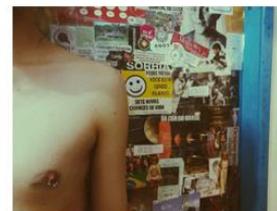
5

Mas não tinha entendido direito. Naturalizar o conforto? Que conforto?

Referia-se ao abrigo,

disse-me o outro. Ainda estou avulsa no jogo.

É que toda essa busca, todo esse sentido, todo esse desejo é imanente. Ele me foi jogado e eu escolhi... o meu desejo vem das opções dos outros. A partir disso, locomovo minhas engrenagens, pernas, músculos e ossos para alguma coisa.



6

Como, expilo, vomito, sinto falta do conforto. Que conforto? Terei de novo esse conforto? Dizem que o obtenho por uma casa, agasalhada no frio, sem sentir fome. Entretanto sei que jamais isso ocorrerá, porque o universo só se expande e porque meu cárcere cresce, envelhece e apodrece.

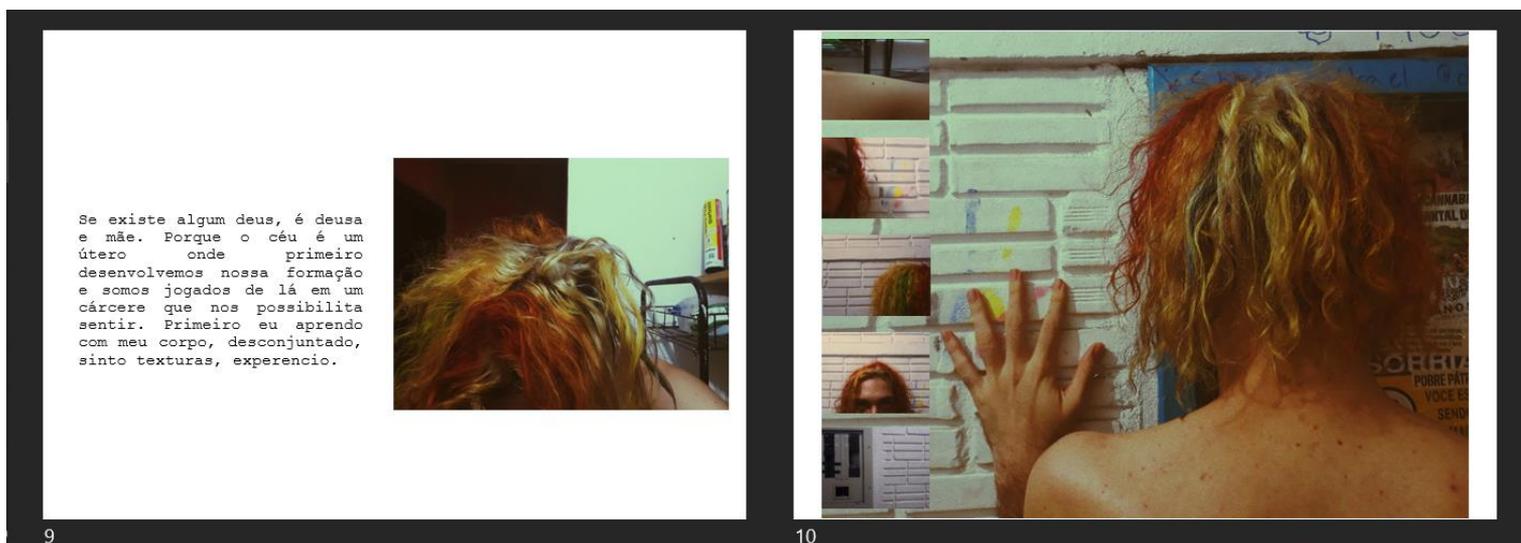


7

Quando aprendeu a gostar do conforto? No útero, respondo. No aconchego aonde não se sentia a fome, não se sentia o frio, não se sentia nada. Nada disso existia, porque o universo nos constituía e só éramos curiosos ao ouvir as vozes que vinham de fora.



8



O8: Versão 1

Partindo desse ensaio, os documentos O7 e O8, apresentaram a confecção do zine digitalmente e fisicamente. Na primeira versão de O8, as fotos foram editadas em luzes verde e em sombras alaranjadas, essas edições não aparecem na última versão de O8, a seguir. Apresento a última versão logo após os documentos de O9, já que esse ensaio é incorporado à montagem dessa nova versão.





O9

«A necessidade de abrigar-se vem do útero»

Excerto de O5

é a última frase do texto *A necessidade de abrigar-se* e é ainda a frase que mobiliza os novos ensaios inseridos na última versão desse zine [O8]. O corpo, ao sair de seu abrigo primo: o útero, reconhece-se em outra forma de ser abrigado: o colo. A construção do colo que evoca sentimentos de segurança é a mesma que evoca as noções de apego.

Além disso, esse ensaio de autorretratos remete à interpretação de Zei sobre o mundo com *pessoas infláveis* e *plástico bolha*, isso é: interpretante e mundo relacionam-se pela sua constituição a partir da decomposição do mundo [p. 96], corporificando o próprio plástico como voz desse corpo em estado de apego. O uso do plástico não é apropriado na última versão de O8, sendo somente utilizado o conceito de colo, como abaixo:

A NECESSIDADE DE ABRIGAR-SE

Joja S. Vaicēulionis

1



Joja S. Vaicēulionis, 2018.

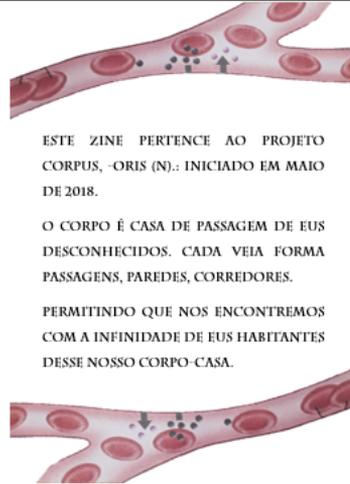
Instagram: [jojalandia_experimentos](#)

Site: [jojalandia.tumblr.br](#)



2

Barraca. Oca.
. Casa. Casebre. S
Choupana. Casarão.
Castelo. Cabana. B
Residencial. E
e. Bairro. Bar
Prédio. A
- Apartamento. Rua. T
Cobertura. Papelão. Casc
a. Caverna. Casco. Toco. C
ento. Caracol. Carapaça. C
oco. Embaixo da cama. Ca
azenda. Pontilhão. Sítio. Bu
re. Chácara. Fazenda. Choup
Buraco. Tronco. Árvore. Resi
acol. Torre. Guarda-roupa. C
. Bar. o. Sonho. Útero. Corpo.
anar. - Barco. Útero. Cabana.
asco. averna. Ca. o. Toco. Ca
ura. Tronco. Á. e. Barco.
a. Prédio. artame
aracol. C. aça. Em
ro. Cor. arraca.
o. Cobe. Resid
io da. Pont
Oca. C. aselb
ncial. o. R.
hão. . Chá
Cho. na. Cas
apel.
a. Fa
rão. Ca



ESTE ZINE PERTENCE AO PROJETO
CORPUS, -ORIS (N): INICIADO EM MAIO
DE 2018.

O CORPO É CASA DE PASSAGEM DE EUS
DESCONHECIDOS. CADA VEIA FORMA
PASSAGENS, PAREDES, CORREDORES.

PERMITINDO QUE NOS ENCONTREMOS
COM A INFINIDADE DE EUS HABITANTES
DESSE NOSSO CORPO-CASA.

3

NÃO JOGUE SAL, EM MIM

I

AO MORADOR QUE PRIMEIRO SE PERMITIU
SONHAR

VIVENTE NO CONSTANTE ARSURDO
NUM HIPOTÉTICO ALHEIO

APENAS MAIS UM CORPO NO MUNDO
APENAS LEVADO PELAS ONDAS

MOLUSCO DE ÁGUA DOCE

EM ROCHAS SEM SAL

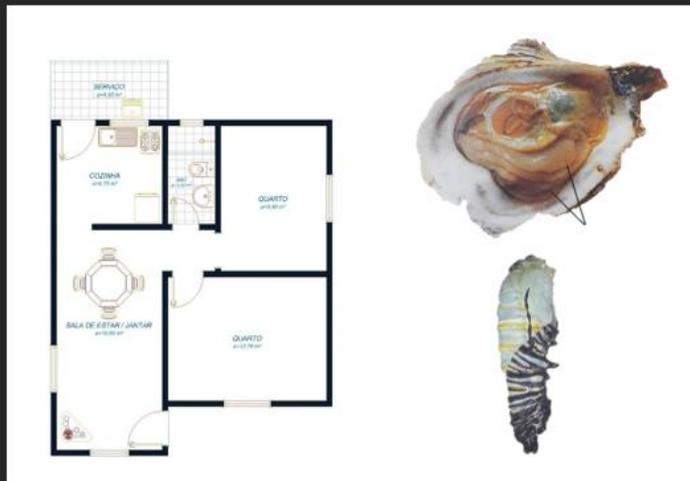
HABITANTE HABITANDO

HÁBITATS HABITÁVEIS



anatomia da casa

4



5



"NATURALIZE
AGORA O
CONFORTO DO
CORPO",

EIA GRITA. MAS NÃO TINHA
ENTENDIDO DIREITO.



6

MEU CÂRCERE ORGÂNICO SENTE
OUTROS PRAZERES, E EU O USO
PARA VIAJAR POR LUGARES QUE
SOMENTE O HIPOTÉTICO ME
LEVARIA.

ESSE CÂRCERE, PORÉM, ME LIMITA E
CRIA NECESSIDADES BIZARRAS
COMO A DE DORMIR, A DE COMER,
A DE DOER.

DE NOVO, SINTO AUSÊNCIAS. E A
ISSO REDUZO O MEU PENSAMENTO
FRENÉTICO: AUSÊNCIAS! A
NECESSIDADE DO ABRIGAR-SE VEM
DO ÚTERO.



7

MAS NÃO TINHA ENTENDIDO
DIREITO. NATURALIZAR O
CONFORTO? QUE CONFORTO?

"REFERIA-SE AO
ABRIGO",

DISSE-ME O OUTRO. AINDA ESTOU
AVULSA NO JOGO.

É QUE TODA ESSA BUSCA, TODO
ESSE SENTIDO, TODO ESSE DESEJO
É IMANENTE. ELE ME FOI JOGADO E
EU ESCOLHI... O MEU DESEJO VEM
DAS OPÇÕES DOS OUTROS. A
PARTIR DISSO, LOCOMOVO
MINHAS ENGRENAGENS, PERNAS,
MÚSCULOS E OSSOS PARA ALGUMA
COISA.



8

COMO, EXPILO, VOMITO, SINTO
FAITA DO CONFORTO. QUE
CONFORTO? TEREI DE NOVO ESSE
CONFORTO? DIZEM QUE O
OBTENHO POR UMA CASA,
AGASALHADA NO FRIO, SEM SENTIR
FOME. ENTRETANTO SEI QUE
JAMAIS ISSO OCORRERÁ, PORQUE O
UNIVERSO SÓ SE EXPANDE E
PORQUE MEU CÁRCERE CRESCE,
ENVELHECE E APODRECE.



9

QUANDO APRENDEU A GOSTAR DO
CONFORTO? NO ÚTERO,
RESPONDO. NO ACONCHEGO
AONDE NÃO SE SENTIA A FOME,
NÃO SE SENTIA A SEDE, NÃO SE
SENTIA O FRIO, NÃO SE SENTIA
NADA. NADA DISSO EXISTIA,
PORQUE O UNIVERSO NOS
CONSTITUÍA E SÓ ÉRAMOS
CURIOSOS AO OUVIR AS VOZES QUE
VINHAM DE FORA.



10

SE EXISTE ALGUM DEUS É MÃE.
PORQUE O CÉU É UM ÚTERO ONDE
PRIMEIRO DESENVOLVEMOS NOSSA
FORMAÇÃO E SOMOS JOGADOS DE
LÁ EM UM CÁRCERE QUE NOS
POSSIBILITA SENTIR. PRIMEIRO EU
APRENDO COM MEU CORPO,
DESCONJUNTADO, SINTO
TEXTURAS, EXPERENCIO.



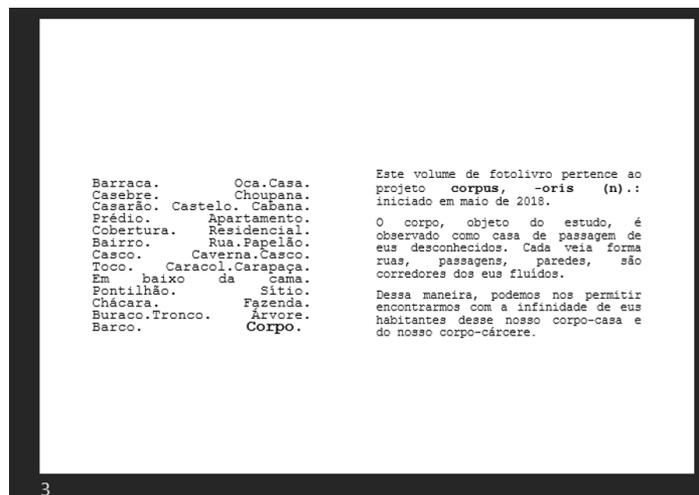
11



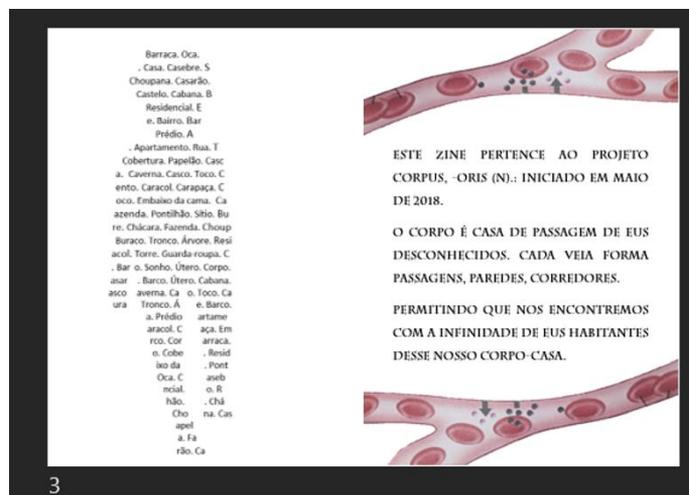
12

O8 versão 2

A confecção da segunda versão do zine propiciou maior associação de ensaios com texto. Essa estrutura de criação, já apresentada sobre o corpo sistema (JAKOB, 1942), além do ensaio sobre o colo, algumas outras imagens aparecem apropriadas de livros didáticos, como as veias utilizadas na descrição do projeto *Corpus, -oris (n).*; as imagens de ostras, caramujo e casulo utilizadas na anatomia da casa, ou apropriadas da internet, como a planta da casa.



Excerto de O8, versão 1



Excerto de O8, versão 2

As imagens ganharam um novo tratamento e foram dispostas de forma diferentes, uma nova imagem associativa se criara ganhando novas experiências. Essa atividade também se vincula ao processo de

compreensão de um corpo-casa colaborativo, já que “o objeto percebido e o lembrado se organizam a partir do contexto do momento” (MOACIR, 2008, p. 99). Desse modo, recompor as experiências que geraram os zines fotolivros é ativar as mudanças desses objetos.



Essas duas versões guardam ainda expansões associativas. A construção delas de diferentes formas em diferentes momentos temporais deixa nítido como o processo não termina, e sim, ganha espaço e proporções que, no primeiro instante parecem vagos. Cecilia (2006 p. 123) escreve que “uma ideia é tomada como causa e a partir daí são imaginados efeitos, em um jogo associativo mantido pela seguinte regra: se isso acontece, então provavelmente, pode gerar aquilo ou aquilo outro etc”.

A vivência da montagem da segunda versão do zine, em outras palavras, incorpora as ideias que foram desenvolvidas, como a relação do caramujo e concha que abordei nesse mesmo campo semântico, mas em outro momento [Momento Intimidade, p. 168]. Moacir (2008) ainda se pergunta, em seu artigo *A invenção dos objetos e os novos gestos*, publicado no livro de Christine (*O corpo: pistas para estudos indisciplinados*), se essa mudança de objetos não é crucial para “toda uma torrente de transformações de ações, sentimentos e percepções”. (MOACIR, 2008, p. 100).

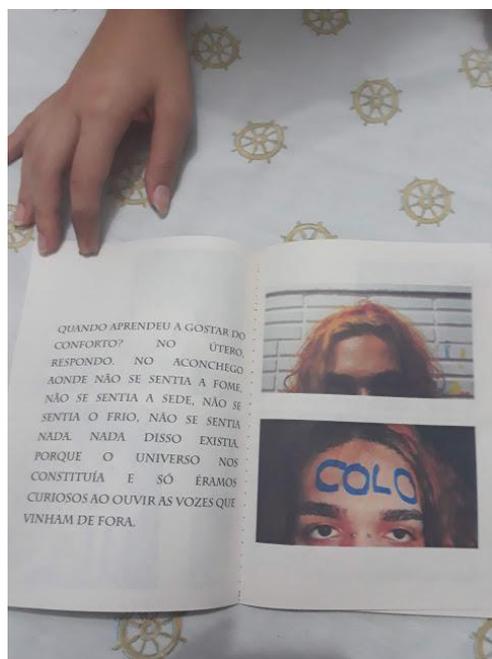
A percepção que derivou das ideias exploradas em A necessidade de abrigar-se encaminharam para o arquétipo do sonhador representado pelo caracol. Já foi possível ver nas duas versões do zine o uso da

²³ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). 🏠🏠. [S.I.], 5 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BokIDNYBK9N/?hl=es>. Acesso em: 30 maio de 2020.

palavra caracol: na primeira versão, em uma associação de ideias de casa; e, na segunda versão, formando um corpo.

Só a partir dessas montagens que o corpo começa a se descolar da casa material e passa a sonhá-la. É justamente com esse jogo associativo que os outros momentos desse mesmo campo semântico continuaram. A casa ganha ainda mais atributos, o atributo do sonho. Ela passa não somente a ser percebida e inscrita, como também a guardar em si um sonho que um habitante que a habitasse [Documentos O14 a O17, p. 109].

Continuando a sequência dos zines, ainda em A necessidade de abrigar-se, a segunda versão impressa foi mudada materialmente: não foi mais confeccionada em papel branco [como em O7, p. 114], mas sim com papel reciclado, além de possuir a lombada costurada [O10]. E a estética do reciclado ainda ressaltou o constante processo de ideias e de um corpo que, a todo tempo, se ressignifica. A mesma estética que voltou a ser aplicada na exposição intitulada *Marcado* (2019).



O10

A exposição *Marcado* (2019) mostrou-se a união de vários processos de zine diferentes: a estética de papel reciclado da segunda versão do zine *A necessidade de abrigar-se*, o texto do zine *Imóvel* e o ensaio fotográfico feito a partir do texto *Marcado*. Essa foi uma exposição fotográfica realizada na Universidade do Vale do Taquari (Univates).



24

A partir dessa introdução sobre tal exposição, tracei as relações entre essa produção, que se localiza em O14, e os zines de *Imóvel* e *Marcado*, consecutivamente O11 e O12. Esse momento também concretizou a aproximação dos campos semânticos Onírico e Inscrição [p. 150]. Os textos que aqui apareceram, já estavam presentes em O5.

Ambos os zines tem fotos derivadas dos ensaios *Imóvel* e *Marcado* e de *A necessidade de abrigar-se*. O encontro desses ensaios para recriar essas experiências em formato de fotolivros ou zines ainda ganhou, como em *Imóvel* [O11] estruturas de diálogos que transcenderam o texto anteriormente em O5:

²⁴ DUARTE, Liniker. **Papel sulfite reciclado é composição de exposição na Univates**. In: Univates. [Lajeado, RS: Universidade do Vale do Taquari], 16 jul. 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/25854-papel-sulfite-reciclado-e-composicao-de-exposicao-na-univates>. Acesso em: 11 jun. 2020.

imóvel
Joja S. Vaicëulionis

1



Joja S. Vaicëulionis, 2018.

@joja_oovelhamanca



2

Barraca. Oca.Casa.
Casebre. Choupana.
Casarão. Castelo. Cabana.
Prédio. Apartamento.
Cobertura. Residencial.
Bairro. Rua.Papelão.
Casco. Caverna.Casco.
Toco. Caracol.Carapaça.
Em baixo da cama.
Fonilhão. Sítio.
Chácara. Fazenda.
Buraco.Tronco. Árvore.
Barco. Corpo.

Este volume de fotolivro pertence ao projeto **corpus**, -oris (n) : iniciado em maio de 2018.

O corpo, objeto do estudo, é observado como casa de passagem de eus desconhecidos. Cada veia forma ruas, passagens, paredes, são corredores dos eus fluidos.

Dessa maneira, podemos nos permitir encontrarmos com a infinidade de eus habitantes desse nosso corpo-casa e do nosso corpo-cárcere.

3

{ - Ser imóvel também é ter coragem.
- Acho que sou casa. }



4

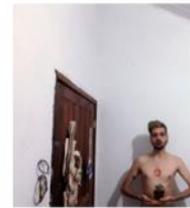
Acho que sou casa.

Ambos os moradores respondem
juntos.



parede em branco.

5



6

Um som ecoa na casa. Uma voz.

**Ser imóvel também
é coragem**

, ela diz. E o fogo cessa. A
febre cessa.

O da direita disse que são só
problemas,

mas nem ele
acredita no que diz.

Não sabe que esses problemas
vão lhe causar tantas coisas.
Que pena! Que lástima, diria.

Nada demais, nem de menos:
esse é o problema dos mornos.

Eles, sendo a maioria que
são, impedem o desabrochar
dos intensos, os podam como
um jardineiro inexperiente.

A noite cairá e ele não
conseguirá dormir. Rolará
entre as cobertas tentando
achar a espada do seu
príncipe.

Que príncipe? Desconhece tal.
Ai o corpo torna-lhe denso,
pesado, imóvel.

Afunda-se e pede socorro.
Soterrado demais, preocupa-se
demais. Morre demais. Seu
corpo pesa. Existir se torna
exaustivo e ele se diverte
entre pensamentos e falta de
atitudes.

A coragem nunca
foi sua. Às vezes a toma, às
vezes a vomita.

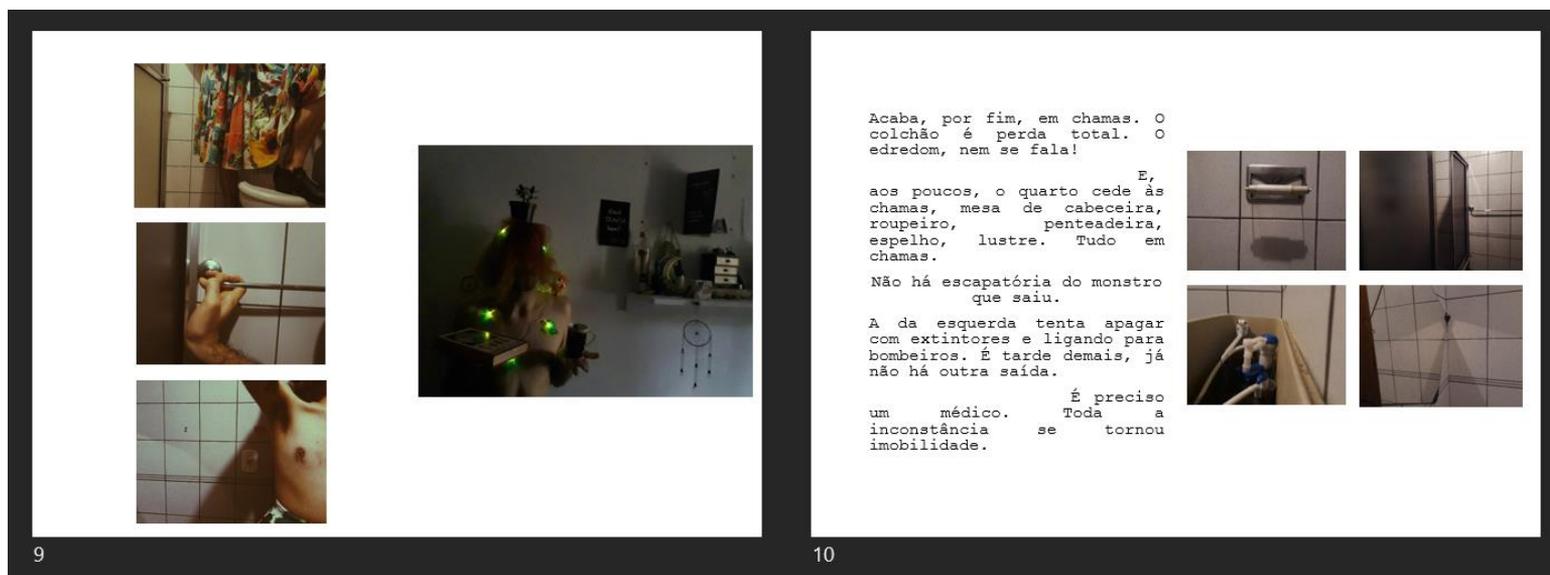
Indeciso!
[Grita a da esquerda.]
Faça uma escolha.

Porém nada é suficiente para
suprir o descobrir de um
eterno poeta.

Com suas mil teorias sobre
plástico bolha e pessoas
infláveis, a febre jamais
cederia.

7

8

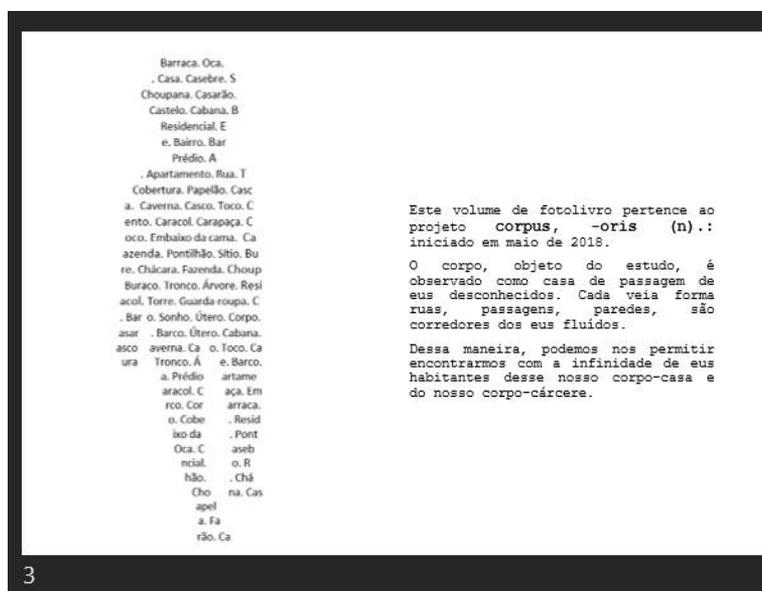
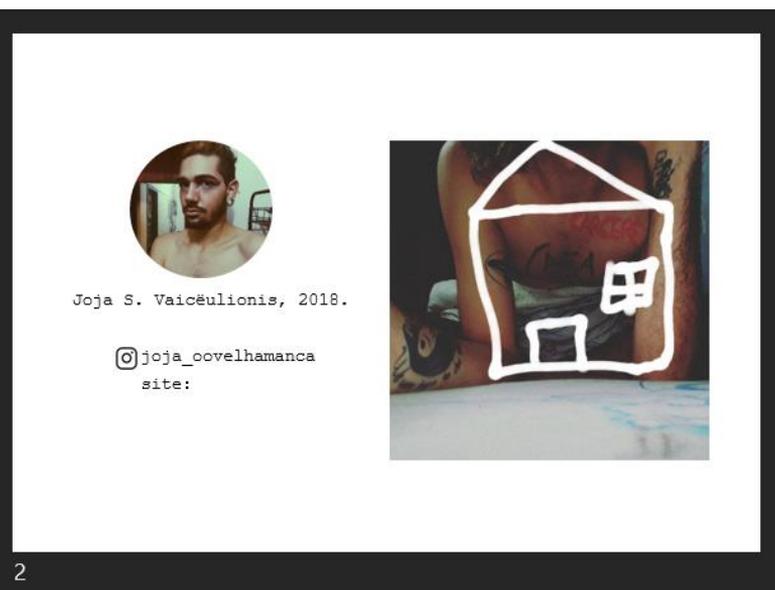


O11

Ao ganhar as duas falas diretas marcadas por travessão e colchetes logo no começo, o texto já se resignificou com o contato com outra realidade que não a que fora escrito no primeiro instante. Além disso, as fotos utilizadas passaram por lugares mais íntimos: a exploração do banheiro e do quarto compõem esse zine. Além da exploração do corpo como pertencente a esses espaços, isso por meio de espelhos, quadros, símbolos tatuados e incorporados a parede, a colocação de objetos no corpo expandindo as experimentações até o momento.

A colocação do corpo nesses espaços reverberou o próximo momento desse campo semântico: Banheiro. À medida que a intimidade entre o corpo-casa aumentou, o processo deslocou-se por entre seus cômodos. Daí a proposta de construir esse trabalho mantendo os cômodos e os conceitos desenvolvidos no processo artístico: “O corpo do artista fricciona-se no corpo do texto” (CARMEN, 2013, p. 69). E, de algum modo, o corpo também fricciona-se na casa, “porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo”. (GASTON, 1988, p. 24).

Tal ato de friccionar-se em deixa, sobretudo, uma marca: “Só deixa marcas do confuso ser” [*Marcado*, p. 107]. De *Imóvel*, permanece no zine *Marcado* o uso de tintas e contraste entre corpo e parede. Essa permanência aparece em O12:



Torna-se intangível pela sua mutabilidade, desestabiliza certezas ao reperceber o mundo. O corpo falante é papel, tesoura e pedra. E não existe! Só existe onde narra sobre onde existe.

Só deixa marcas do confuso ser.



5

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.

É micro milimétrico, impossível se de tocar.



6



É substância, recipiente cheio demais, que transborda. Se cria no terreno do isso e do aquilo, aquele ou aquela não lhe é fértil.

É espesso demais e sutil demais. Demasiado deslocado por uma ação: não é sujeito, é tema.

7



8



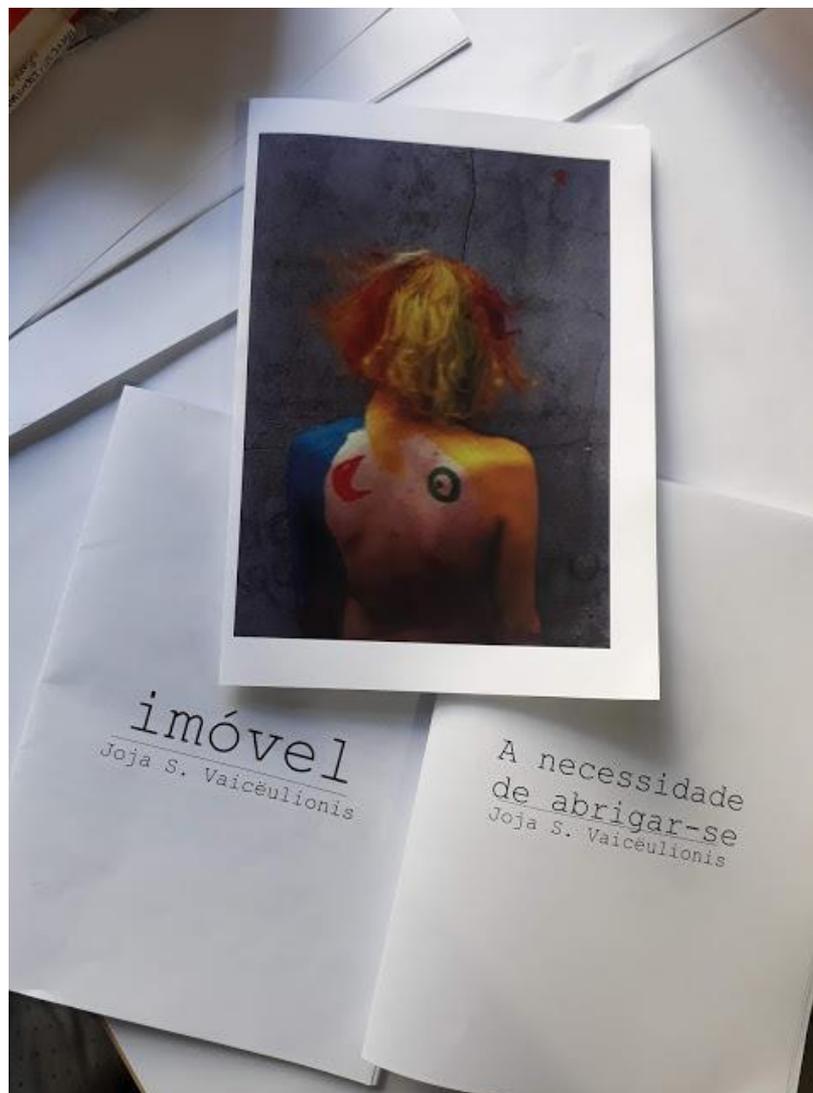
O12

O corpo marcado, inscrito, pintado, que toma proporções de parede, de alicerce, que sustenta a casa se contrasta com o corpo em branco que não enuncia, não sustenta, permanece imóvel. A relação entre os dois corpos tão antônimos se converteu em um encontro necessário ao por vir.

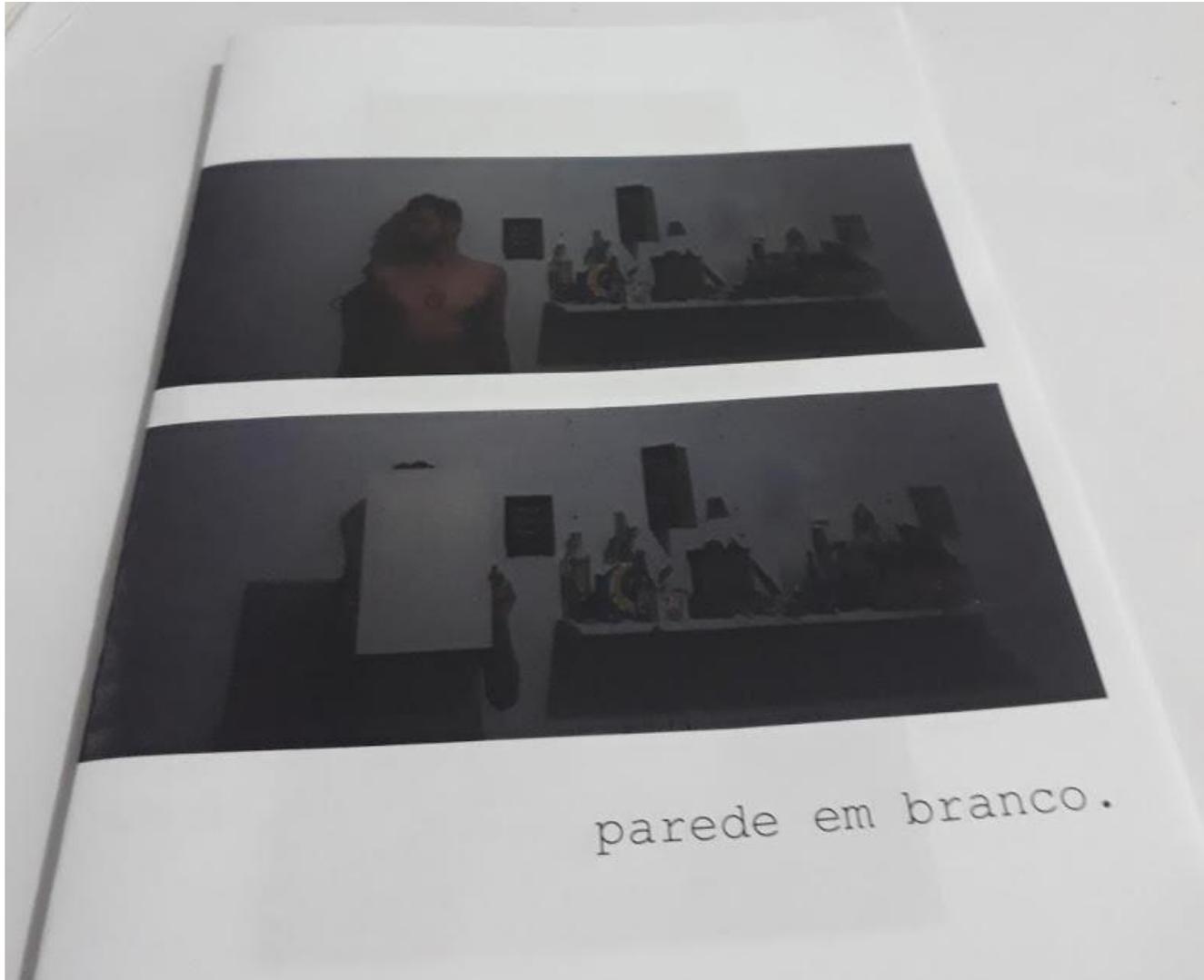


²⁵ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Parede em branco**. [S.l.], 25 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkdrZXRIcR/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020

Os dois zines que se tangenciaram pela construção fotográfica e conceitual não deixaram de continuar em processo até configurarem uma nova construção. Segundo Edith (2012, p. 35), existe uma forma inaugural que rastreia “algo que ainda não sabe seu peso, seu volume, suas medidas, sua matéria, seu recheio”. É essa forma que impulsiona o criar.

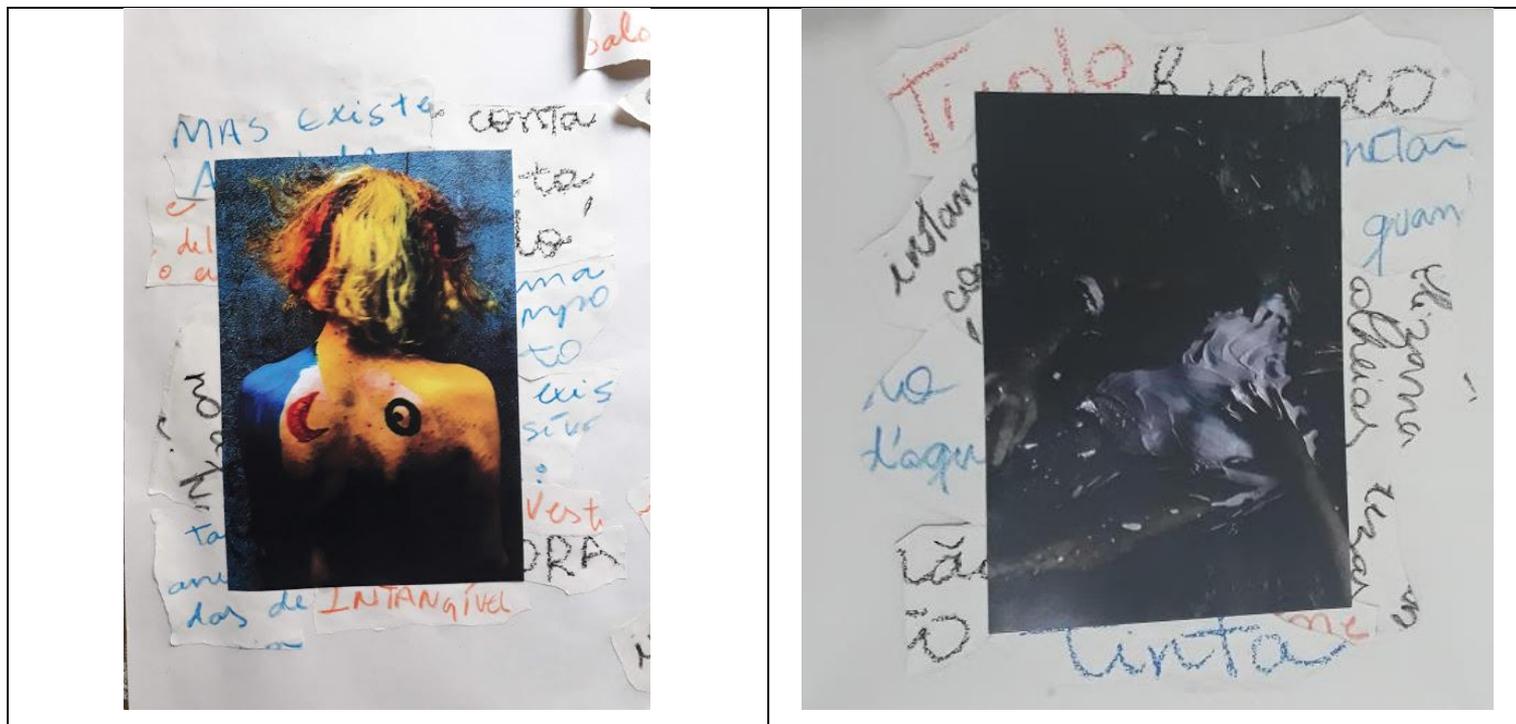


O13



O13

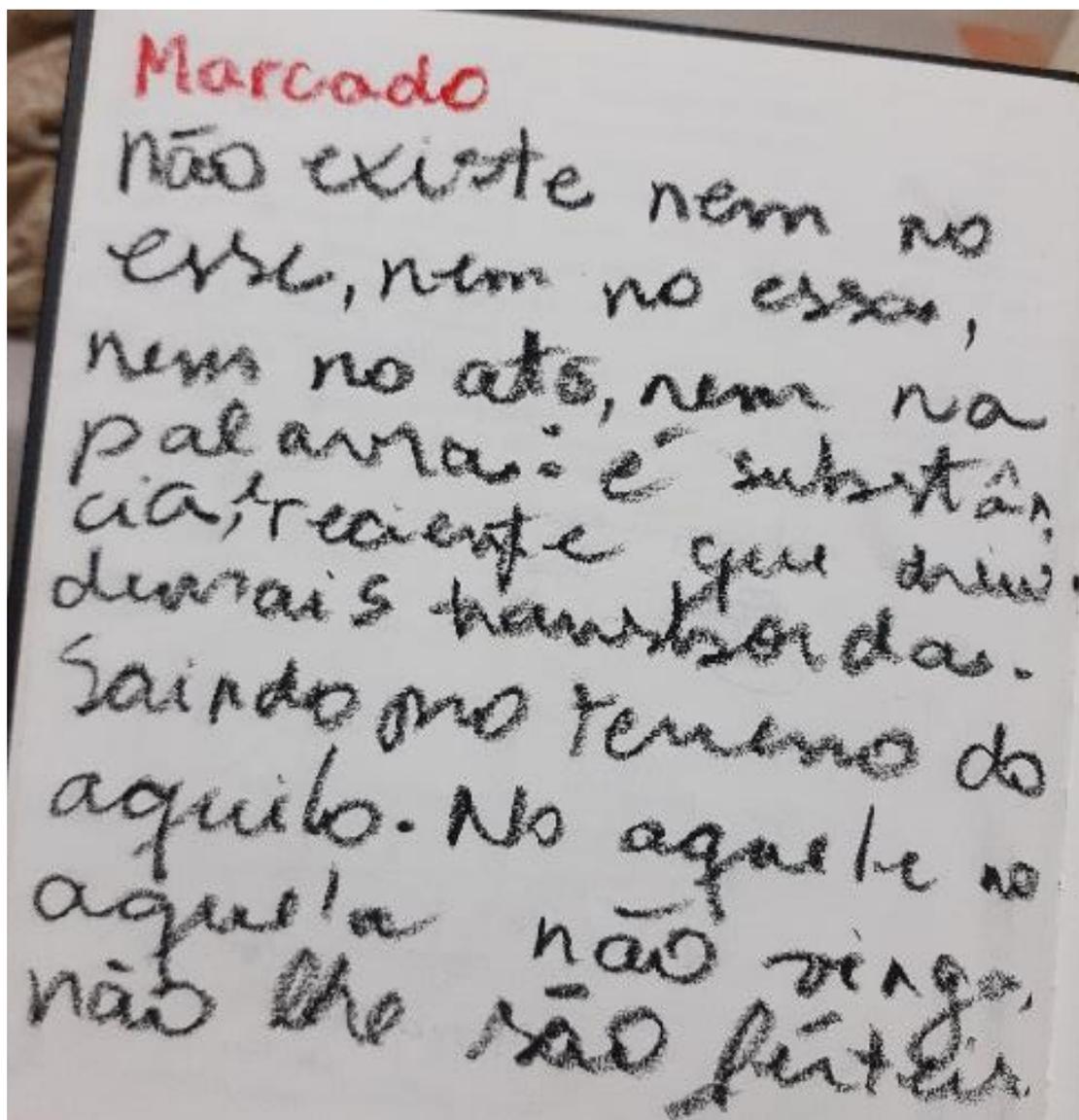
Desse modo, os três zines apresentados constituíram essa forma inaugural e proporcionaram a dinâmica de transformação desses conceitos na exposição *Marcado* [O14] na Univates. Seja pelo material utilizado (o papel reciclado empregado em *A necessidade de abrigar-se*), pelo texto (exposição pensada a partir do texto *Imóvel*) ou pelas fotos (utilizando novas edições e cortes das fotos de *Marcado*), todos os zines que abrigavam conceitos distintos e até mesmo antônimos, tangenciaram-se para configurar um novo:



O14

O processo até aqui em O14, sendo abordado pelo conceito do corpomídia de Christine e Helena (2008) à luz do pensamento de Jakob (1942), possibilitou a atuação do corpo-casa como um sistema de subjetivação. A figura da criadora, segundo Edith (2012, p. 37), é “o sujeito que cria novos objetos, portadores de experiências originais e informações inéditas”. Essa criadora primeiro narrou sobre suas experiências com a casa, entregou-as a outras pessoas que interagiram com essas experiências e as performaram. Em seguida, elaborou zines que criavam a imagem mental colaborativa que depois tornou-se a exposição *Marcado* (2019).

Todo esse percurso, todavia, como já disse Cecilia (2011, p. 29) não é linear, “esses documentos guardam o tempo contínuo” do ato criador, onde não existe um ponto de partida e um ponto de chegada, mas sim, uma rede de conexão entre todos os documentos. É a partir dessa percepção de conexão que foi possível ligar esse documento ao S11, outro caderno de artista que guarda em esboços da montagem da exposição:



Marcado
Não existe nem no
esse, nem no esse,
nem no ato, nem na
palavra: é substân-
cia, recitante que diri-
geiras transbordadas.
Saíndo no terreno do
aquilo. No aquele no
aquela
não lhe não virão,
não fúteis

Excerto de S11

A necessidade de abrigar-se

"Análise a seguir o corpo"

estudar o texto
registrar o processo



21cm

$\frac{+5}{105cm}$

fã e defe
o manco da
foto.

Não existe, ~~isso~~, nem no esse, nem no essa. Nem no ato, nem na palavra. É substância, recipiente cheio demais, que transborda. Se criar no terreno do isso e do aqui, aquele eu aquela não lhe é fétida.

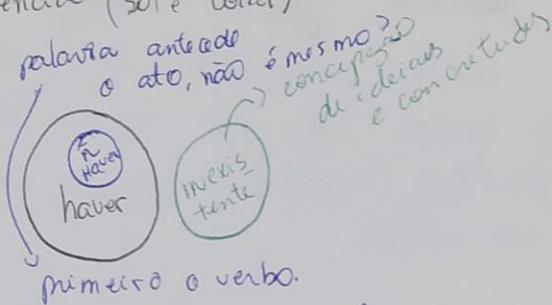
É exposto demais e sutil demais. Demasiado deslocado por uma ação: não é sujeito, é tema. Tema inscrito de gêneros adjetivos. Sujeito-objeto, agente da passiva.

[Não é sobre vestir o eu. Despir-se do eu talvez seja]. É que isso não conta sobre o eu-sujeito eu, mas sim do eu-~~objeto~~ ^{sujeito} que não é o eu, é o seu sustento no aqui que define o agora. É casa, micro milimétrico, impossível de se tocar.

~~Torna-se intangível pela sua mutabilidade, desestabiliza~~
~~vezes e percebe o mundo.~~ O corpo falante é presente como papel, tesoura e pedra no árduo jogo social. E também não existe! Só existe onde nunca sobre onde existe: no eu, no aqui, no agora. Só deixa marcas do confuso ser.

Não existir: pressupõe a existência (Sol e Coral)

① ~~é~~ inexistente no ~~resse~~ e no
essa, no ato e na palavra apenas
também se como substância que trans-
borda o próprio recipiente que
~~se~~ ~~em si~~ ~~faz~~ ~~é~~ interpretado pela



quando ~~quando~~ ~~quando~~
~~quando~~ ~~quando~~ no tempo daquilo.
sendo inatingível na ~~tem~~ infêtil
tena do aquele e do aqui.

③ ~~é~~ enuncia-
denso, demais

Demasiado é deslocado por uma água.
Não se construímos como ^{paciente} sujeito,
mas tema. Tema inscrito de gêneros
adjetivos.

de sujeito
causal

② Torna-se intangível pela sua muta-
bilidade, Desestabiliza certezas ao
reperceber o mundo, é ~~mu~~

⑤ ~~o~~ Tal eu é corpo ^{vivo} ~~ante~~,
repleto de significado, inorgânico,
presente: é ~~pa~~ ~~tesoura~~
tijolo, reboco e tinta.
É ainda assim inexistente.

Só existe morando sobre sua
existência no ^{eu} aqui, no agora,
só deixando marcas pressupostas
no confuso ~~em~~

④ Este não conta ~~sobre~~ do eu-sujeito,
mas sim do eu-~~sujeito~~ que não
é sujeito, é seu sustento no
aqui que define o agora: o eu-~~co~~
sa é micromilimétrico, impossível
de se tocar.

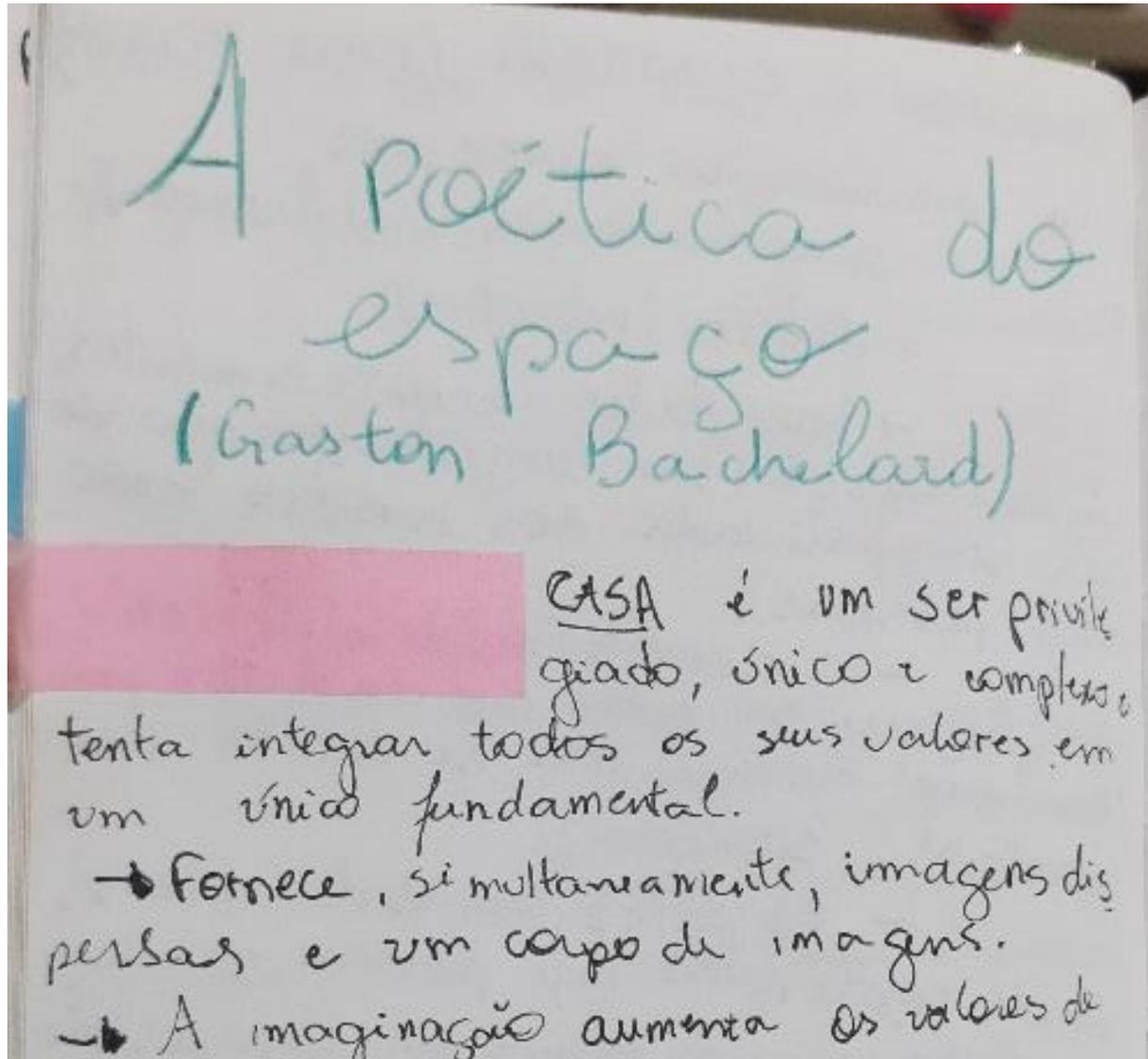
Esses esboços, apresentam a retomada de conceitos dos zines, como dito anteriormente, a correção do texto que se junta a concepções do texto *Imóvel*, e a apropriação de conceitos de *A Dança do Sol*, o inexistente [p. 102]. Todos esses conceitos abordados encontraram-se na exposição *Marcado* que, de certo modo, apresenta um marco de um pensamento, para anunciar outro documento O15, que, distancia-se desses conceitos.

Por mais que o documento abaixo, O15, fosse um ensaio fotográfico colaborativo como os abordados anteriormente, ele pediu que eu retrocedesse ao caderno de artista, O1. Esse movimento é importante porque, os estudos e apropriação teórica não cessaram durante a criação. Então, ainda que tenha permanecido a metodologia de narrativizar experiências e performá-las, o ensaio de O15 trouxe especificidades em relação a casa abordada:



O15

A partir desse ensaio, a casa se expande em direção à casa onírica com base no texto *Isento* [p. 102]. Essa aproximação foi feita a partir dos estudos do livro *A poética do Espaço* de Gaston Bachelard (1988), conforme apareceu em O1:



Excerto de O2

Para Gaston (1988, p. 26), dentre diversas características, a mais preciosa da casa é a de abrigar o devaneio: “a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”. Essa mesma casa que o protege também deve ser interpretada, já que, como o ser privilegiado que é, não é vivida e reconhecida apenas no presente. Quando ela é reconhecida “todo passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (GASTON, 1988, p. 25).

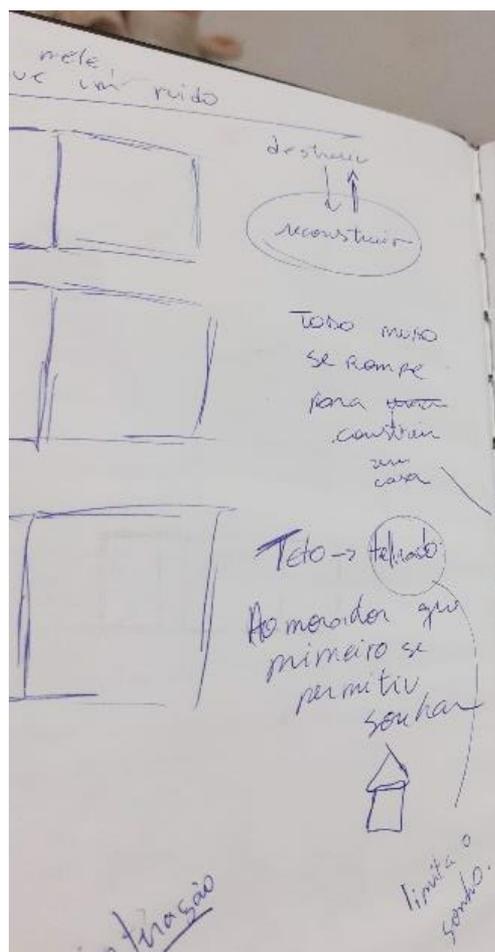
Assim, esse corpo de imagens que a casa evoca, entendendo que “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (GASTON, 1988, p. 25) e ainda que ela é “o não-eu que protege o eu” (GASTON, 1988, p. 24) também foi evocado em um corpo que se reconhece habitado. Desse modo, o corpo sonha através de sua história e de suas lembranças o passado habitando o corpo presente e propõe-se a construí-lo fiel a si. Tal como a casa.



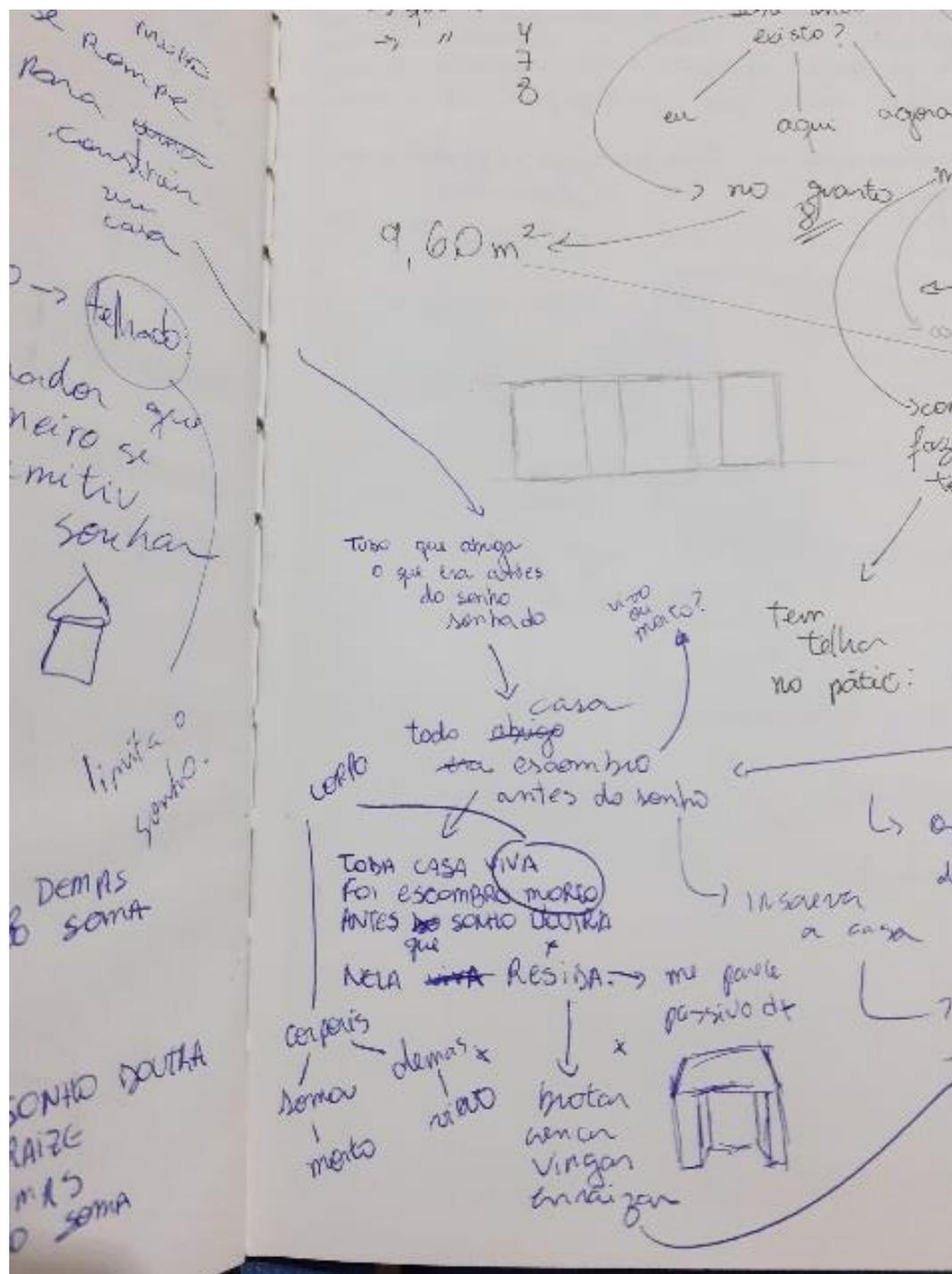
O16

No experimento de O16 essa proposta fica nítida: a reconstrução de uma casa lembrada como alicerce para uma nova casa que também carregava sua própria história fora a daquele morador específico. Embora esse processo de experimentação tenha sido único, foi possível ver como ele reverberou na construção do sonhador e como a casa onírica se tornou cada vez mais presente.

Tal experimentação também foi encontrada em S11 em forma de esboço e de estudos que antecederam a montagem e construíram esse pensamento. Os esboços constroem uma série de pensamentos que leva a elaboração da imagem com os tijolos e a imagem, cogitando experimentações não executadas com bottons e, sobretudo, explanam o processo de criação do poema que é associado diretamente a O2:



Excerto de S11

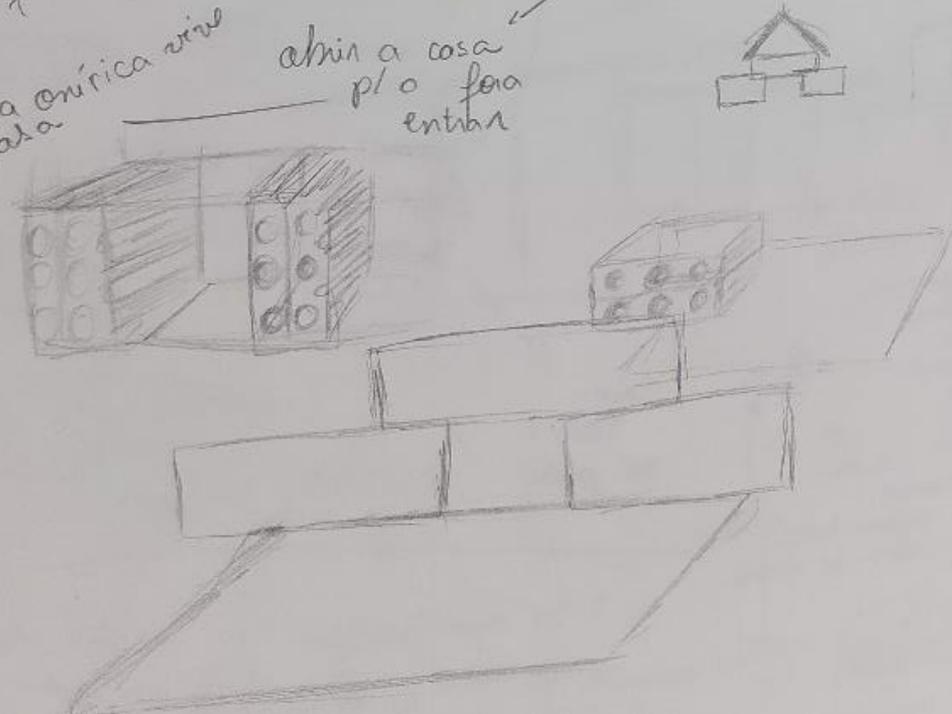


Excerto de S11

20/03
 Aquel vídeo me levou a lugar nenhum: como pensar a partir do morador a moradia? A ~~moradia~~ casa sempre ~~única~~ remete a experiências pessoais e vivências íntimas. Em um coletivo, todas essas dimensões coexistem.

A casa do ^{vista pelo} morador é sempre mais singular que a casa vista ~~pe~~ em coletivo e por isso perde marcas de símbolos que são inscritos e apagados o tempo todo ~~pelos~~ outros moradores. O morador ~~estético~~ só consegue ver o que produz para ele a casa ^{ingênuo} torna-se morta "soma" - corpo morto do latim (ou grego?), até e es, ~~cerne~~ - pois já possuiu significado - mas não o possui mais.

a casa / ~~de fora~~ ^{de fora} tem que se abrir para ^{como significar a casa}
 é fechada ← "Churrasqueira"
 ahin a casa pl o fora entra



Excerto de S11

casa
mãe
construída
sobre a casa
antiga.

quando a gente
se apeleia assim
de nós, temos a impressão
de habitar uma
imagem

"Esses valores de abrigo são tão
simples, tão profundamente arraigados
no inconsciente, que vamos encontrá-los
mais facilmente por uma simples
evocação do que por uma descrição
minuciosa. A palavra, então, exprime
a cor. A palavra de um porto, to-
cando o porto certo, abala as
camadas profundas do nosso ser."
(Apoteica do espaço, p. 32)

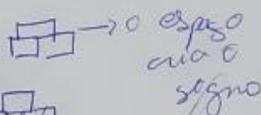
→ separar
tipos
→ utiliza
reboco

"Viver em uma
imagem"

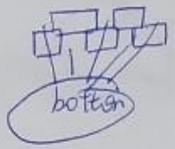
(Rilke)

"O sentido está pronto para as mais
longíquas identificações. Ele vive fechado em si.
mesmo, torna-se fechamento, canto escuro.

A versão
arquit.



A falta de
luz me
cativeira.



em zero / em que ser
transparente

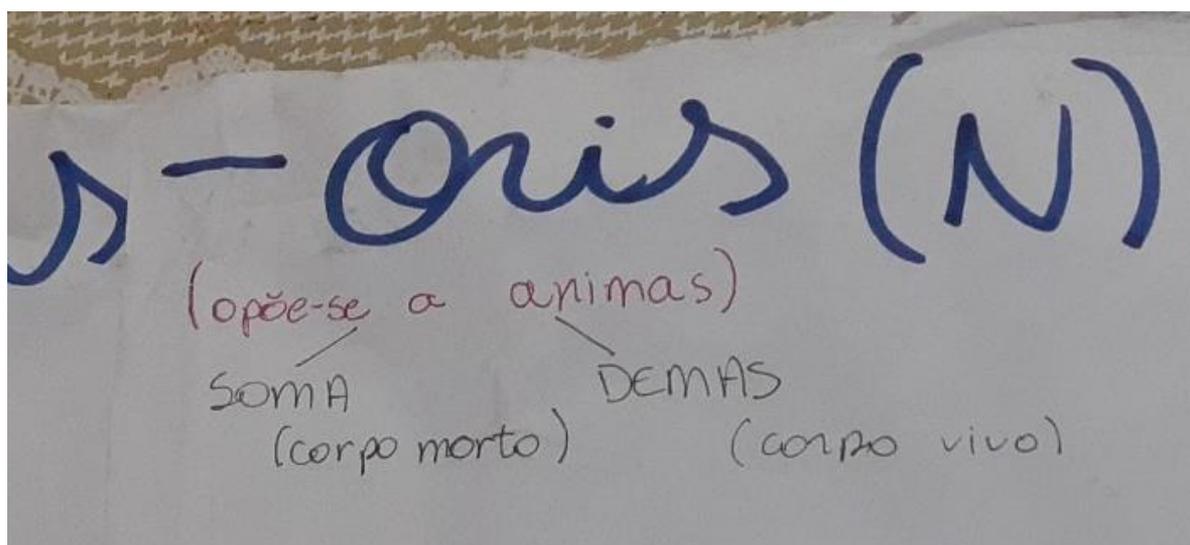
seu minhas
palavras não, tem

ficar atrás que ser

da visão; texturizado
sombreado"

é pra pensar com
os olhos

As composições de casa onírica e de sonhador que protagonizaram o processo de O15 em diante, nesse campo semântico, também se associaram ao documento O2 [p. 78], aquele cartaz que sistematiza os estudos do corpo como cartografia do sensível. Percebi essa relação de construção a partir do fragmento a seguir:



Excerto de O2

SIN CLASIFICACIÓN

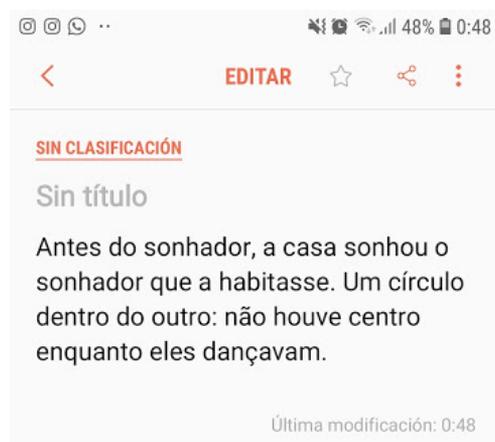
Sin título

Antes qu'o doutra
Nela s'enraize
Toda casa *demas*
Foi escombro *soma*

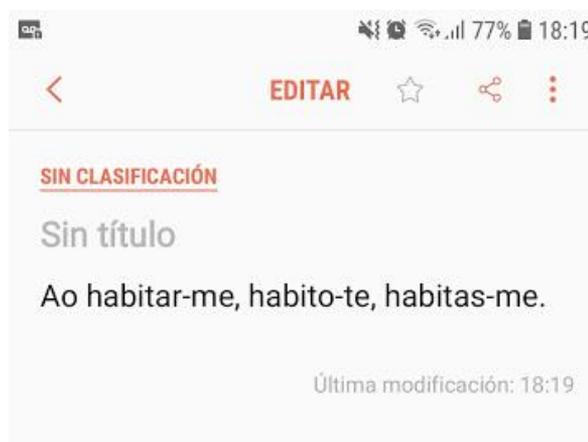
26

²⁶ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O morador ingênuo**. [S.l.], 26 mar. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvfrLidhqh0/>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

“Soma” e “demais” constroem o “corpus”. Sendo “soma” o corpo morto e “demais”, o corpo vivo. O uso dessas palavras para compor o poema acima sobre a casa aproximou a casa viva “demais” como escombro “soma” de uma outra que ainda dura ali, se enraíza. Esse conceito também é abordado nos documentos de processo O17 e O18:



O17



O18

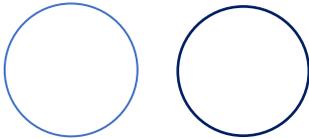
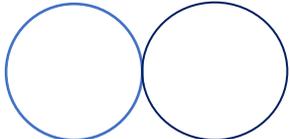
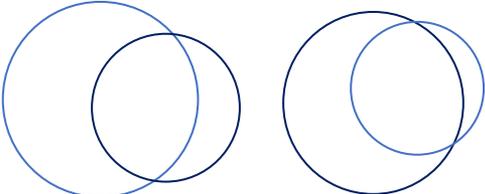
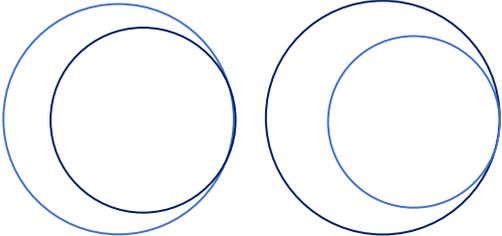
A casa onírica ganhou proporções de uma entidade, um ser, que também sonhava, que também carregava em si uma história própria dos seus moradores, uma história que foi pensada quando ela foi projetada, arquitetada, mas que é resignificada a cada chegada de outros moradores. Casa e corpo sonhador se significando mutuamente:

Vossa casa é vosso corpo mais largo.
Cresce ao sol e dorme no silêncio da noite, e ela também tem sonhos.
Vossa casa não sonha e, sonhando, escapa da cidade para o bosque ou a colina? (Gibran, 1975, p.29).

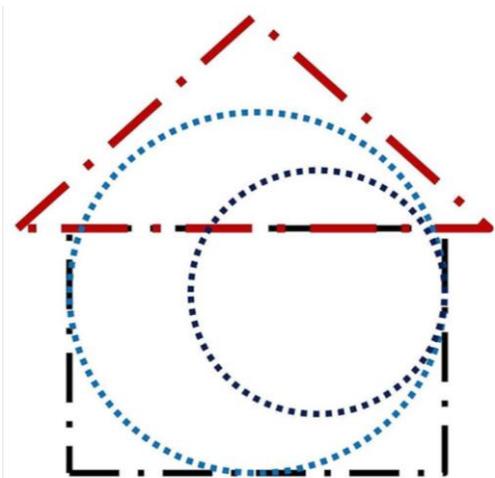
A casa, portanto, uma entidade privilegiada para Gaston (1988), atinge proporções que extrapolam a dimensão material. Em outras palavras, o laço entre habitante e habitado é totalmente necessário para o processo de casarificação em que ambos compartilham suas imagens sonhadas, mas não a acessam como um todo. São seres distintos em relação.

Para construir essa relação, optei pelo círculo, já que tal figura tem em William (1919) o valor do giro, a expansão do mundo: aqui, a expansão de si através do contato com o sonho do outro. E em Jorge (1969) o valor de não ter extremo e não ter centro: aqui, a experiência do eu.

A proposta representativa é a de um ser, um sujeito da experiência que pode ser visualmente representado por um círculo que possua em si os atributos de abertura e expansão. Levando em consideração que toda relação entre eu e mundo (casa) se dá por mais de um envolvido, tive dois seres. Desse modo, ao passo que um ou ambos os círculos se expandam, devido suas experiências (ideia de giro), a abertura pode se dar de distintas maneiras:

<p>a) Estado um: círculos que não se tocam, são desconhecidos.</p>	
<p>b) Estado dois: o movimento de conhecer o outro proporciona ao círculo expansão em direção ao encontro.</p>	
<p>c) Estado três: Os círculos já se chocam de tal forma que ambos de inscrevem. (i e ii).</p>	
<p>d) Estado quatro: quando um dos seres sonha o outro, o círculo permanece internalizado dentro do outro.</p>	

Nesse sentido, a construção dessa relação se mostra:



27

A casa onírica e o sonhador sonharam um com o outro e, portanto, internalizaram as características desse outro que já é um eu. Os dois sonhos se tangenciaram e foram capazes de sonhar uma nova entidade. Essa entidade se assemelha a estrutura do corpo e do eu secreto, como aponta Edith (2012, p. 41):

E que corpo é este que no corpo faz moradia para o único e secreto eu? O que em mim faz surgir a consciência de que este corpo seja eu? O reconhecimento de que na exterioridade afirmativa deste corpo existe um *eu público* ou de que na interioridade deste corpo existe um *eu anônimo* permeabiliza trocas entre o eu que sou eu, o eu que é o outro, o outro que sou eu e o outro que é o outro.

Ou ainda, dessa relação, o morador que se permitiu sonhar [*Não jogue sal em mim*, p. 110] teve o próprio hipotético do sonho como um espaço de existência. E, nesse sentido, a intimidade se fez ainda maior, como os documentos apresentaram no próximo momento e os documentos do campo semântico *Inscrição*, que teve como principal base os estudos da percepção.

²⁷ VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Inscrição do habitado**. [S.l.], 18 jul. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B0Ers-6BiGx/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 jun. de 2020.

CORREDOR SEGUNDO: CONVERSA DE SEGUNDAS INTENÇÕES COM O REFERENCIAL:



¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). "**A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela curva as costas sob o aguaceiro, retesa os rins. Sob as rajadas, dobra-se quando é preciso dobrar-se, segura de poder endireitar-se de novo no momento certo, desmentindo sempre as derrotas passageiras**". -

apesar das muitas páginas, apenas algumas sílabas esperneadas entre as doses de incandescência – aquilo que não se sabe se pertence ao texto ou ao corpo, ou seja, arrancava-as *do corpo que é texto e do texto que é corpo*.

Luiz Daniel Rodrigues,
séquitos misteriosos, 2013, p. 124.

BACHELARD. [S.l.], 16 set. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/BnysuEZhZSQ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 jun. de 2020.

I

[...] a casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos em sua unidade e complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 23.

Encontro-me num velho lugar comum. Entre palavras inúmeras escritas em paredes, mofo naquela parede direita que sempre é resultado de um inverno úmido e sem sol. Recolho do fundo de uma gaveta um pote de tinta laranja e tatio na parede esquerda o símbolo astrológico do sol qu' é pra ver se a parede paralela seca e se o mofo se vai.

Espanto-me de como a tentativa não funcionou. Sento-me no chão, ainda observando o mofo verde corroendo a parede branca como se cada gota de umidade acelerasse o processo de expansão do corpo externo ao da construção. Perdendo-me nas horas, sinto com mais intensidade a gelidez que a parede contém pela falta do calor que deveria atingi-la diretamente.

Duas batidas rápidas na porta.

Reconheço a força e a velocidade da mão de um conhecido íntimo com quem minha linha de pensamento se cruza. Levanto-me e abro a porta esperando ver o homem que me convidou a encontra-lo. Talvez ainda desencontra-lo. Nessa ocasião em que uma inquietação teórica quase-absoluta de nossas diferenças me devora.

Como resposta imediata, vejo a sua face séria e convicta.

- Quanto tempo, não? – pergunto-lhe.

- Pediu que eu viesse? – Perguntou-me.

Acenei com a cabeça e, com as mãos, fiz um gesto sugerindo sua entrada. O café já estava sobre a mesa. O homem sentou-se numa cadeira e serviu-se do café. Já estava em casa. Havia me visitado várias vezes. Fazia certo tempo que frequentava aqui.

- Então, - disse o homem puxando assunto após tomar um gole do café adoçado com quatro colheres de açúcar – à quantas anda teus escritos?

- Aos poucos, como de costume... sabes que sempre tento domar minha ansiedade. – Ele concorda com a cabeça.

- Qual o motivo de teu convite para um café?

- Quero conversar sobre teu livro que não terminei de ler ainda... – disse servindo café na minha xícara.

- Ainda não terminou de lê-lo? Como assim, Joja? Tu já foste melhor... esse livro fará aniversário em tuas mãos.

- Não se eu o queimar antes. – sorri ironicamente.

O homem deu uma gargalhada alta e divertida, pois sabia do meu ímpeto incendiário de livros. Também sabia que minha relação com os autores sempre é de amor e ódio, um constante morde e assopra que nos faz extremamente íntimos, complacentes e tiranos. Respirou profundamente, e, após um longo suspiro, prosseguiu:

- Eu gosto desse teu jeito desinibido... conte-me o que te faria queimar meu livro.

- Eu não sei, Gaston. – disse colocando a xícara na mesa – Eu comecei a lê-lo como um livro sagrado, e sei que a culpa por esperar é minha, mas ainda não entendo muito sobre como analisar uma casa. Às vezes temos concepções muito distintas de casa, não sei.

- Por que pensas isso?

- De onde vem a necessidade do abrigo? Não podes me dizer simplesmente que a casa é o objeto que nos *permite sonhar*. Essa construção, ela não é mais segura, não é mais impenetrável. Coloca-se cercas elétricas, garrafas quebradas nos muros, a casa torna-se mais um isolamento social, um cárcere.

- E os prisioneiros não podem sonhar?

- Estás me dizendo que o princípio de que a casa permite ao sonhador sonhar é justamente o mesmo princípio que o faz aprisionar-se nela?

Gaston levantou as sobrancelhas me olhando fixamente. Ele estava me fazendo uma pergunta de “por que não?” que me deixava ainda mais ansiosa e eufórica a indagação. Eu não tinha uma resposta e sinto que nem precisava.

- *A casa é nosso canto no mundo.* – disse-me ele. – Essa relação que temos com ela é a relação que construímos de acordo com a nossa vivência... *todo lugar essencialmente habitado traz em si a noção da essência de casa.*

- Nosso corpo seria uma casa? – Perguntei-lhe.

- Por quê?

- Porque o corpo é nosso canto no mundo.

Ele sorriu.

- E se todos os limites do abrigo são sensibilizados pelo abrigado, consigo, certamente dizer que o corpo é sensibilizado pelo seu habitante de inúmeras formas possíveis. O corpo então, torna-se sua primeira morada. – Beberiquei um pouco do café. – E por isso a casa natal não deveria ser o corpo?

- Isso é interessante. Eu olho a casa como um corpo ou um corpo como uma casa? Essa é a grande questão. Se transformo uma casa em um corpo, ela não deveria ter elasticidade, locomover-se, ser capaz de fazer coisas por conta própria? Ainda que o habitante do nosso corpo durma, a estrutura biológica

funciona, o coração pulsa, o sangue circula, o estômago digere. A casa não é capaz de ser corpo. Mas o corpo é capaz de ser casa.

- Mas que casa é essa? – interroguei-o.

- *Se todo espaço habitado traz em si a noção essencial de casa, sendo casa o seu canto no mundo, existe uma infinidade de possíveis relações que um habitante pode ter do seu corpo, lembrando que a casa não é vivida no presente, mas somente reconhecida.*

- Nosso corpo então seria um corpo de imagens tal como a casa e promovendo ligações passadas que gerarão um bem-estar presente. É esse meu ponto de desencontro. Não penso que a casa seja vivida como uma lembrança. – Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro como faço para organizar os pensamentos. – Se a casa é reconhecida no presente, sempre teremos um padrão partindo da casa natal. Quando acessamos uma memória, outra é inscrita novamente baseada no presente, ou seja, nossas memórias e devaneios são associados continuamente, não pode haver um conceito intacto. Por esse motivo

a casa não pode ser um desdobramento fiel do nosso ser, porque ela está sempre atrasada, a matéria não consegue acompanhar a velocidade de significação a qual o meu cérebro está habituado.

- A casa desatualizada?

- Sim. Ela ecoa e reverbera alguns pensamentos, mas não pode por si só ser fiel ao ser que a habita.

- Eles coabitam?

- Se significam o tempo todo, mas nunca igualmente. Só podem ser iguais na forma que assumem que são mutáveis e plataformas de significação. Por isso, suas significações e suas inscrições não são iguais... a estrutura da casa não estrutura o ser, somente estrutura um conforto para alguém que tenha uma forma de vida.

- E como construímos o conforto?

- No útero.

Gaston arregalou os olhos. Não é da minha natureza trazer respostas na ponta da língua. Demoro muito para conceitualizar as coisas e aquilo realmente o surpreendeu.

- Não posso considerar uma casa natal, Gaston, porque toda casa será natal. Se desdobrarmos, sempre haverá antecedentes.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, porém ainda parecia estar pasmo com a situação.

- E outra, - continuei – nenhum ser habita o que tu chamas de casa natal sozinho, não é mesmo? Todos esses seres que habitam em conjunto também inscrevem-significam a casa e o próprio ser. É muito mais complexo do que parece, por que deixaste tantas perguntas? Tudo bem que são essas perguntas que me mobilizam a discordar... Se os seres inscrevem-significam a casa, a casa significa os seres e os seres ainda inscrevem-significam os próprios seres, a estrutura psicológica da casa torna-se inscrita e significada de várias formas distintas.

- O que estás propondo? – perguntou-me.

- Estou respondendo ao teu problema central. – disse enchendo novamente a xícara. – Não é possível isolar uma essência íntima porque a natureza da casa não é íntima, é colaborativa ou

compartilhada. A colaboração e o compartilhamento se opõem à intimidade quando intimidade não significa “uma ligação estreitamente afetiva”.

- Mas a colaboração não pode ser íntima?

- Íntima como tendo origem no âmago?

Ele balançou a cabeça positivamente.

- A natureza da casa é colaborativa e íntima, sendo passiva de interpretação, mas ativa na significação.

- Isso mesmo. – Ele sorriu.

- Discordo.

Ele se surpreendeu.

- Há outra diferença que preciso situar: compartilhamento e colaboração não são a mesma coisa. O compartilhamento ocorre com um poder mínimo nas mãos de alguns envolvidos, diferente da colaboração

em que o poder máximo é dado aos envolvidos. Em outras palavras, o compartilhamento é muito mais vertical que a colaboração, sendo essa muito mais horizontal.

Suspirei fundo.

Gaston me olhava instigado.

- Eu posso dizer que a natureza da casa é social e íntima, sendo passiva de interpretação, mas ativa na inscrição.

Ele sorriu.

- Isso não é suficiente para mim. – Eu continuei.

- Então prossigamos. – Disse coçando a cabeça.

- Essa afirmação dá conta da natureza colaborativa e compartilhada da casa, assim como também dá conta da intimidade, ainda que, nesse caso, a casa ainda é íntima, e não há relação entre casa e habitante. Poderíamos dizer que a natureza da casa é social, sendo passiva de interpretação, mas ativa na

inscrição, proporcionando uma significação íntima a todos os envolvidos no processo quando eles possuem uma relação íntima entre si.

- Se não possuem uma relação íntima? – disse Gaston.

- Então nos distanciaremos evitando pronomes possessivos... ou com “onde eu moro”. Por mais que habitemos vários lugares, não chamamos a todos esses lugares de casa.

Ele sorriu e se levantou.

- Acredito que essa conversa foi muito produtiva para nossos escritos, não? Ainda mais com essa sua última fala.

- Deveria eu trabalhar a ideia do corpo como casa?

- Por que não? – disse-me se dirigindo à porta.

- Social e íntimo juntos... – sorri – o processo de significação me encanta cada vez mais...

- Talvez seja porque nele, sempre haverá dúvidas... – disse já abrindo a porta.

- Tchau, amigo. Até logo. – disse eu.

- Até breve. – disse-me ele antes de fechar a porta.

- Se não podemos ignorar o social como não podemos ignorar a intimidade envolvida nesse processo, temos que considerar que toda casa é um espelho de uma estrutura relacional que busca projetar conforto. Mas que estrutura é essa? De onde ela vem? Qual lugar que eu mais me sentia seguro? Num abraço? Num colo?

Parei perplexa olhando para a xícara. Levantei-me em c'um pulo e procurei o atlas do corpo o humano. Ali havia a resposta, como que no ápice de uma narrativa, eu estava com a resposta nas minhas mãos. O útero.

- O conforto vem do útero. – repeti serenamente incontáveis vezes. Mas a sequência frenética foi interrompida pelas mesmas duas batidas anteriores.

II

A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela curva as costas sob o aguaceiro, retesa os rins. Sob as rajadas, dobra-se quando é preciso dobrar-se, segura de poder endireitar-se de novo no momento certo, desmentindo sempre as derrotas passageiras.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988 p. 62.

- Entre. – disse serenamente.
 - Eu estava indo para casa quando me lembrei de algo que talvez lhe seja útil. – disse ao abrir a porta.
 - Sério? – perguntei-lhe entusiasmada.
 - La Redousse, a casa de Malicroix, de Henri Bosco, já possuía características de um corpo. – Tirou um livro do bolso do casaco – Acabei de vê-lo em um sebo e acredito que te seja uma leitura interessante.
 - Entregou-me.
- Eu estava com os olhos encantados demais para responder, sequer agradecer.

- Obrigado. – disse então.

- Pergunto-me: se a casa abriga o morador. Qual seria o morador? Corpo e alma estariam divididos novamente?

- Não. – Respondi colocando o livro de lado. – Por mais que a consciência tenha uma relação de moradora do corpo, nem o corpo, nem o abrigado existem de forma dissociada. A relação entre os dois é necessária.

- Tal como a relação do morador e da casa, pois, caso não haja morador, a casa torna-se abstrata demais...

- Não, - eu disse – caso não haja um morador, pressupomos um morado anterior, a casa não foi construída do nada. Alguém já a habitou.

Ele acenou com a cabeça positivamente.

- Assim, o corpo tem o mesmo morador, pois um corpo sempre foi habitado.

Acenei positivamente com a cabeça.

- E tanto o corpo como a casa só podem falar do que os habita e de sua história enquanto habitados, no caso da casa. – Exibi um sorriso quente ao ouvi-lo falar aquilo.

Acendi um cigarro.

- Tanto a casa quanto o corpo, Gaston, não falam deles mesmos, falam de quem os habita, habitou. E há muitas semelhanças, diria que até demais para considerarmos que são estruturas distintas... Tanto a casa quanto o corpo são de natureza social e íntima, sendo passiva de interpretação, mas ativa na significação. Pois a concepção de corpo é criada em conjunto com a sociedade em que se vive. Todas essas semelhanças tornam essa relação de abrigo e abrigado comum nas duas estruturas.

Gaston ainda estava em pé no vão da porta, passando a mão por sua barba longa e grisalha.

- É, meu jovem, - ele me disse – ainda tens muito trabalho. E eu desejo que possamos conversar ainda mais outro dia.

- Idem – sorri.

O homem fechou a porta e deixou-me olhando para o livro Malicroix com um cigarro entre os dedos.

Sozinha no quarto, perguntava-me quão intensa para mim fora aquela conversa. Sentar em conversar com alguém que é tão conhecido quando se precisa falar de casa.

Perguntava-me sobre como nossas perspectivas que, a princípio pareciam ser tão diversas no final se convergiam para a mesma estrutura: a relação entre o abrigo e de quem ele fala: seu abrigado. Mas, ao mesmo tempo Gaston parecia analisar muito mais a experiência do abrigado em relação ao abrigo.

A estrutura ainda era a mesma. E, por mais difícil que tenha sido discordar do Gaston, ambos concordávamos em discordar um do outro. Concordávamos que, por mais que a presença dele fosse grandiosa, nossos pontos de vistas criavam distintos objetos dentro da relação.

BANHEIRO ESQUERDO: A RECRIAÇÃO DA INTIMIDADE PARA SONHAR: MOMENTO BANHEIRO:

(CONVITE PARA CRIAR INTIMIDADE)

A casa surge tão bela, tão intensamente bela que seria sacrilégio sonhar em habitá-la.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 119.



¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O desejo aqui posto é o de criar intimidade intensa.** #corpocolaborativo #corpoemcasa #casaonirica. [S.l.], 23 jun. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzESLvwhgJm/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020



Na verdade, vossa paixão pelo conforto assassina as paixões mais nobres de vossa alma e, depois, zombeteira, marcha no seu enterro.

Gibran Khalil Gibran,
O profeta, 1975, p. 31.

² VAICÉULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O banheiro e a intimidade: a umidade cria bioindicadores** oníricos. #corpoemcasa #corpocolaborativo #processodecriação #nacar #casaonirica #bachelardgaston. [S.l.], 28 abr.. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bw0FVYCBTkS/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

(ABANDONAR O CONFORTO PARA CRIAR INTIMIDADE)



³ VAICÉULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Não caibo em mim | 2018 #corpoemcasa #corpocolaborativo**. [S.l.], 19 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BplFrHhhRJm/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

Mas vós, filhos do espaço, vós, os inquietos no repouso, vós não caireis em armadilhas nem sereis domesticados.
Vossa casa não será uma âncora, mas um mastro.
Não será uma fita reluzente que cobre um ferimento, mas uma pálpebra que protege o olho.
Não dobrareis as asas para poder atravessar as portas, nem curvareis a cabeça para não bater nos tetos, nem retereis vossa respiração para não sacudir e abalar as paredes.
Não morareis em tumbas feitas pelos mortos para os vivos.
E apesar de sua magnificência e esplendor, vossa casa não conterà vosso segredo nem abrigará vossa nostalgia.
Pois aquilo que é ilimitado em vós mora no castelo do céu, cuja porta é a bruma da aurora e cujas janelas são os cânticos e os silêncios da noite.

Gibran Khalil Gibran,
O profeta, 1975, p. 31.

(RITOS DE BANHEIRO)

Se eu não acordo
Eu me sustento em mim.

Diego Casas e Gabriel Setubal
Sonhos Lúcidos, 2014.



⁴ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Item 2 do recorte | (03/2018) Título: Sátiro no Banho.**Sobre: **Sátiro, provavelmente autorretrato, feito em A4 Canson: técnica de giz pastel e nanquim. Aparece ao fundo uma sombra cinza com olhos vermelhos (seria**

É nesse sustento que desde criança nunca distingui o material ao sonho: se me transpassa, gera experiência. Sonhar outras realidades. Sonhar realidades amarelo limão⁵. Eu costumo sonhar no banheiro, principalmente enquanto me banho. Algumas vezes, meus amigos entraram no banheiro e conversavam comigo enquanto eu me banhava. Não **era** desconfortável, era outro conforto que não se intitulava mais conforto, era intimidade. Abandonei o conforto para ir atrás da concha, a encontrei no banheiro: minúsculos caracóis subiam os azulejos. Se sonho é porque sou inquieta. Se sonho é porque tenho intimidade com o sonhado. Sonho sozinha para viver em junto.

Saturno?). O sátiro está de costas, cabeça direcionada à água corrente. A imagem pode se relacionar a obra Dança do Sol (2019), pois o personagem Diecko é um sátiro e passa por uma cena de banho enquanto conversa com Saturno. Relacionamento com árvore e fundo disforme. #processodecriacao #Metodologiaartistica. [S.l.], 16 out. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3q0YN-J30F/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

⁵ SMYTHE. **Fotografia:** sn. diego esq. tarapacá vista: norte - sur 23 agosto 1977 12.30 hrs. Publicación Galería Cromo: Santiago de Chile, septiembre - octubre, 1977. p. 7.

(O LAÇO ÍNTIMO DO CORPO MORADOR COM CASA: DEVANEIOS
AQUÁTICOS)

Minha essência plástica e pura
docilmente se transfigura
e vai sendo vida sonoro.

Morto-vivo, em silêncio rujo;
da praia rasa, absorvo a altura,
e celebro as ondas, as luas, a aurora...
as águas que dançam, a espuma que chora...”

Caramujo do mar, caramujo,
nas areias seco e sujo...

Cecília Meireles,
Caramujo do mar, 1945, p. 477-8

Gaston (1988, p. 23) apontou que para analisar a casa não bastaria somente considerá-la um objeto. Disse ainda que seria necessário “encontrar a concha inicial em toda moradia” (GASTON, 1988, p. 24). Essa foi uma parte de seu trabalho. A concha é um habitado distinto, isso é, seu habitante, o molusco, e ela constituem outra relação que a humana: “é preciso viver para construir sua casa, e não construir sua casa para viver nela” (GASTON, 1988, p. 118).

Pensando que toda casa tem sua história, suas camadas de tinta, suas reformas, ela se cria a partir de experiências de e com ela. A casa, estrutura, não sai ilesa. Isso é, a casa também recebe a inscrição dos moradores que por ela

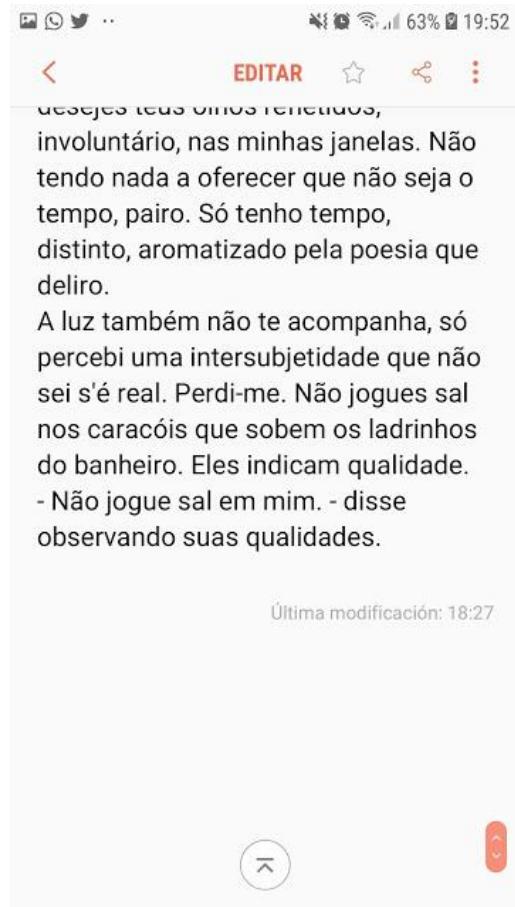
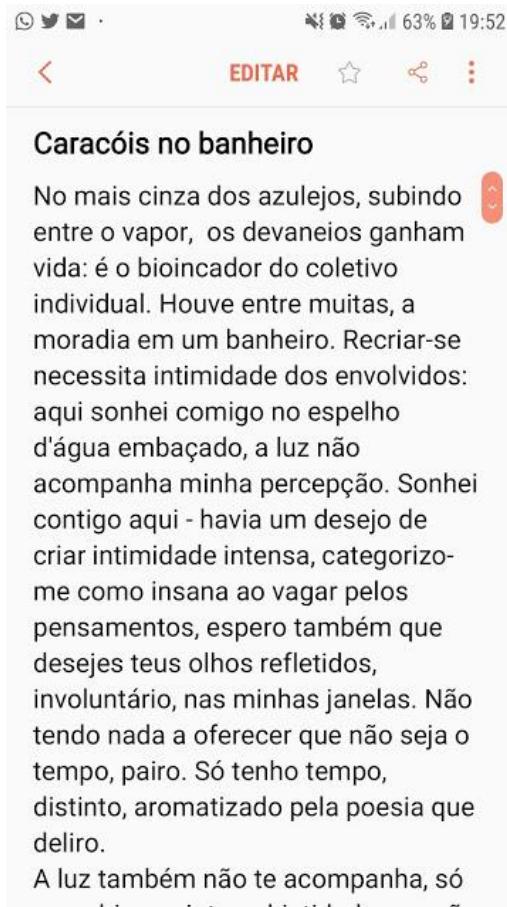
passaram. E ela também os conforta e os permite sonhar (GASTON, 1988). A relação de concha e molusco é a mesma de casa e sonhador, eu vivo para construí-la. Eu crio intimidade com ela e sonho. Pelo sonho, deixo-me. E nele tudo me ocorre.

Nesse sentido, *O19* consiste a partir de um conjunto de fotos como registro de caracóis que estiveram andando no azulejo do banheiro. Esse registro é importante por desenvolver, no Momento Sonhador [p. 198], o habitat propício ao caracol e, consecutivamente, ao sonhador: espaço de umidade.



O19

Ainda, a partir desses registros, um pequeno texto de observação da cena vislumbrada foi criado. O texto *Caracóis no banheiro*, registrado como captura de tela do bloco de notas:



O20

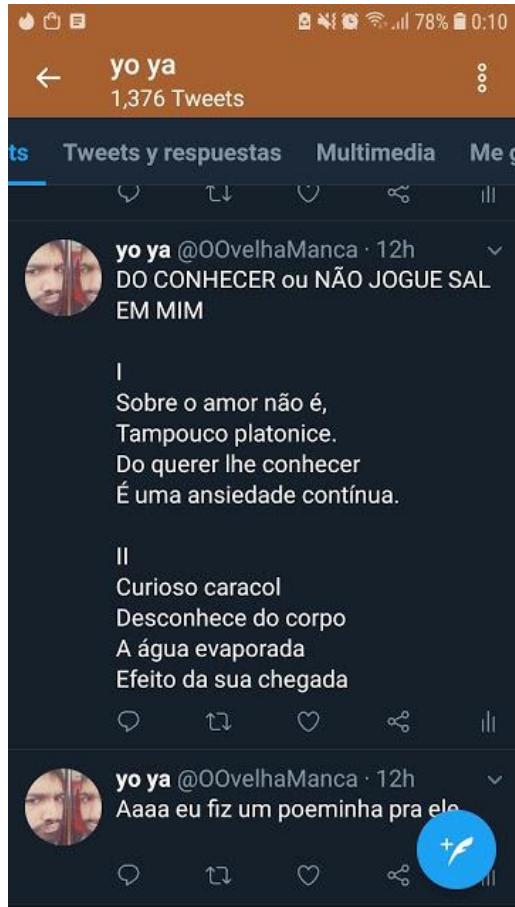
Nesse texto, a enunciadora que vislumbra a cena faz constantes movimentos de entrada e saída de si: sonha consigo e com alguém; dirige se a

alguém: “sonhei contigo aqui”, no sonho “havia um desejo de criar intimidade intensa”; reflete sobre o que vê e o associa ao seu coenunciador: “a luz não acompanha minha percepção”, “a luz também não te acompanha”. Posicionada em contato com os caracóis adentra em si, exprime seus desejos em relação ao coenunciador: “categorizo-me como insana ao vagar pelos pensamentos”.

A possibilidade desse vagar foi anunciada logo na segunda linha do texto: “subindo entre o vapor, os devaneios ganham vida”. Os devaneios que sobem os azulejos são, sobretudo, bioindicadores de sonhos coletivos e individuais: “eles indicam qualidade”.

A enunciativa anuncia também a sua recriação: “recriar-se necessita intimidade dos envolvidos”. A visão turva, não é possível mais enxergar-se, pois o espelho está embaçado – configuração que propicia o sonho de si. Insiste. A configuração cria subjetivação, seria isso real?

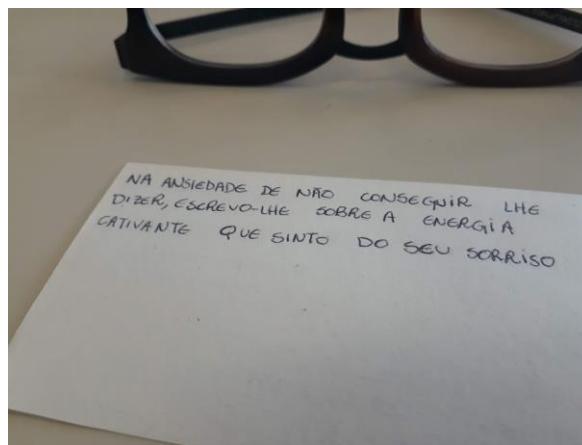
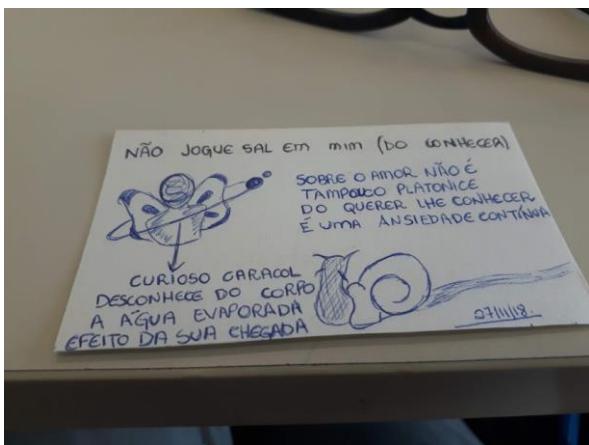
Perde-se e, no movimento de perder-se, retorna do devaneio à cena vislumbrada. Tem agora um pensamento de recriação com ela, os caracóis não podem ser mortos. Pensa: Não jogar sal nos caracóis. Enfim fala, reconhecendo o outro em si: “Não jogue sal em mim”. Essas palavras evocam o poema de mesmo nome [O21] e parecem ainda evocar a primeira versão do poema (“do conhecer”) e não aquela que foi utilizada na construção do zine *A necessidade de abrigar-se* [O5, p. 110]:



O21

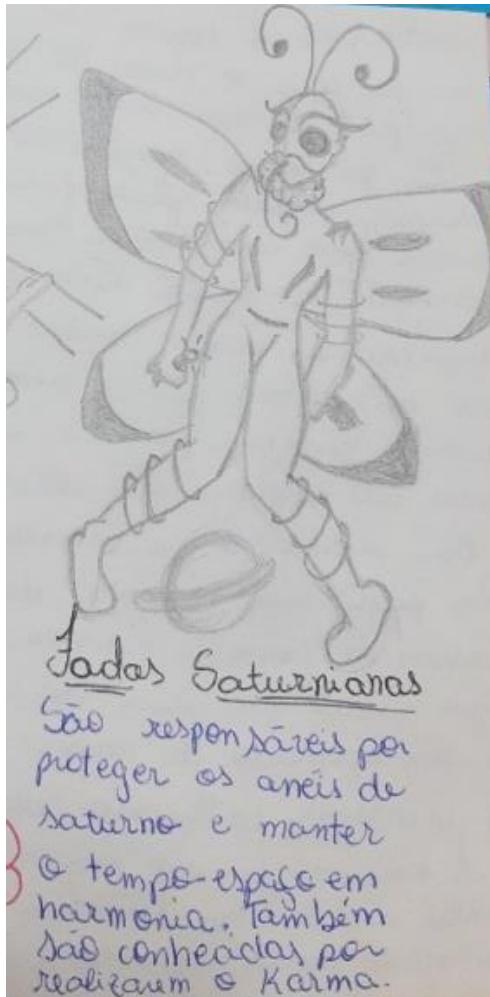
Conhecer requer criar intimidade. *DO CONHECER ou NÃO JOGUE SAL EM MIM* (2018), veiculado no Twitter, foi em primeiro lugar um poema dedicado

a alguém. Ele era separado em duas estrofes I e II, e possuía como tema uma declaração. No mesmo ano, o poema recebe uma nova versão material e não virtual, como é apresentado em o O22:



O22

Na versão material, o título é alterado para *NÃO JOGUE SAL EM MIM (DO CONHECER)*, além de ganhar o desenho de uma fada saturniana. As fadas saturnianas, segundo S1, são entidades responsáveis por proteger os anéis de Saturno e manter o espaço-tempo em harmonia. Também são conhecidas por realizarem o carma:



Excerto de S1

Desse modo, fica nítido uma primeira associação de composição do poema com a composição do conto A Dança do Sol, bem como o universo de Pontua-se Amores Impressos já que as fadas também estão presentes nele. Todavia, o poema ainda se configurou de outra modo, na verdade, praticamente outro poema, mantendo somente o título e o uso da imagem caracol e da água. O poema, já mostrado anteriormente no Momento Abrigo, intitula-se *Não Jogue Sal em Mim*:

NÃO JOGUE SAL EM MIM

I

Ao morador que primeiro se permitiu sonhar
Vivente no constante absurdo
Num hipotético alheio

Apenas mais um corpo no mundo
Apenas levado pelas ondas

Molusco de água doce
Em rochas sem sal
Habitante habitando
Hábitats habitáveis

Excerto de O5

Perdendo seu conteúdo romântico e se construindo a partir da relação habitante da concha e habitado, o poema torna-se integrante do foto-livro *A necessidade de abrigar-se*. E ainda se transforma mais uma vez ao entrar em

contato com a descrição de Gaston (1988, p. 124): “[...] interiormente o homem é um acúmulo de conchas”.

Essa versão que é parte do campo semântico Inscrição. Embora a demarcação II indique uma continuação da versão do poema de O5, o processo continua em aberto aqui. Além disso, o poema se relaciona aos estudos do labirinto do ouvido, desenvolvido em Inscrição, e também da frase “Eu ecoo aqui. Aqui ecoa em mim” utilizada como foto na segunda versão do zine *A necessidade de abrigar-se*.



A simplicidade que o ser da concha ainda evoca em mim me parece o real sentimento que eu tenho ao sonhar: os moluscos terrestres são bioindicadores sensíveis demais à temperatura, à umidade do ar e à poluição. Essas duas imagens nascem para mim como o conceito situado por Edith (2012, p. 50) “força nascida de uma sensação, de uma impressão, de uma intuição que movimenta nossa matéria corpórea”. E é justamente por isso que me identifico tanto com eles: sonhadores também são bioindicadores.



O23

O meu encontro com os diversos autorretratos que desenhava criando um híbrido com os caracóis e também a apropriação encontrada em O23, um conjunto de 11 fotos com diversos desenhos de caracóis ao longo de S1 e S14, propuseram uma recuperação ao primeiro deles. Em uma primeira versão, o desenho se intitulava *Autorretrato da inconstante morfose do ser* encontrado no caderno de lugar comum S1. Além dela, há ainda uma segunda versão com outros traços, intitulado *Cacos*:



Excertos de S1

O desenho só passa a receber o título a partir da primeira versão do poema *DO CONHECER* ou *NÃO JOGUE SAL EM MIM* que também se transmuta completamente ao entrar em contato com o desenho. Do mesmo

modo como anteriormente os foto-livros em formato de zines se juntaram para construir a exposição *Mercado* (2019), autorretrato e poema criaram um híbrido. Isso é, eles foram correlacionados. Retomando Moacir (2008) toda a mudança de objetos é essencial para toda transformação de uma cadeia de ações, bem como sentimentos e percepções.



O24

A digitalização do desenho *Não Jogue Sal em Mim* (2018) foi um documento que recuperei para a construção desse campo semântico dada a intensidade que ele ecoou em meu processo. O uso do verbo recuperar cabe aqui por esse eco ter permanecido, até o estudo do processo, como algo inconsciente.

Eu estava me reconhecendo no caracol. Recriando minha casa onírica, tornando-me íntima. Com o avançar dessa busca pela intimidade com a casa, deparei-me com uma série de registros do cotidiano dentro do banheiro. O motivo deles terem sido considerados é porque eles se relacionam com um desdobramento de conceito sobre o sonhador e sua representação. Além disso, para Edith (2012, p. 44) “a experiência da criação acorda uma atitude nascida do sagrado, do divino, do espiritual, do ritualístico, como também comparece nos mínimos gestos e atitudes do cotidiano”. Tal série representa justamente esse comparecimento.

Portanto, como material de ordem do cotidiano, esses registros são fotos e vídeos que contém atos como limpar o banheiro [O25], tomar banho [O26 e O27], registrar a umidade no azulejo [O28], trocar de roupa [O29], escovar os dentes [O30] e desabafar suas ausências [O31]. Assim, esse momento do campo semântico Onírico é composto por esses registros que exerceram o papel de buscar um ambiente úmido o suficiente para que a imagem do sonhador nascesse.

O sonhador, aquele que vive para criar sua casa, só o faz pela intimidade. Cuidar da casa, limpá-la, fotografá-la, propor registros com ela é, em suma, tornar-se íntimo dela. Os documentos O25, O26, O27, O28, O29 e O30 são

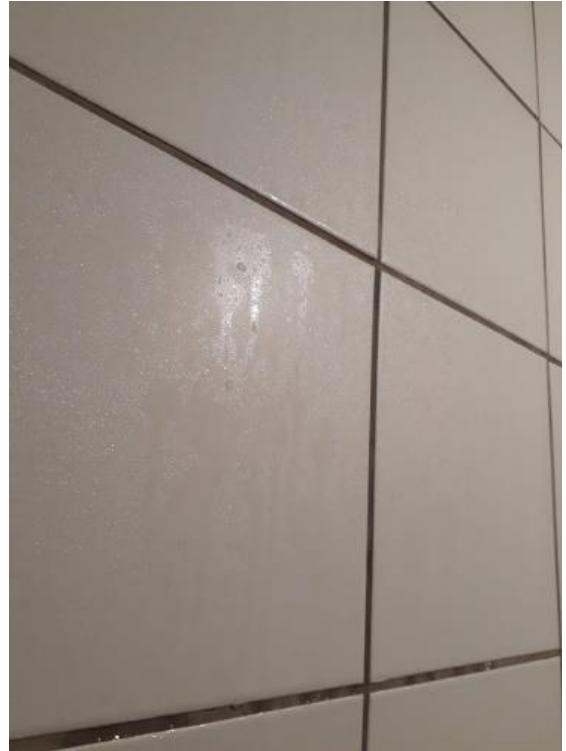
registros dessa busca pela intimidade, ou ainda são indícios de um corpo que, ao executar tal busca, acaba desprendendo-se de si e sonhando.



O25



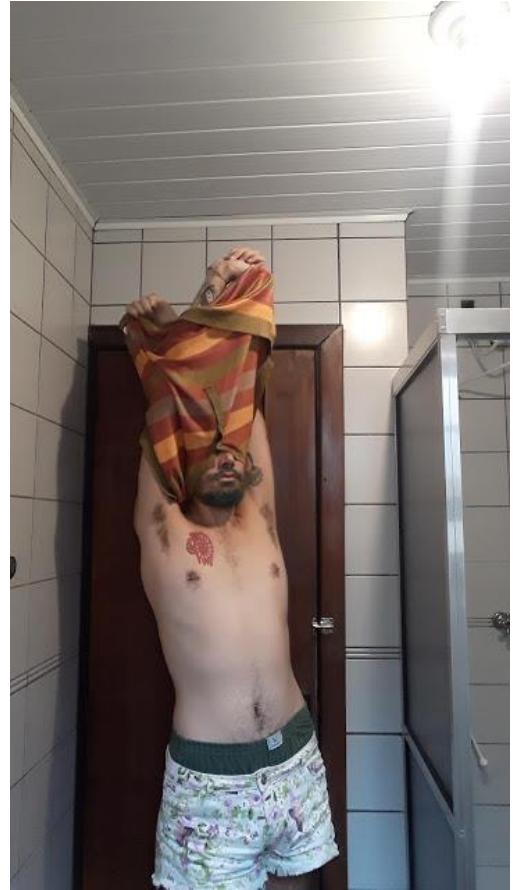
O26



O28



O27



O29



O30

É a partir desse movimento de recriar a intimidade com a casa e de recuperar a presença híbrida do conforto do abrigo com os ritos diários de autocuidado, ritos estimulantes do sonhar, que O31 se apresenta. E apresenta-se de maneira densa e carregada de vermelho, uma cor até então pouco explorada no processo e que torna-se mais presente a partir daí.

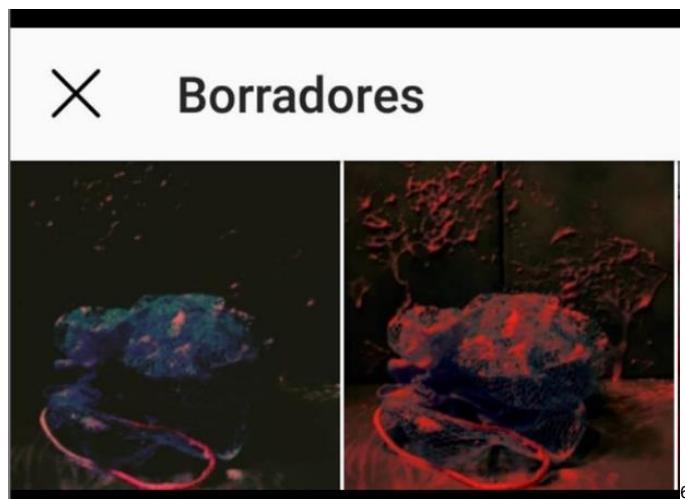


O31



O31

É em O25 que o corpo recupera suas ausências e sente a escassez intrínseca de si e daquilo que lhe falta, mas não pode ser tido. O corpo sonha, absorve e espuma aquilo que lhe toca e ainda lhe falta.



A construção desse momento [Banheiro] se relaciona diretamente com A Dança do Sol [S14]. Isso porque, ainda no Ato I, Diecko e Saturno desenvolvem maior aproximação por meio do banheiro. Além disso o banheiro é reconhecido por Diecko como um espaço que lhe foi capaz de recriar a intimidade:

O banheiro recriava a intimidade de um ser. Diecko se lembrava que quando criança fazia o mesmo com seus amigos: conversar durante o banho. O banho chega a ser mais íntimo que a dormida, por isso o ritual de escovar os dentes e banhar-se com outros

⁶ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Processo: sonhar: absorver e espumar. . #processodecriacao #arte #onirico #casa #corpo #corpoemconstrucao.** [S.l.], 7 ago. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B04i9fyhOy_/. Acesso em: 20 jun. de 2020.

era culturalmente aceito de onde Diecko viera. Mas e ali? O banheiro ainda recriava a intimidade entre eds moradores: um tapete de crochê provavelmente feito por Mercúrio, um espelho em frente a pia, os azulejos cinzas e com um pouco de mofo entre os rejuntas, o cheiro de lavanda e o coletor menstrual ne Júpiter em uma caneca na pia. Em outra caneca, todas as escovas deds moradores. Os xampus e condicionadores estavam alinhados dentro do box.

Excerto de S14

Outra relação é a presença do vermelho, na palheta de cores das fotos e o uso do sangue para insinuar um estado de espírito, já que, quando Diecko começa a tomar seu banho e emite um suspiro de felicidade, Saturno se sensibiliza sentindo

«seu sangue sorrir como não sentia desde o desaparecimento de Sol»

(A Dança do Sol, p. 8).

Ainda, houve mais uma relação que pude estabelecer entre esses dois: o momento banheiro se forma a partir de recriar intimidade e depois, desabafar o sentimento de uma ausência ainda não curada.

Essa mesma estrutura é utilizada nessa cena do banheiro em *A Dança do Sol*: Diecko e Saturno começam criando uma intimidade, Diecko a vê explícita no banheiro. Após isso Saturno desabafa sobre a falta do Sol e como ela não pode ser suprida:

- Depois de um bom tempo, voltei para cá. Mas nunca mais o ouvi. Eu não sei aonde foi o Sol. Sei que vejo meus destroços ao meu redor, e sem luz, são tenebrosos. Temo que ele seja um desses. Temo que ele fosse um satélite e eu fosse o verdadeiro Sol e, obcecado pelo meu brilho narcísico, esqueci-me dele e me apaixonei por mim mesmo. – Suspirou fundo e não soltou sequer mais uma lágrima. Limpou o rosto e continuou – Nessa dança sem fim, o encontro em alguns sorrisos tortos. Talvez ele tenha vindo atrás de mim. Eu espero. E a solidão continua a aquecer as noites frias no outono do hipotético.

- Depois de um bom tempo, voltei para cá. Mas nunca mais o ouvi. Eu não sei aonde foi o Sol. Sei que vejo meus destroços ao meu redor, e sem luz, são tenebrosos. Temo que ele seja um desses. Temo que ele fosse um satélite e eu fosse o verdadeiro Sol e, obcecado pelo meu brilho narcísico, esqueci-me dele e me apaixonei por mim mesmo. – Suspirou fundo e não soltou sequer mais uma lágrima. Limpou o rosto e continuou – Nessa dança sem fim, o encontro em alguns sorrisos tortos. Talvez ele tenha vindo atrás de mim. Eu espero. E a solidão continua a aquecer as noites frias no outono do hipotético.

- Que frio! – bradou Diecko.

- Desculpe-me... – disse Saturno – empolguei-me um pouco com coisas que estavam entaladas na minha garganta.

- Tudo bem. – Desligou o chuveiro e, quando abriu a porta do box, assustou-se. Saturno estava com a cabeça para trás, apoiada na parede, e todas as borboletas que o circulavam estavam mortas no chão ou esmagadas na parede por pedradas ou por suicídio. As formigas faziam a festa, levando asinhas coloridas para todos os lados, corpinhos e anteninhas também. Algumas baratas rondavam o lugar disputando espaço para o banquete.

Excerto de S14

É necessário também, lembrar que Saturno é um deus no não-haver, em suas próprias palavras

«os deuses do não-haver são estranhos... movidos por um desejo
imenso de coisas que são intangíveis...»

(A Dança do Sol, p. 8)

Assim como a própria ausência que lhe pertence. Bem como a ausência e a escassez daquilo que falta ao corpo, e que não pode ser alcançado.

Noutro sentido ainda, ao reconstruir a busca pela intimidade, o corpo evoca a relação que o torna sonhador. E então, dentro do mesmo espaço, do banheiro, o sonhador se manifesta e se funde a imagem do caracol que vive para construir a casa.

BANHEIRO DIREITO: OU A CASA ONÍRICA, SONHADA SOZINHA E VIVIDA EM COLETIVO (MOMENTO SONHADOR):

(IMERSÃO PROVISÓRIA NA FALTA DE DESCRIÇÃO)



¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Imersão provisória**. [S.l.], 11 jun. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Byk5AnQB83l/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020

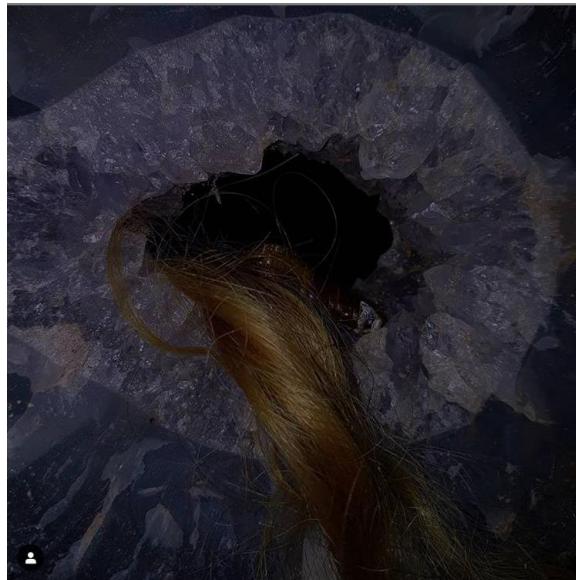
O ser que se esconde, o ser que “entra na sua concha” prepara “uma saída”.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 123.

Esses valores de abrigo são tão simples, tão profundamente arraigados no inconsciente, que vamos encontrá-los mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa. A nuance, então, exprime a cor. A palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 32

(SENTIR ATRAVÉS DA PENUMBRA)



² VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Buraco no sonho: cresci. Não sei como é que tô com saudades dos deuses da morte, quase todos nós temos o raiar do Sol de novo pra mim e a vida segue em anexo. Ps: sinto saudades do seu gosto hipotético.** [S.l.], 22 ago. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1c-tuaBMr-/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

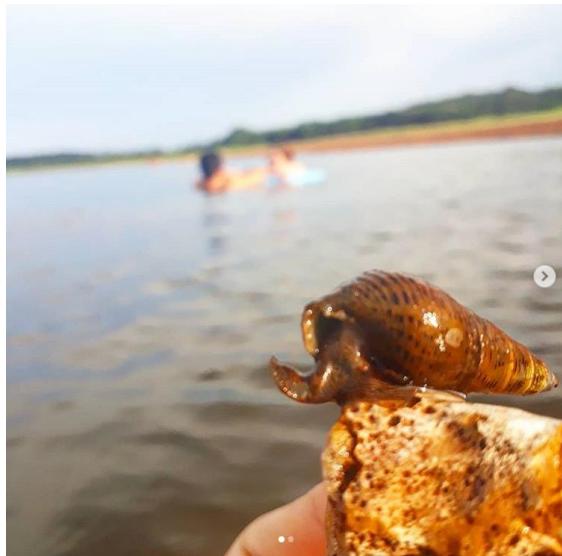
O excesso de pitoresco de uma morada pode ocultar a sua intimidade. Isso é verdade na vida; e mais ainda no devaneio. As verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 32

Descrivê-las seria *mandar visitas*. Do presente pode-se talvez dizer tudo; mas do passado! A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra. Ela pertence à literatura em profundidade, isto é, à poesia, e não à literatura eloqüente, que tem necessidade do romance dos outros para analisar a intimidade.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 32

(ESCORREGAR EM SI)



³ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Crosoé em dia de sol dando "oi"..** [S.l.], 6 fev. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtiwEJOBvon/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

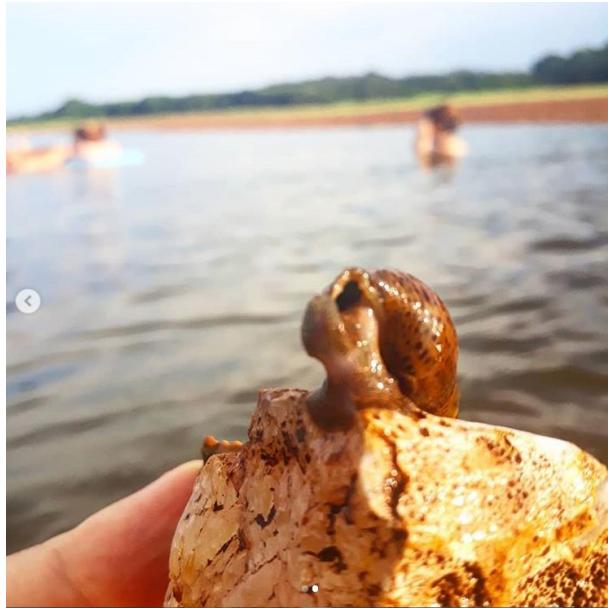
A poesia não serve para amar.
A poesia é ledo enganoso, escorrega ao caminhar.
A poesia não diz, ela é.
Portanto amador, não ames tanto, teus signos irão se esgotar!
Tua estrutura irá corroer, teus signos perderão o significado.
Em compensação nunca amaste tanto!

Carmen Jacques,
Atmosferas, 2013, p. 69

Os nomes das coisas não são as coisas.
As coisas são as coisas.
As coisas são.
Pode ser estranho.
É estranho.
Mas eu gosto disso.
Justamente quando não preciso explicar
o inexplicável que é isso que eu gosto

Márcio Porciúncula Ferreira,
Oblações ao corpo: escrituras do desejo, 2013, p. 29

(SONHAR EM SI)



⁴ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Crosoé em dia de sol dando "oi"..** [S.l.], 6 fev. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtiwEJOBvon/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020

Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 62

Alojado em toda parte, mas sem estar preso a lugar algum: essa é a divisa do sonhador de moradas.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 75

Permanecendo ainda no centro da imagem que estudávamos, parece que, ao conservar-se na imobilidade de sua concha, o ser prepara explosões temporais do ser, turbilhões do ser.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 123.

Ao menor sinal, a concha se humaniza; entretanto, sabemos imediatamente que a concha não é humana. Com a concha, o impulso vital da habitação chega rápido demais a seu termo. A natureza obtém depressa demais a segurança da vida fechada. Mas o sonhador não pode acreditar que o trabalho terminou quando as paredes estão firmes; e é assim que os sonhos construtores de concha dão vida e ação às moléculas tão geometricamente associadas.

Gaston Bachelard,
A poética do espaço, 1988, p. 126.

(AKBAL)

Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização.

Roberto DaMatta,
A casa & a rua, 1991, p. 40.

O esoterismo sempre me chamou atenção. Akbal é um selo maia dentro do Calendário das 13 luas. Cada um de nós possui um selo de acordo a data de nascimento. O meu é a Noite Harmônica Azul, sendo Noite Azul o selo (akbal) e harmônica a tonalidade que ele exercia no contexto. Segundo o site Tzolkin, baseado nos estudos de José Argüelles, esse selo representa a escuridão e mistério interiores, ainda a descoberta do eu interior e o poder dos sonhos. “O sonho nos oferece a perspectiva de que a vida no universo é fluida e maleável, e que muda de forma em resposta às nossas percepções interiores” (2017).

Esse pensamento me levou até o arquétipo do sonhador que rege esse selo: “potencializo com o fim de sonhar” (TZOLKIN, 2017). Em um documento de processo [S14] encontrei e aqui reescrevo:

Aquele vídeo me levou a lugar nenhum: como pensar a parti do morador a moradia? A casa sempre onírica remete a experienciar nossas vivências íntimas. Em um coletivo, todos esses devaneios coexistem.

A casa vista pelo morador é sempre mais singela que a casa vista em coletivo e, por isso perde marcas de símbolos que são inscritos e apagados o tempo todo pelos outros moradores. O morador ingênuo só consegue ver o que produz: para ele a casa torna-se morta (“soma” – corpo morto do latim (ou grego?)) e escombro – pois já possuiu significado – mas não possui mais.

Excerto de S14



⁵ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **[Sonhos relacionais: sonho só habitando junto]. "É preciso viver para construir a casa e não para viver nela". - Bachelard. . #processoarte #casacorpo #casaonirica.** [S.l.], 15 jun. 2019. Instagram:

(DEVANEIOS AQUÁTICOS II)

Se isso é sobre isso,
é sobre como tornar uma espiral descendente em direção a si,
algo fora dos limites do próprio corpo.
Uma pergunta interna, um corte exposto.
Seria preciso cair em si.
Optei por dobrar.
Dobrar de novo e continuar
sendo um corpo que continua
se modificando
até...

Diane Sbardelotto,
Fotodobragens, moldes e repetições para um corpo continuar. (2018,
p. 21)

Ainda na construção de um corpo-casa ele despede-se de sua materialidade para encontrar-se em si. Isso é, busca estabelecer uma relação de história com a casa: entendê-la como parte de si, mas com suas histórias que ele não vivenciou com ela. Ao reconhecer a casa como uma entidade e ao reconhecer ainda as arquiteturas de ambos se relacionam pois são políticas (BEATRIZ, 2014).

O universo do corpo-casa pediu que ele se visse, escorregasse-se para dentro de si mesmo para depois sair. Quando o caracol se escorrega para a

@deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByvXemFBnBM/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

concha, seu “desenho esquece o meio do corpo” (GASTON, 1988, p. 123). Ele se contrai, se dobra, se encolhe, suprime seu meio. E, ao fazê-lo, prepara para quando sair “explosões temporais do ser” (GASTON, 1988, p. 123). Os documentos de processo O32, O33, O34, O35, O36 e O37 indicam a interação com as explosões desse ser:



O37



O32



O33





O34



O35



O36

Para Diane (2018, p. 128) “um corpo pode dobrar-se continuamente, em múltiplos, em uma, ou muitas, poéticas”. A dobra de um corpo ainda é repetida no e pelo corpo: “a dobra repete-se no corpo e alterna-se nos espaços e nos tempos. Ela abre o corpo e paradoxalmente o fecha em si numa ação solitária e reflexiva” (DIANE, 2018, p. 129).

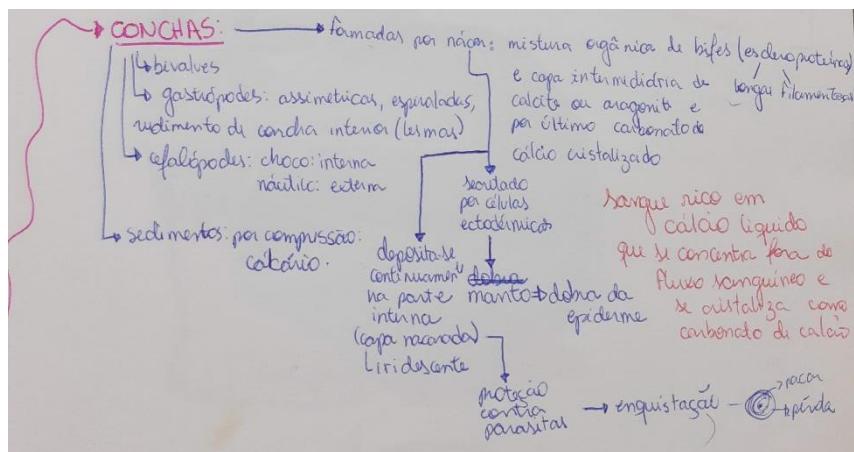
Quando o caracol se encolhe na concha, ele se dobra. “Suprimir os intermediários é um ideal de rapidez” (GASTON, 1988, p.123). Utilizar a dobra para voltar a si, é sobretudo um ritual de subjetivação. “A dobra é um modus operandi da subjetivação, refere-se a um regime existencial intermitente da investigação do si pela qual crio formas de relatos particulares, ‘escritas de si’” (DIANE, 2018, p. 129).

A partir desses conceitos, o documento de processo [O38] que marca a transição entre o Momento Banheiro e o Momento Sonhador se apresentou: a experimentação da performance do corpo se dobrando como o caracol, em seu habitat natural úmido. Ao recriar a intimidade com a casa a partir do banheiro, o corpo visita o ambiente permanecendo em si.



O38

Além disso, permanecer em si, estar em contato com a concha é o que a torna ainda mais cativante. Em S11, um caderno de artista, deparei-me com um estudo sobre a construção das conchas:



S11

A visão mais biológica da concha, propôs-me a tarefa de buscar outro referencial para explicitar esse esquema. Francisco (1993, p. 96) em seu livro de aquicultura marinha descreve o processo de construção da concha:

A concha é, pois, uma acertada solução de engenharia para o problema de desenhar uma estrutura mineral que oferece proteção, suporte a esforços em todos os sentidos e, o mais importante, pode crescer, em teoria, indefinidamente. Tal é o produto de uma estrutura laminar que, como uma prega dorsal, se forma na região visceral de todos os moluscos: o manto. [Tradução minha].

Desse modo, o contato da epiderme do molusco que habita a concha é o que a produz. Feita de nácar, substância química de carbonato de cálcio cristalizado, e de material orgânico, a concha se expande no sentido que o corpo habitante cresce. Em algumas condições, se fraturada, é o contato com a pele do habitante que a restaura, reforma.

Essa mesma substância que produz a parte interna e intermediária da concha também produz a pérola, no caso das conchas bivalves. O estudo dessas conchas foi registado através do documento O39:



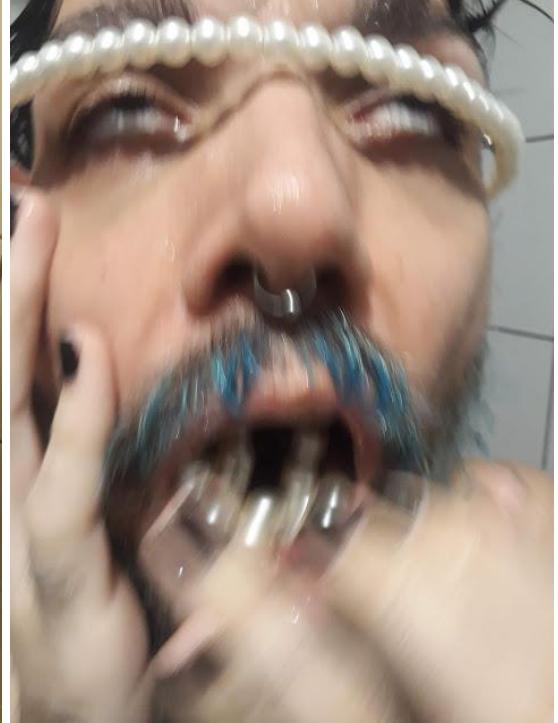
O39

A formação da pérola se dá por um corpo invasor que entra na concha. Tal corpo estranho entra na concha e, em contato com o molusco, é sucumbido ao contato com o nácar que o reveste.

Habitualmente a contratilidade do manto permite desfazer-se de tais intrusões, mas quando isso não é possível e o corpo estranho persiste, se desencadeia um processo defensivo que consiste em provocar a aparição de um cisto e, em consequência, o isolamento do corpo. (FRANCISCO, 1993, p. 97). [Tradução minha].

As partes, da concha e do corpo estranho, que ficam a todo tempo em contato com o corpo do molusco recebem maior concentração de nácar, dando o efeito denominado. Isso porque

Uma vez isolado o corpo estranho com os primeiros revestimentos, o conjunto continua estimulando o processo, talvez por estímulo físico ao friccionar-se continuamente com o manto, com o qual o cisto adquire tamanhos macroscópicos e recebe o nome de pérola. (FRANCISCO, 1993, p. 97). [Tradução minha].



O40

Nesse sentido, para além da apropriação da concha como a casa onírica, que subverte a forma relacional de criar para viver em viver para criar, sonhar ela é reconhecer em si a história de todas as casas em que se viveu:

Cada órgão tem sua causalidade formal própria, já testada em algum molusco nos longos séculos em que a natureza estava aprendendo a fazer o homem. A função constrói sua forma sobre antigos modelos, a vida parcial constrói sua morada como o molusco constrói a concha. (GASTON, 1988, p. 124).

Essa concepção possibilitou construir um corpo que é interiormente “um acúmulo de conchas” (GASTON, 1988, 124), abordada com mais afincamento anteriormente campo semântico Inscrição, e se relaciona diretamente com o documento de processo O41, O42, O43 e O44. Ainda antes de seguir com esses documentos, considere que as mutações na forma do corpo-casa aqui apresentadas são os resultados de “almejar uma forma estável que possa abrigar, mesmo que temporariamente, esta indeterminação pulsante, esta transformação incessante pela qual milimetricamente vivemos a vida toda” (EDITH, 2012, p. 19).

Todos os quatro documentos, citados anteriormente, tratam-se ainda de experimentações que estão sendo trabalhadas. A construção de objetos para pensar, tendo sua base em S36, é uma proposta em desenvolvimento para

exercitar a percepção. Alguns desses objetos tornaram-se fotos, outros apenas experimentação para sentir.



O41

Ao pensar na casa onírica vívida coletivamente e sonhada sozinha, colhi no pátio várias casas oníricas sem moradores. Submergi-as ainda sujas em um pote de vidro. Afinal, a terra que havia tomado conta era já parte de sua história. Naquele instante todas ficaram conectadas pelo mesmo líquido e a história de todas se concentrou no fundo. Perdi-as.

O processo de montagem de algo semelhante surgiu com conchas de moluscos de água doce e salgada. A prática de submergir conchas já havia sido utilizada no objeto *Concha-Ouvindo* (2019), que originou a versão de *Não Jogue Sal em Mim* em transparência, mas dentro de uma garrafa de vidro que desse para girar e ver concha e cabelo se movendo com a água.

O acúmulo de conchas me levou a experimentar colocá-las umas dentro de uma única concha maior. As sustentei sob o vermelho da ausência e da falta [ver O31, p. 168]. Um sonho sustentando outros, somente um em contato com a falta. Todos os sonhos coletivos dentro do que os sustenta, todos individuais em si. Partilham algo maior.

Segundo Mayra (2016, p. 26), “partilhar é ser capaz de criar um lugar em que uma espécie de dependência com relação ao outro possa se dar”. Só quem ouve escapou. Só que ouve sente falta.

Quem empresta o corpo ao corpo que um dia esteve ali. “Emprestar um corpo não é garantia de sair ileso. Pelo contrário, não se está isento. Sabemos que, para que algo passe em um, necessariamente o corpo deve sentir em si a dor do outro” (MAYRA, 2016, p. 27).

Eis O42:



O42

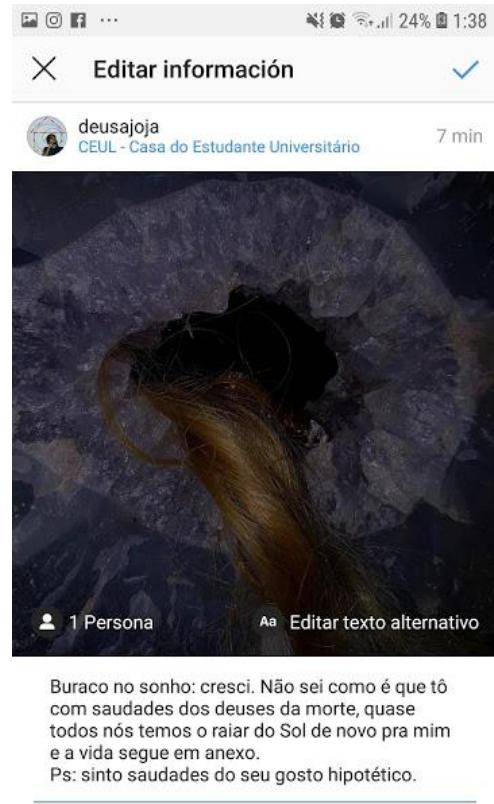
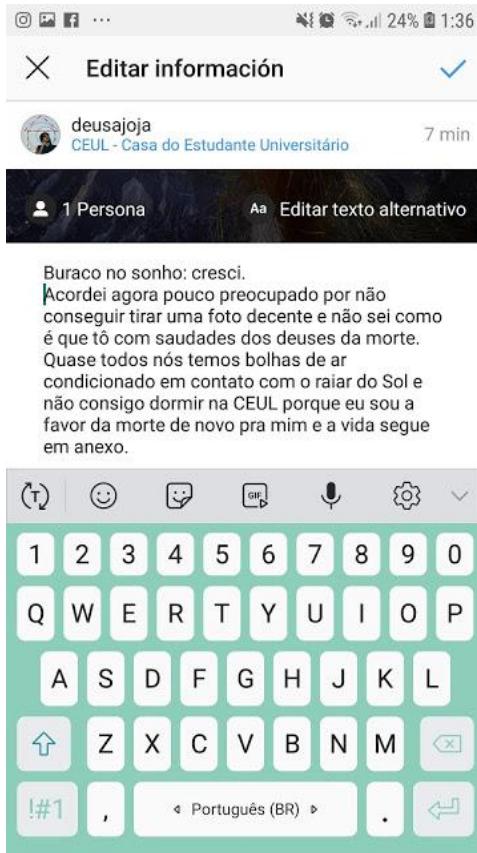
Outra montagem ainda com *Concha-Ouvido* (2019), retomou a figura do Crosoé. Crosoé foi um dos moluscos mais simpáticos que fotografei, os registros são os documentos de processo O32 e O33 [p.170].

Ao experimentar representar Crosoé oniricamente, emprestando de novo uma parte do meu corpo à concha vazia, dele semelhante, em uma montagem com uma rocha circular na janela, criei um buraco na penumbra do sonho para que eu partilhar com ele um sentimento. Quando criei tal buraco, entre mim e ele como caminho, eu cresci.



O43

Mas foi a experimentação posterior que configurou o crescimento maior. Ao publicar a foto na rede social Instagram (@deusajoja), me utilizei do corretor como livre associação de ideias, deixando que o buraco no sonho se configurasse pela permeabilidade do cotidiano vivido.



O44

Na primeira imagem, somente o texto

«Buraco no sonho: cresci»

e, na segunda, acrescentei

«Ps: sinto saudades do seu gosto hipotético».

As sugestões da função de auto completar do teclado estavam permeadas por palavras do cotidiano, de sonhos que havia tido e de referências à composição de *A Dança do Sol*.

Esse registro colocado como documento de processo representa ainda que a ação criadora “também se manifesta como sucessão de atos cegos tendendo para uma direção” (EDITH, 2012, p. 19). Além disso, a imersão e a construção de literatura nele evidenciadas continuam em processo, mas não se inserem no recorte temporário delimitado para este trabalho.

Os últimos objetos que aqui relembro são: a *Transparência ao morador que primeiro se permitiu sonhar* (2019) e *Telha da casa onírica* (2019), ambos agrupados em S36, assim com a *Concha-Ouvido* (2019). A *Telha da casa onírica* foi construída para pensar o teto a partir da visão do sonhador, utilizando da *Transparência ao morador que primeiro se permitiu sonhar* para sua montagem, e do ensaio da foto *Não caibo em mim* (2018):



S36

A telha quebrada não sustenta a imagem completa. O contato com as imagens com o que escapa à telha compõe um deixar-se permear de. Deixar que os sonhos que escapam a estrutura tenham sua própria interação com o que aquilo do corpo que não cabe nele.

Nesse sentido, chegando ao fim, se é que assim se pode dizer, já que essa obra em redes dispensa partida e chegada. Relembro que, pelo eco de Edith que “a imagem em si mesma é um corpo vivo, em trânsito: fugaz, cambiante, atuante” (2012, p. 45). E que

Entre o espaço do cotidiano elevado à potência do inusual e o espaço daquilo que é estranho trazido ao terreno do habitual: a criação abre-se em espaços trazidos rarefeitos e errantes cujas junções e interfaces vão produzindo pérolas poéticas, quase que feitas por si mesmas. Pérolas lapidadas pelo tempo, mimetizadas com o meio ambiente, encontradas como que por acaso, como que por acidente de percurso por algum viajante que vê o que não se vê, que cifra a memória de um futuro que ainda não veio, que captura uma ação presente que se esvai, que designa a invenção de um fazer. (EDITH, 2012, p. 29).

E, ainda, não me demorando mais, deixo-me, também em processo de experimentação e maturação, ser devorada dia após dia pela casa onírica. Deixando que meu corpo a experiencie pelos seus sonhos e devaneios, mas ainda assim, estando intimamente e materialmente ligada a casa:



O45

Em O45 o corpo é absorvido pelos seus sonhos. A prática da pintura à giz pastel oleoso tem me chamado atenção. Atualmente, dedico-me a estudos de corpos híbridos (resultado da subjetivação entre corpo e sonho). Abrigar-se no corpo-casa oniricamente é, sobretudo, habitar outra realidade dentro de si: dobrar-se, tornar-se dia após dia sujeito.

COZINHA: EU NARRO

(CORPO É A EXPERIÊNCIA DE EXISTIR)

A alma trabalha em meu corpo de forma excepcional. Ela o habita, é claro, mas ela sabe escapar dele: escapa para ver as coisas através das janelas dos meus olhos, escapa para sonhar, quando durmo, para sobreviver, quando morro.

Michel Foucault
Utopia do corpo, 1966, p. 5



Você sabe que o pensamento lá no fundo é o coração que bate? É a alma. Ainda não entendi direito o que é alma, mas acho que é essa coisa que flutua por dentro. O que somos mesmo. Essência.

Marcia Misawa e Vinícius Cardoso
Existo, 2016, p. 21

¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Eu os explico. Ela não ouve.** [S.l.], 1 nov. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bpn2OTbBEA9/?hl=es>. Acesso em: 30 jun. de 2020

Digo eu e é por que quero. Quero digo eu, mas a subjetivação está bem longe dos pronomes que aqui descrevo. Quero, eu, uma semiótica mista, onde eu queira dizer eu e a significação ou a interpretação percam a pele.

Carmen Jaques,
Atmosferas, 2013, p. 72.



O místico Corpo é um velho andarilho composto de matéria carnal e das águas das marés das ondas gravitacionais. Senhor em construção.

Cris Eich e Bruno H. Castro,
Nonada, 2016, p. 10.

² VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Nas últimas fotos eu estive incompleto. [Cabeça de Cabeça, 2018]**. [S.l.], 7 maio 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BidfF66FAI7/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020

Respiro consciente, autoconhecimento, a fonte de virada.
Celebro a beleza da existência.
Encontro horizontes na outra pessoa, a completude do universo

Mateus Rios e Thiago Minamisawa,
Eu, 2016, p. 16-21.



Todo mundo nasce para descobrir.
Se descobrir.
E amar o que foi descoberto.
Às vezes dói,
um pouco.
Como um espinho de rosa, coisa assim, que você arranca da pele.
Então você percebe que corpo é um dom. é a experiência da beleza de existir.

Marcia Misawa e Vinícius Cardoso
Existo, 2016, p. 31

³ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Descobrimento** 🐞. [Cabeça de Cabeça, 2018]. [S.I.], 15 out. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bo9soMJBvoV/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 1 jul. de 2020

CORREDOR TERCEIRO: APENAS UMA PASSAGEM ENTRE A GENTE:

(VAMOS SAIR)

Eu te deixo ser.
Me deixa ser.
E me ajuda a crescer?

Marcia Misawa e Vinicius Cardoso
Existo, 2016, p. 29

PÁTIO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.

(UM CORPO CONTINUA)

Me parece interessante colocar que para se realizar uma pesquisa acadêmica sendo artista, é fundamental se levar em consideração que a escrita de uma dissertação ou tese deve se fazer 'por meio do' próprio trabalho e de suas questões de interesse, não apenas 'sobre' o próprio trabalho, fazendo do texto um puro exercício de 'auto-crítica'

Daniela de Oliveira Mattos
Performance como texto, escrita como pele, 2013, p. 180



Não se pode ficar sentado para sempre resolvendo os mistérios da própria história e, não importa quanto se lê, a história inteira jamais poderá ser contada. Mas era o suficiente.

Lemony Snicket,
O fim, 2006, p. 283.

¹ VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Corpo jardim de repouso**. [S.l.], 23 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkYkTnLI5zt/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

O mundo é um ato de criação poética.

Ítalo Moriconi,
Como e por que ler poesia do século XX, 2002, p. 9

Ao coração de uma casa, chega-se de olhos fechado.

Ronaldo Correia Brito,
Faca, 1950, p. 13.



O nosso corpo absorve a mais fina matéria do espírito. Precisa de atualização que o revivifique sempre, exige de nós uma constante restauração, demanda um esforço para mantermos viva a atenção, uma reparação diária para que os músculos do coração não enrijeçam nos desmoronamentos das vertigens apaixonadas ou nos abismos dos afetos do nada.

Edith Derdyk,
Linha de horizonte: por uma poética do ato criador, 2012, p. 84.

² VAICÊULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Estante de Plantio | 2018**. [S.l.], 1 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BIGmW11Fw9/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

(AINDA INACABADO)

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.

Clarice Lispector,
A descoberta do mundo, 2015, p. 137

Nesse trajeto, cara leitora, conduzi-te pelo emaranhado do meu processo de criação a partir dos documentos de processo que produzo cotidianamente como suporte de pensamento e experimentação. Ao estudá-lo, reencontrei-me com o inacabado. Isso é, um processo, com suas idas e vindas que se constituiu pelo movimento (CECILIA, 2011).

Meu trabalho, além de te guiar, foi deparar-me com meus próprios registros e fazer “um acompanhamento crítico-interpretativo” (CECILIA, 2011, p. 29). Tal experiência me proporcionou não apenas apreender como o meu projeto poético causa ecos na minha percepção, bem como eco sobre minha própria formação enquanto sujeito e do meu corpo como casa, como artista, como futura professora de Letras.

O encantamento pelo processo aconteceu comigo, pelas palavras da Marlene (1994, p. 43) “porque é nesse labirinto, e não na obra acabada, que o artista se encontra mais, se desbrava, se auto refaz o tempo todo”. Um corpo-casa em constante inscrição, em constante comunicação e mutação, exige uma metodologia que também se movimente.

Desse modo, um corpo, ao se constituir como espaço de abrigo do sujeito, tornou-se uma estrutura em obras, constantemente vivido. Inseparável, permeado por suas intersecções, seus cruzamentos e seus alinhamentos, o corpo-casa moldou-se a partir de um projeto poético que o incorpora e o inscreve: “Talvez *algo* esteja radicado no ser, no corpo ou na linguagem, simultaneamente: cápsula móvel a serviço da invenção que só se faz linguagem através da subjetividade de um corpo vivo e presente”. (EDITH, 2012, p. 33).

O corpo, “uma existência sutil” (CRISTIANO, 2012, p. 142), continua, desbrava entre outras arquiteturas, a sua própria. Ele é onde o sujeito prepara “explosões temporais do ser” (GASTON, 1988, p. 123), onde o sujeito reconhece: “uma pesquisa sobre-em-com o meu corpo, porque ele não poderia não estar” (DIANE, 2018, p. 31).

Antes do corpo ser casa, o corpo experienciou, “o corpo incorporou. O corpo quase me expulsou” (DIANE, 2018, p. 29). O corpo se relacionou com o ambiente em um sistema de interação que criou o seu universo subjetivo (JAKOB, 1942). O corpo, além disso, transformou as informações que troca com o ambiente “de uma maneira bastante singular” (CHRISTINE & HELENA, 2008, p. 130): as transformando em corpo.

O corpo-casa incorporou esse ambiente, mas não a necessidade dele. A necessidade de um abrigo antecedeu a de uma casa:

«A necessidade de abrigar-se vem do útero»

Excerto de O5 [p. 79]

O corpo-casa ainda recriou a intimidade que primeiro sentiu no útero, um pertencimento que desenvolveu ainda a ausência de um conforto que só pode ser sentido nessa primeira casa. Buscando tal conforto, o corpo se deparou como o único provedor desse sentimento: o sujeito abrigado.

A relação não é de cárcere. Configura-se agora em um pertencimento íntimo. O sujeito que pertence e se abriga no corpo é capaz de “sonhar em paz” (GASTON, 1988, p. 26). O sujeito é um dos “filhos do espaço” (GIBAN, 1975, p. 31).

Essa relação só foi propiciada por estudos que propuseram escrever o corpo (CRISTIANO, 2012, p. 140), com o corpo (Diane, 2018, p. 203) e que fossem indisciplinados, como o próprio corpo, (HELENA, 2004 apud HELENA & CHRISTINE, 2008, p. 126). Além de tornar todos esses estudos atos de “experimentação como resistência” (DIANE, 2018, p. 140) atentando-se para todas as experiências e ressignificações.

Nosso corpo que “absorve a mais fina matéria do espírito” e que “necessita de atualização que o revivifique sempre” (EDITH, 2012, p. 84) está em comunicação com todo ambiente. Nossas experiências “são frutos de nossos corpos”, “de nossas interações com nosso ambiente”, “de nossas interações com outras pessoas” (HELENA & CHRISTINE, 2008, p.132) e com a sociedade, já que toda “sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado” (ROBERTO, 1991, p.40).

O processo de casarificação, ou de apropriação corpórea subversiva e indisciplinar da casa em corpo é uma incorporação oriunda da interação corpo e casa na qual o primeiro transforma as informações em si (HELENA & CHRISTINE, 2008, p.

130). Aos poucos, a apropriação resulta no próprio abrigo dos sonhos: o qual não se constrói para viver, mas se vive para construir (GASTON, 1988, p. 118).

Como artista, o movimento de analisar o próprio processo constituiu uma etapa importante de formação: olhar o todo produzido, sistematizar os documentos e relaciona-los foi uma tarefa de finalização de um ciclo de produção que ainda que me proporcionou observar como cada elemento desenvolvido ecoa, de certa forma, em minha produção atual. Cada estudo, com suas múltiplas reverberações ainda estão em um constante processo de experimentação.

Como futura professora de Letras, a apropriação da casa e do corpo como um projeto poético me levaram a diversos rumos e experiências literárias, construindo uma percepção mais sensível. Esse trabalho com a percepção: exercitá-la, foi o guia constante para compreender cada vez mais a arte contemporânea e poder pensa-la em sala de aula.

Como pessoa, o corpo que entrou nesse processo de estudo foi um. Um corpo transitante que por tantos descobrimentos veio a ser outro que não aquele, que conhece, hoje, a beleza de existir e que se sustenta em si.

Desse modo, cara leitora, gostaria de agradecer a companhia que me fizeste e também de lembrar-te que nesse caminho em que te emprestei o corpo para que pudeste sonhar, sentir e criar uma parte tua ficou aqui... ecoando por cada parede, porta, janela, linha. Espero ainda, que após esse processo, a casa tenha te tomada como moradora e que isso significa que nós, moradoras dela, não te daremos adeus, ou um tchau: o eco é mais duradouro que a própria matéria orgânica.

Mas me despeço de outra forma. Feches os olhos se puderes. Sinta o sol que passa por cima da amoreira tocando teus cabelos, um cheiro bem forte de terra úmida – a terra por aqui, arenosa que é, não absorve muito a chuva. Deixe bem ao fundo reverberar o som dos carros, por aqui sempre tem um. A luz laranja do pôr-do-sol se esconde a cada segundo... conte até cinco. Quando abrir os olhos, tudo vai estar numa tonalidade vermelha, é assim todos os dias que têm sol aqui.

Deixei o final para a última hora
e a última hora não é agora
nem agora
nem agora
muito menos agora.

Diane Sbardelotto,
Fotodobragens, moldes e repetições para um corpo continuar. (2018, p.
263).



³ VAICĒULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Concretude | Poesia de banheiro à tua ausência e minh'espera.** [S.l.], 1 set. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B14E59VhqBP/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

Era uma casa, muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada.

Vinicius de Moraes.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Pitanga em pé de. Sonhos Lúcidos. In: VAGALUME. [S. l.], c2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/pitanga-em-pe-de-amora/sonhos-lucidos.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto da poesia pau-brasil**. [Porto Alegre]: UFRGS, 2007. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> >. Acesso em: 7 jul. 2020.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre – RS: Artes Médicas Sul Ltda. 1990.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARDO, Potyguara. Você não existe. In: VAGALUME. [S. l.], c2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/potyguara-bardo/voce-nao-existe.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELLATIN, Mario. **El arte de enseñar a escribir**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. Laberinto. In: BORGES, Jorge Luis. **Elogio de la sombra**. Ediciones Neperus. Disponível em: https://www.msj.go.cr/informacion_ciudadana/cultura/bibliotecas_municipales/SiteAssets/Libros_Elect/2.%20Elogio%20de%20la%20sombra,%20Jorge%20Luis%20Borges.pdf. Acesso em 22 de jun. de 2019.
- BRITO, Ronaldo Correia de. A espera da volante. In: BRITO, Ronaldo Correia de. **Faca**. São Paulo: Cosac & Naify, 1950.
- BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia [recurso eletrônico]: uma literatura fora de si**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. Disponível em: <http://libgen.is/book/index.php?md5=1E52D704F8D40114F3233CCF195D607D>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Vinícius. MISAWA, Márcia. **Existo**. São Paulo: [s. n.], 2016.
- CARVALHO, Walter Campos de. **A lua vem da Ásia**. São Paulo: José Olympio, 1956.
- CASTRO, Bruno H. **Nonada**. São Paulo: [s. n.], 2016.

COELHO JÚNIOR, Néelson. CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty**: filosofia como corpo e existência. São Paulo: Escuta, 1991.

CORTÁZAR, Julio. Casa tomada. In: CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 5-8.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Corpo em obras**: palimpsestos, arquitetônicas. 2012. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre – Rs. 2012.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1991.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte**: por uma poética do ato criador. 2ª ed. São Paulo, Intermeios, 2012.

DUARTE, Liniker. **Papel sulfite reciclado é composição de exposição na Univates**. In: Univates. [Lajeado, RS: Universidade do Vale do Taquari], 16 jul. 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/25854-papel-sulfite-reciclado-e-composicao-de-exposicao-na-univates>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. Depois da fotografia: uma literatura fora de si, Natália Brizuela. **História: Debates e Tendências**, v. 16, n. 2, jul./dez. 2016, p. 497-500. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/6932>. Acesso em 22 jun. 2019.

FERREIRA, Márcio Porciúncula. Obações ao corpo: escrituras do desejo. In: ZORDAN, Paola (org.). **Secretações**. Porto Alegre - RS, 2015. p. 23-34.

FORTUNA, Marlene. A Crítica Genética Sob o Olhar do Artista. **Manuscrita, Revista de Crítica Genética**. n. 5 Annablume: São Paulo, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A Utopia do Corpo**. Tradução: Victória Monteiro. Colunas Tortas, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/iKgGza>. Acesso em 23 maio 2018.

GIBRAN, Khalil Gibran. **O Profeta**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1975.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 3.ed São Paulo: Annablume, 2008.

JAQUES, Carmen. Atmosferas. In: ZORDAN, Paola (org.). **Secretações**. Porto Alegre - RS, 2015. p. 68-74.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo [recurso eletrônico]**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MATTOS, Daniela de Oliveira. **Performance como texto, escrita como pele**. 2013. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: Maurice Merleau-Ponty. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MINAMISAWA, Tiago. **Eu**. São Paulo: [s. n.], 2016.

MICHELIN, Coral. **Seeding de casa colaborativa na perspectiva do design estratégico**. 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6485>. Acesso em: 26 jun. 2020.

MORAES, Vinicius de. A Casa. In: VAGALUME. [S. l.], c2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/toquinho-e-vinicius/a-casa.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. São Paulo: Harper Collins, 2015.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler poesia do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REDIN, Mayra Martins. **A escuta da escuta**. 2016. Tese de Doutorado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/32934/73014>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 74-9.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5.ed. São Paulo: Intermeios – Casa de Artes e Livros, nov. 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo, SP: Horizonte, 2006.

SATURNO. **Performances Trans**: Reterritorializações como práticas de Cuidado de si. [Entrevista cedida a] Henrique de Souza Bitelo. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicologia, Universidade La Salle, Canoas, 2018. f. 15.

SEJA bem-vindo ao Tzolkin. In: Tzolkin. [S. l.], c2017. Disponível em: <https://tzolkin.com.br/introducao/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

SBARDELOTTO, Diane. **Fotodobragens, moldes e repetições para continuar um corpo**. 2018. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.

SMYTHE. **Fotografia**: sn. diego esq. tarapacá vista: norte - sur 23 agosto 1977 12.30 hrs. Publicación Galeria Cromo: Santiago de Chile, septiembre - octubre, 1977.

SNICKET, Lemony. **O fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHULTZ, Valdemar. A título de uma secreção/inominável. In: ZORDAN, Paola (org.). **Secreções**. Porto Alegre - RS, 2015. p. 14-21.

TIBOLA, Talita. e s cri tura/sobras e sombras.In: ZORDAN, Paola (org.). **Secreções**. Porto Alegre - RS, 2015. p. 75-83.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Inscrição do habitado**. [S.l.], 18 jul. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B0Ers-6BiGx/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Item 2 do recorte | (03/2018) Título: Sátiro no Banho.Sobre: Sátiro, provavelmente autorretrato, feito em A4 Canson: técnica de giz pastel e nanquim. Aparece ao fundo uma sombra cinza com olhos vermelhos (seria Saturno?). O sátiro está de costas, cabeça direcionada à água corrente. A imagem pode se relacionar a obra Dança do Sol (2019), pois o personagem Diecko é um sátiro e passa por uma cena de banho enquanto conversa com Saturno. Relacionamento com árvore e fundo disforme. #processodecriacao #Metodologiaartistica**. [S.l.], 16 out. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3q0YN-J30F/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Não caibo em mim | 2018 . . . #corpoemcasa #corpocolaborativo**. [S.l.], 19 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpIFrHhhRJm/>. Acesso em: 29 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O banheiro e a intimidade: a umidade cria bioindicadores oníricos. #corpoemcasa #corpocolaborativo #processodecriacao #nacar #casaonirica #bachelardgaston**. [S.l.], 28 abr.. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bw0FVYCBTKS/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O corpo é passageiro | 2018 . . . #corpoemcasa #corpocolaborativo**. [S.l.], 15 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bo97ePShZPe/>. Acesso em: 29 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O desejo aqui posto é o de criar intimidade intensa. #corpocolaborativo #corpoemcasa #casaonirica**. [S.l.], 23 jun.

2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzESLvwHgJm/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **O morador ingênuo**. [S.I.], 26 mar. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvfrLidhqh0/>. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). **Processo: sonhar: absorver e espumar. #processodecriacao #arte #onirico #casa #corpo #corpoemconstrucao**. [S.I.], 7 ago. 2019. Instagram: @jojalandia. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B04i9fyhOy_/. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojalândia). . [S.I.], 5 out. 2018. Instagram: @jojalandia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BokIDNYBK9N/?hl=es>. Acesso em: 30 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Abismo em descanso**. [S.I.], 5 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjoXyroFeSg/?hl=es>. Acesso em: 22 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **A busca do mérito e o corpo escasso**. [S.I.], 3 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjkYI8CIKyF/?hl=es>. Acesso em: 22 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Árvores Silicificadas**. [S.I.], 29 abril. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bil69LLIW7/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Buraco no sonho: cresci. Não sei como é que tô com saudades dos deuses da morte, quase todos nós temos o raiar do Sol de novo pra mim e a vida segue em anexo. Ps: sinto saudades do seu gosto hipotético**. [S.I.], 22 ago. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1c-tuaBMr-/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Concretude | Poesia de banheiro à tua ausência e minh'espera**. [S.I.], 1 set. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B14E59VhqbP/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Corpo jardim de repouso**. [S.I.], 23 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkYkTnLI5zt/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Corpo semântico**. [S.I.], 22 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BkV_JbTikAB/?hl=es. Acesso em: 29 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Crosoé em dia de sol dando "oi"..** [S.I.], 6 fev. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtiwEJOBvon/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Descobrimento 🗺️. [Cabeça de Cabeça, 2018].** [S.I.], 15 out. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bo9soMJBvoV/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 1 jul. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Em ebulição: ferver.** [S.I.], 2 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkwDtLElr9h/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Em ebulição: mornar.** [S.I.], 2 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BkvFZiilE_F/. Acesso em: 25 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Estante de Plantio | 2018.** [S.I.], 1 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BIGmW11Flw9/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Eu os explico. Ela não ouve.** [S.I.], 1 nov. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bpn2OTbBEA9/?hl=es>. Acesso em: 30 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Faz parte aqui ressignificar experiências com o que já está dentro. . #arte #processodecriação #inscrição #corpoinscrito #corpocolaborativo #corpocasa.** [S.I.], 7 jan. 2020. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B7CRJd_pk2Q/. Acesso em: 25 jun. 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Faz parte aqui ressignificar experiências com o que já está dentro. . #arte #processodecriação #inscrição #corpoinscrito #corpocolaborativo #corpocasa #bachelard.** [S.I.], 7 jan. 2020. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7CRQ6mpyY5/?hl=es>. Acesso em: 25 jun. 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **FEMINA BENIGNA, 2018.** [S.I.], 6 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjrp8nOlz8c/?hl=es>. Acesso em: 25 maio de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Imersão provisória.** [S.I.], 11 jun. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Byk5AnQB83l/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

VAICĚULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalânida). **Nas últimas fotos eu estive incompleto. [Cabeça de Cabeça, 2018].** [S.I.], 7 maio 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BidfF66FAI7/?hl=es>. Acesso em: 1 jul. de 2020.

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **O corpo é mancha dos outros, parede semântica, agente da passiva, preenchível de significado.** [S.I.], 24 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkacsflF4AA/?hl=es>. Acesso em: 29 maio de 2020.

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Parede em branco.** [S.I.], 25 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkdrZXRILcR/?hl=es>. Acesso em: 20 jun. de 2020

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Todo corpo muda de estado toda vez que percebe o mundo.** [S.I.], 5 jun. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjqh1wklfjd/>. Acesso em: 22 maio de 2020.

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **Você não gostava de garotos imprevisíveis?** [S.I.], 4 jul. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bk1FEIolcLY/>. Acesso em: 25 maio de 2020.

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **"A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela curva as costas sob o aguaceiro, retesa os rins. Sob as rajadas, dobra-se quando é preciso dobrar-se, segura de poder endireitar-se de novo no momento certo, desmentindo sempre as derrotas passageiras". - BACHELARD.** [S.I.], 16 set. 2018. Instagram: @deusajoja. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BnysuEZhZSQ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 jun. de 2020.

VAICËULIONIS, Joja da Silva. (Jojinha jojando na Jojalândia). **[Sonhos relacionais: sonho só habitando junto]. "É preciso viver para construir a casa e não para viver nela". - Bachelard. . #processoarte #casacorpo #casaonirica.** [S.I.], 15 jun. 2019. Instagram: @deusajoja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByvXemFBnBM/?hl=es>. Acesso em: 23 jun. de 2020.

YEATS, William Butler. **The Second Coming.** Disponível em: <https://studyhelp.com.br/categories/ensaios/politica/a-segunda-vinda-de-william-butler-yeats>. Acesso em 22 de junho de 2019 às 21h.

03. Noite Azul. In: Tzolkin. [S. I.], c2017. Disponível em: <https://tzolkin.com.br/selos/noite/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

APÊNDICE A – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSO COMPLETA

Documentos de processo encontrados			
Documento	Tipo de Documento	Situação Temporal	Descrição
Caderno	Caderno de Artista	2014	Caderno vermelho. Conteúdos: contos de <i>E o Humano?</i> , criação de personagens: Zeine, anotações de referenciais (músicas) e esboço da Solidão.
Caderno	Caderno de Artista	2014 a 2016	Caderno capa verde do Perry Ornitorrinco. Conteúdos: estudos de criação de personagens: anotações sobre personalidades e temperamentos (MBTI) e astrologia.
Caderno	Caderno de lugar comum	2014 a 2017	Caderno capa azul, personalizado com imã. Conteúdos: anotações diárias, desenhos (esboços), estudos a partir de livros, estudos sobre espiritualidade, fragmentos de <i>Pontua-se Amores Impressos</i> , anotações de <i>Coisas que Coisam</i> , anotações de <i>E o Humano?</i>
Folhas Avulsas à mão de <i>Pontua-se Amores Impressos</i> .	Rascunho	2015	Capítulo um de <i>Pontua-se Amores Impressos</i> .
Pasta Sanfonada	Caderno de lugar comum	2015 a 2017	Pasta sanfonada cinza repartida em doze divisões,

		<p>contendo documentos de processo de a) Diários, b) Coisas que Coisam, c) E o Humano?, d) Pontua-se Amores Impressos, e) Traumas Infantis e Necrofilia, f) Coliseum, g) Dann, h) Scilla, i) Teatro, e as outras estão vazias ou são de estudos isolados Conteúdos:</p> <p>Diário: anotações, desenhos, recortes de outros cadernos de lugar comum mais antigos. Documentos de criação de personagem;</p> <p>Coisas que Coisam: anotações;</p> <p>E o Humano?: rascunhos, textos avulsos, desenhos;</p> <p>Pontua-se Amores Impressos: rascunhos e esboços;</p> <p>Traumas Infantis e Necrofilia: anotações, processo de criação de personagens, rascunhos de textos, esboço de desenhos;</p> <p>Coliseum: criação de personagens, experimentações de cena, croquis de personagens, horários da escola;</p> <p>Dann: esboços de desenhos sobre a história;</p>
--	--	--

			<p>Scilla: esboços de desenhos sobre a fanfic;</p> <p>Teatro: esboços de lista de músicas para o teatro E o Humano?;</p> <p>Aleatórios: rascunhos, anotações, recortes de outros textos, desenhos.</p>
Pasta catálogo	Caderno de artista	2015 a 2019	<p>Pasta catálogo verde.</p> <p>Conteúdos: desenhos de personagens e experimentações, esboços de criação de personagens e da escola Coliseum, desenhos que foram presentes e estão em referência.</p>
Caderno de esquete	Caderno de lugar comum	2017 a 2018	<p>Caderno de esquete preto personalizado com colagem.</p> <p>Conteúdos: anotações, desenhos e esboços de desenhos, estudos de magia, estudos sobre livros.</p>
Ensaio do corpo com tinta	Fotos digitais na nuvem	2017/10	<p>Ensaio colaborativo (Karoline Rocha e Raíque Ramos) de experimentação de tintas sobre o corpo.</p>
PRINCESA.docx	Arquivos de texto na nuvem	2017/10	<p>Metáfora de morrer sob o sol.</p> <p>Texto de uma página refletindo sobre os gostos platônicos do narrador.</p>
Caderno de esquete	Caderno de artista	2018	<p>Caderno de esquete com capa de lhamas. Conteúdos: conto Erupção (processo criativo de</p>

				A Dança do Sol), desenhos e esboços de desenhos, A Dança do Sol.
Manuscrito da Dança do Sol	Manuscrito	2018		Impressão dos três atos de A Dança do Sol.
Manuscrito do zine A necessidade de abrigar-se	Manuscrito	2018		Primeira impressão do zine A necessidade de abrigar-se.
Manuscrito do zine A Dança do Sol	Manuscrito	2018		Primeira impressão do zine A Dança do Sol.
Cartaz e notas	Esboço	2018		Cartaz e notas de estudo de referências sobre o corpo e possíveis estudos futuros.
Caderno de esquete	Caderno de Artista	2018 a 2019		Caderno A6 capa dura preta. Conteúdos: Estudos e apropriação teórica.
Objeto	Objetos de montagem	2018 a 2019		<p>Categoria que inclui objetos utilizados em montagens:</p> <p>a) Quadro de criação do personagem Sol, maquiagem, giz pastel e algodão (2018);</p> <p>b) Pote com cabelo: Lembrança do processo de mutação. Matéria Prima (2018);</p> <p>c) Transparência: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar”: Transparência impressa: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar” (2019);</p>

			<p>d) Planta da CEUL: Impressão e transparência da planta da CEUL (2019);</p> <p>e) Telha a Casa Onírica: Telha com foto da casa onírica impressa e transparência impressa: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar” (2019);</p> <p>f) Azulejo vermelho, Pedras (padrão e personalizada), Conchas e Fotos 3x4: Utilizado para montagem de fotos (2019);</p> <p>g) Concha-ouvido: Processo de mutação com cabelo e concha (2019).</p>
Rede Social Instagram	Rede Social	2018 a 2019	<p>Duas redes sociais: @deusajoja e @jojalandia, plataformas que através do Instagram guardam processos. O @jojalandia é o processo do mundo da escritora sendo criado, e @deusajoja é o processo da deusa sendo criada e compondo esse mundo.</p>
Ensaio do corpo no quarto	Fotos digitais na nuvem	2018/03	<p>Ensaio auto fotográfico de experimento do nu em contraposição com as paredes do mezanino.</p>

Fotos do amuleto	Fotos digitais na nuvem	2018/03	Fotos de desenho em giz pastel sobre A3 como estudo da música Amuleto de Tiê.
Foto do desenho Sátiro no banho.	Fotos digitais na nuvem	2018/03	Foto do desenho Sátiro no banho em giz pastel.
Metáforas.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/03	Conto de duas páginas, explora a relação das relações e a partir da teoria da cor luz e cor pigmento (esse conto é de 2015, mas não achei a primeira versão).
Ensaio do corpo ao passar	Fotos digitais na nuvem	2018/04	Ensaio fotográfico de experimento roupa e maquiagem.
Fotos de notas espalhadas por veículos públicos	Fotos digitais na nuvem	2018/04	Fotos de notas espalhadas pelos ônibus em São Leopoldo.
Desenho Não Jogue Sal em Mim	Fotos digitais na nuvem	2018/04	Digitalização do desenho Não Jogue Sal em Mim.
Ensaio de corpo no ato de cozinhar	Fotos digitais na nuvem	2018/04	Ensaio auto fotográfico e colaborativo (Verônica Pavani e Raique Ramos) de poses do corpo maquiado e travestido na cozinha.
A CONVERSA INSUSTENTÁVE L.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/04	Crônica a partir do exercício de criar uma crônica a partir de uma notícia.
NÃO TER.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/04	Texto de três páginas relacionando o ser enamorado com o Sol e Saturno.
Ensaio do corpo	Fotos digitais na nuvem	2018/05	Ensaio auto fotográfico de experimento corpo e vegetais.

Ensaio do corpo no banho	Fotos digitais na nuvem	2018/05	Ensaio auto fotográfico de experimentação de cenas do banho.
Ensaio do corpo nu X corpo coberto	Fotos digitais na nuvem	2018/05	Ensaio auto fotográfico explorando poses e o mezanino.
Poema A voz em captura de tela do Facebook.	Fotos digitais na nuvem	2018/05	Captura de tela da primeira postagem do poema.
Bicha Esquisita.doc	Arquivos de texto na nuvem	2018/05	Conto de fadas para a atividade Acadêmica de Escrita Criativa. Trata do tema de uma travesti que era explorada por sua madrasta.
Ensaio do corpo	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico de estudo de livro.
Registro de intervenção	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Fotos do processo de queima do livro contos do Machado de Assis na CEUL com interação nas redes sociais (Instagram e Whats App).
Ensaio do Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico de criação de personagens a partir de vestes e maquiagem.
Ensaio do corpo em casa	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico de experimentação do corpo abrigando a casa.
Fotos do infrafino	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Fotos de recorte da mão com cigarro.
Foto do quadro A Dança do Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Foto do quadro A Dança do Sol.
Capturas de tela de convite para	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Capturas de tela do processo de convite para ensaios

ensaios de fotos colaborativas			fotográficos colaborativos para o projeto Corpus-oris, (n).
Ensaio do rosto pose e cabelo	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico com quatro experimentos relacionados ao rosto e a Medusa.
Ensaio de criação de personagens: Madame Carlota de A hora é da estrela.	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico e colaborativo (Ivo Liçarasa) com oitenta e sete fotos com o tema de criação da personagem Madame Carlota de A hora é da estrela. Experimentação de maquiagem, cenários, luz e adereços.
Ensaio com o texto A necessidade de abrigar-se.	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio fotográfico colaborativo (Ivo Liçarasa) com 254 fotos a partir da relação do corpo em estado de abrigo.
Ensaio do corpo em inscrição I.	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico com 104 fotos, trabalhando a relação tinta de parede, tinta de corpo.
Ensaio do corpo em inscrição II.	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio fotográfico colaborativo (Helton Reis e Mariana Buss) com 498 fotos trabalhando a relação tinta de parede, tinta de corpo, corpo estante e corpo jardim.
Capturas de tela do corpo inscrito	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Capturas de tela (2) das fotos editadas do corpo inscrito
Foto corpo-casa	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Foto corpo casa (re)editada.

Ensaio do corpo e maquiagem: ferver.	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio auto fotográfico com 22 fotos trabalhando com maquiagem, roupa e tons vermelhos.
A DANÇA DO SOL.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/06	Primeira versão do conto, possuindo duas páginas. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
IN NATURA.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/06	Reflexão de três páginas, inicia com uma reflexão sobre o não existir e as semelhanças entre o nascer e o brotar.
Photos	Pasta de fotos na nuvem	2018/06	Contém fotos de ensaios anteriores (primeiro ensaio do Sol) e respectivas experimentações.
Registro de busca por material	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Fotos feitas pelo Ivo Liçarasa em com Joja em busca de sentir o material: pó de serra.
Ensaio de experimentação de maquiagem	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Ensaio auto fotográfico com quatro fotos experimentando maquiagens.
Fotos do protótipo de zine de Imóvel.	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Fotos do protótipo de zine do texto Imóvel.
Foto corpo-casa II	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Foto corpo casa (re)editada.
Ensaio do abrigo e do colo.	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Ensaio auto fotográfico com 20 fotos do corpo como em estado de apego e colo.
Ensaio do corpo no Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Ensaio de fotos participativas (Lilian Caroline) com 16 fotos

			do corpo ultrapassando a si mesmo no sol.
Imóvel.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2018/07	Zine com fotos e do texto Imóvel.
Imóvel.pdf	Arquivo de texto na nuvem	2018/07	Zine com fotos e do texto Imóvel.
marcado.pdf	Arquivo de texto na nuvem	2018/07	Zine com fotos e do texto Marcado.
Ensaio de dentro da concha	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Ensaio auto fotográfico de 3 fotos com o corpo de dentro da concha.
Foto da percepção	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Foto com flores nos óculos por Welerson Junio.
Captura de tela do corpo inscrito	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Captura da tela travada compondo como efeito o corpo em inscrição.
Experimentação com edição	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Experimentação de edição com cinco auto fotografias de outra pessoa.
Ensaio de fotos do corpo no banho	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Ensaio de auto fotografia com seis fotos do corpo no banho.
Captura de tela do ensaio de corpo no banho postado no Instagram	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Captura de tela de uma foto do ensaio postado no Instagram.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Foto da fachada de uma loja com o nome de Sol.

Foto de desenho da foto de outra pessoa.	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Foto de um desenho de outra pessoa à lápis e nanquim.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Capturas de tela de bloco de notas.
Fotos de borboletas mortas	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Foto de borboleta morta encontrada na rua: Saturno.
Ensaio do corpo em relação a matéria e Saturno	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Ensaio de fotos colaborativas (Ivo Liçarasa) com 35 fotos do corpo em contraste com a escrivainha.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Captura de tela do perfil @jojalandia no Instagram.
Vídeo datilografando dedos.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Vídeo de inscrição com máquina de escrever.
Captura de tela do Instagram	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Captura de tela da história do Instagram com fotos postadas.
Ensaio corpo em vermelho	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Ensaio de fotos colaborativas (Vinicius Schoenell) com luz vermelha.
Foto de desenhos.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Fotos de dois autorretratos desenhados com lápis de cor e nanquim e giz pastel.
Foto de Procurando Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Foto de brinco.
Ensaio do sátiro e os destroços: Saturno.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Ensaio de 34 fotos feitas por Mariana Buss com o sátiro nos destroços.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Captura de tela de interação via histórias do Instagram.
Ensaio do corpo mutável	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio de fotos colaborativas (Gabriel Cardoso e Michael

			Greff) com 94 fotos do corpo em relação às mudanças da casa.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Captura de tela da postagem de uma foto do ensaio do corpo mutável.
Vídeo de experimentação de edição.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Vídeo experimentando a edição a partir de cores psicodélicas de uma das fotos do ensaio do Corpo Mutável.
Ensaio da casa onírica.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio de fotos colaborativas (Jade Rocha) com 63 fotos explorando o telhado e o nu.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Captura de tela de uma das fotos da casa onírica editada e postada no Instagram.
Vídeo de experimentação.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Vídeo experimentando a edição a partir de cores psicodélicas de uma das fotos do ensaio do Corpo Mutável.
Vídeo de experimentação da edição.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Vídeo experimentando a edição a partir de cores psicodélicas de uma dos autorretratos de outras pessoas.
Fotos Procurando Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Fotos (7) de placas, escritos em paredes contendo a palavra Sol e planetas e potes de vidro com desenho do sol.
Ensaio da janela	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio auto fotográfico de 3 fotos na janela.
Descobrimto.g doc	Arquivos de texto na nuvem	2018/10	Texto que explora o descobrimto do corpo.

Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Captura de tela do bloco de notas com o poema Sol.
Ensaio do corpo e movimento circular	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Ensaio auto fotográfico com 9 fotos explorando a esmalte e acetona.
Fotos de exploração do banho	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Autofotografias do rosto e o chuveiro.
Fotos de Vênus retrogrado.	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Fotos (3) de tênis e flores sobre a luz da lua.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Foto com escrito de Sol.
Foto do poema Não Jogue Sal em Mim.	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Duas fotos do poema ato I do Poema Não Jogue Sal em Mim.
Captura de tela do poema Não Jogue Sal em Mim.	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Captura de tela do poema Não Jogue Sal em Mim no Twitter.
CONTO ORIGEM ZO1.docx	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto A Dança do Sol, possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
CONTO ORIGEM.docx	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto A Dança do Sol, possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.

CONTO ORIGEM.pdf	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto A Dança do Sol, possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
Fotos explorando o banheiro.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Duas fotos das paredes do banheiro.
Foto borboleta viva.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Foto de uma borboleta viva sob o sol.
Ensaio do personagem Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Ensaio fotográfico colaborativo (Michael Greff e Ivo Liçarasa) com 321 fotos da criação do personagem Sol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Capturas (2) de tela da postagem de uma foto do ensaio do Sol.
Fotos	Pasta de fotos na nuvem	2018/12	Contém recortes para montagem de zine, ensaios já citados anteriormente, mas se diferenciando por conter experimentações específicas.
Pasta	Disparadores	2019	Pasta abertura vertical. Conteúdos: disparadores desenvolvidos na Atividade Acadêmica de Pensamento e Processo da Arte em 2019/1.
Caderno de esquete	Caderno de Artista	2019	Caderno A4 capa dura preta. Conteúdos: Esboços da construção de personagens e exposições.

Arte2	Pasta de fotos na nuvem	2019/01	Contém fotos editadas e não editadas de ensaios já citados anteriormente.
Vídeos de caracóis	Fotos digitais na nuvem	2019/01	Vídeos (2) de caramujos aquáticos no rio.
Escâner e recorte de livros didáticos e livros.	Fotos digitais na nuvem	2019/01	Recortes e escâneres para composição do zine A necessidade de abrigar-se, veias, gestação, Héstia, processo de metamorfose da borboleta, anatomia do caramujo, caramujos e ostras.
Fotos do zine A necessidade de abrigar-se.	Fotos digitais na nuvem	2019/01	Fotos de registro (15) do zine A necessidade de abrigar-se pronto.
Arte	Pasta de fotos na nuvem	2019/01	Contém fotos editadas e não editadas de ensaios já citados anteriormente.
a necessidade de abrigar-se.pdf	Arquivo de texto na nuvem	2019/01	Zine com fotos e do texto A necessidade de abrigar-se.
marcado.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2019/01	Zine com fotos e do texto Marcado.
Corpo palavras.docx	Arquivo de texto na nuvem	2019/01	Arquivo com sobreposição de um corpo com palavras que remetem a casas.
Corpo palavras.png	Arquivo de imagem na nuvem	2019/01	Imagem do arquivo Corpo Palavras.docx
Ensaio corpos que compõe o	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio com 38 fotos sobre a beira do rio e a morada do caramujo de água doce, além

habitat do caramujo.			do próprio caramujo ao sol. É composto também de 2 vídeos.
Ensaio de corpo no banheiro	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 4 fotos no banheiro, explorando posição, luz e corpo.
Ensaio da roupa de relva.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico e participativo (Welerson Junio) com 32 fotos explorando figurino a roupa de relva.
Ensaio de roupa de teatro.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico e participativo (Welerson Junio) com 47 fotos explorando elementos de figurino, televisores, banheiro e seus espelhos.
Ensaio de banheiro.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos no banheiro, explora-se expressão facial.
Ensaio de sala in natura.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos na sala, explora-se a posição do corpo e o cenário.
Foto de experimentação	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Quatro fotos explorando a textura do líquido vermelho na câmera.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Interação via Instagram por mensagem com outro artista sobre espelhos.
Ensaio de espelhos	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 64 fotos explorando a relação espelho, corpo, tarô.
DOS TOQUES SEUS.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/02	Pensamento de uma página dedicado a Carolaine Kirch.

Fotos de cadernos de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Aforismos sobre o extraordinário.
Ensaio de luxúria.	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio auto fotográfico e participativo (???) com 41 fotos explorando a corporeidade e a luxúria.
Fotos Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos (4) da calçada e um colar com desenhos de sol.
Fantasia da roupa de relva.	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio pondo em prática e movimento a roupa de relva com 26 fotos.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Captura de tela de busca de pesquisa sobre espiral e labirinto de ouvidos.
Foto de disparador	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos do disparador finalizado, utilizando o poema Não jogue sal em mim em transparência.
Ensaio de estudo de texto.	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio auto fotográfico com 7 fotos explorando banheiro, roupa e movimento.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Foto de gargantilha com desenho de sol.
Vídeos Saturno	Fotos digitais na nuvem	2019/03	6 vídeos de pessoas contando histórias e narrando sobre como veem o abacate Saturno antes de estar pronto.
Ensaio de Júpiter	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio fotográfico colaborativo (Matheus Henrique) com 259 fotos a partir da leitura do conto A Dança do Sol para compor Júpiter.

Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Captura de tela do Instagram com relação a várias fotos do ensaio.
Ensaio de Saturno	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio fotográfico participativo (Vinícius Schoenell) com 34 fotos e 2 vídeos sobre a composição de Saturno.
Registro da apresentação da Performance de A Dança do Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Registros fotográficos (30) e de vídeos (2) da apresentação da Performance de A Dança do Sol, adaptada por Joja da Silva Vaiceulionis e Ivo Liçarasa, participação de Raique Ramos.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Captura de tela de bloco de notas sobre processo.
Registro de processo de montagem de casa onírica	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos (4) de processo de montagem com uma foto do Ensaio da Casa Onírica, com tijolos e telhas.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Captura de tela de bloco de notas sobre processo de montagem: poema.
Registro de estudo	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Foto do livro do Bachelard em tela de computador.
Registro de processo de montagem do corpo inscrito	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos (9) do processo de montagem da exposição do corpo inscrito com o texto Imóvel.
Ensaio do corpo e suas roupas	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos explorando a relação do corpo e suas camadas.
CORPO.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/03	Arquivo de oito páginas com 8 textos e 3 poemas, todos

			possuem reflexões sobre o corpo como casa ou cárcere e a mutação desses estados.
A Dança do Sol	Pasta de fotos na nuvem	2019/03	Contém fotos editadas e todas as não editadas dos ensaios de Sol e Júpiter. Também contém um começo de vetorização de uma foto do Sol.
a necessidade de abrigar-se.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2019/03	Zine com fotos e do texto A necessidade de abrigar-se.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Captura de tela de bloco de notas com anotações sobre habitante e habitado.
Registro de observação	Fotos digitais na nuvem	2019/04	8 fotos e 1 vídeo de observação de um caramujo terrestre.
Fotos de desenho	Fotos digitais na nuvem	2019/04	6 fotos de um autorretrato com corpo de caramujo.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/04	1 foto, auto fotográfica, e 1 vídeo feitos no banheiro explorando o som de escovar os dentes.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/04	1 foto da ora pro nobis contrastando com a parede.
Ensaio do corpo como caracol onírico	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Ensaio fotográfico colaborativo (Raique Ramos) com 222 fotos explorando o corpo, o banheiro, tinta e a oniricidade da concha.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Captura de tela do bloco de notas com anotações sobre a casa onírica.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Captura de tela do bloco de notas com anotações

			sugeridas pelo teclado virtual (função de auto completar).
Registro de desenho	Fotos digitais na nuvem	2019/04	3 fotos do caracol, em giz pastel, devorando o morados da casa.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/04	13 fotos de caramujo.
Ensaio de luz	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Ensaio auto fotográfico com 9 fotos explorando a luz do amanhecer, o movimento do tecido e o corpo.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/05	6 fotos, participativas, com borboleta laranja morta.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/05	12 fotos de saches de ketchup em como de plástico: explorando o caranguejo eremita.
Fotos de caderno de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/05	11 fotos de caracóis desenhados em cadernos de artista.
Registro da performance de A Dança do Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/05	29 fotos tiradas por Amanda Martins na apresentação da performance de A Dança do Sol no bloco de carnaval Não Cutuca Que Eu Me Empolgo.
Registro do processo de criação de disparador	Fotos digitais na nuvem	2019/05	3 fotos tiradas do mapa de ideias e do produto dele como disparador.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/05	2 fotos feitas a partir de uma contação de história com o jogo Dixit.

Fotos de desenho	Fotos digitais na nuvem	2019/05	9 fotos de desenho com nanquim sobre o mapa astral e a personalidade da escritora.
CONTO ORIGEM.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/05	Versão completa do conto A Dança do Sol, contando com 27 páginas, três atos e um poema de prefácio de cada ato. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram um Sol que sumiu, a chegada de um viajante no meio desse conflito, bem como o encontro do Sol.
Eu plantei um abacate chamado Saturno.pptx	Arquivo de slide na nuvem	2019/05	Arquivo de slide explorando o ensaio de mesmo nome.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	3 capturas de tela de bloco de nota com anotações sobre a estrutura do cômodo 1.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de mariposa amarela na parede.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de uma anotação, poema, postado na rede social Instagram.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de bloco de nota com anotações sobre a estrutura do cômodo 1.
Registro de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Foto de caracóis dentro de um vidro, de molho na água.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	5 fotos de caramujo pisoteado.

Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de uma mochila com desenho de Sol.
Ensaio a concha e o sonho.	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Ensaio auto fotográfico com 15 fotos explorando o disparador do caracol imerso e sua oniricidade.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	8 fotos de caramujos andando na parede do banheiro.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 capturas de tela do bloco de notas do texto Caracóis no banheiro.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 capturas de tela com poema veiculado nas histórias da rede social Instagram.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de uma memória compartilhada nas histórias da rede social Facebook. Reflexão sobre a palavra joia como legenda. Foto de Mayra Redin.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela do bloco de notas de uma citação de Abdias do Nascimento.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Capturas de tela do bloco de notas de um aforismo em inglês.
Ensaio do movimento do corpo, tecido e memória.	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Ensaio auto fotográfico com 14 fotos no banheiro utilizando movimento e tecido.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de interação por mensagem na rede social

			Instagram com o assunto sobre a dependência do Sol.
Registro de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Fotos (9) do processo de montagem da exposição do corpo inscrito com o texto Imóvel.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de interação por mensagem na rede social Instagram com o assunto sobre a dependência do Sol (parte 2).
Fotos de caderno de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de desenhos em cadernos de artista sobre o mapa astral.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Foto de esquema em quadro explicando a relação entre casa e rua.
A DANÇA DO SOL.pdf	Arquivos de texto na nuvem	2019/06	Versão completa do conto, contando com 27 páginas, três atos e um poema de prefácio de cada ato. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram um Sol que sumiu, a chegada de um viajante no meio desse conflito, bem como o encontro do Sol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	5 capturas de tela de interação por mensagem na rede social Instagram com o assunto de comer pés de galinha.
Ensaio de pixels	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos a partir de foto tirada da foto da tela do computador e sua semelhança com tijolos de

			barro. Contém também uma captura de tela de uma das fotos desse ensaio.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Foto do muro da casa com uma mulher desenhada à carvão.
Ensaio de abertura	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio fotográfico participativo (Donério Lima) com 25 fotos explorando a luz do sol e a cor preta.
Ensaio de queima	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio fotográfico participativo (Donério Lima e Raique Ramos) com 10 fotos de toalha de banho queimando.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/07	5 fotos e 3 vídeos da relação de limpar o banheiro e 1 do pôr-do-sol.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 fotos de uma placa vendendo carne de sol.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Foto de madre pérola no museu de Geologia de UnB.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	5 fotos de desinfetante com o nome de BrioSol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 capturas de tela do bloco de notas, sendo uma com um texto intitulado 13.07.2019 e outro com uma anotação sobre os moradores da CEUL.
Ensaio do corpo e casa	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio auto fotográfico com 42 fotos explorando corpo, luz do sol e guarda-chuva como caracol.

Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 capturas de tela do texto A educação do ser poético de Mario de Andrade.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Captura de tela de um ensaio escrito sobre a inscrição corporal.
Ensaio de referências	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio fotográfico participativo (Welerson Junio) explorando as referências que estava em contato naquele período e a cor verde.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Captura de tela de um texto compartilhado na rede social Facebook.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 capturas de tela de anotações do bloco de notas referentes ao momento.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 fotos de uma estátua de sol com duas conchas búzios, 1 foto de parede com o desenho de um sol e 2 capturas de tela com mensagem em rede social Whats App com emoji de sol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Captura de tela de uma foto do ensaio fotográfico de referências postado na rede social Instagram.
Triph.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/07	Texto de duas páginas explorando a visão que Rit tem de Triph.
Foto de corpo bloco de notas	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Foto de Zoraide França do corpo bloco de notas.

Ensaio de textura e cobras	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio auto fotográfico e participativo (Vitor Totsugui) explorando texturas de roupas e pele de cobra.
Ensaio de vermelho e ausência	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio auto fotográfico com 44 fotos não editadas explorando o banheiro, a escassez e a ausência a partir da cor vermelha.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de telas feitas a partir da edição de fotos do ensaio de vermelho e ausência. Exploração de edições em vermelho e contraste.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Captura de tela de um texto postado na rede social Facebook em agosto de 2018 sobre sabores.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Foto de um caramujo desenhado em um espelho.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	4 fotos da fachada de uma loja com o desenho do sol iluminado contrastando com fundo laranja e 2 fotos de outra fachada em fundo preto com um sol e uma lua.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de tela de conversa em grupo da rede social Whats App de conversa sobre o funcionamento dos dois perfis no Instagram (@deusajoja e @jojalandia)

Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de tela do bloco de notas, uma com um poema sobre o sol, editado pela última vez em nov. de 2018, e outra com um poema sobre viagem.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	1 captura de tela da rede social Tumblr com o desenho de sol e uma frase em inglês, 1 foto de tela do computador de uma estampa de camiseta do EP Tropicália, em que Nara Leão tem um sol estampado na camiseta e 1 foto de fachada de um sol feito em estilo tribal.
Ensaio dos sonhos	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico com 13 fotos explorando a concha do sonhador e em relação às pedras em que vivem.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de telas de uma foto do ensaio dos sonhos na rede social Instagram e sua legenda.
Ensaio da composição do eu.	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico com 17 fotos explorando a vestimenta e seus apetrechos na composição do eu.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Captura de tela de um poema postado na rede social Facebook, intitulado Saudade da ansiedade compartilhada em ago. de 2018.
Ensaio do eu a vir a ser	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico participativo (Raique Ramos), com 6 vídeos

			e 58 fotos, explorando a fotografia 3x4 e sua composição em eus a partir das paredes e rachaduras, além de rituais antropofágicos com as fotos.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Captura de tela de bloco de notas sobre processo e signos desenvolvidos nele.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Captura de tela de uma postagem no Facebook por Jade Rocha citando a escritora em 2017 sobre o nu ser ou não uma narrativa.
Ensaio de capa, sonho e construção.	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico com 36 fotos não editadas explorando a relação dialética entre sonho e construção material.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Foto de um muro pintado com um sol amarelo e vermelho.
Ensaio de reciclagem	Fotos digitais na nuvem	2019/09	Ensaio fotográfico participativo (Stéfani Bortolini), com 2 fotos e 4 vídeos, explorando o amassar de latinhas e fotos 3x4.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/09	Foto de caramujo com bigode.

APÊNDICE B – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSOS SELECIONADOS

Documentos de processo encontrados			
Documento	Tipo de Documento	Situação Temporal	Descrição
Caderno de esquete	Caderno de lugar comum	2017 a 2018	Caderno de esquete preto personalizado com colagem. Conteúdos: anotações, desenhos e esboços de desenhos, estudos de magia, estudos sobre livros.
Caderno de esquete	Caderno de artista	2018	Caderno de esquete com capa de lhamas. Conteúdos: conto <i>Erupção</i> (processo criativo de <i>A Dança do Sol</i>), desenhos e esboços de desenhos, <i>A Dança do Sol</i> .
Manuscrito do zine <i>A Dança do Sol</i>	Manuscrito	2018	Primeira impressão do zine <i>A Dança do Sol</i> .
Manuscrito da <i>Dança do Sol</i>	Manuscrito	2018	Impressão dos três atos de <i>A Dança do Sol</i> .
Cartaz e notas	Esboço	2018	Cartaz e notas de estudo de referências sobre o corpo e possíveis estudos futuros.
Manuscrito do zine <i>A necessidade de abrigar-se</i>	Manuscrito	2018	Primeira impressão do zine <i>A necessidade de abrigar-se</i> .
Rede Social Instagram	Rede Social	2018 a 2019	Duas redes sociais: @deusajoja e @jojalandia, plataformas que através do Instagram guardam processos. O @jojalandia é o processo do mundo da escritora

			sendo criado, e @deusajoja é o processo da deusa sendo criada e compondo esse mundo.
Objeto	Objetos de montagem	2018 a 2019	<p>Categoria que inclui objetos utilizados em montagens:</p> <p>a) Quadro de criação do personagem Sol, maquiagem, giz pastel e algodão (2018);</p> <p>b) Pote com cabelo: Lembrança do processo de mutação. Matéria Prima (2018);</p> <p>c) Transparência: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar”: Transparência impressa: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar” (2019);</p> <p>d) Planta da CEUL: Impressão e transparência da planta da CEUL (2019);</p> <p>e) Telha da Casa Onírica: Telha com foto da casa onírica impressa e transparência impressa: “Ao morador que primeiro se permitiu sonhar” (2019);</p> <p>f) Azulejo vermelho, Pedras (padrão e personalizada), Conchas e Fotos 3x4: Utilizado para montagem de fotos (2019);</p> <p>g) Concha-ouvido: Processo de mutação com cabelo e concha (2019).</p>

Caderno de esquete	Caderno de Artista	2018 a 2019	Caderno A6 capa dura preta. Conteúdos: Estudos e apropriação teórica.
NÃO TER.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/04	Texto de três páginas relacionando o ser enamorado com o Sol e Saturno.
Desenho <i>Não Jogue Sal em Mim</i>	Fotos digitais na nuvem	2018/04	Digitalização do desenho <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .
Capturas de tela do corpo inscrito	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Capturas de tela (2) das fotos editadas do corpo inscrito
IN NATURA.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/06	Reflexão de três páginas, inicia com uma reflexão sobre o não existir e as semelhanças entre o nascer e o brotar.
A DANÇA DO SOL.docx	Arquivos de texto na nuvem	2018/06	Primeira versão do conto, possuindo duas páginas. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
Photos	Pasta de fotos na nuvem	2018/06	Contém fotos de ensaios anteriores (primeiro ensaio do Sol) e respectivas experimentações.
Foto corpo-casa	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Foto corpo casa (re)editada.
Ensaio com o texto <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	Fotos digitais na nuvem	2018/06	Ensaio fotográfico colaborativo (Ivo Liçarasa) com 254 fotos a partir da relação do corpo em estado de abrigo.
Ensaio do corpo no Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Ensaio de fotos participativas (Lilian Caroline) com 16 fotos do corpo ultrapassando a si mesmo no sol.

Foto corpo-casa II	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Foto corpo casa (re)editada.
Ensaio do abrigo e do colo.	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Ensaio auto fotográfico com 20 fotos do corpo como em estado de apego e colo.
Imóvel.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2018/07	Zine com fotos e do texto <i>Imóvel</i> .
Fotos do protótipo de zine de <i>Imóvel</i> .	Fotos digitais na nuvem	2018/07	Fotos do protótipo de zine do texto <i>Imóvel</i> .
Captura de tela do corpo inscrito	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Captura da tela travada compondo como efeito o corpo em inscrição.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Foto da fachada de uma loja com o nome de Sol.
Foto de desenho da foto de outra pessoa.	Fotos digitais na nuvem	2018/08	Foto de um desenho de outra pessoa à lápis e nanquim.
Vídeo datilografando dedos.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Vídeo de inscrição com máquina de escrever.
Foto de Procurando Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Foto de brinco.
Ensaio do corpo em relação a matéria e Saturno	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Ensaio de fotos colaborativas (Ivo Liçarasa) com 35 fotos do corpo em contraste com a escrivantina.
Fotos de borboletas mortas	Fotos digitais na nuvem	2018/09	Foto de borboleta morta encontrada na rua: Saturno.
Ensaio do corpo mutável	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio de fotos colaborativas (Gabriel Cardoso e Michael Greff)

			com 94 fotos do corpo em relação às mudanças da casa.
Fotos Procurando Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Fotos (7) de placas, escritos em paredes contendo a palavra Sol e planetas e potes de vidro com desenho do sol.
Ensaio da janela	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio auto fotográfico de 3 fotos na janela.
Ensaio da casa onírica.	Fotos digitais na nuvem	2018/10	Ensaio de fotos colaborativas (Jade Rocha) com 63 fotos explorando o telhado e o nu.
Ensaio do corpo e movimento circular	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Ensaio auto fotográfico com 9 fotos explorando a esmalte e acetona.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Captura de tela do bloco de notas com o poema Sol.
CONTO ORIGEM.docx	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto <i>A Dança do Sol</i> , possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
CONTO ORIGEM ZO1.docx	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto <i>A Dança do Sol</i> , possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.
CONTO ORIGEM.pdf	Arquivo de texto na nuvem	2018/11	Segunda versão do conto <i>A Dança do Sol</i> , possuindo dezesseis páginas e uma capa. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram seu Sol que sumiu.

Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Foto com escrito de Sol.
Fotos de Vênus retrogrado.	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Fotos (3) de tênis e flores sobre a luz da lua.
Captura de tela do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Captura de tela do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> no Twitter.
Foto do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Duas fotos do poema ato I do <i>Poema Não Jogue Sal em Mim</i> .
Fotos de exploração do banho	Fotos digitais na nuvem	2018/11	Autofotografias do rosto e o chuveiro.
Ensaio do personagem Sol.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Ensaio fotográfico colaborativo (Michael Greff e Ivo Liçarasa) com 321 fotos da criação do personagem Sol.
Foto borboleta viva.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Foto de uma borboleta viva sob o sol.
Fotos explorando o banheiro.	Fotos digitais na nuvem	2018/12	Duas fotos das paredes do banheiro.
Caderno de esquete	Caderno de Artista	2019	Caderno A4 capa dura preta. Conteúdos: Esboços da construção de personagens e exposições.
Pasta	Disparadores	2019	Pasta abertura vertical. Conteúdos: disparadores desenvolvidos na Atividade Acadêmica de Pensamento e Processo da Arte em 2019/1.

Fotos do zine <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	Fotos digitais na nuvem	2019/01	Fotos de registro (15) do zine <i>A necessidade de abrigar-se</i> pronto.
marcado.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2019/01	Zine com fotos e do texto <i>Marcado</i> .
Vídeos de caracóis	Fotos digitais na nuvem	2019/01	Vídeos (2) de caramujos aquáticos no rio.
Ensaio de banheiro.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos no banheiro, explora-se expressão facial.
Ensaio de corpo no banheiro	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio auto fotográfico com 4 fotos no banheiro, explorando posição, luz e corpo.
Ensaio corpos que compõe o habitat do caramujo.	Fotos digitais na nuvem	2019/02	Ensaio com 38 fotos sobre a beira do rio e a morada do caramujo de água doce, além do próprio caramujo ao sol. É composto também de 2 vídeos.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Captura de tela de busca de pesquisa sobre espiral e labirinto de ouvidos.
Foto de disparador	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos do disparador finalizado, utilizando o poema <i>Não jogue sal em mim</i> em transparência.
Fotos Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos (4) da calçada e um colar com desenhos de sol.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Foto de gargantilha com desenho de sol.
Ensaio de Júpiter	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio fotográfico colaborativo (Matheus Henrique) com 259 fotos a partir da leitura do conto <i>A Dança do Sol</i> para compor Júpiter.

A Dança do Sol	Pasta de fotos na nuvem	2019/03	Contém fotos editadas e todas as não editadas dos ensaios de Sol e Júpiter. Também contém um começo de vetorização de uma foto do Sol.
Vídeos Saturno	Fotos digitais na nuvem	2019/03	6 vídeos de pessoas contando histórias e narrando sobre como veem o abacate Saturno antes de estar pronto.
Ensaio de Saturno	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio fotográfico participativo (Vinícius Schoenell) com 34 fotos e 2 vídeos sobre a composição de Saturno.
CORPO.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/03	Arquivo de oito páginas com 8 textos e 3 poemas, todos possuem reflexões sobre o corpo como casa ou cárcere e a mutação desses estados.
a necessidade de abrigar-se.pptx	Arquivo de slides na nuvem	2019/03	Segunda versão do zine com fotos e com o texto <i>A necessidade de abrigar-se</i> .
Registro de processo de montagem de casa onírica	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Fotos (4) de processo de montagem com uma foto do Ensaio da Casa Onírica, com tijolos e telhas.
Ensaio de estudo de texto.	Fotos digitais na nuvem	2019/03	Ensaio auto fotográfico com 7 fotos explorando banheiro, roupa e movimento.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Captura de tela do bloco de notas com anotações sobre a casa onírica.

Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Captura de tela de bloco de notas com anotações sobre habitante e habitado.
Registro de observação	Fotos digitais na nuvem	2019/04	8 fotos e 1 vídeo de observação de um caramujo terrestre.
Ensaio do corpo como caracol onírico	Fotos digitais na nuvem	2019/04	Ensaio fotográfico colaborativo (Raique Ramos) com 222 fotos explorando o corpo, o banheiro, tinta e a oniricidade da concha.
Registro de desenho	Fotos digitais na nuvem	2019/04	3 fotos do caracol, em giz pastel, devorando o moradores da casa.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/05	2 fotos feitas a partir de uma contação de história com o jogo Dixit.
CONTO ORIGEM.docx	Arquivos de texto na nuvem	2019/05	Versão completa do conto <i>A Dança do Sol</i> , contando com 27 páginas, três atos e um poema de prefácio de cada ato. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram um Sol que sumiu, a chegada de um viajante no meio desse conflito, bem como o encontro do Sol.
Registro da performance de <i>A Dança do Sol</i>	Fotos digitais na nuvem	2019/05	29 fotos tiradas por Amanda Martins na apresentação da performance de <i>A Dança do Sol</i> no bloco de carnaval Não Cutuca Que Eu Me Empolgo.
Fotos de desenho	Fotos digitais na nuvem	2019/05	9 fotos de desenho com nanquim sobre o mapa astral e a personalidade da escritora.

Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/05	12 fotos de sachês de ketchup em como de plástico: explorando o caranguejo eremita.
Eu plantei um abacate chamado Saturno.pptx	Arquivo de slide na nuvem	2019/05	Arquivo de slide explorando o ensaio de mesmo nome.
Fotos de caderno de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/05	11 fotos de caracóis desenhados em cadernos de artista.
A DANÇA DO SOL.pdf	Arquivos de texto na nuvem	2019/06	Versão completa do conto, contando com 27 páginas, três atos e um poema de prefácio de cada ato. Trata de uma casa com diversas entidades que procuram um Sol que sumiu, a chegada de um viajante no meio desse conflito, bem como o encontro do Sol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de uma anotação, poema, postado na rede social Instagram.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de uma mochila com desenho de Sol.
Fotos de caderno de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de desenhos em cadernos de artista sobre o mapa astral.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de interação por mensagem na rede social Instagram com o assunto sobre a dependência do Sol.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Captura de tela de interação por mensagem na rede social

			Instagram com o assunto sobre a dependência do Sol (parte 2).
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 fotos de mariposa amarela na parede.
Registro de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Fotos (9) do processo de montagem da exposição do corpo inscrito com o texto <i>Imóvel</i> .
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	8 fotos de caramujos andando na parede do banheiro.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/06	2 capturas de tela do bloco de notas do texto Caracóis no banheiro.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/06	5 fotos de caramujo pisoteado.
Registro de processo	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Foto de caracóis dentro de um vidro, de molho na água.
Ensaio a concha e o sonho.	Fotos digitais na nuvem	2019/06	Ensaio auto fotográfico com 15 fotos explorando o disparador do caracol imerso e sua oniricidade.
Ensaio de queima	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio fotográfico participativo (Donério Lima e Raique Ramos) com 10 fotos de toalha de banho queimando.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 capturas de tela do bloco de notas, sendo uma com um texto intitulado 13.07.2019 e outro com uma anotação sobre os moradores da CEUL.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	5 fotos de desinfetante com o nome de BrioSol.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 fotos de uma estátua de sol com duas conchas búzios, 1 foto de parede com o desenho de um sol e

			2 capturas de tela com mensagem em rede social Whats App com emoji de sol.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/07	2 fotos de uma placa vendendo carne de sol.
Registro de cotidiano	Fotos digitais na nuvem	2019/07	5 fotos e 3 vídeos da relação de limpar o banheiro e 1 do pôr-do-sol.
Ensaio do corpo e casa	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Ensaio auto fotográfico com 42 fotos explorando corpo, luz do sol e guarda-chuva como caracol.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/07	Foto de madre pérola no museu de Geologia de UnB.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Captura de tela de bloco de notas sobre processo e signos desenvolvidos nele.
Ensaio do eu a vir a ser	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico participativo (Raique Ramos), com 6 vídeos e 58 fotos, explorando a fotografia 3x4 e sua composição em eus a partir das paredes e rachaduras, além de rituais antropofágicos com as fotos.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de tela do bloco de notas, uma com um poema sobre o sol, editado pela última vez em nov. de 2018, e outra com um poema sobre viagem.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	1 captura de tela da rede social Tumblr com o desenho de sol e uma frase em inglês, 1 foto de tela do computador de uma estampa de camiseta do EP Tropicália, em

			que Nara Leão tem um sol estampado na camiseta e 1 foto de fachada de um sol feito em estilo tribal.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Foto de um muro pintado com um sol amarelo e vermelho.
Foto Procurando Sol	Fotos digitais na nuvem	2019/08	4 fotos da fachada de uma loja com o desenho do sol iluminado contrastando com fundo laranja e 2 fotos de outra fachada em fundo preto com um sol e uma lua.
Captura de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de tela de conversa em grupo da rede social Whats App de conversa sobre o funcionamento dos dois perfis no Instagram (@deusajoja e @jojalandia)
Ensaio de vermelho e ausência	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio auto fotográfico com 44 fotos não editadas explorando o banheiro, a escassez e a ausência a partir da cor vermelha.
Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Foto de um caramujo desenhado em um espelho.
Ensaio dos sonhos	Fotos digitais na nuvem	2019/08	Ensaio fotográfico com 13 fotos explorando a concha do sonhador e em relação às pedras em que vivem.
Capturas de tela	Fotos digitais na nuvem	2019/08	2 capturas de telas de uma foto do ensaio dos sonhos na rede social Instagram e sua legenda.
Ensaio de reciclagem	Fotos digitais na nuvem	2019/09	Ensaio fotográfico participativo (Stéfani Bortolini), com 2 fotos e 4 vídeos, explorando o amassar de latinhas e fotos 3x4.

Registro de inspiração	Fotos digitais na nuvem	2019/09	Foto de caramujo com bigode.
------------------------------	----------------------------	---------	------------------------------

**APÊNDICE C – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSO DO CAMPO SEMÂNTICO
ONÍRICO**

Documento	Descrição	Categorização	Momento
Caderno de esquete	Caderno A6 capa dura preta. Conteúdos: Estudos e apropriação teórica.	01	Abrigo
Cartaz e notas	Cartaz e notas de estudo de referências sobre o corpo e possíveis estudos futuros.	02	
Foto corpo-casa	Foto corpo casa (re)editada.	03	
Foto corpo-casa II	Foto corpo casa (re)editada.	04	
CORPO.docx	Arquivo de oito páginas com 8 textos e 3 poemas, todos possuem reflexões sobre o corpo como casa ou cárcere e a mutação desses estados.	05	
Ensaio com o texto <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	Ensaio fotográfico colaborativo (Ivo Liçarasa) com 254 fotos a partir da relação do corpo em estado de abrigo.	06	
Manuscrito do zine <i>A necessidade de abrigar-se</i>	Primeira impressão do zine <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	07	
a necessidade de abrigar-se.pptx	Segunda versão do zine com fotos e com o texto <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	08	
Ensaio do abrigo e do colo.	Ensaio auto fotográfico com 20 fotos do corpo como em estado de apego e colo.	09	
Fotos do zine <i>A necessidade de abrigar-se.</i>	Fotos de registro (15) do zine <i>A necessidade de abrigar-se</i> pronto.	010	

Imóvel.pptx	Zine com fotos e do texto <i>Imóvel</i> .	O11	
marcado.pptx	Zine com fotos e do texto <i>Marcado</i> .	O12	
Fotos do protótipo de zine de <i>Imóvel</i> .	Fotos do protótipo de zine do texto <i>Imóvel</i> .	O13	
Registro de processo	Fotos (9) do processo de montagem da exposição do corpo inscrito com o texto <i>Imóvel</i> .	O14	
Ensaio da casa onírica.	Ensaio de fotos colaborativas (Jade Rocha) com 63 fotos explorando o telhado e o nu.	O15	
Registro de processo de montagem de casa onírica	Fotos (4) de processo de montagem com uma foto do Ensaio da Casa Onírica, com tijolos e telhas.	O16	
Captura de tela	Captura de tela do bloco de notas com anotações sobre a casa onírica.	O17	
Captura de tela	Captura de tela de bloco de notas com anotações sobre habitante e habitado.	O18	
Registro de inspiração	8 fotos de caramujos andando na parede do banheiro.	O19	Banheiro
Captura de tela	2 capturas de tela do bloco de notas do texto Caracóis no banheiro.	O20	
Captura de tela do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .	Captura de tela do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> no Twitter.	O21	
Foto do poema <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .	Duas fotos do poema ato I do <i>Poema Não Jogue Sal em Mim</i> .	O22	

Fotos de caderno de processo	11 fotos de caracóis desenhados em cadernos de artista.	023	
Desenho <i>Não Jogue Sal em Mim</i>	Digitalização do desenho <i>Não Jogue Sal em Mim</i> .	024	
Registro de cotidiano	5 fotos e 3 vídeos da relação de limpar o banheiro e 1 do pôr-do-sol.	025	
Fotos de exploração do banho	Autofotografias do rosto e o chuveiro.	026	
Ensaio de banheiro.	Ensaio auto fotográfico com 6 fotos no banheiro, explora-se expressão facial.	027	
Fotos explorando o banheiro.	Duas fotos das paredes do banheiro.	028	
Ensaio de estudo de texto.	Ensaio auto fotográfico com 7 fotos explorando banheiro, roupa e movimento.	029	
Ensaio de corpo no banheiro	Ensaio auto fotográfico com 4 fotos no banheiro, explorando posição, luz e corpo.	030	
Ensaio de vermelho e ausência	Ensaio auto fotográfico com 44 fotos não editadas explorando o banheiro, a escassez e a ausência a partir da cor vermelha.	031	
Vídeos de caracóis	Vídeos (2) de caramujos aquáticos no rio.	032	
Ensaio corpos que compõe o habitat do caramujo.	Ensaio com 38 fotos sobre a beira do rio e a morada do caramujo de água doce, além do próprio caramujo ao sol. É composto também de 2 vídeos.	033	<i>Sonhador</i>

Registro de observação	8 fotos e 1 vídeo de observação de um caramujo terrestre.	034	
Registro de inspiração	5 fotos de caramujo pisoteado.	035	
Registro de inspiração	Foto de um caramujo desenhado em um espelho.	036	
Registro de inspiração	Foto de caramujo com bigode.	037	
Ensaio do corpo e casa	Ensaio auto fotográfico com 42 fotos explorando corpo, luz do sol e guarda-chuva como caracol.	038	
Registro de inspiração	Foto de madre pérola no museu de Geologia de UnB.	039	
Ensaio do corpo como caracol onírico	Ensaio fotográfico colaborativo (Raique Ramos) com 222 fotos explorando o corpo, o banheiro, tinta e a oniricidade da concha.	040	
Registro de processo	Foto de caracóis dentro de um vidro, de molho na água.	041	
Ensaio a concha e o sonho.	Ensaio auto fotográfico com 15 fotos explorando o disparador do caracol imerso e sua oniricidade.	042	
Ensaio dos sonhos	Ensaio fotográfico com 13 fotos explorando a concha do sonhador e em relação às pedras em que vivem.	043	
Capturas de tela	2 capturas de telas de uma foto do ensaio dos sonhos na rede social Instagram e sua legenda.	044	
Registro de desenho	3 fotos do caracol, em giz pastel, devorando o moradores da casa.	045	

SUMÁRIO

CARTA DE BOAS VINDAS	8
CORPO FALANTE E INSCRITO	11
PLANTA BAIXA.....	19
COMO PERCEBER/DELIMITAR UMA CASA.....	21
NARRATIVIZANDO SOBRAS E SOMBRAS	24
CORREDOR PRIMEIRO: PROVISÓRIO PERMANENTE DE ESTRUTURAÇÃO PROCESSUAL, OU PERÍODO DE CAOTICIDADE.....	26
SALA: ANÁLISE DO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DA CASA:.....	55
<i>(PERCURSO DE EXPERIMENTAÇÃO DO CORPO).....</i>	<i>55</i>
<i>(PÓS-CORPO).....</i>	<i>57</i>
<i>(CASARIFICAÇÃO OU APROPRIAÇÃO CORPÓREA SUBVERSIVA E INDISCIPLINAR EM CASA: MOMENTO ABRIGO)</i>	<i>58</i>
CORREDOR SEGUNDO: CONVERSA DE SEGUNDAS INTENÇÕES COM O REFERENCIAL:.....	150
I	152
II	164
BANHEIRO ESQUERDO: A RECRIAÇÃO DA INTIMIDADE PARA SONHAR: MOMENTO BANHEIRO:	168
<i>(CONVITE PARA CRIAR INTIMIDADE)</i>	<i>168</i>
<i>(ABANDONAR O CONFORTO PARA CRIAR INTIMIDADE).....</i>	<i>170</i>
<i>(RITOS DE BANHEIRO)</i>	<i>172</i>
<i>(O LAÇO ÍNTIMO DO CORPO MORADOR COM CASA: DEVANEIOS AQUÁTICOS)</i>	<i>174</i>
BANHEIRO DIREITO: OU A CASA ONÍRICA, SONHADA SOZINHA E VIVIDA EM COLETIVO (MOMENTO SONHADOR):.....	198
<i>(IMERSÃO PROVISÓRIA NA FALTA DE DESCRIÇÃO).....</i>	<i>198</i>
<i>(SENTIR ATRAVÉS DA PENUMBRA).....</i>	<i>200</i>
<i>(ESCORREGAR EM SI).....</i>	<i>202</i>
<i>(SONHAR EM SI).....</i>	<i>204</i>
<i>(AKBAL)</i>	<i>206</i>
<i>(DEVANEIOS AQUÁTICOS II).....</i>	<i>208</i>

COZINHA: EU NARRO	228
<i>(CORPO É A EXPERIÊNCIA DE EXISTIR)</i>	228
CORREDOR TERCEIRO: APENAS UMA PASSAGEM ENTRE A GENTE:	231
<i>(VAMOS SAIR)</i>	231
PÁTIO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
<i>(UM CORPO CONTINUA)</i>	232
<i>(AINDA INACABADO)</i>	234
REFERÊNCIAS	240
APÊNDICE A – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSO COMPLETA	247
APÊNDICE B – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSOS SELECIONADOS	275
APÊNDICE C – TABELA DE DOCUMENTOS DE PROCESSO DO CAMPO SEMÂNTICO ONÍRICO	289

